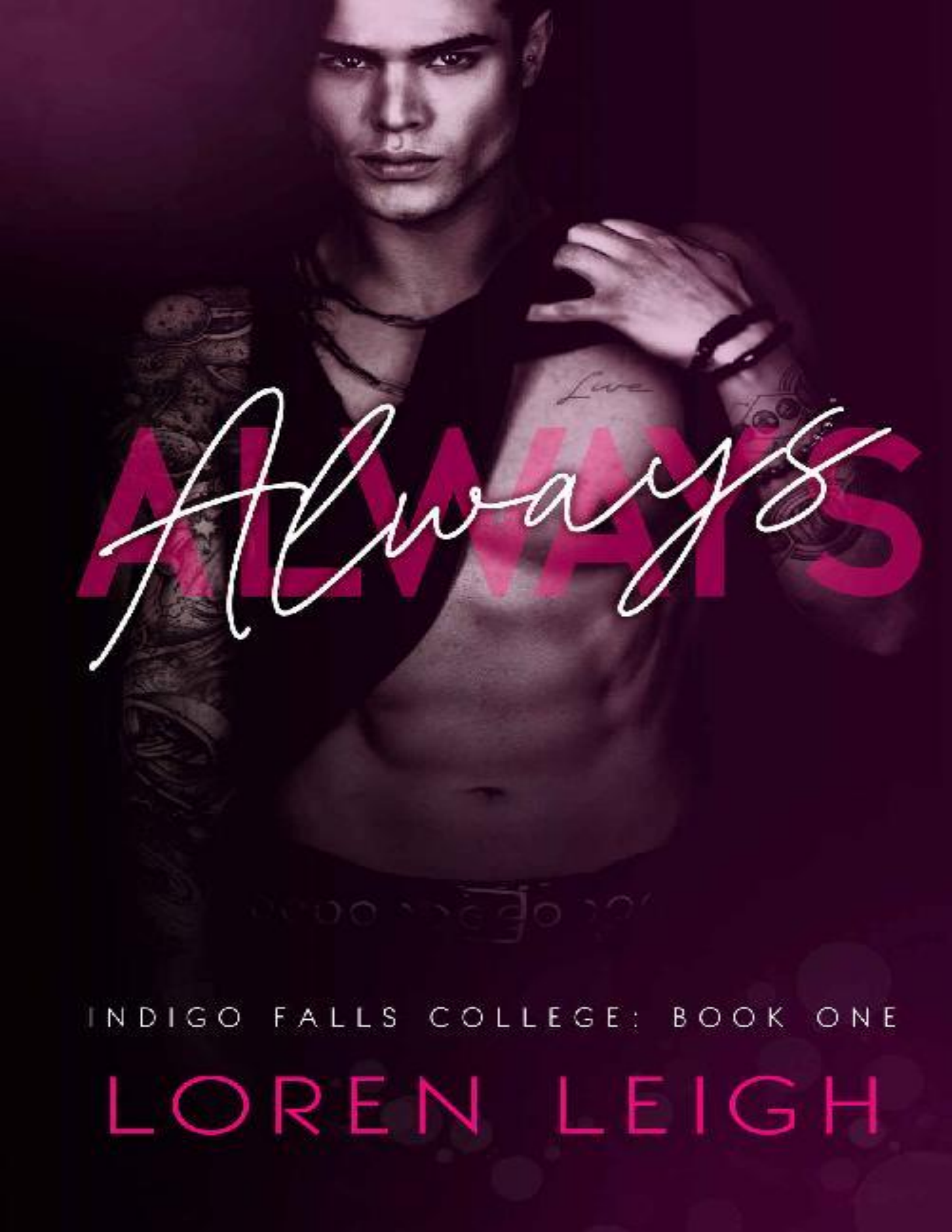


A man with dark hair and intense eyes, wearing a black shirt and a necklace. He has extensive tattoos on his arms and chest. The word "Always" is written in a large, white, cursive font across his chest. The background is a dark, moody purple.

Always

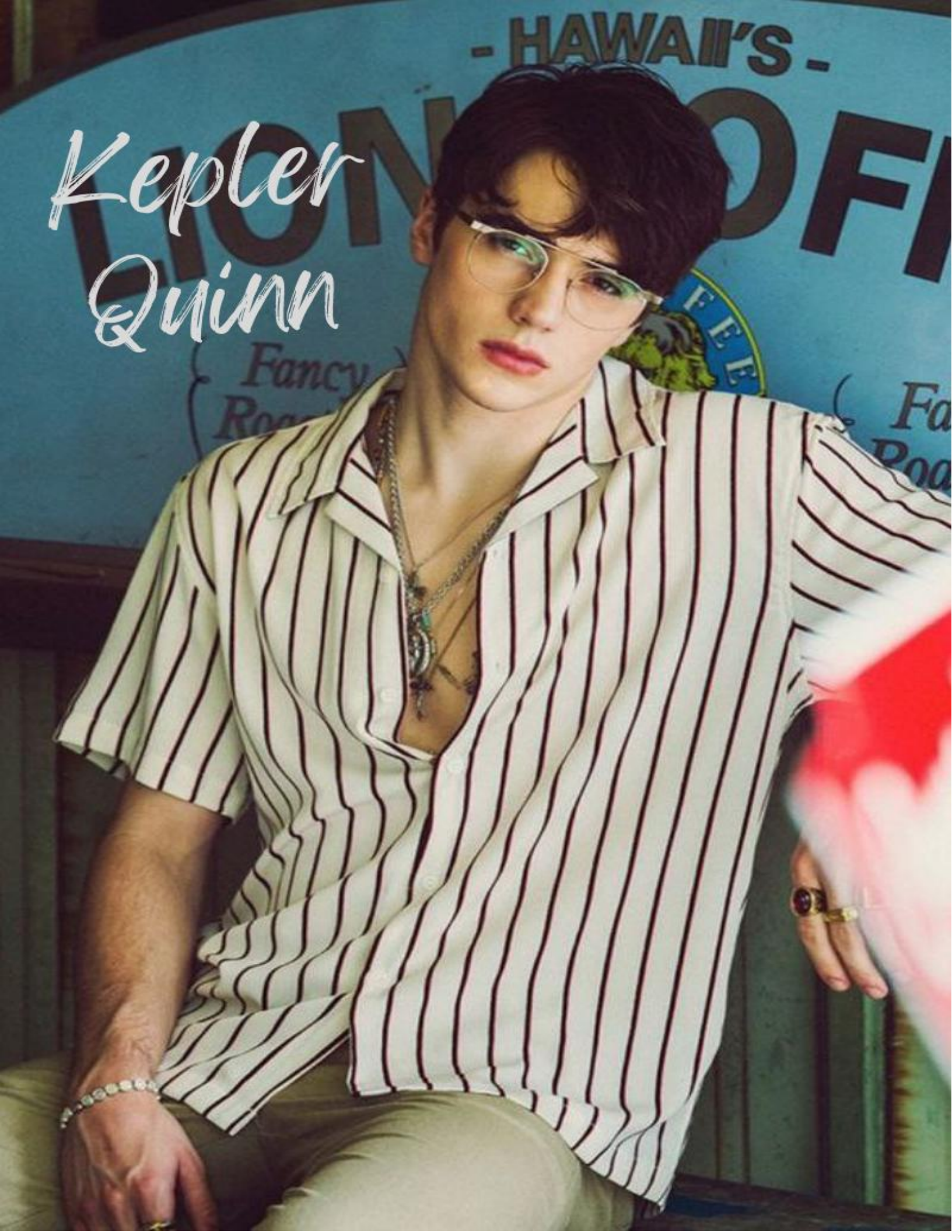
INDIGO FALLS COLLEGE: BOOK ONE

LOREN LEIGH



- HAWAII'S -

Kepler
Quinn





Tae Jin

Staff

Revisão Inicial
Nephrus

Revisão Final
Beyah

Formatação
Nephrus

Kardia Mou

SINOPSE

Eu o evito.

Toda vez que Kepler Quinn entra em uma sala, eu dou o fora.

Ele faz . . . algo para mim. Quando aqueles olhos cinzentos perspicazes se movem para mim, sua sobrancelha se levanta em uma saudação silenciosa, há um aperto no meu abdômen. Um zumbido estremecendo baixo ao longo da minha espinha.

Há cerca de um milhão de razões para não ser o que a vizinha no fundo da minha cabeça insiste. . . Uma paixão.

Porque Kepler não é apenas um cara qualquer. Ele é o melhor amigo do meu irmão. Ele também é meu TA para física neste semestre. E também . . . um cara. Eu nunca me segurei fortemente em ser hétero, mas eu também nunca tive essa necessidade escaldante de outro cara antes.

Mas não posso evitá-lo quando de repente estamos nas pilhas de trás da biblioteca ‘*sozinhos*’ nada além do cheiro de livros velhos e poeira caindo suavemente ao nosso redor. E em vez de me afastar dele, soltei as duas palavras que queimam na minha garganta.

"Me beija."

AVISO

O Kardia Mou Traduções reconhece os direitos únicos e exclusivos do respectivo autor(a) desta obra e ressalta que; a revisão do mesmo foi feita de forma amadora, sem fins lucrativos com o único intuito de apresentar o trabalho deste autor(a) e levar entretenimento gratuito aos que leem o mesmo. Nenhuma forma de compensação será aceita pelo grupo sobre o trabalho de outrem sabendo que, todos os direitos legais e morais pertencem ao respectivo autor e somente a ele.

- Revisão de fãs para fãs, ou seja, suscetível a erros, não somos uma editora, não somos profissionais e disponibilizamos de tempo retirado do nosso lazer para traduzir os livros.
- Reconhecimentos devido aos autores, por tanto avaliem os livros em plataformas apropriadas, não digam que leram em português caso não esteja disponível em nenhuma editora e se possível comprem o original.
- Em casos de compra de direitos sobre a obra por alguma editora, os livros serão removidos automaticamente de circulação pelo grupo, peço a mesma gentileza aos GDs.
- Todos os downloads dos respectivos livros destinam-se exclusivamente ao uso pessoal, sendo PROIBIDO seu compartilhamento abertamente, venda, ou compartilhamento em drives para disponibilização em redes sociais.
- Não disponibilize os livros traduzidos pelo Kardia Mou no Docero.
- Não façam qualquer tipo de postagem com imagens e trechos do livro traduzido pelo KM no Twitter, Tik Tok, Instagram, Facebook (a menos que seja no próprio grupo KM) ou qualquer outra plataforma de mídias sociais.

Inércia

Substantivo

1. uma tendência para não fazer nada ou permanecer inalterado, a menos que seja agido por uma força externa

DEX CUTUCA meu cotovelo com seu copo de cerveja. — Aquela garota com quem você veio está procurando por você.

— Okay. — Eu não saio do meu lugar, apenas abaixo a mão para pegar a mangueira do barril e encher meu copo. Prometi que voltaria em cinco minutos. E agora estou aqui - nesta cozinha sufocantemente quente há uma hora.

Ele ri, balançando a cabeça. — Este nem durou uma noite, J.

Eu me afasto do barril. — Não, eu vou encontrá-la em breve.

Não tenho certeza se isso é verdade.

Não é específico para a garota. Eu não estou *tentando* ser um pau.

Só estou cansado. Dex precisou ser muito convincente para me tirar de lá esta noite. No ano passado, festas como está me interessaram. Tomaria umas

cervejas, conversaria com o Dex ou quem quer que fosse, e me perderia em uma garota por algumas horas. Muito bom. Mas agora eu estou cinco anos em um grau de quatro anos e adio o que vem a seguir. Eu sei que deveria me preparar, especialmente porque as aulas começam na segunda-feira, mas tudo parece... cansativo.

E tenho que admitir que não tenho muito interesse quando se trata de ficar com garotas recentemente.

— Tem certeza que você está bem? — Dex bate no meu antebraço com sua cerveja novamente. Seus olhos verde-oliva cintilam ao redor do meu rosto com preocupação. Ele tem um leve grunhido, e ele sempre sai mais quando ele tem um par de cervejas. — Eu sei que te arrastei hoje à noite, cara. Eu só estava meio preocupado com...

Eu. E a impressão permanente que a minha bunda tem causado no nosso sofá ultimamente.

— Estou bem. — Esfrego a mão no meu cabelo grosso, que é sempre estupidamente indisciplinado, mas ainda mais nesta cozinha infernal. Na verdade, posso ver os fios saindo do canto da minha visão. —Provavelmente foi uma coisa boa que saímos. Eu precisava sair dessa vibe.

Mas o que eu *sei* e o que eu *faço* são muitas vezes duas coisas completamente separadas.

— Com certeza é bom. — Ele me dá um sorriso largo, fazendo suas covinhas saltarem sob a barba que ele tem cultivado neste verão. — Qual é o nome dela?

Ele inclina a cabeça em direção à porta da sala de estar, provavelmente tentando ter um vislumbre do meu par na pista de dança lotada. Ela seria fácil de detectar, vestindo uma coisa prateada e brilhante que chamava a atenção de todos para o corpo compacto que ela tem por baixo.

— Michela. — Tomo uma bebida, minha camiseta grudando no meu bíceps enquanto levanto o copo. Não sei por que ele está pressionando tanto por ela. Provavelmente na esperança de me alegrar. Ele é um bom amigo.

Dex e eu estávamos pintando juntos no jardim de infância, andando de bicicleta em rampas caseiras na sexta série, explodindo merda em *Call of Duty* na escola, e agora dividimos um apartamento no outro lado da cidade, ambos terminando a faculdade. Ele é mais um irmão para mim do que meu próprio irmão, embora pareçamos completamente opostos – ele com essas covinhas e, além do estereótipo, um tipo de coisa de menino de porta da casa ao lado com cabelos toscos de cor de areia. E eu, coreano-americano, com o cabelo incontrollável, tinta cobrindo ambos os braços, e um par de piercings que não são considerados familiares.

— Michela? Belo nome, — diz Dex.

— Sim, ela também é inteligente. No ano passado, eu tive uma aula de ética com... — Eu gemo de alívio quando a porta deslizante para a cozinha se abre e uma onda de ar fresco da noite sopra, esfriando o suor na nuca.

Olho por cima do ombro para a porta, depois congelo.

Put a que pariu.

Eu não sabia que *ele* estava aqui. Eu aperto meu copo com tanta força que ele estala, cerveja pulando por cima dos meus dedos e driblando no chão.

Kepler Quinn entra na cozinha, seus olhos cinzentos como fumaça se movendo sobre a sala como se estivesse procurando alguém. Ele está imponente e confiante, ele tem um copo em uma mão, e a outra se afunda em jeans bem amado enquanto seu foco para em mim, e é como um raio de eletricidade na minha espinha, atingindo cada vértebra no caminho.

Ele levanta uma única sobrancelha na minha direção como se soubesse exatamente o que faz comigo. Ele sabe tudo.

Ele sabe de tudo. Kepler é o cara mais inteligente que conheço. Ferozmente inteligente, ele foi o orador da turma de ensino médio dele e do meu irmão. O cara que definhou as curvas e deveria ir para alguma faculdade da Costa Leste em vez de definir no Colorado em uma cidade pequena, onde as maiores empresas mais

populares são negócios e silvicultura¹. Agora ele está ganhando um doutorado em física, enquanto ainda festeja nos fins de semana, aparentemente.

E tenho certeza que ele *pode* ver através de mim. Que ele de alguma forma sabe sobre aquele zumbido ainda tremendo ao longo da minha espinha. Que ele pode vasculhar meus pensamentos e categorizar meus segredos mais profundos. Que é a última coisa que quero que ele veja.

Meu coração está bombeando cerca de um milhão de galões por segundo, meu estômago se contraindo, e minha apatia desaparece em um *whoosh*. Engulo em seco enquanto eu olhava para ele. A música da outra sala bate em todo o meu corpo, reverberando em cada músculo e célula.

*Simkung*². É coreano para o pulsar em queda livre em meu peito para algumas pessoas.

Definitivamente descreve o que essa porra de resposta é para Kepler Quinn.

Ele se afasta e diz algo para o cara que entra pela porta atrás dele. Então ele puxa a mão do bolso para pegar o copo do cara antes de ir em direção ao barril.

Em minha direção.

¹ Silvicultura é a ciência dedicada ao estudo dos métodos naturais e artificiais de regenerar e melhorar os povoamentos florestais com vistas a satisfazer as necessidades do mercado e, ao mesmo tempo, é aplicação desse estudo para a manutenção, o aproveitamento e o uso racional das florestas.

² Sim significa coração e kung significa um som de queda de algo. Assim, simkung significa 'estou surpreso tanto quanto meu coração está em queda' Hmmmm, é difícil explicar. Na verdade, esta expressão é uma gíria entre adolescentes. Também significa "estou tão fascinado".

Merda.

Respire.

A cada passo que ele dá, minha garganta seca mais. O zumbido na minha espinha se multiplica. Não há o normal quando se trata dele. Minha resposta a ele é um início repentino de chama que sempre fica mais quente. Nunca queima. Ele nunca vai embora.

Não é atração. É algo totalmente diferente. Muito intenso para analisar ou colocar um nome. E isso não acontece com nenhum outro cara.

É só o Kepler. Ele me atrapalha.

O que é muito inconveniente porque ele também é o melhor amigo do meu irmão. Da mesma forma que Dex e eu somos amigos: ao longo da vida, inseparável, mais família do que amigos.

O que faz de Kepler e eu uma família?

Balanço a cabeça bruscamente. *Não.*

Dex diz algo, então me viro para ele, minha postura se ampliando quando Kepler para ao lado do barril. Kepler está à minha direita, e posso vê-lo pelo canto do olho enquanto ele desloca dois copos para a mesma mão, seu antebraço flexionando, dedos longos esticados para segurar os dois.

Por que o jeito que ele segura os copos me faz perder o fôlego?

Eu tento o meu melhor para não notar a maneira como sua camiseta cinza clara cola em seus ombros com o calor sufocante. Seu cabelo loiro escuro cai em sua testa alta. Sua mandíbula afiada se aperta levemente. Seus lábios finos permanecem em uma linha implacável.

Não o vejo sorrir há muito tempo.

O que é isso?

Pensando bem, é difícil imaginá-lo com um *sorriso*. Do outro lado da sala ou do campus. Não me lembro dele sorrindo desde que éramos crianças.

Dex franze a testa, olhando atrás de mim em direção a Kepler e depois se fixando em mim. — O que você estava dizendo?

— Uh — murmuro, lutando para me lembrar. — Michela. Sim. Tivemos uma aula de ética juntos no ano passado. Ela é muito esperta.

Foi por isso que conversei com ela quando a encontrei na biblioteca, este verão. Fizemos uma parceria para a Base Racional da Moralidade de Kant e navegamos por ela. Ela também parece ser uma boa pessoa, sempre com um sorriso brilhante. E Dex não está errado – ela é bonita. Ou ‘quente como o inferno’ em suas palavras.

Ela não deve inspirar indiferença em ninguém. Ela merece muito mais. Talvez eu *esteja* sendo um idiota com ela.

No meu periférico, Kepler desloca a mão para encher o segundo copo, aqueles dedos longos tensionados.

Esfrego o cabelo e rapidamente enfio a mão no bolso do jeans, sem saber o que fazer comigo mesmo. Estou bem ciente da maneira como minha camiseta está presa ao meu peito, a pitada da barra de metal na minha sobrancelha, o suor cobrindo a tinta ao longo dos dois antebraços e o atrito da grossa faixa de couro amarrada ao redor do meu pulso.

Por que ele me faz tão consciente de mim mesmo? Raramente penso em mim assim.

— Você iria gostar dela, — eu digo, tentando manter o assunto. Que é Michela. A garota com quem estou aqui. A garota que eu deveria estar mais interessado.

— Ok, — diz Dex, apertando os olhos para mim.

Merda. Estou agindo estranho? Eu pareço normal por fora?

Porque eu com certeza não me sinto normal por dentro.

Kepler estende um braço para bombear o barril, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Ele olha para o segundo copo enquanto ele se enche, suas bochechas sugando ligeiramente.

Cristo. *Não olhe.*

Uma garota com tranças longas e amarradas vem para no barril, e ele se endireita para falar com ela. Eu não posso ouvir o que eles estão dizendo.

Eu não deveria me importar com o que eles estão dizendo.

Engulo em seco e me concentro em Dex enquanto ele conversa sobre fazer o senhorio vir e consertar as janelas baratas do nosso apartamento. Como se isso fosse acontecer. Limpamos a água toda vez que chove.

Eu até digo algumas coisas:

— *Sim.*

— *Okay.*

— *Pode deixar.*

Fazer o quê? Nenhuma pista.

Quando a garota se afasta, Kepler gira em minha direção, demorando por um momento como se estivesse debatendo.

— Ei, Jin. — Sua voz é suave e baixa, e ele alonga meu nome como sempre faz.

Ele é o único que me chama pela segunda sílaba do meu nome, Jae-Jin. Todo mundo fica com Jae ou, como Dex, um *J* ainda mais básico. Mas por alguma razão desconhecida, Kepler começou a me chamar de *Jin* quando ainda éramos crianças.

— Ei, Quinn. — Minha voz é áspera, e manter o sobrenome dele parece uma boa ideia.

Seu olhar cai para onde a cerveja *ainda* escorrendo da minha mão porque eu estava distraído demais para limpá-la. Seus lábios arqueiam no menor eco de um sorriso. Na verdade, nem pode ser chamado de sorriso. É que fraco, e desaparece quase imediatamente.

— Precisa de ajuda com isso? — pergunta ele. — Uma toalha, talvez?

Eu deslizo o copo para a outra mão antes de limpar meus dedos nos meus jeans. — Acho que vou conseguir.

Seus olhos se estreitam, mas então ele se vira para Dex, que retorna o gesto. Um segundo depois, Kepler volta para o cara com quem ele veio.

Essa é a extensão da nossa troca. Kepler e eu não somos amigos. Nunca fomos. Nunca vamos ser. Ele sempre foi amigo do Shin, não meu.

Ele volta para o outro lado da cozinha e estende um copo para o amigo. Um cara que reconheço vagamente com lábios gordos e uma fenda no queixo.

Seus dedos roçam quando Kepler lhe entrega o copo, e os lábios gordos do cara se transformam em um sorriso.

Minha boca seca, meu estômago se torcendo com força. Kepler está aqui *com ele?*

Estou entorpecido. Parece uma coisa. A única coisa que resta é meu pulso batendo na minha garganta. Eu sei que a música ainda está batendo na outra sala, mas para mim, parece que a cozinha está *em silêncio*.

Nunca o vi com ninguém antes. Amigos, sim, mas não um encontro.

Ele está em um encontro?

Não importa, J. Não me importo com quem Kepler namora.

Além disso, não era nada mais do que um escovar de dedos. Diabos, Dex escova meu antebraço o tempo todo, e não significa nada.

Dex coça com a barba. — J... Você ainda está aí?

— Hum, sim. — Tomo um gole da minha cerveja e tusso quando ela fica presa na minha garganta. — Acho que vou dançar.

Ele me olha como se eu tivesse dito que tenho uma viagem para a lua planejada para este fim de semana. Duas horas atrás, ele teve que me ameaçar para sair do sofá e agora minhas mãos estão tremendo, meu pulso está acelerado, e a necessidade de *mover* bomba através do meu peito.

Kepler se afasta do cara com quem ele está... seu encontro? ... e passa a palma da mão por cima da nuca, o bíceps flexionando enquanto o cotovelo aponta para o teto. Então ele de repente gira com um empurrão, de costas para mim, uma camiseta cinza colada tão apertada em suas omoplatas que posso ver seus delts³, a mão ainda segurando seu pescoço, jeans abaixado, um bolso desbotado com o contorno de sua carteira.

³ O deltoide é um músculo volumoso e em forma de triângulo, que cobre a cintura escapulo-umeral e a estrutura do ombro. Apresenta um formato triangular, semelhante ao delta do alfabeto grego, advindo daí o seu nome.

Há algo de desconfortável na forma como ele se move.

Pare de olhar, J. Eu preciso sair desse calor sufocante que está fazendo meu jeans bater nas minhas coxas. Eu respiro fundo e me viro para Dex. Estou tomando uma má decisão. E eu sei disso.

Eu faço isso de qualquer maneira.

— Eu vou encontrar Michela, — eu digo.

MICHELA NÃO É difícil de encontrar. Ela está no meio da pista de dança com outras três garotas, todas segurando tiros verde-claros acima de suas cabeças. Eles aplaudem a música antes de jogá-los de volta.

Ela me acena. Seus lábios rosados se alargam em um sorriso enquanto ela me puxa para a pista de dança com sua pequena mão na minha. Sua outra mão se acomoda no meu peito e começamos a nos mover, minha camiseta grudando na minha pele sob a palma da mão. Ela balança os quadris em tempo perfeito para a música, sorrindo para mim. Seu cabelo encaracolado pula e brilha de luzes cor-de-rosa e verdes refletem a coisa prateada que ela está vestindo.

Eu sorrio para ela e afasto todo e qualquer pensamento de Kepler Quinn. A batida bate tão forte que se comprime no meu peito. Uma música e depois outra.

Mais tiros aparecem, mas eu não bebo um – eu já atingi meu limite auto imposto de dois drinques. Eu não preciso do licor de qualquer maneira. Eu me *mexo*, suor grosso entre as omoplatas. O tremor nas minhas mãos desaparece quando eu agarro seus quadris e a puxo contra mim. Eu não costumo dançar, mas é como se eu tivesse que tirar aquela maldita vibração que Kepler começou em mim.

Kepler: Seus dedos longos bombeando aquele barril.

Não. *Não pense, J.*

A pele logo acima do cós dos shorts de Michela é macia contra meus dedos, e quando eu plumo meu polegar sobre ele, ela enrola as mãos em volta da nuca e me leva a um beijo que tem gosto de caramelo e licor.

Sua língua entra e sai da minha boca muito rápido, mas eu a beijo de qualquer maneira, minhas mãos vagando para segurar seus quadris, puxando-a contra mim. A bunda de bermuda dela cabe nas minhas palmas.

Kepler:

— Porra, — murmuro enquanto interrompo o beijo.

Seus lábios franzem a testa, mas ela começa a moer contra mim, e eu concordo. Outra música, e eu sou capaz de sacudi-lo. Antes que eu percebesse, Michela estava me puxando para cima de uma escada escura, tropeçando para trás na minha frente, seus olhos castanhos esvoaçando até minha virilha e depois voltando.

Isto é o que eu preciso.

Certo?

Eu a encosto contra a parede, e suas pernas envolvem meus quadris enquanto ela me escala como um alpinista. Bem aqui, onde qualquer um poderia nos ver.

Que se dane.

Eu não ligo.

Ela é macia e quente, e ela geme no beijo enquanto sua língua se move com aquele ritmo muito rápido ao longo da minha. Ela se esfrega contra mim com o short diretamente sobre o meu zíper, e meu pau definitivamente não é imune.

Fecho os olhos e tento me concentrar em beijá-la, entrar no estranho ritmo da língua e me soltar, a música batendo, o calor fervendo, aquele olhar cinza mistificador me prendendo, seus longos dedos segurando a parte de trás de seu pescoço enquanto ele girava.

Meus olhos se abrem.

A língua de Michela está no fundo da minha boca, com gosto de licor de xarope. Suas pernas ainda estão apertando meus quadris, seus seios macios presos contra meu peito.

Eu sou afetado. Estou duro pra caralho, minha respiração está irregular. Mas só há uma pessoa que está passando pelos meus pensamentos. Não é ela.

Ele é como um monstro debaixo da minha cama. Rugindo para o meu cérebro assim que tento não pensar nele.

Ele ainda está na cozinha? Está logo abaixo de nós. Meus pés podem estar sobre a cabeça dele. Ou talvez ele tenha saído com o tocador de dedos. Talvez Kepler esteja fazendo o mesmo que eu agora. Suas mãos na bunda do cara, puxando-o contra seu pau.

Pelo amor de Deus. *Controle-se, J.*

O beijo estranho de Michela continua, a língua deslizando pelos meus dentes.

Não. Isso não está certo.

Eu me afasto dela, quebrando o beijo no meio e praticamente empurrando-a de mim. *Merda.* Foi uma jogada idiota.

— Jae? — Sua expressão se confunde.

Eu passo por trás para estar do outro lado do corredor. *Que porra eu estou fazendo?* Michela olha para mim com uma expressão confusa.

— Jae. — ela repete, mais alto desta vez.

Eu aceno com a cabeça em direção às escadas. — Uh, talvez devêssemos voltar? Vou pegar outra bebida para você.

Ela pisca para mim. — Eu não entendo. É *isso?*

Eu dou mais um passo para trás e meus ombros batem na parede mais distante. — Sinto muito. Não estou tentando ser um idiota.

— Então não seja tão confuso. — Ela fecha a distância entre nós, os dedos roçando a tinta do sistema solar que envolve meu antebraço. — Só me conte o que aconteceu. Foi um beijo ruim?

— Não, não é isso. Você beija muito bem. — Eu me afasto dela e passo os dedos pela testa. Ainda está um milhão de graus nesta casa. — Você é ótima. Tudo foi ótimo. — *Cristo, J, pare de dizer ótimo.* — Não tem a ver com você.

— Então o que é? — Ela olha para mim, não me deixando fora do gancho. — Eu gosto muito de você.

Eu endureço. Da cabeça aos pés. Ela deve ver porque seus olhos se arregalam.

— Mas você não gosta de mim, — conclui ela.

— Não, você é... legal. — Respiro fundo, me dispondo a parar de dizer besteiras. — Você é uma pessoa incrível, Mich...

— Sou bem grandinha. — Ela levanta o queixo. — Então me diga o que realmente aconteceu. Tem alguém?

— Sim. — Minha resposta sai antes que eu pense. — Quero dizer, *não*.

Ela fica boquiaberta. — Você está traindo alguém?

— Não, — eu digo com firmeza. Por que eu disse que havia outra pessoa?

— Eu só ... não estou no lugar certo para namorar agora.

Devia ter ignorado o Dex e ficado no sofá esta noite. Não, Michela.

Definitivamente sem Kepler Quinn.

Balanço a cabeça e volto ao assunto – que é ela. Sei que estou estragando tudo, mas não quero que ela vá embora pensando que há algo errado com ela. Porque não há. Ela realmente é uma pessoa legal. E ela merece muito mais do que um cara dando de ombros em um corredor.

Encontro o olhar dela de frente. — Eu só não estou aqui com você agora. Eu realmente gostaria de estar.

— Agora *isso* eu acredito. — Ela estende a mão para bater no meu peito com as pontas dos dedos. — Eu também queria que você estivesse aqui. Não é todo mundo que fica com um dos gêmeos gostosos.

Eu pisco. — O quê?

Ela dá de ombros. — Você sabe. Como eles chamam você e Dex.

Balanço a cabeça. — Não faço ideia do que você está falando.

— Como poderia não saber?

— Acho que estou muito na minha cabeça. — *Eufemismo*. — Dex e eu somos chamados de gêmeos gostosos?

Ela revira os olhos. — Isso é estúpido. Mas meio que é verdade.

— Mas *gêmeos*? — Estou tentando abafar uma risada, mas soltei quando um pequeno sorriso disparou em seus lábios. — Não somos nada parecidos.

— Eu juro que não inventei. — Ela balança a cabeça, os ombros relaxando. — E eu acho que os ‘gêmeos’ é só porque vocês dois estão muito juntos. Não sei, estou no segundo ano. Alguém inventou isso muito antes de eu te conhecer.

— Isso é... hilário. — Espere até eu contar ao Dex. Ele vai rir por uma hora.

Eu apago meu sorriso, concentrando-me nela. — Sinto muito, Michela. Eu realmente acho que você é uma pessoa legal. E você é inteligente e divertida de estar por perto. Qualquer um teria sorte de estar aqui com você. Só não estou legal. Eu nem *sei* o que sou agora.

Ela solta um suspiro, estufando as bochechas. — Talvez outra hora.

— Sim, é claro, — eu digo, mas acho que ambos sabemos que não é provável que isso aconteça.

— Não seja um estranho, Jae. — Ela empurra até os dedos dos pés e me dá um beijo na bochecha antes de se virar e descer as escadas. Esfrego a mão no cabelo, olhando para ela. Isso poderia ter sido muito pior.

Exceto que ainda estou sem saber o que está acontecendo na minha cabeça.

Kepler é uma maldição. Mesmo parado aqui, no escuro, música batendo de baixo, meus lábios ainda úmidos dos de Michela, meu abdômen apertado e pau se contraindo, estou pensando *nele* em vez da garota que acabara de me envolver.

O que eu devia fazer a respeito disso?

Uma luz pisca do outro lado do corredor, e eu me assusto, me virando.

Camiseta cinza. Jeans bem amado.

Merda, merda, merda sobre mim.

Kepler inclina a cabeça, seu olhar esfumaçado fixo em mim, luz do quarto para o lado dele pintando a curva do ombro esquerdo, depois tocando o bíceps até o antebraço e aqueles dedos longos.

— O que você está fazendo aí? — Eu cuspo. A dureza na minha voz me surpreende, mas Kepler fica parado, o mais calmo possível, não abalado pelo meu tom.

Ele afunda a mão iluminada no bolso do jeans. — Eu estava vendo você ficar com uma garota, aparentemente.

— Cristo, — murmuro. — Você estava *assistindo*?

— Você está em um corredor, — diz ele, voz tão baixa que mal consigo ouvi-la com a música vibrante. — Em uma casa lotada de pessoas. E você não achou que alguém poderia aparecer?

Ele me viu beijando-a.

Não faço ideia do porque isso é tão importante. Eu só sei que sim. Que está balançando na minha cabeça enquanto eu giro meus ombros e tento parecer que não estou surtando.

— Acho que eu não estava pensando, — eu digo. *Não sobre ela, pelo menos.*

Arrasto minhas palmas úmidas para o lado do meu jeans, o que me alerta novamente para a respiração que se acumula no meu estômago e para o quão dramaticamente estou colocando meu zíper depois que Michela estava me esmagando.

Isso poderia ficar mais estranho?

Eu dou um passo para trás, colocando meu polegar na direção das escadas.

— Eu vou...

— Você faz muito isso?

Eu paro no meu caminho. — Fazer o quê?

— Não pensar. — Ele olhou para mim com aquele olhar intenso. — Você disse que não estava pensando. Você faz muito isso quando está beijando alguém?

— Que tipo de pergunta é essa? — Eu falo baixinho.

Ele encolhe os ombros. — Não responda se você não quiser.

— Eu... Hum... — Fico confuso. Estou mesmo respondendo a ele? — Acho que não penso muito. Quero dizer, o que você deve pensar quando estiver beijando alguém?

Ele arqueia uma sobrancelha. — Muita coisa, na minha opinião.

— Como o quê? — Eu lanço de volta para ele.

Um lampejo de surpresa corre por seus olhos, e seus lábios se partem lentamente.

Grânulos de suor na nuca enquanto eu absorvo os seis pés entre nós. O corredor não parecia estreito com Michela, mas com Kepler e sua altura, parece quase claustrofóbico.

A música do andar de baixo termina, e no silêncio repentino, posso praticamente ouvir meu próprio batimento cardíaco batendo na minha garganta.

Por que me importo com o que ele pensa quando estou beijando alguém? Esta é uma conversa estranha para ter com o melhor amigo do seu irmão.

— Isso tudo depende, — diz ele, inclinando a cabeça lentamente, de modo que a luz da entrada da porta destaca a ponta afiada de sua mandíbula. Sua voz é mais suave agora que ele não precisa falar sobre a música, e há uma camada profunda que me dá um calafrio na parte de trás do pescoço. — Eu penso no homem que estou beijando. Como ele faz. A suavidade de seus lábios. Os sons que ele faz. O calor de sua pele. Entre outras coisas.

Ele.

Ele?

Limpo a garganta. — Certo, tá bom.

Resposta estúpida, J.

Mas não podia me mover! Não consigo pensar. Não consigo entender o que dizer.

Eu só estou aqui, agarrado pelo que *ele* disse.

Por que estou tão obcecado com a resposta dele? Por que parece que está virando minha pequena e confortável cabeça de mundo? Como se todo o planeta tivesse saído de órbita.

— Jin. — A maneira como ele diz meu nome me empurra de volta para o presente.

— Sim. — Engulo em seco e aponto para as escadas. — Eu deveria...

— Ai está. — Sua voz endurece um toque.

Fico confuso. — Ai está *o quê?*

— Você está me evitando.

Eu endureço. — Eu não.

— Você sim. — Os olhos dele se estreitam. — Toda vez que entro em um quarto, você sai em menos de cinco minutos. Você está pronto para fugir agora.

Autopreservação.

E como ele me conhece tão bem?

Eu engulo em seco. — Não é nada pessoal.

— Tem certeza? — Ele dá um passo à frente. — Se eu fiz algo para...

— Não.

A testa dele franze. — Vou resolver isso. O que quer que eu tenha feito. Eu sei que posso ser... desconcertante.

— Desconcertante? Eu não te chamaria assim.

— A maioria das pessoas faria isso.

Balanço a cabeça, forro a testa. Isso é verdade? Talvez. — Independentemente disso, você não fez nada. Por que esse interesse repentino?

— Não é repentino, — ele diz suavemente. — Meu interesse é uma constante.

— E o que isso quer dizer?

Ele me observa atentamente. — Que tal desta vez, você não se apressar. E, em vez disso, vou te mostrar uma coisa.

Eu pisco. — O quê?

— Você vai gostar. — Ele se vira, caminhando de volta pelo corredor em direção a uma porta distante. — Vamos.

Meus olhos se estreitam no quarto escuro atrás dele. — Você quer que eu te siga para um quarto escuro?

— Exatamente. — E então ele desaparece na porta.

2

De jeito nenhum.

Eu fico lá, de joelhos, no corredor, respirando o cheiro de muitos corpos bêbados embalados na casa. Colônia de festa da faculdade: suor, cerveja barata e maconha.

Engulo em seco, tentando acalmar a vibração no meu peito.

Seguir Kepler até aquela sala é uma má decisão. Eu deveria virar as costas, como sempre faço. Sair antes que ele veja como ele me transtorna.

Mas eu vou segui-lo de qualquer maneira.

Eu *não* posso. Estou atraído para frente, como uma mariposa a chama, e o sigo até um quarto com uma cama cuidadosamente feita, uma parede de snowboards e um lugar para tudo.

Kepler está na janela, mãos na moldura.

— Você sabe de quem é este quarto? — pergunto.

— De jeito nenhum. — Ele empurra a janela.

— O que estamos fazendo aqui? — Meu olhar cai na cama. Que *não* é onde eu deveria estar olhando quando Kepler e eu estamos sozinhos em um quarto.

— Apenas espere. — Ele desliza a janela todo o caminho para cima, e uma brisa fresca passa por ele.

Eu levanto meu queixo para o ar fresco. — *Fooda*, isso é bom.

Ele levanta uma sobrancelha em mim antes de tirar a tela e colocá-la contra a parede. Lá fora, há um trecho de telhado que se estende logo abaixo da janela.

— Me siga. — Ele se inclina para caber na abertura, suas pernas de jeans flexionadas, sua bunda para mim, e meus olhos caem naquele contorno quadrado de sua carteira no bolso de trás. Uma vez que ele sai, ele se agacha e olha para mim do outro lado.

Balanço a cabeça. — Não era o que eu esperava.

— O que esperava? — Ele estende a mão em minha direção de volta pela janela, dedos longos estendidos. Um cordão trançado de couro marrom está amarrado em torno de seu pulso. Uma veia cruza por baixo dela, envolvendo-se e ao redor de seu antebraço. É *masculino*.

Claro que sim. Ele é um cara.

Eu olho para aquela veia, engolindo em seco contra a onda de calor que está arranhando minha garganta. Eu não posso tocar nele.

— Estou bem. — Eu coloquei minha mão na moldura da janela em vez de pegar a dele.

Um músculo em sua mandíbula faz um tique uma vez, mas ele larga a mão e se afasta para que eu possa abaixar minha cabeça e me puxar para fora. Meus Chucks desamarrados plantam em telhas cinza-escuras enquanto eu me endireito do outro lado da janela, respirando fundo e...

Put a que pariu.

O céu noturno está *cheio* de estrelas. Brilhantes e escuros. Constelações e aglomerados. Há apenas uma fina fatia de lua e nenhuma nuvem no céu. É tarde demais para ver os planetas, mas eles estão lá fora também. Mundos inteiros e distantes.

— É lindo, — murmuro. A brisa fresca percorre meus antebraços, arrepia minha camiseta pontilhada de suor e filtra meu cabelo. Eu puxo a mão pelos fios rebeldes, puxando-os para trás do meu rosto. A música está abafada aqui – sentindo-se tão longe quanto aqueles planetas escondidos.

— É lindo. — Kepler dá um pequeno passo mais abaixo no telhado inclinado. Sua cabeça se inclina para trás enquanto ele aponta para cima de nós.
— Há uma estrela cadente.

Eu olho para onde ele está gesticulando, mas eu já perdi isso. —Onde estava?

— Ao sul de Andrômeda. — Ele desliza as mãos nos bolsos, a atenção se voltando para mim, e esse quase sorriso contorna seus lábios. Nunca um sorriso completo.

Eu evito seu olhar olhando para Andrômeda. A estrela mais brilhante, Alpheratz⁴, é brilhante esta noite. Ao lado, as quatro estrelas que formam a forma quadrada de Pegasus se estendem. Peixes está abaixo disso, que é uma das constelações mais interessantes com um par de galáxias colidindo.

Eu ando até a borda do telhado, não paro até que meus dedos estejam na calha. O gramado se afasta da casa, grama verde arrumada bem abaixo. As montanhas se enrolam em preto e cinza para fazer uma borda irregular ao longo do fundo do céu carregado de estrelas.

É de tirar o fôlego. E infinito. Algumas pessoas dizem que isso as faz se sentirem pequenas, mas olhando para um céu estrelado como este, sempre me senti parte de algo.

Talvez seja por isso que eu tenha tatuado em todo o meu corpo. Ou talvez seja mais simples do que isso: eu gosto dessa merda. *As possibilidades do céu noturno.*

⁴ Alpha Andromedae, também chamada Alpheratz, Sirah ou Delta Pegasi, é a estrela mais brilhante da constelação de Andrômeda. Está situada no extremo nordeste da constelação de Pegasus e como tal também pode ser designada por Delta Pegasi, apesar de este nome não ser mais utilizado.

— Eu sabia que você iria gostar, — Kepler diz calmamente. Ele ainda está atrás de mim na janela.

— Como? — Eu pergunto, voltando para ele.

— Sêrio. — Ele balança a cabeça. — Você estava sempre pairando sobre aquele telescópio quando éramos crianças. — Ele me estuda da casa no telhado. — Sem mencionar as tatuagens.

Dou risada. — Sim, admito *que* estava obcecado. Sempre tentando mapear estrelas e essas merdas. — Passei horas atrás do telescópio que recebi em algum lugar. Eu não me lembro mais. Eu amei. Não o vejo há anos. Minha mãe provavelmente vendeu por 50 dólares para que ela pudesse sair para beber por uma noite.

Antigamente, Kepler sempre se divertia ouvindo-me falar sobre galáxias, buracos negros e estrelas anãs. Ele me ouvia falar sem parar até meu irmão chamar por ele, e então eles pulavam no jipe de Kepler e saíam para fazer qualquer merda de colégio em que estivessem.

Eu sacudo o flash de Kepler inclinado para perto de mim, o ombro roçando o meu para ver através da lente ocular.

Ele é o melhor amigo do Shin. Por todos esses anos, Inferno, ele teve um relacionamento melhor com meu irmão do que eu já tive.

Eu vou para a frente até que meus dedos estejam sobre a calha. A partir daqui, parece que eu poderia me lançar no universo. Um lugar novo? Em algum lugar *diferente*. — Eu provavelmente te irritei pra caralho. Sempre implorando para você olhar naquele telescópio.

— Você percebe que eu sou um estudante de graduação em física e astronomia? — Sua voz baixa carrega de cima do meu ombro. — E eu tenho o nome de dois astrônomos?

— Kepler, — eu me encontro dizendo. Nunca questionei de onde veio o nome dele, mas suponho que nunca conheci ninguém com esse nome. — Leis de Movimento de Kepler.

— Foi um.

Não consigo pensar em um astrônomo chamado Quinn.

Eu me viro para ele. — O outro é seu nome do meio?

Ele inclina a cabeça, seus olhos cinzentos impossíveis de ler no escuro. — Talvez.

— O que é? — Estou impressionado com o pouco que sei sobre Kepler.

— Não vou dizer. — Ele pigarreia. — E, porra, Jin. É necessário que você fique tão perto da borda?

— Por que não? — Eu encolho os ombros, ainda passando pelos nomes dos astrônomos na minha cabeça.

Ele acena com a cabeça além de mim. — Porque é provável que seja um longo caminho para baixo.

— Não vou tão longe.

— Longe o suficiente para doer?

Meu sorriso é rápido. — Vamos.

— Jogando minhas próprias palavras contra mim. — Ele dá alguns passos cuidadosos à frente, parando a um pé da borda. Ele se inclina para frente para olhar para o gramado aparado, e aquele músculo em sua mandíbula fica tenso novamente. — Isso é horrível.

Eu balanço os dedos dos pés para a frente, meu coração batendo duas vezes na minha proximidade da borda. Como o *Simkung*. — Você tem medo de altura?

— Não com medo, não. *Aterrorizado*. — Ele se inclina para trás, esfregando a palma da mão na parte de trás do pescoço.

— Eu gosto de ver seus nervos, cara. — Enfio as mãos nos bolsos. — Me lembra que você é uma pessoa real e viva.

Ele franze as sobrancelhas. — Por que não seria?

— Eu não sei. — Encolho os ombros e giro para olhar para a grama. — Só estou dizendo merdas aleatórias.

Pare de falar, J.

O vento chuta e eu arrasto uma inspiração profunda pelo meu nariz, tentando limpar minha cabeça. Aqui fora, cheira a perene e à noite. Tão diferente de dentro.

Há outro cheiro também. Completamente picante. Um cheiro que me lembra de um chá que meu pai costumava fazer de bagas de omija⁵ secas do mercado coreano na Snake River Road. Tem gosto de cem sabores diferentes, todos misturados. Como limão mergulhado em mel, bagas doces e canela, o sabor mudando em sua língua, mesmo enquanto você bebe.

Kepler. – É *ele*. Enquanto ele se desloca mais alguns centímetros para mais perto da borda – mais perto de mim – eu sinto o cheiro novamente.

Por que ele cheira assim? E qual é o nome do meio dele? Por que sempre me pergunto merda sobre ele? Por que não posso dar de ombros pra ele como faço com qualquer outra pessoa?

Em vez disso, as perguntas continuam vindo como um incêndio descontrolado saltando de uma copa de árvore para outra. *Por que ele realmente queria que eu o seguisse até aqui? Quantos homens ele beijou? Ele está aqui com aquele tocador de dedos?*

— Quem? — Kepler se inclina para mais perto de mim.

⁵ Omija-cha ou chá de baga de magnólia é um chá tradicional coreano feito de bagas secas de magnólia – omija em coreano. Omija significa "cinco sabores", que são doçura, acidez, amargura, salinidade e pungência. O chá pode ser feito fervendo bagas de magnólia secas em água em fogo baixo e adicionando mel.

Merda. Eu acabei de dizer essa última pergunta *em voz alta*? Eu pisco de volta para a realidade.

Não fiz.

Não fiz.

Ele está me encarando. — Você está falando de Smith?

Eu totalmente fiz.

— Uh... — Eu já estou aqui perdido mesmo... — Talvez? O cara que você trouxe uma bebida na cozinha. O tocador de dedos.

Ambas as sobrancelhas se erguem. — Tocador de dedos?

E aqui vou eu, piorando as coisas. — Sim, ele tocou seus dedos quando você lhe entregou a xícara.

— Nem percebi.

Balanço a cabeça. — Não tenho certeza se acredito nisso, Quinn. Era praticamente um carinho.

— Um carinho de dedo? — O humor flerta em sua voz. — Eu acho que estava pensando em outra coisa.

— O quê?

— Mecânica quântica molecular, — diz ele, totalmente impassível, então ele se apoia nos calcanhares. — Independentemente disso, eu definitivamente não estou aqui com ele de uma maneira que acaricia os dedos. Não assim. — Ele franze

a testa e balança a cabeça. — Eu trabalho com ele. Que é na verdade algo que eu queria falar com você antes do início do semestre. — Ele rola os ombros, a camiseta cinza passando pelo peito. — Eu sou um TA de física. Mais especificamente, sou seu assistente de física. Recebi listas de aulas na semana passada e você está na minha lista.

O que eu pensei que ele poderia dizer, não foi isso. Kepler como meu assistente? Não tem jeito.

— É uma aula de estilo de palestra, — continua ele. — Você não vai lidar muito comigo lá. Exceto que você foi designado para o meu laboratório.

— Eu vou pegar outra aula, — eu solto.

Uma batida de silêncio se transforma em duas. Depois, três.

Ele olha para mim com essa expressão sombria que nem consigo começar a ler. — Se é isso que você quer fazer, mas não acho que seja necessário.

É mesmo necessário.

Enfio os dedos no cabelo, meu cabeça ainda úmida do calor. — Você me daria nota, certo? Isso não é um conflito de interesses? Considerando sua amizade com meu irmão.

— Você não seria o primeiro aluno que eu conheço. — Sua mandíbula aperta. — Eu serei justo.

— Não estou questionando sua justiça. É só que. — Não. Este é um *não* difícil. Já é difícil o suficiente vê-lo do outro lado da sala em uma casa lotada. Ou ficar aqui com ele no telhado. Não há nenhuma maneira que eu vou ser capaz de sentar em uma palestra e tomar notas se ele está lá.

Não consigo pensar quando ele está por perto. Eu sou como uma criança novamente, cheia de cérebros, com uma... *paixão*.

Uma frieza repentina me atinge no núcleo.

É exatamente isso.

Tenho uma queda pelo melhor amigo do meu irmão.

Não sei por que demorei tanto para reconhecer isso. É óbvio agora que penso nisso. Como eu cobiçava cada segundo com ele quando ele estava na nossa casa. Como ele faz meu sangue bombear. Como eu quero *cheirá-lo*.

Maldito *simkung*.

Como eu não percebi isso antes? Sou uma besta. Essa é a única explicação.

Isso e eu nunca tive uma queda por um cara antes.

Espere... eu tenho?

— Jin.

— Eu só não acho que seja uma boa ideia... — Nós dois recuamos com um toque agudo.

Ele puxa o telefone do bolso.

O nome de Shin se acende na tela.

Meu irmão.

Eu me afasto da calha, meus ombros se apertando ao ver o nome dele.

Kepler olha para mim. — Eu deveria encontrá-lo.

— Agora? Tem que ser uma da manhã.

Ele encolhe os ombros. — Ele geralmente está saindo do turno agora, e eu não durmo muito.

O telefone para de tocar e depois toca um segundo depois com o que presumo ser uma mensagem de voz.

Ele me olha de cima a baixo, sorrindo. — Você quer vir?

— Com você e Shin?

— Por que não?

Eu lambo meus lábios, emitindo uma risada baixa e sem humor. — Você sabe que nós apenas discutimos o tempo todo. Além disso, se Shin quisesse me ver, então ele ligaria.

O telefone toca de novo, o que não me surpreende porque meu irmão é persistente. Isso o ajuda a ser um bom policial. Mas também fez dele um irmão irritante enquanto crescia.

Kepler o silencia. — Shin está apenas...

— Você não precisa entrar nisso. — Ou talvez eu não *queira* que ele se meta nisso. Meu relacionamento com meu irmão é como dois boxeadores dançando. De um lado para o outro, nenhum dos dois está disposto a dar um soco, mas ambos sabemos que é isso que vai acontecer.

Kepler não precisa estar no meio disso. E tudo isso me lembra de quem ele é: o melhor amigo de Shin.

E ele está certo. Eu o evito. E há razões inteligentes para isso. Meu pescoço esquenta a um milhão de graus só de pensar nele e Shin descobrindo sobre essa paixão ridícula.

Os lábios de Kepler se separam com uma batida de hesitação antes que ele fale. — Estou com sua família há quinze anos. Eu não me importo de ser...

— Eu tenho que alcançar Dex. — Eu não dou a mínima que eu apenas o interrompi. Esta conversa está terminada. Eu me viro e volto para a janela, me espremendo de volta para a casa e digo a mim mesmo que não preciso olhar para trás.

Minha convicção dura cerca de cinco segundos, e eu me viro para encontrá-lo me observando, e não me movo da borda, como se ele tivesse esquecido o quão alto ele está.

— Vejo você na palestra, — ele diz uniformemente, sem uma pitada de emoção em sua voz.



Porra, não, ele não vai.

3

TEM QUE haver outra aula.

Eu digitalizo o catálogo do curso no meu telefone, o sol da manhã destacando a barra de café da manhã da claraboia vazada.

A turma só precisa cumprir minha última exigência científica. Aceito *qualquer coisa*. Introdução à apicultura? A Biologia dos Cachalotes? Eu não ligo. Não posso ficar preso numa sala com Kepler Quinn em intervalos regulares.

Ainda estou nervoso por vê-lo ontem à noite, meu pé saltando no degrau do banco do bar, meu polegar batendo no meu telefone.

O micro-ondas me faz pular do banquinho. Pego a tigela aquecida de sopa de gengibre e a trago de volta ao meu lugar no balcão.

É tranquilo no nosso apartamento barato sem o Dex. Além do som fraco do trânsito do posto de gasolina do outro lado da rua, não há nada além do som quando abaixei minha tigela.

Dex fala muito. E sinto falta quando ele se vai.

Pego meu telefone para escanear o catálogo uma última vez e vasculho meu café da manhã.

Sopa para o café da manhã é o habitual na minha família. Pelo menos até meu pai morrer.

Mani deuseyo, ele sempre dizia, voz quente enquanto ele se espalhava mais do que Shin ou eu poderia esperar consumir panquecas coreanas para Shin, e sopa, kimchi e arroz para mim.

É difícil acreditar que ele está morto há nove anos. Parece mais longo e mais curto ao mesmo tempo.

Depois de passar pelo catálogo novamente, enviei um e-mail rápido ao meu orientador pedindo uma reunião – talvez ele possa fazer algo sobre a aula – e então meu polegar paira sobre a tela.

Eu não deveria fazer isso.

Mas isso não me impediu ontem à noite, e não me impediu agora.

Eu coloco minha colher, digito *Kepler Quinn* na caixa de consulta e prendo a respiração enquanto os resultados são carregados.

A primeira listagem é para o Departamento de Física e Astronomia da Universidade de Indigo Falls, ‘o IFU’, como chamamos.

Eu cliço no link para os assistentes dos professores. Seu nome é o segundo da lista, e uma foto dele me encara. Meu pé para de pular no banco, minha respiração fica presa no meu peito, e eu só *olho para* ele. De uma forma que nunca me deixei fazer pessoalmente. Todos olhando *fixamente*.

Eu o estudo – olhos cinza esfumado, testa alta, nariz reto, lábios finos, mandíbula agudamente inclinada, uma pequena verruga na subida da bochecha.

Meus dedos se contraem. Até mesmo uma maldita fotografia envia um choque de energia pela minha espinha que formiga no meu pau.

O som da fechadura dianteira ecoa pelo apartamento, e eu respiro calmamente e coloco meu telefone de bruços no balcão enquanto Dex entra na sala. Ele está usando a mesma camiseta enrugada que usava ontem à noite. Seu cabelo está torto, os olhos injetados de sangue e um sorriso largo está estampado em seu rosto.

— Parece que você teve uma boa noite. — Pego minha tigela e ando ao redor da ilha para enxaguá-la na pia antes de empilhá-la na máquina de lavar louça. — Está com fome?

— Sim. — Ele para do outro lado da ilha da cozinha. — Ontem à noite não é por isso que estou sorrindo. Tudo o que aconteceu foi que Brady e eu tomamos algumas cervejas depois que você saiu, depois caí no sofá dele, já que eu não queria dirigir.

— Você tem dormido muito lá, — digo com a mão enquanto pego um pouco de pão da despensa e coloco duas peças na torradeira para ele.

— Ah, claro. Não é grande coisa. — Ele cai em um banquinho ao lado do balcão da cozinha. Na verdade, não temos nada tão complexo quanto uma mesa, então sentamos aqui. É onde toda a comida está de qualquer maneira.

— Okay. — Dou de ombros. — Então, por que esse sorriso de bunda grande?

Ele pisca para mim. — Porque cheguei em casa e descobri que você voltou para os vivos.

Meu peito aperta um pouco. Ele está sorrindo agora, mas sei que estava preocupado comigo. E eu com certeza sei como é se preocupar com as pessoas.

— Sim. — Limpo a garganta. — Achei que nosso sofá precisava de uma pausa da minha bunda.

— Verdade. — Ele acena. — Além disso, isso estava na nossa porta.

Ele bate um Post-it entre nós no balcão e depois aponta para ele como se eu já não estivesse olhando.

KEPLER está marcado no post-it amarelo em Sharpie preto. Todas maiúsculas. Algumas pinceladas pesadas. Letras seguras e imponentes, assim como ele.

Engulo de volta o nó na garganta enquanto olho para ele.

O Post-it não estava na porta quando cheguei em casa ontem à noite. Tenho certeza de que eu teria notado. Então, quando ele esteve aqui? No meio da noite? Depois que ele saiu com meu irmão? Por que ele deixaria isso para mim?

Dex me estuda. — Você sabe do que se trata?

— Não. — A torradeira estala e eu pego um prato do armário. — Suco?

— Claro. — Dex encolhe os ombros. — Eu não via Kepler há muito tempo antes de ontem à noite.

— Nem eu. — Deixei cair a torrada na frente dele, virei para a geladeira e peguei uma caixa de suco de laranja. Depois de encher dois copos, deslizo um pelo balcão até ele.

Embora isso não seja verdade. Eu o vi do outro lado do campus quando estava me matriculando para as aulas. Lembro-me porque me desviei para o centro estudantil, curioso para onde ele estava indo. Espere... eu estava seguindo ele?

Não. Eu tinha que ir para o centro estudantil de qualquer maneira.

Foi apenas uma coincidência.

Certo?

Dex dá uma grande mordida na torrada seca. Não faço ideia de como ele come essas coisas. — Eu pensei que você o encontraria por causa de Shin?

— Não. Eu também não vejo Shin há algum tempo.

Dex diminui metade do suco de laranja. — Por causa da sua mãe?

— Sim.

— Como ela anda?

— Tudo sempre igual. — Eu coloquei a caixa de suco de volta, deixando assim, e Dex não me pressiona. Não é que eu não queira que o Dex saiba. Ele é o tipo de cara que você pode dizer qualquer coisa. Ele entende como as coisas estão com minha mãe. Só não gosto de falar sobre ela.

Eu dreino o resto do meu suco. — Como foi o ensino dos alunos?

Não estou perguntando apenas porque quero mudar de assunto – embora isso seja um benefício adicional, mas também porque ele está falando sobre seu próximo trabalho de professor há meses, enquanto passa pela minha bunda no sofá. Semana passada, ele finalmente começou a trabalhar na escola que frequentávamos quando éramos crianças.

O sorriso desaparece de seu rosto com a minha pergunta, linhas de preocupação aparecendo em torno de seus olhos verdes oliveira em tempo recorde.
—Tá tudo bem.

— Tem certeza? — Inclino-me contra o balcão, cruzando os braços sobre o peito. — Não parece muito bem.

Desde que o conheço, Dex quer ser professor de arte. A mãe dele ensinou no liceu de Indigo Falls até ela ter de aceitar o desemprego por esclerose múltipla, e ele sempre quis seguir os seus passos de professora.

Ele esvazia o copo em um enorme gole. — As aulas são boas. Crianças são legais, é claro. É só que passei o verão todo desenhando esses planos de aula, mas eles são uma merda quando não temos muito mais do que lápis quebrados, aquarelas secas e papel de computador.

— Você pode fazer um pedido de financiamento?

— Não um que será concedido. — Ele suspira, coçando a barba na mandíbula. — Você se lembra como era quando estávamos lá.

— Sim, eu sei. — Nossos olhos se fecham por um segundo. Ambos nos lembramos de como era crescer no bairro que crescemos, do jeito que crescemos. As coisas estavam melhores para mim antes de meu pai morrer, mas depois... todo o seguro de vida foi para contas médicas e despesas de funeral. Foi só fazendo uma hipoteca reversa que conseguimos manter um teto sobre nossas cabeças. Dex viveu a mesma vida que eu.

Kepler... Eu não tenho certeza que tipo de vida ele viveu, mas algo me diz do Jeep que ele dirigiu na escola e da bolsa de couro que ele carregava que as coisas eram diferentes para ele.

Dex limpa a boca com as costas da mão. — Dei a essa garota do oitavo ano meu conjunto de lápis porque ela gosta de desenhar quadrinhos, mas não posso continuar fazendo isso. — Ele encolhe os ombros. — Parece que não há esperança.

— Podemos fazer algo?

Ele aperta os olhos para mim. — Como o quê?

— Eu não sei. Arrecadação de fundos ou algo assim? Uma rifa? Deve haver muitas pessoas ao redor do IFU que doariam um par de dólares para que algumas crianças possam obter alguns suprimentos de arte. Eu posso ajudar a organizar.

Seus olhos se estreitam em mim. — Quem é você e o que você fez com J?

— Boa pergunta. — Olho para o post-it e, antes de pensar demais, agarro-o e amasso-o na palma da minha mão. — Você quer minha ajuda ou não?

O sorriso dele é enorme. — Sim, eu quero. Só estou feliz em vê-lo de volta, cara.

Ele diz como se eu estivesse em outro país. Eu estava realmente fora de mim?

PASSAMOS O domingo fazendo merda pelo apartamento. Um pouco de limpeza, algumas ideias épicas sobre essa ideia de arrecadação de fundos que pegou Dex de assalto e uma corrida de cinco quilômetros – o que é algo que eu deveria fazer com muito mais frequência, como evidenciado pela exaustão em minhas pernas após a primeira colina.

Eu mando mensagens para Michela também, e conversamos um pouco sobre as aulas. Espero que isso signifique que estaremos em termos cordiais sempre que nos encontrarmos novamente.

Mas na segunda de manhã, há um segundo Post-it de **KEPLER** deixado na minha porta. Eu ainda mal dormi por mais de vinte minutos, e eu não saí do apartamento além daquela corrida e uma viagem para a academia. Não importa o quanto eu me jogue na merda em torno do apartamento ou no ginásio, meu cérebro ainda continua circulando de volta para ele. E essa foto do TA não ajuda. Fico *olhando para* ele, como se visse outra coisa na cara dele que nunca tinha visto antes.

Na verdade, sim. Ele tem uma leve cicatriz no queixo. Seu lábio inferior é um pouco mais fino que o superior. E esses olhos cinzas esfumaçados têm algumas manchas de marrom neles.

Foda-se. Isto é ridículo.

Estou prestes a estourar quando joga minha mochila no meu carro de merda no primeiro dia de aula. Dex desliza ao meu lado para a viagem de 6 km até o campus.

Tenho uma reunião com meu orientador em vinte minutos, e Dex precisa enviar seus planos de aula para o ensino dos alunos.

Coloquei um copo de chá omija no porta-copos e o cheiro enche o carro.

Não me lembrando do Kepler.

De jeito nenhum.

Embora o cheiro não seja *exatamente* o mesmo. Há algo mais quente sobre Kepler. Algo mais masculino.

Tire-o da sua cabeça, J.

Dex pega seu telefone enquanto eu saio para a rua. — Dê uma olhada. — Ele abre uma página do Instagram. — Encontrei esse artista quando estava procurando ideias para a arrecadação de fundos. Eli Reynolds. Ele é um artista de rua em Atlanta, mas ele cresceu aqui e se mudou de volta há alguns anos. Seu trabalho é inacreditável.

— Sério? — Paro para um sinal vermelho.

— Olhe isso. — Ele inclina o telefone para me mostrar um desenho de um homem de pé na cintura no fundo de um lago, bunda para o espectador, gotas de água escorrendo por seus bíceps e ombros. — Confira o movimento da água. As ondulações e sombreamento. É uma *loucura*.

Tenho certeza de que devo me concentrar na arte, e a água é incrível, mas meus olhos se voltam para o homem.

Há algo de diferente nele.

Ok, um monte de coisas. As covinhas acima de sua bunda, a longa linha de sua coluna enquanto se curva até a ampla extensão de seus ombros, os músculos poderosos de seus bíceps e antebraços, a maneira como seus pulsos se torcem enquanto seus longos dedos mergulham na água.

Cristo. Aquela torção dos antebraços, uma veia correndo do cotovelo ao pulso, aqueles dedos longos.

Kepler. Sua mão se estendeu para mim através daquela janela.

O calor escorre pelo meu esterno e aperta meu estômago.

Uma buzina soa atrás de mim, e minha cabeça se levanta para encontrar uma luz verde. Eu soco o acelerador com muita força. — Sim, é uh ... Bom movimento.

Eu olho para o para-brisa, tentando me concentrar em não nos empurrar na parte de trás de um velho caminhão Ford enquanto atravessamos do nosso lado da cidade, com suas estradas rachadas e cheias de buracos, para as ruas limpas e bem conservadas ao redor dos edifícios do campus.

Aquele homem é muito gostoso. Só um pouco. Muito na verdade.

E há algo nele que me lembra o Kepler.

Como assim?

Você já sabe, J.

— Talvez seja um exagero, — continua Dex, completamente alheio ao motim que começou na minha cabeça. — Mas entrei em contato com ele para ver se ele estaria interessado em apoiar a arrecadação de fundos.

— Boa ideia, — digo enquanto ele conversa sobre suas outras ideias.

Simkung. Mesmo que olhar para aquela pintura não tenha criado uma resposta completa no nível Kepler – até eu pensar em Kepler, não há dúvida sobre o que acabei de sentir. E se eu duvidasse, então a maneira como meu pau está

cavando contra meu zíper terminaria o debate. Eu uso a palma da mão para empurrar para baixo na coxa do meu jeans o suficiente para aliviar a pressão. Meu estômago está apertado, a parte de trás do meu pescoço está quente.

— Talvez esse Reynolds conheça alguns outros artistas, — diz Dex, o polegar rolando por mais posts. — É muito estranho pensar que ele doaria uma peça ou qualquer coisa.

Limpo a garganta. — Não há mal em perguntar.

— Não, — diz ele enquanto estacionamos. Eu deslizo para fora, ajusto meu jeans com um suspiro de alívio e pego minha mochila. Eu ando ao lado dele enquanto ele continua rolando e falando sobre arte.

Ele mal olha para cima para ver em que direção está andando, mas estou olhando para todos os caras que encontramos.

Nenhum deles cria em mim o mesmo nível de resposta que o Kepler. Embora eu perceba isso mais de uma vez, minha atenção cai na bunda de um cara, e eu definitivamente sinto um leve aperto no estômago e nas bolas. É atração, mesmo que não seja no nível do Kepler. O mesmo com as garotas que passamos, e pensando bem, eu nunca respondi a uma garota da mesma forma que respondo a Kepler também.

Ele é singular. Como se ele estivesse em uma órbita totalmente separada do que todos os outros.

Eu olho para frente enquanto caminhamos, perdidos em pensamentos. Nunca me agarrei muito à ideia de que sou hétero. Na verdade, se eu realmente pensar sobre isso, eu poderia ter tido momentos de notar a bunda de um cara aqui ou ali. Acho que pensei que todos são assim – apenas essa atração sutil e de baixo nível que pode acontecer com qualquer um.

Mas ainda não está no nível Kepler, e talvez seja por isso que nunca pensei muito nisso antes. Talvez essa coisa que eu tenho para Kepler não seja apenas sobre sua bunda ou as coisas físicas que eu posso ver sobre ele. Talvez seja intangível. Baseado em *quem* ele é.

Eu forço minha atenção de volta para Dex e aceno com cabeça para o telefone. — Você deveria fazer algo assim.

— Postar no Insta? — Ele olha para cima enquanto nos dirigimos para o prédio de Artes Liberais. É um dia quente – ensolarado sem uma nuvem no céu – e o campus está lotado. Dex esconde o telefone.

— Sim. — Respondo. — Você é bom.

Isso é um eufemismo! O que ele faz é inacreditável. Retratos – geralmente a lápis, porque era tudo o que ele tinha para desenhar quando crescia – com emoção tão real que é como um soco no estômago.

Eu sempre pensei que poderia ser sua passagem para fora de Indigo Falls, se ele decidir que quer fazer algo além de ensinar.

— Nah. — Ele encolhe os ombros, enrolando o polegar na alça da mochila.

— Eu não tenho esse nível de talento. — Ele bate no meu ombro com a outra mão antes de ir em direção ao prédio de educação.

Queria que ele visse o que eu vejo. Temos a arte dele espalhada por toda a nossa sala, e mesmo que eu tenha passado por seu trabalho um milhão de vezes, às vezes eu fico lá, olhando para tudo em completa admiração.

Ele é tão bom.

Eu me viro e vou em direção ao outro lado do campus para a consulta com meu conselheiro, sorrindo com a agitação do movimento ao meu redor. Sempre gostei quando o campus enche no outono. É desolador nesta cidade durante o verão.

— Jae, — uma voz profunda chama através do campus, e eu me viro para ver Vain Henley se afastar de sua comitiva e correr pela grama em minha direção, bíceps grossos esticando os braços de sua camiseta de hóquei IFU. Seu pau pula enquanto ele corre em seu short atlético. O que eu percebo, mas não parece criar mais do que aquele baixo aperto causal no meu intestino.

Saio da calçada e espero que ele atravesse a grama. Um gorro azul-marinho é puxado para baixo sobre o comprimento do ombro cabelo loiro. Ele corre com um longo passo, toda a confiança arrogante e atletismo. Ele parece o atleta de hóquei que é.

Alguns de seus companheiros de equipe olham para ele ansiosamente, e eu quase espero que eles sigam atrás dele como uma manada de patinhos seguindo seu deus do hóquei.

— Ei, — diz ele enquanto para diante de mim e estende um punho que eu bato. — Eu estava te procurando.

— Sério? Estou surpreso. — Vain e eu tomamos umas cervejas em festas de vez em quando, mas não o conheço muito bem. — O que posso fazer por você?

Ele se inclina para mais perto, cheirando como o chiclete de menta que ele estala entre os dentes. — Eu ouvi você fazer essa coisa de redação.

Aquela coisa de ensaio.

Então, o que faço por dinheiro pode ou não ser considerado suspeito. Entrei nisso por engano, mas agora é minha principal fonte de renda. Eu escrevo ensaios. Mais especificamente, as pessoas me contratam para escrever suas redações de classe para eles. Eu sou muito bom nisso – eu até gosto disso – e eles vendem por mais do que você imagina.

Ajuda que no ano passado a universidade instituiu uma regra de que cada aula requer pelo menos um ensaio escrito, então o negócio é bom. Em combinação com bolsas de estudo, poderei me formar sem dívidas.

Não que eu saiba o que farei comigo mesmo depois disso.

Estudo o olhar preocupado de Vain. Eu escrevi um monte de ensaios para atletas, mas ele nunca pediu meus serviços antes.

— Sim, cara. — Eu aceno com a cabeça, afundando a mão no bolso. — Para que classe você precisa?

— Todos eles. — Os olhos dele se arregalam. — Sério, cara, estou ferrado este semestre. Entre a programação da equipe e minha carga horária, terei que desistir de algo.

Eu dou um sorriso para ele. — Festa nos fins de semana?

Vain é bem conhecido por ser uma fera no gelo, trazendo o IFU para dois campeonatos nacionais seguidos, mas ele também é conhecido por festas em casa bastante lendárias, sendo constantemente cercado por coelhinhos do disco, e nunca segurar o que está em sua mente.

Ele sorri. — Engraçado. Mas não.

— Então, você quer minha ajuda.

— *Preciso da sua ajuda.* Acho que podemos nos encontrar uma vez por semana? Se puder contornar o meu treino e o horário da academia. Tarde da noite durante a semana seria melhor. Eu costumo fazer uma sessão de levantamento até por volta das dez.

Fico confuso. — Normalmente as pessoas só me dão uma lista das aulas, e eu cuido da parte da redação. Mais rápido assim.

Ele balança a cabeça, seus olhos castanhos fixos em mim. — Eu não quero que você escreva essa merda para mim. Quero que me ensine a fazer isso. Estou constantemente lutando para passar, e estou cansado disso. Ouvi dizer que você pode escrever qualquer ensaio do planeta e conseguir uma boa nota, e eu quero aprender com o melhor.

Eu franzo a testa, esfregando a mão sobre a boca. — Ensinar não é realmente o que eu faço.

Ele encolhe os ombros. — Eu vou te pagar o dobro. Farei o que for preciso. Só me diz o que fazer... Eu cresci com um pai militar durão, então sei como receber ordens.

— Acredito que... — Eu hesito. Eu não sou um tutor, e parece que é isso que ele está me pedindo para fazer.

Ele se inclina para mais perto, parecendo sentir minha hesitação, os olhos sérios enquanto sua mão fecha meu ombro. — Você tem que me ajudar. Estou preocupado com o que vai acontecer se não for olhado pela NHL no ano que vem. Eu não quero ser o atleta burro que só é bom para marcar, foder e beber. — Ele faz uma pausa, um sorriso se espalhando por seu rosto. — Embora eu seja muito bom em todas essas coisas.

— Você não é burro, — eu digo, minha testa vinca. Nunca tive um vislumbre das inseguranças de Vain. Não sei se muita gente sabe, mas sei como é

querer mudar as coisas na sua vida. — Você provavelmente não sabe o que os professores estão procurando. Como jogar o jogo deles.

Ele solta uma meia risada enquanto sua mão cai do meu ombro. —Essa é a primeira vez que alguém me acusa de não saber como jogar o jogo.

— Sim, eu aposto.

— Você tem que me ajudar. — Ele coça o peito com as mãos bronzeadas escuras que são batidas e arranhadas. Ele tem uma contusão escura na mandíbula, provavelmente daquela briga que ouvi que ele começou no jogo ontem à noite. Vain vive grande e barulhento, e acho que ele gasta mais tempo do que qualquer um no gelo. Ele provavelmente só precisa de algumas dicas sobre como se certificar de que está direcionando os tópicos certos e seguindo as rubricas dos professores. Talvez dar uma olhada em exames anteriores os professores são obrigados a arquivar na biblioteca. Não há razão para eu não poder ajudá-lo.

— Sim, tudo bem, — concordo. — Mande-me uma mensagem e agendaremos. Estou bem para a maioria das noites da semana.

— Legal. — Ele sorri. —Valeu, cara. É sério. Estou em dívida.

Concordo com a cabeça em direção ao seu rebanho de hóquei. —Você quer manter isso entre nós?

Ele franze as sobrancelhas. — Nah. Por quê?

Dou de ombros. — Eu não sei. Se você está preocupado com o que as pessoas pensam.

— Eu não dou a mínima para o que as pessoas pensam. — Seus olhos navegam sobre meu rosto, permanecendo na minha testa perfurando e meu cabelo maluco. — Eu tive a ideia de que você também não liga muito.

Dou risada. — Eu realmente não tenho certeza de como aceitar isso.

— Elogio, cara. — Ele sorri. — Completamente.

— Ok, então obrigado. — Embora, pelo menos Vain parece ter uma ideia clara de quem ele é. Sinto como se estivesse acordando e descobrindo coisas.

Nós dois seguimos caminhos separados, e eu estou parado duas vezes mais para agendar ensaios. Repetir as ordens dos clientes antes que minha agenda fique lotada. Você tem que admirar alguém com a visão de planejar com antecedência a trapaça. Eles poderiam apenas escrever o ensaio. Mas eu nunca digo isso a eles.

Dez minutos depois, eu me sento em uma cadeira no escritório do meu conselheiro. Preciso cuidar da situação do Kepler.

— Não há nada, — diz meu conselheiro depois de olhar para o computador por cinco longos minutos.

Eu enfio a mão no meu cabelo. — Tem certeza?

— Positivo, — diz meu conselheiro, dedos grossos voando sobre o teclado.

— Todo o resto entra em conflito ou já está cheio.

Merda.

— E se eu largar a física neste semestre e fizer o próximo?

Ele me lança um olhar através de óculos grossos. — Não é uma boa ideia empurrar um requisito como esse para o seu último semestre. Seu GPA é impressionante, mas esta é uma aula desafiadora para todos.

— Por favor. — Eu me inclino sobre a mesa em direção a ele. — Posso passar em qualquer aula que você me der.

— Existe uma razão específica para você não querer atender essa?

Sim. Mas tenho a sensação de que minha explicação não o faria ceder.

Suspiro. — Nada específico, não.

— Tá bom então. — Ele vira uma pasta de arquivo com meu nome fechado. — Há uma pequena chance de que eu possa mudá-lo para uma seção noturna se você conseguir que professores e assistentes aprovem e estiver disposto a ir à palestra nas noites de quinta-feira. Caso contrário, aperte o cinto e faça a aula.

— Eu realmente preciso do formulário? — pergunto. — Não posso convencê-lo a colocar meu nome na lista? Vou limpar sua casa por um mês. Passeie com seu cachorro. Eu estou desesperado.

Ele me dá um sorriso apaziguador. — As assinaturas são um requisito. — Ele toca um dedo indicador contra a pasta. — Você realmente não deveria ter esperado tanto tempo para terminar sua exigência de laboratório.

Ele não está errado.

Eu gemo e me inclino para trás no meu assento.

— Pegue as assinaturas, — diz ele. — E então veremos.

NÃO VEJO Kepler quando entro na sala de aula. Uma mulher de cabelos brancos com tranças longas está montando um projetor à moda antiga na sala de aula. Ela está de terno vermelho, então acho que é a professora Lacher.

Não ver Kepler não faz nada para acalmar meus nervos. Eu ainda sei que ele vai estar aqui, e isso é o suficiente para começar o arrepios nos meus ombros.

Esfrego uma palma úmida sobre a boca e corro pelos degraus, tirando o pedido de mudança de classe do bolso de trás.

— Professora Lacher? — Estendo o papel amarelo para ela, mas ela balança a cabeça.

— Vou dar uma olhada depois da palestra. — Ela volta a mexer nas despesas gerais.

— Só preciso de uma assinatura rápida, — pressiono. Eu realmente não quero assistir a esta palestra se eu estou mudando de classe. Especialmente se

Kepler vai estar aqui. Tentar ficar parado em uma cadeira enquanto ele está na sala parece tortura.

— Depois da palestra, — ela diz categoricamente. — Essa é uma regra inegociável.

— Tem certeza de que não podemos negociar um pouco? — pergunto.

Ela olha para cima e, se um olhar pudesse matar, aquele que ela me der cortaria meus membros e me jogaria de um penhasco. É óbvio que ela não vai ceder.

— Tudo bem, obrigado. — Eu murmuro e coloco o formulário de solicitação de volta no meu bolso. Subo as escadas e considero sair até que a aula termine, mas finalmente suspiro e me sento a algumas fileiras da parte de trás no auditório do estilo teatro. Eu debato por um minuto, depois pego a mesa virada e pego meu caderno e caneta. Parece rude sentar em uma palestra e não tomar notas.

Alguns minutos depois, as pessoas começam a se filtrar, sentando-se ao meu redor. Eu os observo preguiçosamente, não notando ninguém até que um cara pare no final do corredor em que estou sentado. Ele é alto – ou pelo menos ele parece assim enquanto eu estou sentado usando um colete com capuz preto com um par de jeans lavanda. Mas o jeans não é o que o faz se destacar. São os lábios cheios sobre os quais ele desenha a língua nervosamente, os grossos cílios pretos, o olhar marrom profundo que combina com seu tom de pele quente e o anel em seu nariz.

Há algo no cara que é intensamente único. Como se ele fosse o tipo de cara que não apenas caminha até a sua própria batida de bateria, mas conduz toda a orquestra.

Ele também é muito gostoso. Mesmo que eu não estivesse passando por esse aparente despertar sexual, é fácil ver objetivamente.

Ele se senta a alguns lugares de mim e puxa a mesa antes de deixar cair um caderno bagunçado em cima. Tem esboços por toda a capa, mesmo que o semestre mal tenha começado.

Ele abre o caderno e está cheio. Esboços, desenhos, listas. Tudo em preto. Não posso deixar de espiar enquanto ele procura uma página em branco.

Ele puxa uma caneta e, assim que atinge o papel, ela começa a se mover. Em menos de trinta segundos, uma imagem ganha vida de um... elefante?

Parece meio aleatório, mas eu gosto. O tronco do elefante se estende para trás para coçar os ombros, as linhas longas e limpas.

— Você é bom, — eu digo, acenando com a cabeça em direção ao caderno.

Ele olha para mim, assustado, olhos castanhos profundos me prendendo. — Obrigado.

— Você deve conhecer meu colega de quarto, — digo de repente, observando seus dedos segurarem sua caneta enquanto ele esboça. — Ele tem uma

arrecadação de fundos em que está trabalhando para conseguir materiais de arte para as crianças. Não sei se você estaria interessado em ajudar?

Ele ergue a caneta do papel no meio do traço, como se estivesse surpreso com o convite repentino. —Isso seria muito maneiro...

— Sêrio? — Meus olhos descem até os lábios dele. São bonitos. Mas quando eles se transformam em um sorriso, fico com uma pequena pitada no peito.

E um lampejo de Kepler, aquele traço fraco de um quase sorriso fantasmagórico em seus lábios.

Cristo. *Tudo* tem que me lembrar do Kepler Quinn?

Eu tirei o melhor amigo do meu irmão dos meus pensamentos, e conversei com meu colega de corredor sobre obras de arte por alguns minutos. Ele tem sido influenciado por muitos artistas chilenos recentemente, e falamos sobre Roberto Matta e Eileen Lunecke enquanto a sala de aula se enche de todo mundo, exceto Kepler.

Seu nome é London, e ele acabou em Indigo Falls por causa do programa de belas artes aqui, mas há uma pegadinha em suas palavras quando ele diz isso, e eu não acho que é a verdade completa. Sem mencionar que o IFU não é exatamente conhecido por belas artes.

Há outra razão para ele estar aqui, mas por mais que eu o veja tentando descobrir, eu também deixei cair. Não é da minha conta.

Quando eu levanto a arrecadação de fundos uma segunda vez, seus dedos se apertam em torno de sua caneta, e ele a levanta do elefante uma fração de polegada.

— Estou sempre pronto para conhecer outro artista, — diz ele. —Mas eu estava mais pensando que talvez você e eu pudéssemos tomar uma bebida.

Eu?

Ele acabou de me convidar?

Minha boca se abre um pouco. Já aconteceu antes? Os caras me convidaram para sair sem que eu percebesse?

Eu quero sair com ele?

Como se este momento não fosse confuso o suficiente, uma porta se abre bem perto da palestra, e é como se um pote de água fervente fosse derramado sobre a parte de trás do meu pescoço.

É preciso toda a força de vontade que tenho para não focar minha atenção em Kepler enquanto ele caminha até uma mesa do outro lado, uma bolsa de mensageiro batendo ritmicamente contra sua coxa enquanto caminha. E de repente estou olhando para o contorno da carteira dele no bolso da bunda enquanto ele vira as costas para mim.

Merda. Volto para London, que está passando os dentes pelo lábio inferior.

— Desculpa. — Ele balança a cabeça. — Eu entendi errado? A maneira como você estava olhando para mim, eu pensei...

Eu engulo em seco. — Eu... Hum...

E então, porque não consigo evitar, meus olhos descem para o poço onde Kepler está falando com alguém.

É o cara com quem ele estava ontem à noite. *O tocador de dedos*. Minha caneta chocalha contra minha mesa, meu peito aperta. Ainda o reconheço vagamente, mas não consigo localizá-lo.

Kepler acena com a cabeça em resposta ao que quer que o tocador de dedos esteja dizendo, e então eles se sentam – bem ao lado um do outro – e examinam os papéis. Kepler alcança o bolso de sua camiseta cinza e puxa os óculos de armação escura, depois os desliza para ler.

Putá que pariu. Kepler Quinn de óculos não é algo para o qual estou preparado.

Arranco meu foco dele e volto para London quando o programa é passado de volta para nós. Sua testa está profundamente alinhada, e eu lhe devo uma resposta.

O que eu devo fazer? — Uh, eu estou...

Professor Lacher bate na cabeça. — Vamos — ela diz secamente.

E ela fala sério. A toda velocidade, acho que ela não respira até a próxima hora. Também não tenho certeza se sei. Por mais que eu tente prestar atenção, minha cabeça está girando.

Tenho que responder a London depois da palestra. Ele merece uma resposta.

Quero dizer, talvez isso seja exatamente o que eu preciso? Para sair com alguém como London. Ele é atraente e inteligente. Ele sabe muitas coisas interessantes sobre arte. Também tivemos uma conversa fácil, e ele parece ser um cara legal. E aparentemente me sinto atraído por caras.

Então por que não?

O pensamento dobra quando Kepler se inclina para mais perto do tocadore de dedos no meio da palestra, seus lábios perto do ouvido do cara enquanto ele sussurra algo e, em seguida, inclina seu bloco legal em direção a ele. O cara segura uma risada atrás de seus lábios gordos com o que quer que leia no bloco legal de Kepler.

Eu não deveria me importar.

E mesmo que eu me importe, o que devo fazer sobre isso? Apenas apodrecer com este maldito simkung *batendo* contra o meu peito?

Não vou fazer isso.

Então eu me viro para London quando todos estão arrumando as bolsas, nervosos, e digo: — Sim, vamos tomar uma bebida.

— Legal. — O sorriso de London é genuíno, e trocamos números antes que ele saia pelas portas dos fundos.

Eu fiz a escolha certa.

Eu acho?

Tento não duvidar de mim mesmo enquanto desço os degraus até o poço, cruzando bem na frente de Kepler e do tocador de dedos enquanto tiro o formulário de solicitação de mudança do bolso de trás.

Passo por Lacher, de costas para Kepler, enquanto ela recolhe seus slides aéreos. — Você tem tempo para uma assinatura agora?

— Obrigada por esperar. — Ela toma o formulário de solicitação e franze a testa. — Qual é o problema com a minha aula?

— Nada. — Dou de ombros. — Apenas um conflito de agenda.

— Tudo bem. — Ela pega uma caneta e escreve sua assinatura. — Você também precisará da assinatura do professor Manford.

— Sim, de nada.

— E a assinatura do seu assistente para a parte do laboratório. — Ela assente atrás de mim. — O Sr. Quinn pode puxar as listas para ver de quem você precisará.

Já sei de quem é a assinatura que preciso.

— Obrigado. — Eu arrasto a mão sobre a boca, pego o formulário dela e giro o calcanhar.

Kepler está parado agora, bem atrás de mim, ainda falando com o tocador de dedos. Ele está com uma camiseta azul pálida hoje. E aqueles óculos.

Eu dou um passo mais perto dele, limpo minha garganta e seguro a forma.
— Você se importaria de assinar isso?

Ele gira em minha direção, aquele olhar esfumaçado engessando em mim, sua testa engatando atrás do topo de seus óculos e *me fodendo*.

Engulo em seco, o pomo de Adão está três vezes maior.

Ele belisca a forma com os dedos longos e a tira de mim. — Para qual professor você está mudando?

— Manford.

Ele estende o formulário de volta para mim. — Então eu não vou assinar.

Olho para o papel na mão dele. Que *porra é essa?*

— Por que não? — pergunto.

— Eu não acho que uma mudança seria do seu interesse.

— Só pode ser brincadeira...

— De jeito nenhum. — Ele continua segurando o formulário, seus lábios finos em uma linha. Eu pisco para ele e depois volto para ele antes de finalmente pegá-lo. — O que mais eu vou fazer?

Olho para Lacher e depois para Kepler. Preciso pegá-lo sozinho. Este não é o lugar para começar esta discussão.

A menos que eu possa ignorar todo esse requisito de assinatura da AT? Por que diabos eles precisam dele, afinal? Soa como burocracia para mim.

Estou de volta na frente de Lacher em dois segundos, mas ela só olha para mim com olhos frios quando eu pressiono o problema. — A decisão é do Sr. Quinn. Os formulários de solicitação existem por uma razão.

Esta mulher é claramente uma defensora das regras.

— Você não pode fazer nada? — Aperto uma última vez. Eu não quero ser um idiota. Mas eu realmente não quero estar nesta classe também.

— Eu não vou fazer nada. — Ela acena com a cabeça atrás de mim, em direção onde Kepler está subindo os degraus, ainda conversando com o maldito tocador de dedos. A alça de sua bolsa corta uma linha entre as omoplatas. Aquele contorno da carteira dele no bolso dele brilha para mim. — Se você acredita que é injusto, então converse com o Sr. Quinn. Você tem uma semana para fazê-lo mudar de ideia. Depois disso, você terá que se retirar se não puder continuar a aula.

Uma semana.

Não demorará muito.

4

MALDITO KEPLER QUINN.

Quando chego na casa da minha mãe, já estou nervoso. Não ajuda eu ter que estacionar do outro lado da rua porque um velho caminhão azul está estacionado na garagem. Mamãe tem uma visita.

A casa em que cresci é um pequeno andar com tinta verde lascada, uma campainha desaparecida e videiras mortas presas ao lado. Não me lembro quando as videiras morreram. Alguns anos depois do meu pai, eu acho. Agora, o gramado da frente está repleto de ervas daninhas espinhosas e a tentativa de decoração da minha mãe – um par de flamingos rosa desbotados.

E há as memórias dolorosas persistentes também. Não posso esquecer essa merda.

Eu inspiro uma respiração profunda na porta da frente. Nunca sei no que estou me metendo aqui.

Eu a visito toda semana – apenas para ter certeza de que ela ainda está viva e lembrá-la de tirar o lixo e pagar a conta de luz. Shin costumava visitar também, mas ele não vem aqui há meses.

É sobre isso que ele e eu discutimos. Toda vez que nos vemos. Ele acha que estou ajudando ela.

Sinceramente, não sei se ele está errado. Só sei que perder um dos pais já foi uma merda. Não aguento perder outro.

Abro a porta e entro, franzindo o nariz com o cheiro familiar de aguardente de menta. A sala de estar é bege sujo com uma estante cheia de estatuetas de pássaros colecionáveis da mamãe. Alguns travesseiros jogados do sofá estão no chão, mas, fora isso, nada parece fora do lugar.

Atravesso a sala de estar e olho para a porta da cozinha, esperando vê-la acordada com uma xícara de café nas mãos.

Em vez disso, encontro um homem nu. De costas para mim e com a mão na bolsa da minha mãe.

— Porra, sério? — Minha voz salta das paredes azuis do mar.

O cara se vira, tirando a mão da bolsa da mamãe. Ele tenta depositar um maço de notas no bolso de uma camisa, mas atinge apenas a pele e os pelos do peito.

O cara é *grande*. Não só alto, mas largo e musculoso. Tatuagens correm por seus braços, cabelos longos se enrolam em torno de seus ombros, algumas cicatrizes

marcam seu peito. Ele deve ter uns 40 anos, não se importa que esteja nu, e geralmente parece um cara com quem não se mexe.

Infelizmente, não tenho essa opção.

— Ponha o dinheiro de volta. — Eu entro na cozinha.

Ele aperta o maço de notas de vinte. — Quem é você?

Minha mandíbula se ajusta, a raiva acende.

Me assusta muito que ela deixe caras estranhos como esse levá-la para casa. Que ela fique sozinha com eles nesta casa. Ela pode se machucar um dia. Se machucar *muito*.

Desde que meu pai morreu, eu queria protegê-la de idiotas como este. E eu falhei. Toda maldita vez.

— Coloque o dinheiro de volta, — digo novamente, mantendo minha voz profunda e uniforme.

Suas narinas se dilatam, um pé descalço avançando e meus punhos se apertam.

— Jae. — Minha mãe aparece do nada, com a mão caindo no meu antebraço. Não tiro minha atenção do cara, mas noto que ela cheira a pasta de dente e café.

Ela está sóbria. Ou o mais perto que ela ficar sóbria.

— Esse babaca está roubando seu dinheiro, — eu digo.

Ela empalidece. — Oh, tenho certeza de que ele não está fazendo isso. Jae, este é Fender.

— Fender. — Balanço a cabeça. — O dinheiro está na mão dele.

Ela coloca a caneca no balcão. — Tenho certeza de que é apenas um erro, nugget.

O cara, Fender ou o que quer que seja, devolve o dinheiro ao lado da bolsa dela. É uma quantia decente. Me faz pensar onde ela conseguiu. Se Shin realmente passou por aqui, mas eu duvido disso.

— Viu? — Ela dá de ombros. — Muito melhor.

— Sim, — eu empurro. — Perfeito.

Fender ainda está me encarando. — Quem porra é você?

Mamãe sorri. — Meu filho mais novo.

Ele gira entre nós. Eu sei o que ele está pensando. É a mesma coisa que as pessoas sempre se perguntam quando olham entre mim e minha mãe esguia e de olhos azuis. Consegui minha altura com ela, mas não muito mais.

— Diabos, eu ficaria envergonhado, — diz ele com arrogância fácil.

Putá merda. Ele acabou de dizer aquilo?

Vou dar um soco nele.

— *Yumago*, — eu o amaldiçoo em coreano. Minha voz está baixa, corajosa.

— Suma daqui, porra.

Cansei desse babaca. Ele não está só me desrespeitando. Ele está desrespeitando meu pai. Minha *halmeoni* ‘minha avó’ – que mora a poucos quarteirões de distância. Inferno, ele está insultando todos no planeta por ser esse tipo de idiota.

O olhar de Fender me traça para cima e para baixo. — Nos deixe em paz.
— As palavras são baixas, quase estranhamente calmas.

Laços de tensão nos meus ombros e nos meus punhos. — Saia. Cacete. Sai.

— E se eu não quiser? — Ele se aproxima.

Ele vai me beijar.

Eu empurro a mamãe para trás de mim. — Você deve ir, — eu sussurro para ela, mas não consigo ouvi-la responder sobre a maldição de Fender.

— Você é louco pra caralho. — Ele limpa a boca e depois cospe.

No *chão* da cozinha.

Quando penso que as coisas vão piorar, ele xinga mais algumas vezes, e então passa por nós, pegando suas roupas da sala dos fundos antes de bater na porta da frente.

Só fico aí. Respirando. Mantendo-me entre ele e mamãe.

Eu odeio isso.

Quando a porta da frente bate, mamãe cruza para a bolsa, pega o dinheiro e o coloca dentro. — Você não deveria ter feito isso, — diz ela.

— Você não deveria tê-lo de novo. — Tiro uma toalha de papel e uso o pé para limpá-la no chão onde Fender cospe. Um motor ruge a vida lá fora. Os pneus guincham antes que o barulho desapareça rapidamente na rua.

Ela está saindo da cozinha e olha para a porta da frente. — É apenas uma confusão, Jae.

— Não, você é. — Eu jogo a toalha no lixo, a frustração florescendo no meu peito. — Que tal apenas fazer uma pausa, mãe?

Ela me lança um olhar. — Uma pausa de quê?

— Tudo.

Bebendo.

— Tudo o que faço é fazer uma pausa, — diz ela calmamente. E por um momento, ela apenas olha para mim, olhos azuis mais claros do que o normal.

Isso me leva de volta. Ela é engraçada quando está lúcida. Cheia de piadas bobas. Eu me lembro dela, bem na minha cabeça. Seus olhos azuis se iluminariam, as linhas ao redor de sua boca se aprofundariam quando ela sorrir. Lembro-me da pessoa que mamãe costumava ser.

Engulo em seco, tentando não deixar nenhuma emoção aparecer no meu rosto. Ela não precisa. Ela não precisa saber o quanto cada visita faz meu coração dobrar mais. Ela saber só iria piorar as coisas.

Fico aliviado quando ela dá de ombros e se vira, me deixando em paz, e me concentro em limpar a cozinha. Em seguida, pegue o lixo e limpe o jardim da frente.

Tudo o que sei é que se eu fosse um filho melhor, saberia como ajudá-la.

Eu saberia como ajudar a todos nós.

5

O RESTO da minha semana consiste em tentar localizar o Kepler, o que é uma coisa nova para mim. Seu horário de trabalho ainda não começou, sua aula de laboratório não começa até a próxima semana, e ele pula as palestras.

Ele está brincando comigo?

Por que ele faria isso?

Independentemente disso, não tenho o número de telefone dele, e não sei onde ele mora. Eu poderia perguntar ao Shin, mas já é difícil falar com meu irmão agora, e além disso, eu teria que explicar a ele por que não quero Kepler como assistente. E essa é uma verdade que eu nem quero abordar no momento. Já é complicado o suficiente entre Shin e eu.

Em vez disso, enviei um e-mail ao Kepler através da conta da universidade, mas ele não respondeu. Ele poderia muito bem ser um pedaço de fumaça que desapareceu no céu.

Então eu encontro outro maldito Post-it de **KEPLER** na minha porta quinta de manhã.

Ele está definitivamente brincando comigo.

Na sexta à noite, estou tão confuso que não sei mais o que fazer.

Eu suspiro e derrubo meu copo de água no balcão da cozinha antes de me inclinar para consertar meu cabelo maluco no reflexo da chaleira prateada.

Dex deixa cair o lápis no café da manhã. — Quem é esse cara que está vindo?

Então... Ainda não fui honesto com ele sobre isso.

Os nervos aumentam no meu estômago quando me levanto.

— Uh, meu encontro. — Limpo a garganta e aliso a mão sobre a mandíbula para verificar minha barba. — Mas ele também pode estar interessado em ajudar com a arrecadação de fundos.

Dex se recosta no banquinho, cruzando os braços sobre o peito. — Seu encontro?

— Sim.

Ambas as sobrancelhas sobem. — Você gosta de homens?

Eu hesito. Ele só fica olhando para mim, completamente aberto e fácil. Ele é o Dex. Eu posso dizer qualquer coisa ao cara.

— Eu estou pensando assim, — eu finalmente digo, recostando-se no balcão.

Ele nem sequer vacila. — Legal.

Esperava uma resposta fácil dele. Mas mesmo isso foi mais causal do que eu pensava.

Eu estudo o jeito que ele está me observando.

É como se seus olhos verdes estivessem dispostos a me perguntar algo.

— Você já esteve com um cara? — Eu falo baixinho.

Ele sorri. — Aham. O que acha que estou fazendo quando passo no Brady? Beber cerveja e jogar *Call of Duty*? Bem, acho que também fazemos isso. — Seu sorriso desaparece. — Queria dizer a você.

— Você achou que isso me incomodaria?

— Eu sabia que você ficaria bem com isso. — Ele esfrega a mão no peito. — Eu não sei por que eu não disse nada. Acho que eu estava procurando o momento certo.

— Você não precisa de um ‘momento certo’ para me dizer coisas.

— Eu sei. — Ele dá de ombros. — Honestamente, não tenho certeza por que não fiz isso.

Assim como eu não disse a ele sobre como Kepler Quinn faz meu coração bater forte como se eu estivesse prestes a saltar de um penhasco.

Será que eu digo pra ele?

Tenho a sensação de que devo contar a *alguém*. E meu alguém sempre foi Dex.

— Então, você se considera bi? — pergunto a ele. Com qualquer outra pessoa, eu não pressionaria a pergunta, mas sei que Dex não se importará que eu

pergunte. Além disso, é uma pergunta que tenho me perguntado muito ultimamente.

Ele dá de ombros. — Claro.

Dou risada. — Isso não parece tão convincente. Você prefere não ter um rótulo?

— Nah. — Seu rosto fica sério. — Acho que me considero mais pan. Eu só sinto que é uma coisa um pouco evolutiva para mim. Como se fosse mais fluido? Então, o que eu me rotulo como hoje, pode não ser o mesmo amanhã. — Ele inclina a cabeça. — E quanto a você?

Abro a boca, mas uma batida suave na porta vira minha cabeça. Eu aliso meus dedos no meu cabelo novamente. Merda, estou *nervoso*.

Dex me dá um sorriso largo. — Apenas se divirta, cara. Não se preocupe com nada além de ser você.

Eu?

Certo, ok. — Vou tentar isso. E sabe, Brady é bem-vindo aqui quando quiser. Isso nem é preciso dizer, mas achei que ainda deveria dizer isso.

Ele sorri. — Obrigado.

APENAS se *divertir* acaba por ser um bom conselho. London e eu vamos para esse bar de coquetéis subterrâneos como um bar clandestino de estilo antigo com mesas pretas e paredes vermelho-escuras. Ele pede um sour de lavanda, eu ganho um whisky smash, e nós dividimos alguns pequenos pratos de comida. Uma vela em uma jarra de vidro cintila na mesa entre nós enquanto cavamos, sem dizer muito no início.

A verdade é que estou nervoso por estar em público com um cara como meu par pela primeira vez. Embora uma rápida olhada nas outras mesas me diga que apenas um outro casal parece notar, e London não parece preocupado, então eu concordo.

À medida que pegamos outra rodada de bebidas, eu relaxo e me concentro em London enquanto ele belisca seu canudo e mexe o gelo picado no fundo de seu primeiro copo.

— Você cresceu em Indigo Falls? — pergunta ele.

— Sim. — Eu tomo um gole da minha segunda mistura de uísque e afasto a conversa de mim mesmo.

London é muito mais interessante de qualquer maneira.

Ele cresceu em uma família militar que se mudou muito. Conversamos sobre pratos compartilhados, ele me dizendo que seus pais estavam na Alemanha, Mali, Filipinas. Parece muito espetacular, como se ele tivesse que mergulhar em

todos esses mundos diferentes enquanto crescia, e eu lhe fiz um milhão de perguntas.

Depois que os pratos são limpas, o canto da boca de London se levanta. —
Você não gosta de falar sobre si mesmo, não é?

Eu dou de ombros, terminando minha bebida. — Não há muito a dizer.

— Tem que ter mais alguma coisa.

Esfrego a mão na boca, minha pulseira de couro cortando meu pulso. —
Ok, bem, eu cresci do outro lado da cidade. Frequentei a escola. Família normal.
Cerca branca e tudo isso.

Eu passo por cima da verdade. Não há necessidade de arrastar a noite para
baixo. Prefiro ficar com as coisas boas.

— Eu tenho um irmão, — ofereço. — Shin é policial.

O piercing em seu nariz brilha à luz de velas enquanto ele olha para mim.
— Aqui na cidade?

— Aham. Somos quase todos moradores da cidade.

Tanto que quase nunca saí de Indigo Falls County. Além de alguns passeios
até Denver e da única vez que meu pai levou Shin e eu para as Cavernas Carlsbad,
minha vida esteve *aqui*. A única vez que planejei partir foi quando eu tinha
dezenove anos e fui aceito no instituto de idiomas da Universidade Yonsei. Mas no

final, a Coréia estava muito longe – e o ano lá muito longo – para deixar minha mãe.

Vai saber o que aconteceria comigo.

Eu me afasto da mesa, de repente sentindo a falta de janelas no bar do porão, o que não me incomodava até agora. — Pronto pra ir?

Ele pisca. — Legal.

Já estou me mexendo. Nós corremos os degraus até o nível da rua, e eu respiro fundo no topo. O sol se pôs enquanto estávamos lá embaixo, e as luzes da rua se acenderam. Os bares e restaurantes a uma curta distância estão lotados.

Ficamos na calçada, minha mão arrebatando meu cabelo de volta.

— E agora?

London arrasta os dentes sobre o lábio inferior enquanto ele fecha o capuz. — Meu colega de quarto está recebendo algumas pessoas em nossa casa esta noite. Gostaria de ir?

— Claro. — Engulo em seco, alguns nervos formigando contra meu peito. Como um pouco de efervescência ao abrir uma garrafa de refrigerante. Um pequeno eco do *simkung* com Kepler. Talvez seja disso que eu preciso.

Kepler Quinn não é o único cara gostoso e interessante no campus. Talvez eu só precise abrir meus olhos para as possibilidades mais.

London mora em um apartamento no outro lado do campus. É um daqueles edifícios de apartamentos elegantes que estão vazios durante o verão, mas cheios de crianças da Califórnia ou do Havaí ou de qualquer lugar durante o ano. Alguns dos apartamentos têm festas, varandas cheias, vozes e risos carregando um estacionamento repleto de novos SUVs brilhantes.

— Mais pessoas do que eu pensava aqui, diz London enquanto abre a porta, soando quase como se fosse um pedido de desculpas. Entramos em uma sala de estar lotada, e London leva o caminho para a cozinha, onde encontramos seu colega de quarto, Rhys, que é um cara atarracado usando botas pesadas e uma Henley verde-escuro. Ele me recebe com um sorriso relaxado e conversamos um pouco antes de voltar para a sala de estar.

— Você gostaria de alguma coisa? — London se inclina para falar comigo, a mão dele caindo no meu bíceps. Manchas de tinta pontilham seus dedos – quase da mesma cor da tinta preta que cobre meus braços.

— Não, obrigado. Meu limite são dois. — Eu não me afasto dele. — Você tem um plano ou algo assim?

Ele acena com a cabeça, baixa a mão e abre caminho pela multidão em direção à cozinha. Eu o vejo ir, olhando para a bunda dele enquanto ele atravessa a multidão.

— Você está aqui com ele? — Uma voz ronca perto do meu ouvido, e como fumaça escorregando ao meu redor, posso senti-la em todas as partes da minha pele, fervendo na parte de trás do meu pescoço e pela minha espinha.

Cristo.

Eu viro e perco a cabeça.

Kepler Quinn está tão perto de mim que posso ver aquelas manchas de marrom em seus olhos. Como o lábio inferior é um pouco mais fino que o superior. Seu cabelo é alisado para trás para revelar sua testa alta e a borda afiada de sua mandíbula e aquele maldito sinal.

Foda-se esse cara.

Uma camiseta cinza macia se estende sobre seus ombros.

De repente, estou ciente de tudo. O peso do botão preto sobre meus próprios ombros. A pressão dos meus Chucks no chão de madeira. O leve peso do meu telefone e carteira nos bolsos de trás.

— Bem, você está? — Os olhos dele passam pelo meu rosto, pelos meus ombros, até as minhas mãos, e todo o meu corpo bate em resposta. *Simkung*. Minha reação a ele é vibrante e forte como sempre, como se me engolissem.

E então minha raiva se acende. — Eu estava te procurando.

Suas sobrancelhas se erguem. — Você estava?

— Você sabe que preciso. — Pego meu bolso de trás apenas para perceber que realmente deixei o formulário em casa pela primeira vez esta semana. Eu gemo e balanço a cabeça. — Eu preciso que você assine o formulário de mudança de classe.

Os olhos dele se estreitam. — Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

Ele se inclina para a frente, perto da minha orelha. — Você não quer Manford. Confie em mim.

— Ouvi dizer que ele é difícil, eu digo. — Isso não me assusta.

— Ele não é apenas difícil. — Tão perto, o calor de sua presença se infiltra em mim. Chá Omija e cravo-da-índia, fazendo cócegas no meu pescoço e descendo pelo meu peito. Eu solto um suspiro superficial, meu pau engrossando contra meu zíper.

Ele está tão perto.

Como seria beijá-lo? Ele seria o único a me apoiar contra a parede? Nunca beijei ninguém mais alto que eu. Nunca beijei... bem, um homem.

Limpo a garganta. Eu não deveria estar pensando nessas coisas enquanto estava em um encontro com London.

London não tem sido nada além de gentil, respeitoso e agradável de se estar por perto.

Concentre-se no que você precisa de Kepler, J.

— Qual é o problema com Manford? — pergunto.

— Injusto, a respiração de Kepler faz cócegas no meu ouvido. — Eu juro que o cara joga todos os exames escada abaixo e o que quer que chegue ao fundo recebe um A e o resto falha. Ele seria demitido por sua taxa de fracasso se não estivesse no cargo.

— Então vou pesar meu papel para que ele caia na parte inferior.

— Você não quer confiar sua formatura a um cara como aquele. Ele é um idiota e vai mexer com sua nota só porque ele pode. Os assistentes dele são todos iguais a ele. Ninguém com integridade aceitaria um trabalho com ele.

— Eu aguento. — Eu me preparo contra o tumulto em meu cérebro na proximidade de Kepler. — Talvez você não tenha notado, mas eu posso me virar muito bem.

— Eu sei que você consegue. — Seus dedos roçam meu cotovelo, um leve toque, e minha respiração se aloja em meus pulmões. O mundo se restringe a ele parado ao meu lado, as pontas dos dedos contra minha pele, nossos dedos do pé apenas a centímetros um do outro. — Vou ser justo, Jin. Vou te dar a nota que você ganha. Nem pense nisso.

Eu solto uma risada desconfortável. — Eu só... não posso fazer essa aula com você, Quinn.

Ele se inclina para trás, soltando meu cotovelo. Os olhos dele descem para os meus lábios, talvez esperando pelo que vou dizer. Ele está à beira de dizer algo também quando faz uma pausa, sua atenção mudando para a minha direita.

London de repente lá, pressionando uma garrafa fria de Coca-Cola em minha palma.

— Ei, você não é nosso assistente de física? — ele pergunta a Kepler.

— Sim. — Kepler se endireita, aquele pequeno sinal na parte superior da bochecha esquerda se movendo para cima, e é como se uma janela batesse para baixo.

Ele é todo homem de negócios. Distante.

— Eu não sabia que vocês se conheciam, — diz London.

Kepler se afasta de nós dois. — Nós éramos amigos de infância.

— Você era amigo de Shin, — eu digo.

— Isso é tudo? — Seus olhos escurecem quando ele faz a pergunta.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Nós nunca fomos amigos.

— Não, suponho que não.

Aconteceu alguma coisa. Não sei o que era, mas posso sentir. Mais do que ele se distanciando porque ele é meu assistente. É como se algo glacialmente frio passasse por ele.

O que ele está pensando?

Ele se vira para London. — Prazer em conhecê-lo. Tenho certeza de que você está na minha seção de laboratório, então me avise se precisar de ajuda com os conceitos que estamos revisando esta semana.

— E essa assinatura? — Eu pergunto a Kepler.

Ele se acalma, um leve contração na mandíbula. — Certo. Eu te encontro amanhã.

Ele gira e, sem outra palavra, corta a multidão até a porta da frente.

6

Impulso

Substantivo

1. uma mudança na dinâmica

EU SOU UM IDIOTA

Eu abandonei London. Sem explicação. Ele merece mais respeito do que isso.

Não só isso, mas não liguei nem mandei mensagem.

Não sei o que dizer a ele agora.

Ou a mim mesmo.

Em vez disso, me encontro com Vain para revisar alguns de seus currículos – o cara realmente tem uma agenda brutal neste semestre – e então me tranco no meu quarto, elaborando trabalhos de pesquisa que me levam a outro mundo. Perdido nos detalhes de um antigo local egípcio perto do ápice do delta do rio Nilo. Em seguida, sobre como as mídias sociais alteraram a estrutura do cérebro e, finalmente, o recente aumento da fraude nos negócios.

A pesquisa me tira da cabeça e me deposita em outro lugar por algumas horas. Mas toda vez que paro por um segundo, meus pensamentos se fixam em Kepler.

Eu gemo e coloco meu iPad de lado na cama, meus pés descalços batendo no chão enquanto olho para a janela.

Diabos, é *noite*. Eu não lembrei. Dex bateu na minha porta algumas horas atrás para ver se eu queria comer alguma coisa, mas eu não sabia que era hora do jantar.

Eu me levanto, estico meus braços e ombros apertados, coço meu peito nu e, em seguida, acolchoo para abrir a janela e arrasto uma respiração profunda de ar noturno, estudando as estrelas por um longo minuto. Eu gostaria de ter aquele telescópio velho agora. Eu me pergunto onde...

SUVs e caminhões entram e saem do posto de gasolina do outro lado da rua. O fluxo constante de movimento nunca para. Coloquei minha testa contra o vidro frio.

Não posso ficar tão confuso por causa do Kepler.

Nunca me senti confuso por causa de alguém assim. Menina ou cara.

Algo terá que mudar. Só não sei como fazer essa mudança acontecer.

Um homem caminha pela calçada em direção ao nosso prédio, a luz da rua iluminando seu cabelo e a bolsa de mensageiro pendurada sobre seu peito. Ele leva passos longos e certos.

Meu coração bate um baque duro, desagradável e irritante.

Foda-se.

Mesmo este vidro e sombras distantes e noite – Kepler Quinn me pega.

Esfrego a mão sobre a boca, voltando a olhar para o iPad na minha cama.

Então suspiro, pego meu telefone e o formulário em que preciso da assinatura dele e vou para a sala da frente. Passei a mão pelo cabelo, tentando domá-lo um pouco, antes de abrir a porta.

Kepler está andando pelo corredor. Suas mãos estão no fundo de seus bolsos, a alça da bolsa de mensageiro cortando seu capuz cinza escuro. Ele usa jeans bem amados e um par de Vans preto-e-branco. Seu cabelo está bagunçado como se o vento estivesse passando por ele.

Quando ele para diante da porta, eu silenciosamente seguro o formulário. Ele pega, se inclina para colocá-lo no joelho, e então assina com uma caneta que ele já deve ter no bolso.

Ele se endireita e estende o papel. — Eu não acho que você deveria entregar isso.

— Eu imagino que... — Obrigado pelo conselho.

Ele acena com a cabeça, os olhos correndo atrás de mim. — Você não saiu hoje à noite?

— Não. — Dobro o formulário e vou colocá-lo no bolso quando percebo que estou usando um velho par de moletons cinza. Sem bolsos, e também sem zíper, ou cuecas boxer para esconder a meia ereção que já estou brotando. — Trabalhando em alguns ensaios.

Ele se vira. — Agora é com você.

Esfrego a mão na boca. — Agora, quem está fugindo em menos de cinco minutos?

Kepler para, girando em meio círculo, então ele está de frente para mim novamente. Ele nunca olha para mim por cima do ombro, é sempre com ele. — Talvez eu esteja apenas superando você.

Por que estou aproveitando este momento? Como quando eu era criança e cobiçava quando ele me dava.

Exceto que não sou mais uma criança.

E tão pouco ele é.

Ele realmente, realmente não é.

Fugi de London porque a verdade ficou claro ontem à noite quando me virei e vi Kepler parado atrás de mim. London é inteligente e gentil e interessante e definitivamente quente. Ele é o tipo de pessoa com quem quero acabar um dia.

Mas ele não me dá o mesmo baque que está destruindo meu peito – e vamos encarar isso, meu pau – agora.

Kepler é *diferente*. Ele sempre foi forte. Em um céu cheio de estrelas, ele é o mais brilhante. Aquele que me atrai, repetidamente. Mesmo que eu nunca saiba o que ele está pensando. Mesmo sendo o melhor amigo do Shin. Mesmo que eu não tenha certeza se realmente o *conheço* porque eu o segurei a tal distância. Nada disso importa porque é mais do que uma paixão boba. É por isso que bate tão forte no meu peito.

Ele é inteligente e estupidamente gostoso também. Definitivamente interessante. E eu não sei se eu o chamaria de gentil, mas ele está aqui, assinando um formulário que ele não queria assinar, no meio da noite, quando tenho certeza que ele tem lugares melhores para estar.

O que eu devia fazer a respeito disso?

Porque, aparentemente, não posso desejar que esses pensamentos desapareçam.

Uma lavagem de frio escorre pela minha garganta enquanto eu o encaro agora, a realidade como um soco no rosto. Eu o *quero*. Não só o meu corpo estupidamente reagindo, mas meu cérebro também.

Eu nem tenho certeza do que isso significa, mas sinto a verdade disso queimando no meu intestino e, no longo e suave suspiro, solto que seca meu lábio inferior e na percepção de que meus suores estão muito baixos em meus quadris.

Além disso, estamos aqui olhando um para o outro há quase um minuto.

Como assim?

Estou ansioso para saber cada pensamento em sua cabeça.

Ele desliza as mãos de volta para os bolsos. — Quer dar uma volta?

Eu pisco para ele. — Agora?

— Por que não? — Ele se levanta em direção à porta aberta atrás de mim.

— O que você precisar. Quero te mostrar uma coisa.

Eu expiro uma risada. — Sempre querendo me mostrar coisas.

— Eu estava andando lá de qualquer maneira. Você deve trazer seu telefone para uma lanterna.

Sua seriedade me congela no meu lugar. —E você quer que eu caminhe com você?

Ele inclina a cabeça, franzindo a testa. — Por que não teria?

— Eu não sei. — Uma arrepio começa em baixo no meu intestino. Isso é diferente de encontrá-lo em uma festa da faculdade. É só ele e eu aqui.

Ele acena com a cabeça em direção às escadas atrás dele. —Vamos.

— Qual é.. — A mesma coisa que ele disse para eu segui-lo até o telhado. Sempre que essas palavras passam pelos lábios dele, fico aparentemente desamparado.

Eu me afasto, fingindo que todas as minhas células não estão acordadas. — Me dê um minuto.

Volto para o meu quarto, amarro meus Chucks, pego um capuz porque as noites estão ficando mais frias e saio para encontrar Kepler parado no meio da sala de estar, olhando para os desenhos a lápis que enchem a parede dos fundos.

— Uau, ele murmura. — Estes são tão detalhados.

— Isso é tudo, Dex. Costumava haver mais, mas alguns ficaram danificados durante a última chuva. Nossas janelas são uma droga.

Ele acena com a cabeça, inclinando-se para mais perto de um desenho meu. Estou isolado no branco com a cabeça inclinada para trás, de frente para o céu.

— Eu me lembro dele desenhando antes, — diz ele. — Mas não assim. O que é isso?

— Estávamos em um festival de pipas. — Cristo, pareço uma criança. — Dex e eu vamos todos os anos. Há alguns artistas que criam esses papagaios intrinsecamente bonitos. Além disso, há um desafio em que você faz o seu próprio, e... — Percebo que só estou piorando as coisas. — Isso provavelmente soa bobo para você.

Ele gira para me encarar. — Porque você faz isso?

Eu pisco e me concentro na arte de Dex. — Fazer o quê?

— Suponha que eu não esteja interessado nas coisas em que você está interessado. Você percebe que as pipas são todas sobre física? Peso, elevação, tensão e arrasto. Mas mesmo que não fosse, não soa nem um pouco bobo para mim. Na verdade, ouvi falar e sempre quis ir.

— Então talvez devêssemos ir algum dia, — eu digo. Seco as mãos no meu suor, puxando o tecido grosso pelo meu pau de uma maneira que me faz tremer. Deveria ter me vestido de jeans. Ou, no mínimo, usar cuecas boxer.

— Devemos ir no próximo ano. — Kepler se inclina para espiar outro desenho. — Merda, é você, eu e Shin.

Aceno com a cabeça. Nós três estamos sentados do lado de fora dessa velha casa na árvore que construímos juntos. Shin está entre nós, mas Kepler está olhando para mim.

Não me lembro desse momento, mas tenho muitas lembranças daquela casa na árvore. Eu também arrastava aquele telescópio para lá.

Ele estuda a imagem cuidadosamente. — Dex tem um talento sério.

— Sim, parece.

Ele inspira enquanto se afasta. — Está pronto?

— Claro. — Fecho e tranco a porta atrás de nós, e descemos os degraus e à direita, em direção ao posto de gasolina, sob a luz da rua onde o vi pela primeira vez antes. Mantenho as mãos nos bolsos do capuz, tentando reprimir o chocalho nos dedos.

E tentando descobrir o que dizer quando ele vira à direita a alguns quarteirões depois do posto de gasolina, descendo uma pista de terra sem placa de rua.

— Bem... — faço uma pausa. — Você sabe para onde estamos indo?

Ele se vira, andando para trás para me olhar, expressão ilegível no escuro.

— Sim.

Balanço a cabeça. — Você sempre sabe para onde está indo?

Quis dizer como um comentário descartável, mas ele acena com a cabeça, ainda andando para trás.

— Geralmente. — Ele levanta as mãos. — Agora, se eu deveria ir para aquele lugar é muitas vezes discutível.

Ele se vira para a esquerda, puxando por um portão de metal que conecta uma velha cerca de fazenda de madeira, sua bolsa de mensageiro batendo na bunda dele enquanto ele pula. Não há prédios ou casas por aqui, apenas um trecho de grama tão alto quanto nossos joelhos que corre até ser emoldurado por árvores de ambos os lados.

Eu me puxo pelo portão e corro para alcançar. Nós nos movemos da grama para as árvores, galhos quebrando sob nossos sapatos. Uma leve brisa passa pelos galhos sobre nossas cabeças, os cheiros profundos de perene e musgo ao nosso redor.

Está nublado esta noite, apenas algumas estrelas e uma lua cheia está pendurada no céu escuro. Nós nos escondemos sob as folhas prateadas de uma velha oliveira russa retorcida, seu cheiro doce se filtrando sobre os aromas mais profundos.

— Como você conhece este lugar? — Minha voz fica alta no silêncio.

— Eu passo por aqui até o campus às vezes.

— Isso é como três milhas. — Passamos pela Oliveira russa e saltamos por um pequeno riacho, usando nossos telefones para iluminar o caminho.

— Onde você mora? — Pergunto assim que atravessarmos.

— Em uma casa, — diz ele com um encolher de ombros.

— Essa é uma descrição muito detalhada, — disse. — Tem mais alguma coisa para mim?

Ele anda ao meu lado, e eu posso apenas distinguir suas feições como parte de algumas nuvens. — O que quer saber?

Eu debato. As coisas que eu realmente sei sobre Kepler podem ser contadas nos dedos de uma mão. Mas eu sinto que se eu fizer uma grande pergunta, eu só vou dar um encolher de ombros. — De que cor são suas paredes?

— Cinza.

Dou risada. — Por que isso não me surpreende?

— Porque você me conhece. — Ele acena com a cabeça. — Lá.

À nossa frente está a forma arqueada e sombreada de um tremendo salgueiro chorão. Meus lábios se separam enquanto eu olho para a árvore. Não é indígena das Cataratas do Índigo e é muito raro ver um a crescer a esta altitude. Especialmente tão tremenda quanto esta.

Paro antes das primeiras folhas. — Veja, a coisa é, eu não acho que eu te conheço, Quinn. Você é como o maior mistério que eu já conheci.

— Isso não é verdade.

— Mas é verdade! Confie em mim.

Ele franze a testa ligeiramente, deslizando pelos galhos pendentes da árvore, que são tão longos que as folhas quase roçam o chão. Eu o sigo sob o dossel. As folhas flutuam ao nosso redor com a brisa baixa. Eu posso apenas ver como o tronco escuro se torce em ramos acima de nossa cabeça, e os cheiros aqui são tão profundos e ricos que enchem meu nariz e garganta.

É como entrar em outro mundo. Assim como se perder em todos aqueles ensaios, exceto que isso é real. E Kepler está ao meu lado. Nem a um metro de distância.

Engulo em seco, minha garganta grossa, meu suor subitamente muito quente. — Por que você me trouxe aqui?

— Porque eu pensei que você iria gostar. — Ele dá um passo para o lado, contornando o tronco enquanto fala. — E porque não somos amigos.

Ele termina de contornar o tronco e para na minha frente, puxando a alça da bolsa mensageira sobre a cabeça e, em seguida, soltando-a com um baque. — Você tem razão. Como naquela foto, Shin estava sempre entre nós. Mas devemos ser amigos.

Eu pisco para ele. — Você acha que devemos ser amigos?

— Com certeza. — Uma brisa sussurra através das folhas do salgueiro, pegando os fios de seu cabelo. — Você deveria me ligar.

— Ligar para você? Eu fico boquiaberto com ele. — Para quê?

— Por nada... Ou você pode me mandar uma mensagem. — Ele inclina a cabeça, o humor afiando em seu tom. — Ou envie uma ou duas imagens emocionantes.

— Uma imagem *emocionante*?

— Ou uma chata. Não sou exigente.

Agora estou sorrindo. — Você quer que eu te envie fotos chatas?

— Absolutamente, eu sei. — Ele dá mais um passo e as tensões voam através de mim. De repente, sinto mais cheiro do que terra e almíscar. Estou perdido em bagas de omija, algodão e cravo.

Meu coração começa a disparar como se soubesse um segredo, mas o resto de mim ainda está.

Seus olhos cintilam ao redor do meu rosto – eu não consigo ver a cor deles, apenas os brancos – e eu gostaria que ele pudesse realmente ler meus pensamentos. Que ele poderia peneirá-los, classificá-los e categorizá-los em algum tipo de ordem. Porque eu com certeza não posso.

Seus lábios se separam, e eu me apego a eles enquanto ele fala. —Eu realmente quero que sejamos amigos.

Engulo em seco, a dor de se inclinar em direção a ele rugindo em minha cabeça. É tão concreto e físico quanto a respiração nos meus pulmões e a brisa na parte de trás do meu pescoço. Tão forte que eu posso sentir na minha língua e senti-lo ondulando pelo meu estômago e apertando meu já grosso pau.

Eu quero tocá-lo em todos os lugares. Quero passar minha mão pela borda de sua mandíbula e pelas cordas de seu pescoço até aquela camiseta macia que se estende por seus ombros e embainha seu peito e abdômen. Quero sua boca na

minha, seu peso contra mim, me empurrando contra o tronco da árvore, sua língua lutando contra meus lábios.

Ou talvez eu seria o único a empurrá-lo de volta contra a árvore. Eu não sei.

Simkung. Um sentimento tão forte que consome todos os outros pensamentos da sua cabeça.

Não tem como ele sentir o mesmo.

Certo? Por que ele está me olhando assim?

E se eu o beijasse? Ele me beijaria de volta?

E então o quê?

Kepler não se mexe. Nós dois ficamos aí parados. Algo nos separando.

Shin.

Cristo. Arranco meus olhos e olho para os galhos flutuantes do salgueiro.

— O que você e meu irmão fizeram na outra noite? — pergunto.

Eu realmente acabei de fazer essa pergunta? Parece que joguei um balde de água fria na minha cabeça.

Que é o que você deveria estar fazendo, J.

— Nada, — diz ele calmamente, recuando lentamente. — Acabamos tomando algumas cervejas.

— Não o vejo há semanas, — admito. — E eu sei que ele não passa pela casa há muito tempo.

— Você já foi ver sua mãe?

— Uh, sim. Semana passada. Tem um cara novo com quem ela está saindo.

— Ele é um problema? — Ele entra na minha linha de visão. — Eu irei com você na próxima vez.

— Não. Está tudo bem. — Eu zombei de minhas próprias palavras.

— Não está. Não tem sido há muito tempo.

Kepler espera que eu fale.

— É simplesmente uma droga, — eu finalmente digo. — Ela estava sóbria quando a vi, mas não tenho um bom pressentimento sobre esse babaca.

— Você falou com Shin? — Sua mão sobe para segurar a nuca.

Ele faz isso quando está nervoso.

— Por quê? — pergunto.

Ele balança a cabeça. — Nada, eu apenas...

— O que foi, Quinn?

Sua mão cai de seu pescoço, e é um longo momento antes que ele fale. Eu posso ver a decisão acontecendo, e eu espero.

— Ela foi presa por estar bêbada e desordenada, — diz ele finalmente. Semana passada.

Eu digiro isso, um nó doente e retorcido crescendo no meu estômago. —

Shin te contou isso?

— Sim.

— Ele não me disse. — Eu enfio a mão no meu cabelo, me afasto de Kepler e, em seguida, me viro novamente. — Por que merda nunca é simples?

— Não sei, — respondeu ele com o tom tranquilo. — Talvez porque realmente se importar com alguém nunca seja descomplicado.

7

QUANDO CHEGO EM CASA, depois que praticamente torpedeei o momento – se é que foi um momento – pego meu telefone para enviar uma mensagem para meu irmão. Eu olho para a tela por um longo minuto, os dedos ainda nervosos por estarem tão perto de Kepler. Não tenho como responder a isso.

As coisas nem sempre foram tão complexas entre meu irmão e eu, e eu sinto falta quando éramos mais jovens. Sinto falta de ser *irmão* dele. E não acredito que ele não me contou sobre nossa mãe ter sido pega.

Ele deveria ter me contado.

Mas não é algo com que eu queira lidar por mensagem de texto, então eu finalmente atiro em um coxo...

Ele responde uma hora depois, e eu afasto meu iPad para focar na mensagem.

Está acordado? Precisamos conversar.

Fico confuso. *Eu poderia te dizer a mesma coisa.*

A resposta dele é rápida. *Encontre-me na frente em cinco minutos.*

Pego um capuz e desço as escadas, parando sob um poste e enfiando as mãos nos bolsos do meu capuz.

Ainda há alguns carros no posto de gasolina, mas agora está mais silencioso. Kepler passou por aqui depois de sair do meu apartamento. Isso foi há 30 minutos. Tenho certeza que ele está em casa agora. Em sua morada de paredes cinzentas.

Onde quer que seja.

Vinte e cinco minutos depois, o SUV preto-e-branco de Shin vira a esquina e para na minha frente.

Eu abro a porta do passageiro e deslizo para dentro. — Você disse cinco minutos.

Meu irmão bate no volante com o polegar. — Eu tive que parar e verificar uma coisa.

Há linhas ao redor de sua boca e manchas escuras sob seus olhos. Eu não sei metade da merda que ele tem que lidar como um dos melhores de Indigo Fall, mas parece que está pesando sobre ele esta noite, então eu só digo: — Estou feliz que você esteja bem.

É a verdade, não importa o que aconteça entre nós. Não importa o quão estranho se sinta no SUV agora.

Ele fica em silêncio enquanto eu estendo meus dedos através das barras divisórias que se dividem no banco de trás para que Kima, seu K-9 de Malinois,

possa me dar uma cheirada. Mesmo que eu tenha encontrado o cão inúmeras vezes, ela ainda me estuda cautelosamente, olhos castanhos cautelosos disparando para Shin como se estivesse fazendo uma pergunta.

— *Goyohan*, — diz ele. Ela responde à palavra coreana para se *acalmar* e se acomoda, sentando-se de costas em suas coxas e deixando a língua repousar por apenas um momento antes de estalá-la de volta e fechar a boca.

— Para onde vamos? — Eu clico no meu cinto de segurança.

Shin coloca o pulso na roda enquanto se afasta do meio-fio, examinando a estrada com a mandíbula quadrada. Meu irmão não se parece muito comigo. Seu cabelo escuro é tosquiado e seu uniforme de policial da marinha apertado em seus ombros largos. Parece que há sempre uma ligeira carranca no rosto dele também. Embora talvez seja só para mim.

— Eu quero passar por East Lake, — diz ele. — Mas antes disso, precisamos dar uma volta rápida por alguns apartamentos em Belvent.

— Festas do primeiro dia do ano? — Meu joelho está saltando e Shin percebe antes de voltar a dirigir.

Eu posso praticamente mastigar a tensão no SUV. A última vez que o vi, tivemos uma discussão tão intensa que nós dois tivemos que nos afastar, e estou preocupado que isso aconteça assim que eu mencionar o bêbado e o desordeiro.

— Sim, festas do primeiro dia do ano. — Ele encolhe os ombros, sem olhar para mim. — Tenho uma reclamação de barulho para o The Six Pack. Não há necessidade de parar, vamos apenas dar a conhecer a nossa presença.

— Ah. Assustá-los um pouco? — O Six Pack é um grupo de seis prédios de apartamentos que são conhecidos por alugar principalmente para crianças menores de idade e ter bebidas quase noturnas. É onde eles vão quando querem beber uma tonelada de cerveja barata e fazer coisas estúpidas.

Já fiz coisas estúpidas lá muitas vezes.

— Sim, — diz ele.

Há outra longa pausa enquanto dirigimos pela cidade, chegando mais perto dos edifícios universitários mais altos.

— Sobre o que você queria falar comigo? — Eu finalmente pergunto. Prefiro tirar o que está na cabeça dele do caminho antes de falar sobre o que está na minha.

— Mais tarde, — ele diz bruscamente. — Eu te mostro.

— Okay. — Eu puxei meu cinto de segurança, aliviado quando chegamos aos apartamentos ao longo de Belvent só porque finalmente há algo para conversar.

Além disso, não é preciso muito para assustar um bando de menores de idade. Eles estão no trecho de grama entre prédios de apartamentos, e assim que

chegamos, Shin tocando a sirene por menos de dez segundos, há um movimento frenético de copos caindo e as pessoas voltando para dentro.

Meu irmão destaca a área gramada com sua lanterna de megawatt, e todos saem, exceto um cara que congela. Ele tem um pé no ar, olhos como pires, braços para fora. É como se ele pensasse que é invisível se não se mexer.

— Bem, ele não pode estar tão bêbado. — Shin mantém a luz fixa nele. — Ficar de pé em um pé é metade do teste de sobriedade.

Ele solta a lanterna e o cara dá um passo antes que Shin o pegue novamente. E, claro, ele descongela. É como um jogo de luz vermelha, luz verde todo o caminho até as portas do apartamento, e nós dois estamos rindo pelo tempo que ele faz isso dentro.

Merda, é bom rir com meu irmão. Isso me lembra de anos atrás, quando papai ainda estava vivo, e as coisas eram mais simples.

Tenho uma onda de *saudades* do meu irmão. Tanto que me dói pensar em perguntar sobre o bêbado e a desordem já que provavelmente vamos discutir sobre isso.

Sua risada desaparece. — Acha que vale a pena?

Eu pisco para ele. — O que vale a pena?

Ele encolhe os ombros com um uniforme. — Eu dirijo até aqui o tempo todo e termino festas porque esse é o meu trabalho. Mas você acha que isso realmente

importa? — Shin examina seus holofotes sobre as varandas e as cortinas se fecham.

— De que adianta?

— Não tenho certeza, — admito. — Mas você sabe melhor do que eu o que acontece quando essas partes saem do controle.

Nunca ouvi meu irmão questionar seu trabalho antes. Pelo que pensei, Shin é um policial bem fundo. Ele nunca quis fazer outra coisa. Mas olhando para o outro lado como ele agora, a linha na testa e a tensão em seus lábios... talvez haja mais na história do que ele me contou.

— Acho que sim. — Shin faz outra vez sobre o prédio e depois assente. — Independentemente disso, isso será bom por enquanto. Há apenas um punhado de crianças. Embora eu não ficaria surpreso se voltasse mais tarde para outra reclamação de barulho.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele está no rádio para despachar, e então ele puxa de volta para Belvent, apontando o SUV para East Lake depois de fazermos uma parada rápida em um parque para Kima fazer seu negócio.

East Lake é uma parte decididamente diferente da cidade. As Cataratas do Índigo sempre foram assim – há o campus e há em todos os lugares com uma linha dura dividindo os dois. Passamos por alguns restaurantes de fast-food e depois pegamos o turno.

Em pouco tempo, entramos em um bairro com pequenas casas estilo rancho. A maioria é bastante decadente, com o ocasionalmente arrumado e arrumado.

Shin desliga os faróis quando ele para ao lado da estrada principal e para.

Três ou quatro casas abaixo, há um grupo de pessoas. De certa forma, não é tão diferente da festa do campus. A música bate de uma casa lotada, as pessoas se reúnem do lado de fora, suas vozes carregando para nós, e os veículos se aglomeram na calçada e na garagem.

Estico as pernas, apertado contra o painel. — Por que estamos aqui?

Shin se inclina para trás em seu assento, examinando a casa. — Levei um tempo para encontrar aquele novo namorado. — Ele coça a borda superior do colete à prova de balas. — Fender, — continua ele. — O nome verdadeiro é Leonard Courtney. Ele tem uma ficha criminal de uma milha de comprimento. Assalto, roubo, uma tonelada de merda.

Balanço a cabeça. — Onde mamãe encontra esses caras?

— Em todo lugar. — Ele dá de ombros. — Eles realmente estão em todos os lugares, Jae. Você não tem ideia.

— Não, suponho que não.

— Mas não é só isso.

Meu estômago dá um nó. — O que mais?

— Ele foi preso por fabricar metanfetamina no ano passado. Ele saiu porque convenceu um júri de que era de outra pessoa, mas olhando o arquivo, eu não sei.

— Ele gira o computador montado no painel em minha direção e puxa uma consulta para Leonard Courtney, endereço onde estamos agora na Bauder Drive. Cabelo castanho, olhos azuis, 1,83 m, 275 quilos, e a lista de encontros com a polícia de Indigo Falls ocupa mais de uma tela. Um DUI⁶ também está listado.

Eu arrasto um pouco o fôlego. — Não podemos deixar essa merda acontecer perto da mamãe.

— Ela é uma mulher adulta. — Shin toca em um botão e a tela fica preta. — Vou arrastá-lo se houver alguma chance de ele estar cozinhando drogas ou carregando, mas ela toma suas próprias decisões. Eu só queria *que você* soubesse com quem está lidando.

— Bem, agora que ambos sabemos, não podemos simplesmente deixá-la ser sugada por um cara como esse.

— Não vamos *deixá-la* fazer nada, — diz ele. — Você não pode assumir o controle do vício dela.

— É a nossa mãe. Isso não significa alguma coisa?

⁶ Dirigir bêbado.

— Sim, significa que me sinto péssimo com isso. — Sua voz se levanta e Kima fica atenta no banco de trás. Shin exala lentamente, olhando no espelho retrovisor para ela e rolando os ombros para se acalmar.

E aqui estamos nós, de volta ao mesmo velho argumento.

Sua mandíbula ainda funciona enquanto ele coloca o SUV em movimento e acende os faróis. Dirigimos em silêncio pela casa. Ao contrário da festa no The Six Pack, não há saída rápida, mesmo que todos os olhos estejam no SUV enquanto passamos.

Merda. — É ele. — Eu aceno para o babaca parado no meio do quintal com uma cerveja na mão. Ele está vestindo roupas desta vez, felizmente. Seu brilho azul fixa no SUV, e eu tenho um arrepio nas minhas costas. As janelas da SUV estão escuras, então duvido que ele possa ver dentro, mas seu olhar ainda me enerva.

Então Shin desce a rua e vira a primeira curva. Ele dá a volta no quarteirão para voltar à estrada principal de East Lake.

Meus dedos batem contra o apoio de braço. — Por que você não me disse que mamãe foi presa por embriaguez e desordem na semana passada?

Ele resmunga. — Você não precisa saber.

— O inferno que eu não precisava. — Eu puxo o cinto de segurança, que parece que está tentando me sufocar lentamente. A cada dia, eu falho com ela mais e mais. — Ela precisa voltar para a reabilitação.

Ele atira no SUV na luz verde. — Você realmente acha que isso faria algum bem?

— Talvez. — Mas mesmo quando digo a palavra, minha boca seca.

Não. Isso não vai ajudar. Também não ajudou nas três primeiras vezes.

Ambos sabemos a merda da verdade.

Nós lutamos com o que fazer porque não há nada que *possamos* fazer. Mesmo como policial, Shin não tem as respostas. Não tem nenhum. Não, a menos que ela queira ajuda.

Essa é a realidade fria e dura de ter um pai alcoólatra. E o cara que poderia ter nos ajudado a superar isso – nosso pai – bem, ele não está mais aqui.

Eu esfrego a mão no meu rosto, o SUV se sentindo muito pequeno.

—Eu gostaria que você tivesse me contado, *hyung*. — Eu lanço o coreano para o *irmão mais velho*, imaginando que ele vai esfriar a tensão rapidamente aumentando no SUV.

Depois disso, dirigimos em silêncio por um tempo. Shin se concentra na estrada, embora as linhas ao redor de sua boca permaneçam apertadas. Kima reclama do banco de trás, me olhando como se eu fosse fazer algo malicioso.

Atravessamos a cidade, e eu luto por algo para dizer que não vai causar uma discussão entre nós. — Ei, você se lembra daquele telescópio que eu tinha?

Sua risada é apertada, mas pelo menos faz a carranca desaparecer por um momento. — Como eu poderia me esquecer?

— Sabe para onde ele foi?

— Acho que é no *Halmeoni*. Ela estava com ela na varanda de trás a certa altura.

— Ah, é? Talvez eu pegue emprestado. Eu preciso ir vê-la de qualquer maneira. — O aniversário da morte do nosso pai foi há três meses, e essa foi a última vez que fui ver a nossa avó. Como ela apontou sem rodeios em uma mensagem de texto há dois dias.

Meu telefone toca, e antes mesmo de pensar nisso, eu o desenterro e pisco para o nome de Kepler na tela.

Esperando minha primeira foto chata.

Shin estica o pescoço para olhar para a tela. *Merda*. Eu viro o telefone.

Muito rápido.

Ele franze a testa quando chegamos ao meu apartamento, a confusão passando por seus olhos. O que é reconhecidamente melhor do que a raiva que estava lá há alguns minutos. Mas esta é toda uma bola de confusão que eu não estou pronto para deixar rolar ainda.

— Você está trocando mensagens com Kepler? — pergunta ele.

— Não é nada. — Esfrego a mão no rosto e depois pego a maçaneta da porta.

— Eu só precisava da assinatura dele para sair de uma aula.

— Que aula?

— Física. Ele é meu assistente.

A mandíbula de Shin endurece. — Você tem certeza de que foi só isso?

Minha mão cai do cabo. — Por que isso não seria tudo?

— Nada, — Shin diz categoricamente.

Que merda é essa?

Mais uma vez, meu irmão não está me dizendo nada.

Mas também não estou falando.

— É apenas estranho. — Seu polegar bate contra o volante. Eu aceno com a cabeça, não tenho certeza do que mais dizer, e saio da SUV.

— Jae, — diz ele, me parando quando estou prestes a fechar a porta. — Espera. Eu tenho que dizer, uh...

Eu pisco para ele. — O quê?

— Você precisa viver sua vida.

Eu solto uma risada. — Quem mais eu estaria vivendo?

— Da mamãe.

Eu ainda, estou com a mão agarrada ao redor do batente da porta. — Não é isso que estou fazendo.

— Tem certeza?

— Ela está doente, mano. O vício não é uma escolha, é uma doença. Você sabe muito bem disso.

— Sim. — Ele se inclina até a metade sobre o banco do passageiro para dar uma boa olhada em mim. — Mas chega um momento em que nós dois temos que admitir que não haverá um final feliz aqui. Talvez ela nunca queira melhorar.

— Eu não posso acreditar nisso. — Eu simplesmente *não posso*. —Algum dia ela vai...

Bate no fundo.

Exceto que ela nunca faz.

Merda. Eu agarro o batente da porta, o calor subindo atrás dos meus olhos.

— Eu não vou simplesmente desistir dela.

— Então, em algum momento, *será* só você e ela.

Dói. Até o meu âmagô. Engulo em seco e fecho a porta com força.

Eu não posso vê-lo através do vidro colorido, mas uma pequena parte de mim espera que ele vai sair, que ele vai me perguntar se eu quero ir lá em cima e jogar *Call of Duty* ou tomar uma cerveja ou *qualquer coisa*, mas em vez disso ele gira o motor e então ele se foi, lanternas traseiras desaparecendo ao virar da esquina do posto de gasolina.

Eu subo as escadas, os ombros tensos, o estômago apertado. Não estou vivendo a vida dela. E eu não vou desistir dela. E eu realmente não quero mais pensar nessa merda.

Nosso apartamento está escuro, sem luzes. Nada de Dex esta noite. Eu gostaria da distração dele, mas acho que ele está na casa do Brady de novo.

Tiro meus sapatos, pego um copo e o encho de água. Bebo tudo de volta e depois bebo outro.

Meu telefone está no balcão. Eu pego, e antes que eu possa pensar muito, eu carrego o aplicativo da câmera. Olho em volta e tiro uma foto da coisa mais chata que consigo encontrar: meu copo vazio sentado no balcão.

Então eu puxei o texto de Kepler e respondi com a foto.

Cristo. O que estou fazendo?

Eu espero. Ele deve estar dormindo. Ou se ele não estiver, ele está olhando para uma foto do meu copo vazio e se perguntando: *Que porra é essa?*

Vinte segundos depois, meu telefone tocou e baixou uma foto.

Um par de Vans preto-e-branco na terra.

Ele está lá fora. Um de seus cadarços está desgastado no final, e há uma marca de arranhão na ponta branca de seu sapato. Por alguma razão, isso me faz sorrir, e é como se esse peso enorme levanta do meu peito e desliza para longe.

Vou para o meu quarto, tiro uma foto de um saco de papel vazio na minha mesa e, em seguida, a cadeira perto da janela em que nunca me sento. Eu os envio antes de poder me debater.

Ele manda fotos de volta. Uma grade de varanda com a mão apoiada no topo. Um bloco legal com equações rabiscadas por todo lado.

E mais.

Mandamos fotos um para o outro nas próximas duas horas.

E as fotos mais chatas da vida do Kepler?

Não os acho nem um pouco chatos.

8

RECEBO outra mensagem do Kepler logo pela manhã. Ele não poderia ter dormido mais do que algumas horas.

Embora, eu também não.

Esta é uma foto de uma estrada de terra estreita através de um para-brisas dianteiro, uma de suas mãos em cima de um volante preto. O comprimento de um carro da estrada largo com os pinheiros lodgepole⁷ que disparam acima em cada lado.

Ele está indo para algum lugar. Provavelmente no campus. A aula de física começa em duas horas.

Tiro uma foto do meu iPad e chá e mando de volta.

Consigo ouvir o Dex cantando. Ele faz isso no banho de melodia e com total abandono.

Eu deveria estar indo para o campus também. Hoje é o dia de entregar o formulário de solicitação para mudar de física.

Agora, realmente. Eu deveria me mudar agora.

⁷ Pinus contorta é uma espécie de pinheiro originária do Novo Mundo. Faz parte do grupo de espécies de pinheiros com área de distribuição no Canadá e Estados Unidos da América.

Sentado aqui. Bebendo chá e esperando Kepler mandar mensagem.

Quinze minutos depois, ele finalmente responde. Esta foto é do prédio de matemática na beira do pátio das artes liberais. É perto de onde estarei em breve.

Cristo. Meu joelho pula, meu pé quase escorregando do degrau do banquinho do café da manhã. Minha garganta se contrai tanto que não tenho certeza se posso beber o resto do meu chá. Mesmo a ideia de estar a um raio de 800 metros dele aparentemente gasta meu corpo em excesso de velocidade.

Eu me forço a me acalmar enquanto Dex entra na cozinha.

— E aí, cara! — Ele abre um armário. — Como foi o seu encontro? Eu realmente não te vejo desde então.

— Hum, bem. — Eu tinha esquecido do encontro.

Embora não sobre London. Falarei com ele hoje. Dizer algo a ele. Provavelmente não é uma boa ideia dizer a ele que tenho tesão por um professor de física.

— Legal. — Dex pega uma barra de granola e come em duas mordidas sólidas antes de deixar cair o invólucro no lixo.

Eu me recosto no banco. — Você ouviu alguma coisa sobre o professor Manford? Que ensina física.

— Apenas alguns rumores sobre ele e seus assistentes. — Dex franze a testa.

— Embora eu ache que Paulie o pegou. Lembra daquele idiota que quase falhou

com ele? Paulie o interrogou na aula, e a próxima coisa que ele percebeu, sua nota despencou. Ele deu um empurrãozinho, mas perdeu a bolsa de estudos.

— Cristo, — murmuro. Paulie é esperto. Ele também é um especialista em química, então ele sabe como lidar com laboratórios de ciências. E Dex traz à tona um bom ponto sobre bolsas de estudo. O trabalho de redação me ajuda, mas não é como se eu tivesse um fundo fiduciário que poderia absorver o custo da mensalidade para o próximo semestre se eu perdesse qualquer uma das minhas bolsas de estudo.

Eu olho para o meu telefone.

Kepler disse que seria justo.

— Você vai para o campus em breve? — Dex pergunta. — Eu tenho que chegar a um grupo de estudo mais cedo.

— Sim, claro. — Dá para dirigir. Eu me levanto e coloco meu telefone no bolso de trás ao lado do formulário de solicitação de mudança de classe. — Então, você ainda está saindo com Brady? Você se atrasou ontem à noite.

— Estamos apenas transando. — Dex pega uma segunda barra de granola e a coloca em sua mochila. — Nenhum de nós está procurando por nada.

— Só foder, — repito. Ele faz parecer tão fácil. — Ei, você já ouviu alguém nos chamar de ‘gêmeos gostosos’?

Ele responde com uma risada de barriga cheia, assim como eu sabia que ele faria.

— Totalmente a verdade, cara. — Ele corta a risada para balançar os peitorais, caminhando até a porta da cozinha com um sorriso de merda. E sabe disso.

Balanço a cabeça, mas me encontro sorrindo enquanto o sigo.

Está mais frio lá fora hoje, então fecho meu capuz antes de deslizar no carro. Deve começar a nevar logo.

Espero que Dex entre e olho pela rua antes de sair.

Há dois caras de motocicleta no posto de gasolina. Um na bomba de gasolina, mas o outro estacionado na calçada. Ele está montado na motocicleta, coxas grossas de cada lado. Seus olhos azuis se concentram em mim.

Estranho.

Um nó se torce no meu intestino. Isso é uma coincidência? Quero dizer, é um posto de gasolina. As pessoas entram e saem o dia todo.

Nós nos arrumamos enquanto Dex liga seu telefone para encontrar alguma música.

— Ei, — diz Dex, batendo o cotovelo contra o meu. —Vamos?

— Sim. — Respiro fundo e saio. Eu aceno para Fender enquanto passamos, e seus lábios se curvam em um sorriso de escárnio.

Cacete. Ele é um cara assustador.

Ainda estou contemplando a situação vinte minutos depois, depois de circular algumas vezes para encontrar uma vaga de estacionamento. Dex pula do carro assim que estacionamos, atrasado para o grupo de estudo. Eu desenterro o formulário de mudança de classe e vou em direção ao escritório do meu orientador. Ele está com outro aluno—porta fechada, então eu anoto o meu nome e uma mensagem para ele me enviar uma mensagem quando ele estiver disponível e cabeça ao lado da biblioteca para estudar um pouco e, em seguida, puxar os exames anteriores para Vain.

Sempre gostei da biblioteca. Eu raramente venho aqui, fazendo a maior parte da minha pesquisa online, mas meus ombros relaxam assim que entro na entrada arqueada. Há algo nesse lugar que me chama. Todo esse conhecimento. Cada livro é como uma porta para outro mundo.

Mundos muito, muito longe de Indigo Falls.

Um teto de pico com claraboias percorre a sala principal. Mesas longas se estendem até o fim. Há algumas conversas silenciosas, mas está vazio no início do semestre, então o zumbido do meu telefone é alto e me atrai algumas cabeças viradas.

De alguma forma, antes mesmo de tirar meu telefone do bolso de trás, eu já sei que é Kepler, e não consigo evitar o sorriso que se estende pelo meu rosto enquanto puxo sua mensagem.

A foto leva um segundo para ser baixada no edifício de aço pesado. Quando ele aparece, eu pisco para ele.

... Sou *eu*.

Parado exatamente onde estou agora.

Eu engulo em seco, girando para encontrá-lo.

Kepler senta-se em uma mesa do outro lado da sala, mais perto das fileiras escuras e profundas das pilhas. Alguns livros grossos, um bloco amarelo e uma pilha de post-its estão na frente dele. Uma camiseta verde pálida se estende por seu peito. Não uma camiseta cinza.

Não sei por que isso me pegou.

Mas estou no meio da maldita biblioteca pensando na cor da camiseta dele como se fosse um detalhe relevante de vida ou morte. Largo minha bolsa na mesa ao meu lado e deslizo para um assento.

Do outro lado da sala, Kepler bate um lápis contra seu bloco, o som ecoando levemente. Ele está segurando o telefone na outra mão e inclina a cabeça enquanto me observa através dos óculos de armação preta. Sua atenção cai em seu telefone enquanto seu polegar se move sobre ele.

Meu telefone toca um segundo depois.

Venha sentar comigo.

Eu desligo meu som antes de responder.

Tem certeza que pode sentar com um de seus alunos?

Então decidiu não desistir da aula?

Tenho o formulário no bolso de trás. Só esperando meu conselheiro me mandar uma mensagem quando ele tiver tempo para me ver.

Você está fazendo uma má escolha.

Você já deixou sua opinião clara. Tiro meu iPad da mochila e clico nele em um teclado. Meu telefone acende com outra mensagem.

A má escolha foi se referir à sua escolha de assentos. A luz do sol está prestes a passar pelas claraboias, e aquece aquele local. Estará suando em alguns minutos.

Não pretendo ficar aqui tanto tempo. Conselheiro, lembra?

Ah, sim. Além disso, estou aqui, então você não vai ficar mais do que cinco minutos.

Meu sorriso cai. *Passamos de cinco minutos na outra noite.*

Foi tão horrível?

Eu olho para cima. Seus olhos estão tão claros agora que quase parecem prateados.

Ele parece brincalhão. Não está apenas em seu olhar, mas também na facilidade dessa mandíbula afiada. Na maneira como ele segura o lápis entre os dedos longos, batendo lentamente contra seu bloco legal. Merda, essa facilidade brincalhona fica tão bem nele. Não me lembro da última vez que o vi assim.

Meu polegar fica pendurado no meu telefone, debatendo o que digitar. Então eu levanto e tiro uma foto dele. Não sei por quê. Talvez eu só queira vê-lo assim de novo. Vou puxar a foto para cima quando recebe outra mensagem dele.

Você tá sorrindo.

Eu só olho para as palavras por um longo momento.

Ele tem razão, como sempre. Estou sentado aqui, com o telefone na mão, com um sorriso estúpido na cara.

Que merda é essa que estou fazendo? Guardando fotos dele no meu celular? Engulo em seco, meu sorriso desaparecendo quando saio da foto. Abaixei meu telefone, virei para o meu iPad, e puxei a pesquisa que eu estava trabalhando sobre energia nuclear. Não é o meu tópico favorito, mas tento focar no trabalho.

E não pensar em Kepler Quinn.

E não me pergunto o que está acontecendo entre nós.

Nada demais. Só dois caras mandando muitas fotos um para o outro. Isso é normal, não?

E como não consigo me conter, e sou um guloso por punição, pego meu telefone de novo.

No que você está trabalhando? Eu mando uma mensagem de volta para ele.

Dissertação

Tópico

A avaliação de dados relacionados a tempestades geomagnéticas.

Tempestades espaciais? Isso soa bem legal.

Sim. Falarei sobre isso mais tarde.

Engulo em seco e olho para a mensagem, sem saber como responder. Eu finalmente apenas digito ok e viro para o meu iPad. Eu percorro alguns sites para obter um esboço básico estabelecido, e o sol começa a mudar. Com certeza, ele desliza da claraboia sobre minha mesa, centímetro por centímetro, primeiro destacando meu teclado, depois meus antebraços.

Abro o meu capuz e tiro-o, mas isso não ajuda muito. Sinto a atenção de Kepler em mim enquanto pego meu iPad e o coloco em minha mochila. Eu ainda preciso olhar para os exames para Vain, então eu fico de pé para passar por Kepler e caminhar pela primeira fileira das pilhas em direção à seção nos fundos.

Kepler me observa, seu lápis pressionado contra o lábio inferior, notas rabiscadas no bloco legal à sua frente.

Quando passo, ele se levanta, deixando cair o lápis com um pequeno enrolar sobre a mesa.

Minha garganta aperta, meu pulso dispara enquanto eu vou mais fundo nas pilhas onde a luz escurece e o ar está denso com o cheiro denso de livros antigos.

Mais duas voltas e estou no canto de trás. É tranquilo, isolado. Um raio de sol desce atrás de mim, poeira flutuando através dele, e tudo o que posso sentir é livros velhos e um leve cheiro de limpador de limão.

Kepler dá a volta na esquina e para a alguns metros de distância. Estantes altas nos emolduram em ambos os lados.

Minha mão aperta a alça da minha mochila. — O que estamos fazendo, Quinn?

— Me diga você. — Sua voz é suave, e fervilha sobre mim, como sempre. Mas então seus olhos se estreitam. Ele está pensando. Ele tira os óculos e os coloca no bolso da frente da camiseta.

Não estou acostumado a me sentir perdido com as pessoas. É como se ele estivesse sempre me desequilibrando. Fazendo meu cérebro trabalhar horas extras só para entendê-lo.

Eu arrasto a mão pela boca. A verdade completa permanece apenas na minha língua. Como ele me acorda. Da cabeça ao dedo do pé. Mas uma vez dito, não pode ser retirado. Estará lá fora.

Quem sou eu para ele? O irmão mais novo do Shin? Ou havia realmente algo acontecendo debaixo daquele salgueiro?

Seja lá o que for, não tem como ser igual para ele. Não há uma possibilidade remota de que eu o ilumine da mesma forma que ele me ilumina.

Cristo. Eu odeio como ele está me considerando com todos esses malditos pensamentos em seus olhos.

Ele inclina a cabeça. — Você está bem?

Fico confuso. — Uh, claro... Só estou estudando na biblioteca, cara.

— Eu vi. — Seus olhos cinzentos estão tão firmes em mim. — Eu também sei que você viu Shin ontem à noite. E eu sei que você não quer que eu entre em coisas entre você e seu irmão, mas aprender sobre Lilah sendo presa teve que ser difícil.

É estranho que ele chame minha mãe pelo primeiro nome. Embora, do que mais ele a chamaria?

Eu afrouxo meus ombros, mantendo minha voz baixa na biblioteca silenciosa.

— Estou... preocupado, — admito. — Mas acho que estou sempre preocupado.

Ele acena. — Você vai me dizer se há algo que eu possa fazer?

— É só isso. Ninguém pode realmente fazer nada. — Minha garganta aperta. — Não consigo imaginar o que você deve pensar de nós. Dez anos depois, e ainda estamos correndo pelo mesmo labirinto sem fim.

— Acho que você e Shin amam sua mãe. — Ele faz uma pausa. — E eu acho que todos vocês sentem falta de Yeong-Su.

Meu pai. É estranho ouvir o nome dele em voz alta também.

— Acho que esse é o cerne disso. — Esfrego a mão no rosto e arrasto a respiração. — Falar sobre isso com você me arrasta de volta por dez anos. Você deve pensar que ainda sou uma criança.

Kepler se encolhe. — Eu não pensava em você quando criança desde a primeira vez que te vi no campus.

— Quando foi isso?

— Você estava do outro lado do campus com Dex, a tinta espreitando apenas no decote da sua camiseta. — Ele faz uma pausa, os lábios pressionando. — Ele estava mostrando a você algo em seu telefone.

Eu franzo a testa, minha mão indo para a parte de trás do meu pescoço, segurando a tinta que eu sei que está lá. Eu não me lembro disso.

Embora Dex esteja sempre me mostrando algo no telefone.

— Mas por que você faria isso? — Kepler encolhe os ombros. — Independentemente disso, há apenas três anos entre nós. Você age como se fosse uma década.

— Parece uma década.

— Não para mim. — Ele balança a cabeça lentamente. — De forma alguma. Eu teria perguntado, se tivesse adivinhado.

— Perguntado o quê? — Fico com a sensação que sempre tive de não saber o que se passa na cabeça dele.

Os olhos dele fixam-se nos meus. — Eu teria pedido que você fosse dar um passeio comigo. Há muito tempo atrás

Eu arrasto em uma respiração lenta. — Por que você me seguiu até aqui, Quinn?

Sua língua encosta no lábio inferior ligeiramente mais fino. — Várias razões.

Eu gemo. — Você é frustrantemente obscuro.

Os olhos dele se estreitam. — E o que isso quer dizer?

— Significa que você é um quebra-cabeça, Kepler. Um mistério. Uma coisa serpentina que eu não consigo entender.

Merda, isso é muito perto da verdade. Mas há alívio em dizer isso também. Apenas expondo, e como admito a merda que não deveria admitir, percebo o quão frustrado fiquei. Preciso descobrir o que está acontecendo entre nós. Talvez não seja nada. Mas não parece nada.

— Está falando sério? — Sua mandíbula aperta e não consigo dizer se ele está frustrado ou com raiva ou irritado ou todas as coisas acima.

— Sim, eu estou. — Eu erro, mantendo minha voz suave o suficiente para não carregar a energia nervosa. — Você aparece na minha porta à meia-noite e me acompanha até aquele maldito salgueiro, dizendo que quer que sejamos amigos. E depois mandamos SMS a noite toda. E então você me segue até aqui para perguntar se eu estou bem. E nem me fale das malditas notas de Post-it.

— O que há de confuso em tudo isso?

— Não sei? — faço uma pausa. — Eu não sei. Você é o melhor amigo do Shin. E acho que podemos ser amigos também, mas...

Eu quero você, porra. E parece que talvez, talvez, talvez, seja mútuo.

Estou a dois segundos de dizer isso, mas eu prendo meus lábios porque uma vez que isso sai, não há como retirá-lo. Mas como vamos descobrir o que está acontecendo se nenhum de nós *falar*?

— Para mim, — diz ele calmamente, — parece que sou a pessoa mais óbvia do mundo. Deixo seus post-its porque egoisticamente quero que você pense em mim.

Eu congelo na parte de fora. Por dentro, uma tonelada de merda está acontecendo. Estômago apertado, peito apertado, coração batendo na minha garganta.

Os lábios de Kepler se separam lentamente. — E eu te mando uma mensagem porque cada uma dessas fotos que você envia parece que dá vida a mim. Eu andei com você para o salgueiro porque eu quero cada segundo que eu posso estar com você. Mesmo que isso foda um pouco a minha cabeça, mesmo que eu *saiba* que estou passando dos limites. — Suas pupilas brilham, o cinza escurecendo. — Eu segui você até aqui porque queria ver como você está, já que sei que teve uma noite difícil. E também, egoísta de novo, porque imaginei te empurrar contra a estante e te beijar pra caralho, mesmo que eu tenha certeza que isso nunca vai acontecer. Mesmo que eu tenha imaginado fazer isso desde a primeira vez que te vi no campus.

Eu ainda estou congelado. Choque é uma palavra muito fraca para descrever o calor que corre pelo meu corpo, da cabeça aos pés. A adrenalina está bombeando *por toda parte*. Minha garganta seca, meus dedos doem por segurar a

alça da minha mochila, meu pulso salta. O mundo embaça, livros nebulosos em prateleiras vagas com um fundo nebuloso.

Mas Kepler está em detalhes. Cabelo loiro escuro em sua testa alta, camiseta verde pálida esticada em seus ombros, aquele pequeno furo em sua bochecha.

Preciso dizer algo, mas não tenho palavras na cabeça.

Um tiro de pânico corre por seus olhos. — Sinto muito. Eu não devia ter dito isso.

Ele dá um pequeno passo para trás.

Merda, ele vai embora.

Diga alguma coisa, J.

Eu desprendo minha língua do céu da minha boca. — Então faça.

Ele para. — Fazer o quê?

— Beije-me.

— *Beijar* você? — Suas sobrancelhas sobem.

— Sim. — Minha voz está rouca, minha garganta seca.

Outra pausa, e então ele dá meio passo à frente.

Eu quase pulo da minha pele quando ele se aproxima. Dois pés, até um pé, até apenas alguns centímetros. Seus olhos cintilam ao redor do meu rosto, lábios finos se separando lentamente como se ele fosse dizer alguma coisa.

Ele vai perguntar se tenho certeza.

E não faço ideia de como responder a essa pergunta.

Não, não tenho.

Mas eu quero que ele me beije de qualquer maneira.

— Não diga nada, — murmuro. — Abra a boca.

Uma respiração.

Duas.

Como a gente vai fazer isso?

Ele se aproxima e, lentamente, tão devagar que parece que estou contando cada milissegundo, seus lábios encontram os meus. É leve, mal um beijo, apenas um pincelada e um hálito.

Não é o suficiente. Soltei um gemido suave e, quando ele se afastava, pego a frente da camisa dele.

— Porra, *me beije*, Quinn. — Eu fecho a distância, meus lábios se achatando contra os dele, e é como se algo entre nós se quebrasse. Sua boca se esmaga contra a minha, e o beijo é *instantâneo* – sem fingimento, sem dúvidas, sem questionamentos – como se esse beijo estivesse demorando entre nós, apenas esperando para acontecer. Seus lábios estão quentes e sua língua desliza levemente contra os meus.

E com aquele pequeno deslize de sua língua, eu sou um transmissor. Uma vibração ressoa tão profundamente que parece que está vindo do DNA nas minhas células.

Minha mochila bate no tapete e eu entro de cabeça em nosso beijo, encontrando-o de boca cheia, minha mão soltando sua camiseta para segurar a nuca dele, os tendões apertados. Meus dedos cravam no cabelo curto e grosso na base de seu crânio. Minha outra mão aperta seu bíceps, e esse barulho baixo e sexy como o caralho passa por ele e vibra meu peito.

Seu gosto, seu cheiro, é *masculino*, e se enrola até meu estômago endurecido e o aperto do meu jeans enquanto ele me empurra de volta com seu peito, a borda afiada de seus óculos cortando meu peitoral.

Eu o agarro, jogando a borda inferior da camisa dele no meu punho. Eu quero isso fora dele. Eu puxei para cima, fazendo sua respiração engatar, e então alisei minha palma em seu estômago e nas cristas de seu abdômen. O cós áspero de sua calça jeans raspa contra o calcanhar da minha mão, sua pele quente na ponta dos meus dedos.

Foda-me, foda-me, *foda-me*.

Não consigo parar de tocá-lo. E é como se ele também não conseguisse parar. As mãos dele passam pelos meus bíceps e depois descem, uma mão passando

levemente pelo meu antebraço tatuado enquanto a outra desliza e segura minha bunda *com força*. Com uma firmeza que vai direto ao meu pau.

Estamos nos agarrando, bem no meio das pilhas da biblioteca. A altura longa e magra dele sólido contra mim, língua mergulhando mais fundo com a quantidade perfeita de força, sua mão espalma minha bunda com força como ele me encosta contra uma estante de livros, as colunas pressionando em meus ombros, e tudo por conta própria, minha pélvis move para a frente, à procura de contato, e...

Putá que pariu. Um gemido carente cruza meus lábios enquanto meu pau range contra o dele. Ele está sólido atrás de sua calça jeans, e eu me levanto para frente novamente, raspando-me quase dolorosamente contra meu zíper, meus pensamentos quebrando quando sua língua mergulha na minha boca.

Isso é verdade mesmo? Estou fantasiando agora?

Algo bate atrás de mim. Primeiro um baque no chão, depois outro e outro. Livros empurram a prateleira e caem nas minhas costas, mas eu nem me importo agora. Encaixei minha mão entre nossos estômagos e puxei sua camiseta novamente, depois puxei a bainha superior de sua calça jeans, minhas pontas dos dedos apenas raspando o elástico de sua cueca.

Mais batidas.

Nós dois estamos gemendo, ambos rasgando um no outro.

Meus ombros se contraem e a estante atrás de mim se move.

Porra.

— Quinn! — Eu arranco apenas o suficiente para dizer o nome dele, e isso nos empurra para fora da névoa.

A estante atrás de nós balança, e eu imagino um desenho infantil onde todas as estantes desabam, uma após a outra como dominós, páginas de livros voando, todos na biblioteca se virando para nos encarar de boca aberta.

Eu respiro aliviado quando recuamos e a prateleira oscila, mas permanece de pé. Há apenas um buraco escancarado onde os livros caíram no corredor atrás.

— Cristo, — murmuro. Kepler está à minha direita, respirando com força, uma expressão em seu rosto como se ele não soubesse o que aconteceu.

E provavelmente estou usando essa expressão também.

Minha mochila está no chão a dois metros de distância. O fundo de sua camiseta está enrugado e esticado de onde eu a agarrei em minha palma suada.

— Isso foi... — Ele para quando ambos registramos o movimento para a esquerda.

Uma bibliotecária entra no corredor, seu foco se concentrando no espaço aberto onde os livros estavam. — O que houve?

— Alguns livros simplesmente deslizaram para o outro lado. — A voz de Kepler é áspera, seus lábios avermelhados enquanto os lambe, seu pau está uma tenda em seus jeans.

Deve ser desesperadamente óbvio o que estávamos fazendo.

Ela resmunga algo baixinho sobre estudantes universitários e depois volta para frente, aparecendo do outro lado da prateleira.

— Nós vamos te ajudar, — eu digo, estendendo a mão para pegar minha mochila e jogá-la por cima do meu ombro. Meu telefone vibra no meu bolso. Provavelmente meu conselheiro.

— Não. — Ela se inclina para pegar um livro e o espana suavemente com a mão. — Eles precisam ser colocados de volta na ordem certa. — Ela me olha pelo espaço aberto. — Pode ir agora.

Em outras palavras: parem de se tatear na parte de trás da biblioteca.

Olho para Kepler, que pareceu recuperar um pouco de compostura enquanto move uma sobrancelha para cima. Mas por mais frio que o movimento seja, respirações irregulares ainda expandem seu peito.

Nós *nos beijamos*.

Esse é o único pensamento na minha cabeça enquanto voltamos para o longo corredor, Kepler na minha frente. Minha atenção cai na maneira como seus

jeans ficam pendurados em sua bunda enquanto passamos pelos carrosés de estudo e voltamos para a área maior da biblioteca.

Ele para no final das estantes. Seus livros e anotação ainda estão em sua mesa, mas há um cara em um botão bege reclinado na cadeira de Kepler.

O maldito tocador de dedos.

Os ombros de Kepler endurecem. — Que porra ele tá fazendo aqui?

Cristo. Kepler ainda é meu assistente. O formulário ainda está no meu bolso de trás.

Não tem como estarmos nos beijando no fundo da biblioteca.

O tocador nos dedos escaneia tudo o que Kepler estava escrevendo em seu bloco legal. Ele não nos notou.

Eu preno um polegar de volta no corredor e mantenho minha voz quieta. — Eu vou para o outro lado.

Kepler se vira para mim, com a testa alinhada, a mão subindo para alisar a nuca e depois deslizando para baixo, sobre o peito e onde os abdominais estão escondidos, para ajustar o pau.

Eu *olho fixamente*. Mesmo quando a mão deixa o pau e afunda no bolso, o antebraço rolando, esticando o jeans pelos quadris estreitos.

Nós *nos beijamos*.

Nos beijamos muito,

Nós *nos beijamos*.

— Jin. — Ele dá meio passo em minha direção, sua voz afundando em um sussurro suave. — Não deveria ter terminado assim.

Eu pisco para ele.

Estou sonhando? Isso é uma fantasia? Estou prestes a abrir meus olhos e descobrir que eu gozei por toda a cama? Eu não consigo pensar em um final mais deselegante para este momento do que acordar e perceber que este é um sonho molhado adolescente.

Isto não é real.

Ele está aqui na minha frente. Peito subindo com a inspiração. Mandíbula angulada. Covinhas gostosas.

*Jonna Jalsaenggyeotta*⁸. Embora *bonito* não comece a descrevê-lo.

Limpo a garganta. — Uh, como isso deveria ter terminado?

— Eu posso pensar em uma variedade de maneiras. Eu só... — ele acena por cima do ombro em direção ao tocador de dedos, — não posso falar aqui. Pode me ver hoje à noite? Droga, espere. — Ele range os dentes, apertando a mandíbula. — Achei algo. Isso teria de ser o bastante. Você vai estar lá?

— Tem certeza de que é uma boa ideia? Com ... — Concordo com a cabeça em direção à mesa ocupada. *E Shin.*

⁸ Algo como “Ele é bonito”

— Não. — Ele solta um suspiro. — Não me importo.

Meus lábios se separam. — Eu deveria.

Nós deveríamos.

— Talvez. — Sua língua desliza pelo lábio inferior mais fino. — O idiota egoísta em mim de repente quer que você entregue aquele formulário de solicitação de classe.

— Eu planejei isso.

— Não. — Sua cabeça se aproxima, os dedos subindo para tocar o lado do meu telefone, e a batida forte das pontas dos dedos ecoa silenciosamente na biblioteca silenciosa. — Não é a melhor escolha para sua educação. Confie em mim, e te vejo na palestra. Em uma hora.

Ele se vira para ir e depois para, girando para trás, os olhos cinzentos brilhando.

— No que você estava pensando? — pergunta ele.

Eu pisco. — Quando nos beijamos?

Ele assente, me estudando com a cabeça inclinada.

— Uhhh... — Eu limpo minha garganta, minha mente voltando ao *gosto* dele. Omija e especiarias. Aquele som estrondoso que ele fez. O calor do abdômen dele na ponta dos meus dedos. *Foda-se*. — Eu estava pensando em muita coisa.

— Ótimo. — Ele se vira e sai do corredor, em direção ao tocador de dedos, e eu não vou mentir, eu sei que deveria fugir, que eu deveria acordar e lembrar exatamente quem é Kepler – o melhor amigo de Shin e meu maldito assistente. Em vez disso, eu o encaro o tempo todo que ele se afasta.

EU FAÇO UMA ESCOLHA ESTÚPIDA.

Eu não faço isso porque é o que Kepler me disse para fazer.

Eu não faço isso porque todo mundo me diz que Manford é um babaca que mexe com a média.

Eu não faço isso porque meu conselheiro está me pressionando para manter minha agenda atual.

Não.

Faço isso por uma razão estúpida. Faço isso porque quero ver o Kepler.

Quando estou sentado no escritório do meu conselheiro, percebo que não consigo passar esse formulário, não importa o quanto eu saiba que deveria. A lógica sai pela janela.

Nós *nos beijamos*.

Não sei o que aquele beijo significou para o Kepler. Não tem como ser o começo de algo, ele é o melhor amigo do meu irmão, e eu nem deveria estar pensando nisso.

Kimchigukbuteo masiji malla é uma frase que ouvi muito enquanto crescia. *Não se precipite*. Ou, mais literalmente, não beba a sopa de kimchi primeiro.

Mas, tirando isso, aquele beijo não foi uma mudança sutil para mim. Foi uma avalanche derrubando todos os meus pensamentos racionais. Foi o beijo mais quente da minha vida, e agora mal posso esperar para estar no mesmo lugar que ele, não importa as consequências.

Uma hora depois, dou os passos até o prédio de física, jogando de volta a bebida energética que comprei no caminho. Eu lambo meus lábios. Ainda sinto o gosto dele. Eu ainda posso sentir o rastro de pelos que desce em sua calça jeans, como sua língua esculpida tão perfeitamente na minha boca, seu corpo alinhado com o meu, o pulsar do meu pulso – na minha garganta, no meu peito, no meu pau.

Em todo lugar.

Abro a porta na parte de trás da sala de aula e faço uma pausa, meu coração quase batendo no chão como aqueles livros fizeram. Kepler senta-se na primeira fila, de volta para mim, com a camiseta verde pálida colada aos ombros, a cabeça inclinada enquanto ele fala com o tocador de dedos.

O cara ri e Kepler encolhe os ombros, então ele se inclina e puxa seu bloco legal para fora de sua bolsa de mensageiro. Mas seus ombros permanecem tensos durante toda a troca.

Seco minhas mãos úmidas em meus jeans e desço os primeiros degraus. Quero que ele se vire e olhe para mim.

Ele não pode.

Quero dizer, ele realmente, *realmente* não pode. Ele é oficialmente meu assistente no semestre. Eu não me importo se ele teve aquele momento de não se importar, porque esse não é o Kepler que eu realmente conheço. Ele se importa. Ele sempre se importou com sua educação. Você não pode ser o orador ou um estudante de doutorado em física se você não se importa.

Respiro fundo e reprimo minha decepção. Quando me viro para a fileira de trás, London olha para cima de seu caderno, caneta preta na mão, já esboçando.

— Ei. — Eu passo para a fileira dele e pego o assento dele. — Sinto muito por não ter ligado para você. Eu sou um babaca.

Sua caneta faz uma pausa enquanto ele balança a cabeça. — Você não é um idiota.

Esfrego a mão na boca. — Bem, eu sou definitivamente idiota. É que você é um cara legal demais para me ligar. E eu me diverti. Gostei bastante.

Suas sobrancelhas sobem, a luz pega seus piercings. — Mas?

Eu estou planejando em dizer a verdade para ele.

Ou a coisa mais próxima que posso dizer da verdade, que me consome, porque eu realmente gosto de London.

— Há outra pessoa, — eu digo. — Sinto muito, cara.

Uma meia-verdade que deixei escapar para Michela.

É mais honesto do que imaginei. Sempre houve outra pessoa. Mesmo que eu não tenha sido capaz de admitir. Eu não sei quando começou para mim com Kepler, mas ele sempre esteve lá como meu próprio batimento cardíaco, minha própria respiração, as estrelas acima de sempre presentes. E sempre chamando minha atenção da mesma forma que meus olhos querem chamar a atenção para a palestra bem agora.

Nós nos beijamos.

Isso me enche de admiração. Com pulsação, maravilha.

Eu nunca vou superar isso.

Então ... como vou me concentrar na palestra?

Concentre-se em London, J. Ele merece uma explicação.

Então, um sorriso caloroso se espalha pelo rosto dele. — Que alívio.

Emito uma risada. — É?

Ele deixa cair a caneta. — Bem, se você não percebeu, eu também não te liguei. Quero dizer, *parece* que seríamos uma combinação perfeita. E você é

engraçado, carismático e muito bonito. Mas simplesmente não era... — Ele encolhe os ombros. — Então, amigos?

— Porra. — Eu aceno ansiosamente, um enorme peso levantando meus ombros.

Ele sorri, mas ele desaparece rapidamente. — E eu meio que tenho outra pessoa também. Eu esperava que nosso encontro me fizesse esquecer dele, mas, bem... não funcionou.

Eu o observo por um longo momento, sem saber o que fazer com sua admissão e o desconforto que o atinge. Ele cruza as pernas com força, se mexendo no assento antes de pegar a caneta. Permanece um centímetro sobre seu esboço de um... polvo?

— Quer conversar sobre isso? — pergunto.

Ele enrugou o nariz. — Ele nem sabe que eu existo. De jeito nenhum. Prefiro não falar disso.

Ok, então.

Corro para preencher o silêncio desconfortável. — A perda é dele.

— Não sei do que está falando. Mas obrigado por dizer isso. — Ele coloca a caneta no papel, e ela desliza suavemente ao longo de um dos tentáculos. — Ainda estou interessado na arrecadação de fundos. Ainda não conheço muita gente em Indigo Falls. Meu colega de quarto tem muitas festas, mas eu não gosto muito delas.

— Sim, isso tem sido comigo ultimamente também. Dex está recebendo alguns dos outros professores para conversar sobre a arrecadação de fundos mais tarde. Você deveria vir.

— Valeu, cara.

— Claro. — Eu pego meu bloco de notas e o jogo na minha mesa lateral. — Dex adoraria a ajuda. Nós dois gostaríamos. Isso é bom.

E eu realmente quero dizer isso.

Nossa professora limpa a garganta. Eu olho para baixo em direção à palestra e congelo.

Kepler está torcido em seu assento, a camiseta verde pálida se esticando, e seu olhar esfumaçado se fixa em mim. Minha respiração enjaula no peito.

Ele não deveria estar olhando para mim. Há um milhão, bilhões de razões para ele não olhar para mim.

Mas ele está olhando.

9

A CASA DA MAMÃE é estranhamente silenciosa. Há um par de velas queimadas na mesa de café. E uma lanterna.

Merda. Está muito quieto. Sem zumbido na geladeira.

Estendo a mão para acender a luz.

Nada.

Esfrego a mão sobre a boca enquanto entro na cozinha e abro a porta da geladeira. Está escuro e apenas parcialmente fresco.

Há quanto tempo a energia está desligada? Estive aqui há dois dias, e estava tudo bem. Ela não disse nada sobre uma conta vencida.

— Mãe, — eu chamo. O silêncio me cumprimenta.

Eu ando pela casa, o chão rangendo sob meus pés. Vou para o quarto dela e dou uma olhada. Vazio.

A porta do banheiro também está aberta. Também está vazia.

Há apenas uma porta fechada, e eu paro antes dela, engolindo antes de virar a maçaneta. Dentro está o quarto que Shin e eu compartilhamos enquanto crescíamos. Abro a porta arranhada para a sala de paredes verdes. Nossos beliches

velhos são empurrados para um canto para dar espaço para as caixas que preenchem todos os outros lugares.

Entro, tossindo da poeira.

Tudo que meu pai tinha está aqui. Roupas, livros, seus antigos colecionáveis de beisebol, suas moedas de desafio de seu serviço militar. Nenhuma das caixas está etiquetada, porque nunca vão a lugar nenhum. Ela guardou tudo. Até o troco que ele tinha no bolso no dia do ataque cardíaco.

Uma lembrança inabalável do homem que perdemos.

Parte de mim sempre existirá nesta sala. Exceto que Shin e eu nos mudamos. Ele passou pela faculdade em três anos – tendo aulas de verão e noites – antes de se inscrever na academia. Andei um pouco mais, mas ainda me mudei desta casa assim que pude aos dezoito anos.

Teria feito mais sentido ficar, mas não podia estar aqui noite após noite. Dia após dia.

Mas nossa mãe esteve aqui, nesta casa, cercada pelo passado. Além daquelas passagens de três dias em Sunshine Crossing, ela aguentou tantas horas sozinha aqui.

Eu deveria ter feito mais por ela.

O que foi, J? O que eu poderia ter feito?

As vozes se filtram pela casa a partir da sala de estar. A risada da minha mãe e uma voz baixa seguindo-a.

Merda. Eles estão no outro lado do corredor. Fender segue atrás da minha mãe. Ela faz uma pausa assim que vê a porta aberta do quarto, depois empalidece quando olha para mim. Fender xinga quando ele esbarra nela e diz a ela para ter mais cuidado.

Que cretino.

Uma grossa camada de barba cobre sua mandíbula, e ele meio que rosna quando olha para cima para ver por que ela parou.

— O que faz aqui? — impõe ele.

É como se ele achasse que é o homem da casa ou algo assim. O que é estupidamente ultrapassado, mas mesmo assim, ele *nunca* será assim.

Minha mãe diz algo em um sussurro. Ele balança a cabeça e caminha de volta pelo corredor.

Pelo menos ele a ouve.

Mamãe se aproxima de mim e para no batente da porta, os dedos dos seus tênis azuis do bebê um centímetro do lado de fora da sala. — O que está fazendo aqui?

— Eu não sei, — respondo sinceramente. — O que você está fazendo com ele? — Eu aceno com a cabeça em direção ao som da porta da frente batendo.

Ela não responde, apenas fica parada lá, um centímetro fora da porta, seus olhos analisando todas as caixas e memórias que me cercam. Param no armário aberto. As camisas do papai estão todas bem alinhadas.

— Eu deveria lavar a roupa dele, — diz ela.

— Lavanderia do papai? — Parece uma coisa tão bizarra de se dizer. — Ele ainda tem roupa suja?

Ela enrugando o nariz, os dedos cutucando as pontas do cabelo. — Claro que não. Mas eu lavo toda a roupa dele. Uma vez ou mais por mês. Ele não gostaria que ficasse mofado.

— *Toda* a roupa suja dele? — Eu não sabia. — Você lava todas as camisas dele? Calça? Tudo?

— Eu lavo tudo. — Ela preocupa o lábio inferior.

— Você não pode lavar a roupa, mãe. A energia acabou. — Finalmente me aproximei e fechei a porta do armário. — Talvez seja hora de ver se alguém mais poderia usá-los.

Ela balança com a cabeça. — Não, eu...

— Ele teria querido isso. — Eu luto com o que dizer que não vai machucá-la. — Ele não gostaria que você ainda estivesse lavando as camisas dele anos depois.

Sua respiração começa a ficar difícil, as pupilas se alargando. — Não, Jae. Não pode, é muito cedo. É...

— Foram apenas nove anos. — Faço uma pausa. — Talvez seja hora de olhar para a venda da casa? Poderíamos conseguir um apartamento para você. — Em algum lugar ela não fica cheia de memórias toda vez que vira uma esquina.

Ela balança a cabeça novamente, o pânico brilhando em seus olhos. — Não, não posso... Não posso sair daqui.

— Ok, mãe. — Um sentimento doentio se instala no meu estômago. Eu só queria saber como ajudá-la. Queria ter a primeira pista.

Ela é branca como um lençol, e eu atravesso em sua direção, não parando até que meus braços a cerquem, e eu apenas... abraço minha mãe. Eu a *aperto*, sentindo como ela é ossuda, como seus braços finos envolvem meus bíceps, como ela soluça um pouco contra meu ombro, como isso é estranho e como eu deveria abraçá-la com mais frequência.

Quando eu me afasto, a mão dela dispara para o cabelo novamente, mexendo.

— Mamãe? — Eu franzo a testa, estudando-a. Mais cedo eu pensei que suas pupilas eram largas, mas tão perto... elas estão dilatadas.

Ela está nervosa, e quando eu a abracei, ela se sentiu quente.

Ela não cheira a álcool.

Cacete.

— O que você tomou? — pergunto.

Ela dá de ombros. — Na verdade, nada. Apenas... Não faço ideia.

— Você não *sabe*?

Ela se afasta da porta. — Você sempre fica tão intenso com isso. É só que eu estava pensando muito esta manhã, e então eu tomei um pouco de Xanax⁹. Ou era isso que eu achava que eram, mas não sei, tenho me sentido um pouco mais nervosa em vez disso.

— Você conseguiu isso de Fender?

— Claro. — Ela encolhe os ombros e volta pelo corredor.

Eu a sigo até a cozinha azul marinho. — Você ainda tem os comprimidos?

— Hum... talvez. — Ela pega sua bolsa do balcão e vasculha, depois puxa um frasco de prescrição azul com a etiqueta descascada.

Estendo a mão. — Me deixe ficar com eles.

Ela olha entre minha mão e a garrafa. — Você não precisa levá-los.

— Sim, Mamãe. Eu meio que realmente faço.

Ela suspira e as estende, depois faz uma pausa. Eu espero. E espero. Ela finalmente as deixa cair na minha mão.

Eu os embolsei. — Você não deve levar nada se você não sabe o que é.

⁹ Alprazolam, também conhecido pelos nomes comerciais Frontal, Xanax, Apraz, entre outros, é um fármaco utilizado em distúrbios da ansiedade e em crises de agorafobia. No Brasil, é um medicamento psicotrópico do grupo B1, sujeito à notificação de receita tipo B.

Ela enche um copo com água. — Não é grande coisa, nugget. Você não tem aula?

Sim, eu faço. Eu dou uma espiada no meu telefone e suspiro interiormente. Minha primeira seção de laboratório de física começa em sete minutos. Com TA Kepler Quinn. Eu tinha planejado uma parada rápida por aqui.

Balanço a cabeça. — Eu tenho alguns minutos. Apenas – eu saio da cozinha – fique aqui um pouco.

Vou para a sala de estar antes de enviar uma mensagem rápida para Shin.

Você está trabalhando? Mamãe está drogada e não sei o quê.

Não há sinal do Fender na janela da frente. A caminhonete dele também sumiu. Pelo menos eu não vou ter que lidar com esse idiota agora.

Meu telefone toca com a resposta de Shin. *O turno começa em uma hora. Você não deveria estar na aula?*

Sim, eu digito, esse é o meu problema na verdade.

Eu vou buscá-la.

Eu pisco para a mensagem. Não sei o que esperava, mas não foi essa resposta.

Obrigado, eu escrevo. Eu sei que você não acha que devemos ser babá dela.

Não estou fazendo isso por ela. Agora vá para a aula. Em cinco minutos estarei pronto.

Eu coloco meu celular no bolso. Uma garrafa de schnapps¹⁰ vazia fica de lado na frente do sofá. Pego, sentindo o peso do copo frio na minha mão, e entro na cozinha para jogá-lo no lixo.

— Há quanto tempo a energia está desligada? — pergunto.

Ela dá de ombros. — Não tenho certeza. Isso não é grande coisa.

Não é grande coisa.

Simples assim.

— Para onde foi o dinheiro? — pergunto. — Você tinha alguns reservados para as contas.

— Eu, hum... — Ela enche o copo com água novamente e toma um gole. — Não tenho certeza. Eu tive isso. Eu sei que fiz isso.

Eu coço na minha mandíbula. — Fender pegou?

Ela balança com a cabeça. — Não.

Eu não acredito nisso por um segundo. Talvez eu precise lidar com as contas mais diretamente. Apenas... cuidar disso para ela.

Merda. Isso também não está certo. Cuidar de *mais* para ela não é a solução.

Meu telefone está tocando. Eu pego do meu bolso e vejo uma mensagem do Kepler.

Tudo bem?

¹⁰ Schnapps é um tipo de bebida alcoólica destilada.

Eu franzo a testa com a mensagem dele. A aula começou há um minuto. Ele deveria estar repassando o programa, começando as coisas. Não está me mandando mensagem.

Sim, eu escrevo de volta. Estou cuidando de algumas coisas. Estarei aí em 20 minutos.

Desculpe, eu marco.

Não se preocupe. Nós nos vemos mais tarde.

Obrigado.

Eu embolsar o telefone. — Shin está vindo, mãe.

Ela se anima. — Sério?

— Sim. — Eu aceno com a cabeça em direção à porta. Eu precisava fugir.
— Fica aqui até que ele apareça?

Ela acena com a cabeça e começa a abrir armários. — Tenho certeza de que ele estará com fome.

Isso me faz rir um pouco. — Tenho certeza que estará.

Eu saio, olhando para a hora e gemendo. Vou levar dez minutos para chegar ao campus, mais dez para encontrar uma vaga de estacionamento, e ainda mais tempo para entrar na aula. Se eu tiver sorte, chegarei na segunda hora.

Eu deslizo para dentro do carro e dou partida na ignição.

Motor de Partida. E então morre prontamente.

Eu franzo a testa, giro a ignição novamente. É a mesma coisa. Começa e, em seguida, imediatamente apaga.

Porra. Eu expiro e saio, abro o capô e olho para merdas que não entendo. Nada *parece* fora do lugar. Não que eu saiba muito sobre carros. A maior parte do meu conhecimento é limitada a assuntos que surgem em trabalhos de pesquisa da faculdade.

Eu gemo e pego meu telefone.

Eu debato antes de mandar mensagem para Kepler, mas tenho a sensação de que ele vai me mandar outra mensagem em vinte minutos quando eu não aparecer.

Na verdade, vou ter que perder o laboratório completamente. O carro morreu.

Meu telefone toca imediatamente.

— Onde você está? — Sua voz está um pouco acima de um sussurro, e eu o imagino saindo pelo corredor, óculos postos, classe atrás dele pela porta aberta.

— Eu vou te buscar.

— Você não está *ensinando*?

— Apenas fazendo uma pré-avaliação. Smith pode assumir. Substituímos as seções um do outro o tempo todo.

— De jeito nenhum, Quinn. Além disso, meu irmão está a caminho. Vou pedir para ele me deixar no campus.

— Então me mande uma mensagem quando chegar aqui.

— Você quer que eu mande uma mensagem? Sem fotos chatas desta vez?

— Hmmm. — O zumbido de sua voz quase faz meu coração bater para fora da minha caixa torácica. — Eu fico com os dois.

— Isso é um pouco egoísta.

— Com certeza.

Olho para cima e vejo o SUV preto-e-branco de Shin parar no meio-fio, e meu sorriso cai.

— Shin está aqui, — eu digo.

— Lembre-se de ligar.

Como eu poderia esquecer? É como se ele não tivesse ideia do que faz comigo. O quanto ele está na minha cabeça.

— Não deixarei. — Desliguei porque Shin já estava caminhando até a porta do lado do motorista, e enfiei meu telefone no bolso de trás.

— Quem era? — Shin sempre parece maior em seu uniforme, camisa azul estufada para fora de seu colete à prova de balas. Ele apoia óculos de sol na cabeça enquanto me avalia.

Dou de ombros. — Ninguém.

É uma mentira tão grande que me surpreende que um ser celestial não me atinja com um raio aqui.

— O que você ainda tá fazendo aqui? — Shin pergunta, olhando para o meu capô aberto. — Problemas com o carro? Deixe-me ver.

Ele faz, me pedindo para ligá-lo como ele paira sobre o motor. Depois de alguns minutos, ele bate no capô. — Não tenho certeza de qual é o problema. Vamos rebocá-lo. Isso tem lhe causado problemas?

— Não mais que o habitual.

Ele fala em seu rádio, pedindo um reboque enquanto caminha de volta para sua SUV e abre a porta dos fundos. Kima salta e espera por suas ordens. Quando ele aponta para a grama desgrenhada, ela corre e se agacha.

— O reboque estará aqui em uma hora, — diz ele quando receber a chamada de volta. — Como ela está?

— Ela parece bem, mas não tenho ideia do que ela tomou. — Eu pego o frasco da pílula e entrego para ele.

Ele torce a tampa e espreita, sacudindo as pílulas. — Parece um pouco com a Molly que tem andado por aí ultimamente.

— Merda.

— Sim.

— Esse cara novo... — Eu respiro fundo. — Merda parece que está prestes a ficar ruim.

— *Prestes* a ficar ruim? — Ele embolsa o frasco de comprimidos e cruza os braços sobre o peito. — Acho que chegamos, irmão. Estamos lá há muito tempo.

— A LINHA DE COMBUSTÍVEL ESTAVA DOBRADA. — Duas horas depois, o mecânico apoia os antebraços pesados na mesa entre nós. — Torção dura.

Eu quase rio da tortura, mas consigo fingir que sou adulta. — E o que isso quer dizer?

Ele encolhe os ombros. — Não tenho certeza. Mas se fosse o meu carro, eu me perguntaria quem estava embaixo dele.

Eu congelo. — Você quer dizer *que alguém fez* isso?

Outro encolher de ombros. — Você poderia ter batido em algo, eu acho. Mas foi uma torção estranha.

Uma torção estranha.

Isso não é *muito melhor do que torção*, mas minha mente está indo em outras direções agora. A imagem de Fender rosnando para mim antes de caminhar pelo corredor passa pela minha cabeça.

Embora que tipo de homem iria recorrer para desativar um carro? Isso é algo que um adolescente irritado faria. Não um homem adulto com um punho quase tão grande quanto o meu rosto.

A menos que ele só esteja tentando me ferrar?

Suspiro. Descobrir por que ele faria essa merda não resolve o problema na minha frente agora. — Quanto custa consertar isso?

— Cerca de quatrocentos, mas não posso conseguir o papel aqui até amanhã. Você terá de sair.

Eu termino de lidar com o mecânico e saio da loja, olhando para o sol que se senta no meio-dia no céu. Meu telefone está cheio de mensagens. Shin dizendo que mamãe tirou um cochilo e não há nada que possamos fazer por ela agora, Dex perguntando se eu vou à reunião de arrecadação de fundos mais tarde, e Kepler com uma foto.

É do seu bloco legal sentado numa mesa de madeira de bétula. Equações complexas preenchem o papel amarelo, e presumo que estejam relacionadas com a dissertação dele. Um candeeiro de mesa verde fica do outro lado da moldura. Ele está na biblioteca.

Local de revelações alucinantes e primeiros beijos. E também um lembrete de que eu ainda não fiz aqueles exames de professor para Vain.

Eu estava completamente desviado.

Eu aliso o polegar sobre a foto, como se pudesse tocá-lo pelo telefone. Tem uma mensagem anexada também.

Ligue-me se eu puder ajudar.

10

— Cristo. — Estou do lado de fora da loja do mecânico, olhando para o jipe que acabou de chegar ao meu lado.

Um Jeep cinza-metal. Mas não o sujo que Kepler costumava dirigir quando éramos mais jovens.

Esse é nova. Um Wrangler de quatro portas com um kit de elevação, assentos de neoprene laranja e portas de bar.

Este jipe tem que custar tanto quanto a minha educação. Não só um semestre. *Todos os* meus cinco anos de aulas.

E Kepler está sentado calmamente no banco do motorista.

As sobrancelhas dele sobem quando não me mexo. Minhas mãos estão enfiadas no fundo dos bolsos, a mochila pendurada por cima de um ombro.

— Ainda quer aquela carona? — Ele estende a mão para um braço longo e destranca a porta do passageiro.

— Sim. — Eu fico parado lá, a língua pesada na boca, meu estômago apertando em torno de um nó duro. — Isso é seu?

Ele balança a cabeça lentamente. — Sim.

Eu olho em volta. Nem sei o que estou procurando ou o que estou pensando. Algum indício de que esta é uma realidade alternativa? Mas tudo o que está lá é o estacionamento manchado de óleo, chaves batendo em algum lugar atrás de mim, e meu carro de merda velho com seus adesivos desbotados estacionado na garagem aberta.

Engulo em seco e puxo a porta pelo resto do caminho e me puxo para o assento. Enfio minha mochila aos meus pés, aquele cheiro quente e picante dele me atingindo com força total. Meu pau responde. O calor vibra pela minha espinha e as pulsações estão baixas. Mas pela primeira vez, minha mente está em outro lugar.

— Algum problema? — ele pergunta baixinho. Ele não se afasta, apenas se senta ali, bem na frente da garagem, sem verificar seus espelhos ou se concentrar em qualquer outra coisa. Ele olha para mim, como se não houvesse mais nada no mundo.

Eu nem sei o que dizer.

Essa atenção total dele me hipnotiza de uma maneira que nada mais pode.

— Não tem nada errado. — Pego o cinto de segurança e o fecho.

Ele descansa um pulso no volante, mudando ligeiramente de modo que ele esteja de frente para mim. Pernas alguns centímetros abertas, olhos cinzentos. — Então por que você parece que acabou de comer uma lâmina de barbear?

Ele tem razão. Minha mandíbula está muito tensa.

— Eu não sei, — admito, mas não tenho certeza se isso é realmente verdade.

Não é que eu não me importo. É mais que eu não sei como colocá-lo em palavras.

Desde que o conheço, ainda estou tão perdido quando se trata de certas coisas sobre Kepler Quinn. Não são apenas os pensamentos mistificadores em sua cabeça. São os fatos básicos: onde ele mora, com quem mora, o que come de manhã e o que faz à noite. E tudo o que este jipe faz é apresentar mais perguntas.

— Como está o seu carro? — pergunta ele.

— Se consertando. Podemos apenas dirigir? — Eu aceno com a cabeça em direção à estrada. — Eu preciso me atualizar com todas as merdas que perdi esta tarde.

— Entendido. — Mas ele me estuda por mais um momento antes de finalmente sair do estacionamento.

Dirigimos em silêncio. O vento filtra pelos lados abertos, o som fraco da música rock ecoa pelos alto-falantes, e há uma sensação no meu peito como se algo estivesse prestes a desmoronar. É só quando chegamos ao campus e ele estaciona que eu finalmente me viro para ele.

— Obrigado, — eu digo, minha voz áspera. Há linhas de preocupação na testa dele, mas fora isso, ele ainda está bem. Seu pulso está apoiado no volante novamente, e a pulseira de faixa de couro fica reta para cima. Seus lábios se

separam, e de repente estou olhando para aquela marca que me excita por alguma razão insondável.

Me fode. Esses lábios finos.

Por minha conta.

Não. Pensar nisso agora.

Pego minha mochila, destranco o cinto de segurança e deslizo para fora.

— Jin, — diz ele. Há um toque de urgência no meu nome, algo que raramente ouço dele. Isso me impede de sentir frio.

Eu puxo minha mochila sobre os dois ombros, agarrando com força uma alça.

Ele me excita. — Eu te dou uma carona para casa mais tarde.

— Dex pode me pegar. — Eu mudo meu peso de um lado para o outro.

— Tenho certeza de que ele pode. — Ele pega sua bolsa de mensageiro no banco de trás. — Minha oferta ainda está de pé. Passe no meu escritório horas depois. — Ele está usando uma camisa azul clara hoje, e um post-it amarelo fica meio fora do bolso. Números são rabiscados em todo o lápis.

Tem sempre alguma coisa no bolso dele. um lápis. Óculos. Um post-it.

Ele segue meu olhar até ele e depois puxa-o para fora, vira-o, apertando-o entre dois dedos longos.

— Eu estava trabalhando nisso quando você ligou. — Sua testa se enrugou.
— É o segredo para o futuro do nosso universo.

Eu solto uma risada, apesar de mim mesmo. — Você escreveu o segredo para o futuro do nosso universo em um post-it?

— Você consegue pensar em um lugar melhor?

— Na verdade, não. — Eu inclino meu queixo em direção a ele. — O que é?

Ele inclina a cabeça. — São apenas algumas equações de Euler-Lagrange.

Fico confuso. — Eu sei disso. A distância mais curta entre dois pontos é uma linha.

Seus olhos se iluminam. — E isso é uma previsão, certo? Toda equação na física é uma tentativa de prever o futuro. Fica bastante abstrato, mas se você pegar essa equação e expandi-la, ela permite que você preveja como os sistemas do nosso universo evoluem ao longo do tempo. — Ele respira fundo. — Não que funcione. Sistemas complexos são muito difíceis de prever. Mas, às vezes, o exercício de explorar o que *poderia* acontecer nos leva a um novo lugar. — Ele faz uma pausa.
— Como você aparecer no final do meu horário de expediente para que eu possa te dar uma carona para casa.

— Isso é uma previsão?

— Não. — Ele balança a cabeça lentamente. — Apenas uma exploração do que eu espero.

EU ANDO pelo corredor silencioso do prédio de física. O azulejo branco usado reveste o corredor e um aroma granular branqueado permanece. Está quase escuro, campus quase vazio, e muito depois do horário de expediente do Kepler. Não sei se espero que ele ainda esteja aqui, mas ele não mandou mensagem para dizer que está indo embora, e não sei o que mandar, então subi as escadas até os escritórios da AT.

Meus pensamentos não estão se acalmando. Não ao longo do meu tempo para recuperar o atraso com as aulas e começar alguns ensaios na biblioteca. Não enquanto pesquisava ‘vivendo com um viciado’ e olhava fixamente para todas as merdas que surgiam, minha garganta se fechando até sair do navegador. Não posso lidar com a internet. Já sei que mais da metade das histórias terminará com um funeral. Eu só não posso lidar com isso agora.

E meus pensamentos sobre aquele maldito jipe definitivamente não estão esclarecendo quando me aproximo da porta do outro lado do corredor.

Então por que estou aqui? Por que não mandei uma mensagem para o Dex?

Você sabe a resposta para isso, J.

Meu estômago aperta cada vez mais forte a cada passo, como uma estrela desabando em si mesma, a gravidade esmagando, o calor borbulhando.

Fico assustado quando bato na porta e ouço a voz baixa dele me dizer para entrar. Entro em um escritório pequeno e quase vazio para encontrar Kepler sentado atrás de uma mesa de carvalho, uma perna dobrada para que seu calcanhar repouse no assento, sua canela pressionando a borda da mesa. O bloco repousa em sua coxa e ele olha para mim, lápis na mão, óculos de armação preta.

— Você veio! — Uma luz passa por seus olhos, mas escurece quando fecho a porta atrás de mim.

— Por que não me contou? — O calor queima no meu peito, e minha voz é alta na sala minúscula que é quase toda de madeira com uma janela velha mantida aberta por um livro de física chutado para cima em sua extremidade.

— Você está falando sobre o jipe. — Ele joga seu bloco na mesa.

Coloquei meus pés. — Sim.

— Por que? É apenas um jipe.

— Não, você sabe que não é assim. — Eu moo as palavras. A respiração nos meus pulmões parece pressionar tanto contra o meu peito que parece entupida.

— Ok, — ele diz em tom duro. Ele empurra a cadeira para trás e deixa cair o pé no chão antes de se levantar. Ele dá passos lentos ao redor da mesa. Seus braços

cruzam sobre o peito enquanto ele se inclina para trás na borda da frente, de frente para mim.

Estou a um metro de distância dele, a mão agarrada ao redor da alça da minha mochila, os pés alinhados com os ombros, os dedos tremendo tanto que tenho certeza de que ele pode ver. Mas, desta vez, não me importo.

— Então o que é? — pergunta baixo. — Se não for um jipe?

— É uma prova. Prova de que não te conheço. *De jeito nenhum.* — Eu tento estabilizar minha respiração. — Como você tem dinheiro para isso, Kepler?

Seus dentes roçam seu lábio inferior. — Dinheiro é o problema?

— Não, — eu estalo. Balancei a cabeça, larguei a mochila na cadeira ao meu lado, depois esfreguei a mão no rosto e soprei um suspiro frustrado. — É só dinheiro. É que... — Balancei a cabeça novamente, tentando me concentrar nas palavras que estavam girando em torno do meu cérebro desde que ele parou naquele jipe. — Eu não *sei*, porra nenhuma. Você esteve na minha casa. Você sabe como foi com minha mãe. Como ainda é. Você foi ao meu apartamento e viu meu carro de merda. E eu não sei nada sobre você. Então, não, não é sobre dinheiro. É sobre você não me deixar entrar em nada que seja sobre você. Aquele jipe hoje? Foi uma maldita surpresa, e depois de quinze anos, não deveria ter sido.

Ele acena com a cabeça, mas não há um pinga de emoção em seu rosto.

E isso mexe ainda mais com a minha cabeça.

Ele está nervoso? Irritado? Entediado?

— Eu deixo você entrar nas coisas, — ele diz calmamente, mas com firmeza.

— Mandei uma mensagem para você com 56 fotos. Eu também te levei para o salgueiro.

Respiro fundo. — A árvore era tão importante para você?

— Eu nunca levei ninguém lá antes. — Ele se inclina para trás mais longe, cruzando os tornozelos, as pernas longas e inclinadas. E meu pau estúpido se contorce contra meu zíper estúpido, atirando pequenas faíscas no meu estômago estúpido.

Tem muita coisa acontecendo na minha cabeça. Frustração. Desejo. Tudo se transforma em uma nuvem de confusão.

— Por que você não me disse que o salgueiro era tão importante para você?

— Cavei as mãos no cabelo, aperto no peito, pulsação batendo.

— Isso foi antes mesmo de nos beijarmos, — diz ele uniformemente. — Eu não sabia se você se importaria que fosse importante para mim.

— Claro que me importo, — eu atiro nele. — Eu me importo há quinze anos, Kepler. E depois de todo esse tempo, eu nem sei onde você mora. Não tenho ideia sobre seus pais ou onde você mora ou *qualquer coisa*. É como se você tivesse sido conjurado pela luz das estrelas.

Seus olhos escurecem até ficar cinza derretido. — Por que importa como são as paredes ao meu redor? Que tipo de veículo eu dirijo? Tudo isso é material. Apenas embalagens que não...

— *Porque eu preciso que isso signifique algo.* — Eu digo de volta, calorosamente, as palavras ecoando na pequena sala.

E, foda-se.

E se não for para ele?

E se for só um beijo estúpido e lamentável com o irmão mais novo do amigo dele?

E se eu for um completo idiota?

E essa é a verdade. Bem ali. Não é que eu não saiba onde ele mora – embora eu também queira saber isso – ou que me importo com o que ele dirige. E *vejo* que ele está tentando. Que ele está me mandando uma mensagem. Ele me disse que queria me beijar na biblioteca, pelo amor de Deus. Mas eu não posso nem começar a adivinhar o que realmente está acontecendo entre nós, e isso me assusta muito.

E se isso significar mais para mim do que para ele?

O calor sobe atrás dos meus olhos, e me irrita que ele esteja vendo. Que ele está testemunhando todo o excesso de emoção humana devastando através de mim quando ele está parado lá, silencioso e composto, como se nada disso o tocasse.

Talvez não tenha.

Talvez tenha sido um grande erro.

— Apenas... me avise se você acha que isso pode significar alguma coisa. —

Pego a alça na minha mochila, puxando-a da cadeira e quase derrubando-a.

Eu me viro para a porta, mas sou puxado para trás.

Quando olho por cima do ombro, Kepler está segurando a outra alça. Eu paro, olhando para a mão dele ali, a alça da mochila é um laço entre nós. Minha respiração está entrando, minha garganta fechando.

Ele dá um passo mais perto de mim, ainda aparentemente tão composto. — Eu não mostro tudo na minha vida porque a maior parte não é algo de que me orgulho.

— Do que você não se orgulharia? — Estou completamente perdido. Ele é um estudante de doutorado com uma posição de assistente. Ele é ridiculamente inteligente, sexy pra caramba, faz meu cérebro funcionar toda vez que o vejo, e ele tem um nível de controle que eu nunca poderia ter. — Se alguém tem uma vida da qual não deveria se orgulhar, sou eu.

Sua mandíbula aperta. — Não. Você passou sua vida tentando manter sua família unida. — Um lampejo de emoção passa por seus olhos. Apenas uma pequena dica, mas estou começando a perceber o quanto vive naqueles pequenos lampejos. Quanta profundidade ele carrega em cada pequena tensão de sua mandíbula ou ligeira separação de seus lábios. — Você está cercado por tanta coisa.

As pessoas são atraídas por você porque você tem tanta vida. Eu não tenho. As coisas estão... vazias. *Eu estou* vazio. Eu não quero ver isso.

— Vazio? — Minha boca se abre. — Eu nunca pensei em você como vazio, Kepler. Nunca na minha vida tive um vislumbre desse pensamento.

Ele balança a cabeça, emitindo uma risada ofegante com muito sarcasmo escondido nela. — Você também não acha que eu sou desagradável, o que eu sei que é verdade. Talvez você não seja o melhor juiz quando se trata de mim.

— Talvez não, Quinn. Mas tenho que te dizer, gosto de tudo o que vejo.

Seus ombros enrijecem. — Tudo?

— Tudo. — Acabei de colocar a verdade lá fora, boa ideia ou não. — E está *cheio*, não vazio. Não há nada que você possa me mostrar que me faria pensar menos de você.

Ele claramente não tem ideia do quanto eu penso nele.

Ele passa a língua pelo lábio inferior mais fino. — Estou tentando deixar você entrar. Enviar essas fotos... é novo para mim.

— Você parece tão calmo sobre isso.

— Não estou. — Ele se inclina para frente, uma palma pressionando seu peito. — Eu não estou calmo. Nadinha. E eu prometo a você, *isso significa algo para mim*.

De pé ali na minha frente, ele fica em grande alívio, como sempre faz. O escritório ao nosso redor se desvanece no esquecimento opaco, e meus olhos se lançam em seu lábio inferior, ligeiramente brilhante de sua língua.

— Beije-me, — murmuro. As palavras escapam, assim como fizeram na biblioteca, mas não consigo nem duvidar delas enquanto ele se aproxima de mim, medido, controlado, e então ele mergulha a cabeça, os lábios encontrando os meus. Nossas bocas se abrem lentamente, e ele estende a mão, segura a parte de trás da minha cabeça e me puxa contra ele, em um beijo que é quase doloroso em sua gravidade. Minha mochila bate no chão enquanto agarro aquela camiseta macia, meus dedos se torcendo nela, nós dois arremessando um contra o outro.

Talvez eu ainda lute para ler os pensamentos de Kepler no rosto dele, mas assim que a língua dele roça a minha, eu o *sinto*. Lavando sobre mim, sua necessidade, a palma de sua mão na nuca. É o *jeito* que ele me beija. Com a mesma intensidade que ele tem quando me estuda. Cem por cento, porra.

Como se ele estivesse pensando muito. Como eu gosto. A suavidade dos nossos lábios. Os sons que eu faço. O calor da nossa pele.

Nós tropeçamos. A cadeira rasteja pelo chão de madeira enquanto minha bunda esbarra nela. Seu peito é inflexível contra o meu. É firme, musculoso. Uma pressão dura que me faz engasgar em um gemido.

Ele é tão masculino, e é sexy pra caralho. A borda áspera de sua mandíbula raspa minha palma, e a força pura dele me empurra para trás. Sua língua exige a entrada pelos meus lábios.

Tudo de mim puxa em direção a ele, dos lábios às mãos, dos quadris aos joelhos. Todos eles avançam, minha pélvis se movendo com a lembrança de ter seu pau pressionado contra o meu.

Não devíamos estar fazendo isso aqui.

O pensamento ecoa em minha mente enquanto eu emito um meio gemido, meio grunhido contra seus lábios. Estamos ofegantes, o beijo mudando para desesperado, meus dedos segurando sua camisa. Ele geme quando eu puxo com força a bainha da camiseta, chutando sua pélvis para frente.

— *Sim... isso.* — Eu gemo palavras carentes em sua boca, soltando sua camisa para que eu possa inclinar meu pau mais perto dele.

— Porra, — ele murmura, mordendo meu lábio inferior levemente e voltando apenas o suficiente para me passar por cima do jeans. Imploro uma maldição por mais e ele puxa meu botão, abrindo-o enquanto beija meu queixo e a inclinação da minha mandíbula, sua língua contra os tendões do meu pescoço. Eu suspiro quando meu zíper é puxado para baixo, e sua palma quente cobre minha cueca boxer.

— Cristo, — eu mordo enquanto ele me segura com uma firmeza que faz meus olhos revirarem de volta na minha cabeça. Estou listando ao contrário, quase incapaz de ficar de pé, joelhos dobrando, pensamentos girando.

Isso é verdade mesmo? É uma fantasia?

Eu realmente espero que seja real.

— Coloque as mãos sobre a mesa. — A certeza em sua voz vai direto para as minhas bolas.

Isso tem que ser uma fantasia. É bom demais para ser qualquer outra coisa. Tenho certeza disso enquanto ele pega minhas mãos e as coloca atrás dele – em ambos os lados de suas coxas – planas no topo da mesa.

Estou curvado para alcançá-lo, desajeitado com meu jeans aberto em torno de meus quadris. Meu pau está dolorosamente duro e tentando saltar da minha cueca boxer branca.

Aqui no escritório dele. Nós não deveríamos estar aqui, mas agora, eu não dou a mínima.

Porque é Kepler Quinn. E isso supera tudo.

Ele segura meu pau novamente, e é tudo o que posso fazer para sufocar meu gemido enquanto ele desliza a palma da mão em um golpe tortuosamente lento por todo o meu comprimento, raspando o tecido da minha cueca boxer contra

meu eixo e fazendo minha cabeça girar. Então ele se abaixa – sem fôlego e sem pressa – até os joelhos.

Ele olha para mim, o calor enchendo seus olhos cinzas esfumados enquanto puxa o elástico sobre meu pau, e eu salto quase comicamente entre nós, mas não estou rindo enquanto ele me dá uma bombada.

— Perfeição, — diz ele calmamente. Ele ainda está, sem acariciar, sem se mover. Sua respiração aquece a cabeça do meu pênis, sua mandíbula inclinada aperta enquanto ele olha para mim. Ele está imóvel, exceto pela expansão lenta de seu peito coberto de algodão e o aperto quase imperceptível de seu punho em volta do meu pau.

Real ou fantasia?

Talvez sejam os dois.

Estou tão excitado que meus dedos estão tremendo contra a mesa, meus joelhos vacilando, meu abdômen apertando com as cristas duras enquanto eu olho para baixo, completamente hipnotizado por todos os seus movimentos enquanto ele rola o polegar sobre minha coroa, já brilhante com pré-sêmen.

Seus olhos traçam sobre mim, seu polegar massageando minha fenda. — Você parece ainda mais sexy quando estou de joelhos.

— Cristo, Quinn, — eu sibilo, meus quadris avançando. Meus pulsos estão ficando brancos devido ao meu peso pressionando a mesa para me manter de pé.

Há algo tão sexy no jeito que ele fica à vontade com meu pau. Nunca ninguém massageou a minha fenda.

— Por favor... — Sigo em frente, sem saber como terminar.

Sua testa se levanta, uma pitada de provocação no leve aumento de seu lábio. — Por favor o que?

— Eu não sei, — eu gemo. Meu pau se contorce tanto que dói. — Como quiser.

— Você pode ficar quieto? — Sua voz está perto de um sussurro e muito, muito mais silenciosa do que o gemido que eu soltaria.

— Eu não sei. — Minhas narinas se dilatam quando ele se inclina para frente, seus lábios se fechando em torno do polegar e da ponta do meu pau.

Minha boca se abre e é tudo o que posso fazer apenas para murmurar: —
Não.

Ele se afasta, os olhos se abrem, um lampejo de surpresa neles.

Balanço a cabeça. Tentando formar frases completas é mais desafiador a cada segundo. — Quero dizer, *não*, não consigo ficar quieto. Mas, *sim*, faça isso de novo. Agora. *Por favor!*

Um canto de seus lábios se levanta ainda mais, e sua de respiração sobre minha ereção impaciente.

— Kepler, por favor, apenas...

Em um movimento suave, ele me envolve, e eu soltei uma série de *merdas* silenciosas, apenas parando com uma mordida dura na língua. Um gosto acobreado enche minha boca, e meus músculos espasmam enquanto luto para parar de me enterrar tão profundamente em sua boca que nenhum de nós consegue respirar. Enfio as palmas das mãos com força contra a mesa e respiro com os dentes cerrados.

— Diga-me que isso é real, — eu mordo enquanto suas bochechas se esvaziam, me puxando mais fundo. Ele faz devagar. Tão deliberadamente quanto quando ele se ajoelhou, tão controlado como sempre, puxando-o para fora, persistente e prolongado, e quando eu arremesso minha pélvis para frente, ele me puxa ainda mais.

Foda-se.

Eu tenho algum pensamento nebuloso sobre nunca ter feito isso com um homem antes, mas ele desaparece completamente quando sua garganta contrai em torno da coroa do meu pau, e eu *grito*. Ele encosta nos meus lábios antes que eu possa me conter, cortado pela metade quando percebo o que fiz.

Nós congelamos. Meu pau está latejando na boca do Kepler, minha respiração está presa.

Uma porta se abre no corredor. Os passos ecoam. Sapatos clicam no azulejo, como saltos femininos, ficando mais altos à medida que se aproximam.

Kepler se afasta e o ar frio envia um arrepio pelo meu eixo e para o meu abdômen.

— Não se mexa, — ele fala.

Os sapatos se aproximam da porta. Eles são *barulhentos*. E eles não são nem metade do que o meu grito foi.

Meu coração dispara na minha garganta. Os passos param. Um baixo rap ecoa da porta.

Foda-se, foda-se, *foda-se*. Estamos imóveis, olhando de olhos arregalados para a porta. *Tá trancada?*

Outra pausa e, em seguida, os passos ecoam de volta pelo corredor. Uma porta distante se fecha.

— Merda, — murmuro, finalmente soltando um suspiro.

Kepler fica de pé agudamente e estende a mão ao meu redor, o antebraço rolando enquanto clica na fechadura.

Meus olhos saem correndo.

— Porra, cara, — eu assobio enquanto enfio meu pau no meu jeans, fazendo uma careta, já que estou dolorosamente duro. E eu estou molhado da boca dele e agarrado na minha cueca boxer. *Quero estar na boca dele de novo*. Eu gemo. Puxa, isso é tão complicado. — Você não pensou em trancar a porta *antes de* me engolir?

— Eu não pensei que iríamos tão longe, — diz ele uniformemente. — O que você está fazendo?

— Uh... — Estou tão inchado que mal consigo abrir o zíper. — Colocando meu pau de lado?

— E se você não fizer isso? — Kepler estende a mão para trás e belisca uma pilha de post-its da mesa. — Abra a boca.

Eu pisco para ele, jeans meio fechados, pau se contorcendo com excitação desprotegida. Não dá a mínima que quase fomos pegos. — Do que está falando?

— Abra a boca.

Put a merda. — Ainda estamos fazendo isso?

— A porta está trancada, — diz ele. — Ninguém vai entrar.

— Você é uma má influência. — Eu fico aí mais um momento. Esta é uma má decisão.

Então por que não parece uma má decisão?

Porque é uma fantasia. E se eu não fizer isso, vou me arrepender.

Arrasto a respiração e abro a boca.

Ele descansa a pilha de post-its no meu lábio inferior. — Agora perto.

Meu estômago vibra de tensão. O papel seca minha língua quando prendo meus lábios em torno dele.

— Não deixe cair, — ele ordena.

Porra, está quente. Sua confiança constante é como um raio batendo na minha espinha.

Eu aceno com a cabeça, os lábios apertados nos post-its, enquanto ele estende a mão e lentamente arrasta meu zíper de volta para baixo, e antes que eu possa registrar completamente o que ele está fazendo, ele me dá um aperto e dá dois golpes com aquela perfeição medida e deliberada, e então ele está de joelhos. Ele chupa a cabeça do meu pau e faz uma pausa, me deixando ser o único a empurrar sua boca desta vez, enterrando meu pau tão fundo que meus olhos reviram de volta na minha cabeça.

Eu gemo ao redor dos post-its, mantendo o som suave, saboreando a maneira como sua língua circunda minha coroa enquanto ele me chupa. Minha pélvis avança ansiosamente, tentando foder com mais força, e estou tão perdido que não sei que sons estou fazendo – até que as pontas dos dedos dele roçam minhas bolas, e eu estou murmurando maldições. Então a palma da mão quente dele segura meu saco, e todo o inferno se solta.

Nunca alguém fez isso antes. Sua mão me *estimula*, criando uma sensibilidade que multiplica sua boca no meu pau por mil, e eu enfio tão fundo que tenho certeza de que poderia sufocá-lo.

Ele se afasta, lábios finos inchados, não parecendo surpreso com meu empurrão urgente na parte de trás de sua garganta. — Gosta disso?

Não posso falar com os post-its na boca. Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça e olhar para ele enquanto ele me segura, rolando minhas bolas nos dedos, áspero seus movimentos um toque. Parecendo me testar – pressionando para ver meus limites.

Não faço ideia de onde estão meus limites.

Considerando que estou segurando uma mesa, uma pilha de post-its na boca, pela primeira vez com um cara, e sendo sugado no escritório do meu assistente enquanto ele acaricia minhas bolas, não tenho certeza se tenho limites.

Pelo menos nenhum que vai vir rugindo para a superfície agora como ele me leva tão rápido que *eu* quase amordoço. Tudo gira quando seus dedos se movem sob minhas bolas, e então eu estou apertando meus dentes no papel enquanto ele empurra minha calça jeans ainda mais para baixo para que ele possa alisar um dedo ao longo das bochechas da minha bunda.

Eu *atingo*, meus quadris batendo. Ele pressiona os dedos com mais firmeza sob minhas bolas, sensações cantarolando nas minhas coxas e até o meu umbigo.

Tudo desaparece. Escritório. A necessidade de ficar quieto. Tudo, menos ele.

Eu cuspi a pilha de post-its e ela bateu na mesa.

— *Kepler*. — Não consigo tirar o nome dele dos meus lábios. Ou meus lábios dos dele. Tiro a mão da mesa para enrolá-la em seu cabelo e puxar a cabeça para trás, então meus lábios encontram a dele em um beijo bagunçado e de cabeça para

baixo. A boca dele está quente e molhada do meu pau, a minha seca por me prender naquela pilha de post-its, e eu deslizo minha língua grosseiramente contra a dele. Meu aperto em seus cabelos curtos, e um ruído profundo sai de sua boca, vibrando contra minha língua.

Ele não se levanta de joelhos, e assim que eu quebro o beijo, ele puxa meu pau para a boca novamente, parecendo saber exatamente o que eu quero. E eu não acho que é só porque ele é um cara. Há algo mais em jogo aqui – algum tipo de conexão que vai além de apenas um escritório ou um bj¹¹.

Algo que vai além da fantasia.

Minha outra mão sai da mesa e meus dedos passam por seu cabelo enquanto ele me suga, meus quadris se movendo para frente e o pau deslizando tão fundo que minha visão fica branca, minha boca se abrindo, o abdômen apertando, cada parte de mim focado no homem abaixo de mim enquanto ele me separa, estabelecendo um ritmo que me impulsiona mais rápido e ameaça me quebrar com cada impulso sem fundo.

Minha liberação se acumula, aumentada por seus dedos ao longo da minha rachadura, segurando minhas bolas e aquele olhar cinza em mim quando olho para baixo.

¹¹ Blowjob. Boquete.

Seus olhos são *reverentes*. Ele é a coisa mais sexy que eu já vi. Sua mandíbula angulada está aberta para me levar. Seu olhar fervilha com um tipo de calor indescritível.

— Porra, — eu ralo enquanto seus músculos da garganta se contraem em torno da cabeça do meu pênis.

Eu diminuo meus golpes enquanto aumento o ritmo, o calor correndo de sua palma em minhas bolas até minhas coxas e até minha bunda, onde um choque de nervos de repente ganha vida.

Ele está tocando em mim. Dedos pressionando meu buraco. Eu só tenho um piscar para registrá-lo antes de me perder. Fodendo sua boca tão rápido e duro que não há como segurar.

— *Estou perto.* — Antes mesmo de dizer as palavras, estou entrando em golpes profundos e trêmulos com tanta força que meus joelhos se dobram e eu me inclino para frente. Suas mãos se levantaram para me segurar acima dele, plantadas contra meu esterno enquanto eu soltava respirações irregulares.

Antes mesmo de eu ter uma base sólida, ele está me beijando de novo. Eu gemo não apenas pelo gosto de mim mesmo, mas pela lisura do meu esperma enquanto ele desliza para a minha boca.

Cristo. Ele ainda não me engoliu todo. Parece tão sujo, e me deixa *em chamas*. Ele deve sentir isso porque ele aprofunda o beijo, e eu estou tocando a

bainha inferior da camisa dele enquanto ele se levanta, me apoiando contra a porta – aquela que realmente não deveríamos enfrentar. Meus jeans estão abaixados em volta dos meus joelhos, e todo o peso dele me empurra contra a madeira. Meus dedos se agarram em seu cabelo enquanto ele beija a vida de mim.

Não sei por quanto tempo nos beijamos. Até que nossos lábios estejam crus, até que tenhamos que respirar, até que fique ainda mais escuro do lado de fora da janela, as luzes altas da rua clicando e cortando o painel. Até eu acreditar que isso realmente está acontecendo. Que não está tudo na minha cabeça. Que *há* algo diferente aqui. A percepção vem em uma fração de segundo – quando estamos com os lábios fechados e a mão dele encontra a minha, nossos dedos amarrados sem esforço. *Kepler Quinn está segurando minha mão.*

É quando eu sei que é realmente além da fantasia.

É *real* pra caralho.

Pelo menos pra mim.

11

O CAMPUS ESTÁ escuro quando saímos do escritório do Kepler. Caminhamos lado a lado pela calçada larga que corre ao longo do pátio. Há um silêncio entre nós, com as mãos nos bolsos, e eu estou tentando o meu melhor para não deixar meus olhos demorarem nele.

Aja com calma, J.

E não é como se tivesse gozado na boca do seu assistente.

Felizmente, porque tenho certeza que sou uma merda fingindo ser normal, quase não há ninguém por perto. As poucas pessoas que passam correndo de bicicleta ou se apressam entre os edifícios parecem mais presas em seus próprios pensamentos do que qualquer outra coisa.

Kepler acena com a cabeça em direção ao estacionamento da faculdade. — Eu te dou uma carona para casa.

Claro, ele tem uma vaga no estacionamento da faculdade.

Eu mastigo meu lábio inferior enquanto entramos no lote permitido. Até as vagas de estacionamento são maiores aqui.

Seu jipe fica sozinho do outro lado, profundamente sombreado ao longo de uma linha de abeto azul.

— Você quer dirigir? — Kepler tira a bolsa de mensageiro do ombro.

— Isso é brincadeira, não? — Eu zombo dele, mas ele balança a cabeça.

— Não. Dirija. — Ele tira uma chave, aperta um botão que destranca o jipe, e o motor liga quando ainda estamos a alguns passos de distância. Ele se dirige para o lado do passageiro.

Não consigo conter meu sorriso enquanto abro a porta e entro no banco do motorista. — Você quer me dar novas experiências esta noite, não é?

Suas sobrancelhas se erguem enquanto ele desliza ao meu lado. — Eu estou?

— Hum, sim. — Eu arrasto a respiração, olhando enquanto suas pernas se abrem ligeiramente, e nossos olhares brilham um para o outro, aparentemente nós dois alertados para nossa proximidade.

Meu pau ainda está quente da boca dele.

Cristo, este homem me faz ter pensamentos sujos.

E eu sei que já faz tempo suficiente para o meu pau voltar à temperatura normal, mas eu ainda ferver no pensamento, lembre-se de sua garganta se contraindo em torno do meu –

— Jin.

— Ah, é? Ah, certo. — *Ele não quer ouvir sobre o calor do seu pau. Foco, J.*

— Você é o primeiro cara que eu, uh, beijei.

Ele olha para mim com firmeza, nenhuma emoção externa além de um ligeiro aperto de sua mandíbula. — Sou?

— Não era completamente óbvio?

— De jeito nenhum. — Seus dentes passam por seu lábio inferior. Uma hesitação. Eu posso ter perdido isso antes, mas eu estou lentamente descobrindo aqueles tiques faciais minúsculos dele.

Fico confuso. — Aí é que está o problema?

— Não.

— Eu não acredito em você, Quinn. Parece que você tem mil pensamentos na cabeça.

— Eu sempre tenho mil pensamentos na minha cabeça. — Ele se vira totalmente para mim. — Mas eu prometo a você, não é um problema para *mim*.

— Então, você acha que é um problema para mim?

— Eu não sei. — Seu peito se expande com uma respiração. — É?

— Nah. — Eu clico no cinto de segurança e ajusto o espelho retrovisor, tentando focar no que estou fazendo fisicamente porque o pensamento de Kepler caindo em mim novamente está criando um espasmo cerebral completo. — Eu acho que sou definitivamente bi. É só que, lá atrás, quando você caiu em cima de mim, e eu não retribuí o favor...

— Não foi um favor. — Ele se inclina para mais perto, a respiração quente contra a minha bochecha. — E não é nenhum tipo de troca. Honestamente, eu nem pensei nisso. Eu estava basicamente pensando o quão perfeito era ter seu pau na minha boca.

PORRAAAA! Isso foi sexy. Quero ouvi-lo falar do meu pau de novo.

Eu engulo em seco. — Você tinha que notar que eu não caí em cima de você.

— Sim, eu notei. Mas eu não *pensei* nisso. — Seus dedos se apoiam levemente no meu joelho enquanto meu pé se acomoda no acelerador. Ele rastreia minha coxa e para a uma polegada da minha virilha, deixando um tremor de arrepios para trás. — Faça tudo o que você se sentir confortável.

Eu solto uma risada. — Provavelmente não devemos nos sentir confortáveis com nada disso, considerando esse adesivo de faculdade em seu para-brisa.

E Shin.

Meu estômago endurece, e eu olho pela janela dos fundos antes de voltar para fora do local, ciente de seu foco em mim enquanto manobro para a estrada estreita e de mão única que leva para fora do campus. Alguns flocos de neve pousam no para-brisa e ele vira o aquecedor no alto.

— O que fará neste fim de semana? — pergunta ele.

— Uh, eu tenho alguns ensaios para escrever e, provavelmente, tomar algumas bebidas com Dex. E prometi visitar *Halmeoni*.

O brilho laranja do traço ilumina o lado de seu rosto. — Ah, *Halmeoni*. A mulher que me fez não ter medo de comer tofu. E que me ensinou a esmagar o alho com um martelo.

Eu rio e me concentro na estrada. — Não se esqueça de limpar o aspirador na máquina de lavar louça.

Ele acena. — Não há outra mulher no planeta como ela.

Eu lambo meus lábios e me concentro na estrada. O jipe do Kepler dirige de forma estupidamente suave comparado ao meu carro de merda. Mas tenho certeza que ele é mais suave do que eu em todos os sentidos. Eu viro na College Avenue. O tráfego aqui é mais pesado do que no campus. — Eu pediria que você fosse, se as coisas fossem diferentes.

— E eu iria, — diz ele calmamente. — Posso te ver depois?

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia?

— Sim.

Uma risada passa pelos meus lábios. — Você sempre tem tanta certeza sobre as coisas?

— Geralmente. — Ele estica as pernas o máximo que pode, os joelhos tocando o porta-luvas. — Eu tendo a saber o que eu quero.

Eu seguro o volante. — Talvez devêssemos esperar, Quinn. Um semestre não é uma eternidade, e então nós... — Eu olho de lado para ele. Ele gostaria de esperar?

Kepler bate os dedos longos na minha coxa. — Como resposta a essa pergunta, eu gostaria de lhe dizer algo que ninguém mais sabe.

Isso chama toda a minha atenção. Dane-se o trânsito. — Nem mesmo Shin?

— Não, Shin não, — ele diz calmamente. — É sobre a Virgínia.

— Virgínia? — Eu pisco, tentando me concentrar na estrada quando tudo o que eu quero fazer é virar e tentar fazer uma leitura sobre ele. — O estado ou uma pessoa?

— O estado.

— O que há na Virgínia?

— Langley Research Center.

O ar suga meus pulmões. Nasa

— Eu me inscrevi para um cargo de pós-doutorado. Avaliando dados relacionados a tempestades geomagnéticas.

— Merda, é disso que se trata sua dissertação.

Suas sobrancelhas sobem. — Você se lembra.

— Claro que eu lembro. — Um sorriso se espalha pelo meu rosto. — Santo Cristo! Está falando sério?

— Eu ainda não tive uma resposta. — As linhas da testa. — Passei pela primeira rodada de entrevistas e tenho uma entrevista presencial no próximo mês. Embora Smith também, ambos estamos prontos para o trabalho. Eu não sei quão provável é que eu consiga o cargo, mas Lacher é meu conselheiro, e ela parece pensar que eu tenho uma chance.

— Isso é incrível. É isso que você quer fazer depois de se formar?

— Sim. — Suas pontas dos dedos batem um ritmo na minha coxa, atirando faíscas direto no meu pau. Eu sempre tenho que ser duro com ele? Ele não faz ideia do que faz comigo. — Eu teria que sair depois deste semestre, terminar minha dissertação enquanto estiver lá e depois voar de volta para defendê-la.

— Quanto tempo depois do semestre?

Imediatamente.

Muito cedo. Eu luto para processar o que ele acabou de me dizer – ele está saindo de Indigo Falls. Que se dane. Eu acendo o pisca-pisca e encosto, estacionando na frente do consultório de um optometrista sombrio.

Kepler continua focado em mim, não parecendo nem notar que paramos. Não quero esperar... Mal posso esperar. Será tarde demais.

Minhas mãos caem do volante quando me viro para encará-lo, meu cérebro em excesso. — E arriscamos sua posição potencial na NASA? Essa é uma escolha estúpida, Quinn.

— Não, você não é. — Ele se inclina para frente, apenas um centímetro porque aparentemente eu já fechei a maior parte da distância. Seus lábios roçam suavemente os meus. Não é como o beijo de antes. Ou o da biblioteca. É quente, e é persistente, e é tanto uma carícia como um beijo, e não muda para desesperado ou carente ou qualquer outra coisa. É só um beijo.

Um beijo como este vai mudar as coisas.

Quero que isso mude as coisas.

Mas eu o quebro, inclinando-me para trás apenas um centímetro, mas longe o suficiente para recuperar o fôlego. — Você está arriscando muito.

— Eu digo que a coisa não é por aí. — Ele passou a língua pelo lábio inferior. — Mantenha só entre nós. No mínimo, lembraremos de trancar a porta.

— É muito arriscado.

— Eu entendo o que você está dizendo. Todas as palavras. E você está certo. — Ele se aproxima. — Mas eu sou incapaz de me afastar disso agora. A verdadeira questão é... você pode?

Eu posso?

Eu abro a boca.

Eu penso em dizer *não*.

Como se sentiria.

Como seria o som.

De jeito nenhum eu poderia fugir disso.

Nunca.

— Mas por quê? — pergunto.

Os lábios de Kepler se contraem quando ele se inclina para trás em seu assento. — Eu não quero mentir para ele.

— Ótimo. — Ele não deveria querer mentir para ele. Mas então, a ideia de contar ao meu irmão faz meu estômago torcer de uma forma que inspira náuseas.

Ele respira fundo. — Mas dar uma chance a isso vale a pena para mim. Não consigo expressar o quanto.

Eu o encaro por um longo minuto. É assim que ele se sente? Ele está opaco como sempre. Mas acho que ele nunca mentiu para mim. E se realmente houver algo aqui, para nós dois?

— E se marcarmos um tempo? — Eu sugiro — Duas semanas? Não contamos a ninguém por duas semanas. E então apenas Shin.

No entanto, Shin também manterá esse segredo? Ainda temos que nos preocupar com o fato do Kepler ser meu assistente.

Esfrego a mão no rosto. É só que não sei.

Mas mais do que isso, e vai parecer que estamos escondendo merda do meu irmão.

Kepler respira fundo. — Duas semanas?

BATI EM UM PROBLEMA COM ‘DUAS SEMANAS’ assim que entrei na minha cozinha para encontrar Dex escondido sobre um fichário, com a testa alinhada, batendo com a caneta contra a bancada.

Não posso mentir para ele.

A sensação cresce quando ele olha para cima, os olhos fixos em mim. E não de um jeito bom.

— É melhor você ter uma desculpa. — Suas palavras são difíceis, os planos de seu rosto ainda mais difíceis.

O que eu esqueci? Merda, a reunião de arrecadação.

— Desculpa. — Deixei minha mochila na porta e fui até ele. Não tem desculpa. — Eu deveria estar lá.

Em vez disso, eu estava tão perdido em Kepler que todo o resto saiu pela janela.

— Sim, — diz ele, batendo a caneta contra a borda do fichário. — Você disse que estaria lá, então deveria ter estado lá. Ou ligado ou mandado uma mensagem ou algo assim.

— Você tem razão. Me sinto um lixo. — Parece que ele não dorme há uma semana, e seu sorriso habitual está completamente desaparecido. Estive tão focado em minhas próprias coisas que não tinha notado. — Estarei no próximo. Eu prometo. Dê-me uma tarefa antes disso. Eu farei qualquer coisa.

Ele suspira e deixa cair a caneta no balcão. — Pode até não haver uma próxima reunião. Não, a menos que encontremos um local.

Sento-me no banco ao lado dele, puxando o zíper do meu capuz. — Ainda não encontrou um?

— Não. — Ele gira para me encarar, recostando-se no assento, as pernas abertas. — Tudo grande o suficiente está reservado para casamentos e outras merdas. E eu não posso planejar nada sem um local e uma data. Estou começando a pensar que não vai dar certo.

— É apenas o local que está te segurando? — Inclino-me para olhar para a página superior de seu fichário, que exibe uma lista confusa. Metade dos itens são riscados, e ‘Local’ é circulado em Sharpie vezes suficientes para quase rasgar o papel.

Ele cruza os braços sobre o peito. — Esse é o ponto fixo. Tenho doações para 16 artistas. Aquele Eli realmente conseguiu. Até tenho doações para comida e uma banda. E eu tenho tantas pessoas ajudando, e algumas das crianças descobriram, e

elas estão mais do que animadas. — Ele fecha os olhos. — Eu vou decepcionar todos eles.

— Não, não estamos.

Os olhos dele brilham. — Isso não é algo que pode ser resolvido com determinação. Se não há um local, não há um local. Simples assim.

— Simples assim. — Estendo a mão para pegar seu fichário, giro-o em minha direção e viro para a seção chamada ‘Locais’. Eu varro a lista. Merda, ele ligou para muitos lugares. Muitas vezes mais de uma vez.

Eu olho para cima. — Vamos resolver isso, Dex. Lembre-se da casa da árvore.

A casa da árvore é o que sempre mencionamos quando algo parece intransponível. Foi no verão antes da 5ª série, e o Dex e eu decidimos construir uma casa na árvore no quintal dele. Convencemos meu pai a comprar a madeira e partimos, sem ter uma única pista do que estávamos fazendo, mas começamos com os degraus para cima, e depois o chão, e depois as paredes, e de alguma forma, nós apenas atravessamos.

Com a ajuda do meu irmão. E Kepler.

Só de *pensar no* nome dele faz meu abdômen apertar e as bolas tremerem.

— A casa da árvore. — Dex sorri, covinhas saindo, olhos verdes brilhando.

— Cara, eu não pensava nisso há algum tempo. Ainda está lá, você sabe. O telhado desabou um pouco, e a escada está faltando alguns degraus.

— Talvez devêssemos consertar isso?

— Você, eu, Shin e Kepler. — Ele balança a cabeça. — Passamos tantas malditas noites naquele lugar.

Sim. Deitados em nossos sacos de dormir, falando sobre coisas aleatórias, olhando para a claraboia aberta para as estrelas.

Kepler estava lá, rindo e conversando conosco. Meu estômago aperta novamente enquanto penso sobre isso, voltando todos esses anos. As coisas eram diferentes. Kepler costumava sorrir. E papai costumava sair e nos trazer pipoca e Milkis, que é um refrigerante que ele compraria no mercado coreano que Dex amava.

Às vezes éramos os quatro naquela casa na árvore. Às vezes só eu e o Dex.

Esfrego a mão no cabelo. — Shin e Kepler já dormiram lá em cima? Só por si mesmos.

— Sim. — Ele acena. — O tempo todo. Especialmente depois.

Ele está falando sobre depois que meu pai morreu. Embora Shin e Kepler tivessem dezessete anos. Um pouco velho para dormir na casa da árvore, mas então, nosso pai tinha acabado de morrer. Talvez fosse como Shin precisava lidar.

E Kepler o viu através disso.

Kepler nos viu através dele. Pensando agora, ele cuidou de muita merda no funeral, e notificou o trabalho do meu pai e da nossa família na Coreia.

— Eu estava com Kepler. — Eu limpo minha garganta, não tenho certeza se a expansão no meu peito agora é um sinal de alívio, ou culpa, ou apenas confusão. — É por isso que eu perdi a reunião.

As linhas da testa do Dex. — Por que? Aconteceu alguma coisa? — Ele se senta, preocupado em escurecer o rosto. — Shin está bem?

— Shin está bem, — eu o tranquilizo. — Kepler e eu, bem, ficamos.

Ficamos. Que termo idiota para o que aconteceu lá atrás.

A boca de Dex se abre. — Você está *transando* com ele?

Eu congelo. Por tanto tempo que Dex disse meu nome. Duas vezes.

Provavelmente parece que esqueci como falar.

Maldito Kepler Quinn?

Acho que íamos a algum lugar quando ele abaixou meu zíper e se ajoelhou.

Mas... *foder*?

Seria como? Seus lábios nos meus, sua mandíbula se apertando quando ele me empurra.

Ou eu transaria com ele?

Cristo.

— Não, — murmuro quando percebo que Dex ainda está esperando por uma resposta. — Eu mal consigo passar pela ideia de beijá-lo sem que meu cérebro fique bloqueado.

— Isso é um sinal muito bom ou muito ruim. — Dex balança a cabeça. — Shin sabe?

— Só você.

Ele expira. — Nem sei o que dizer. Eu acho... que faz algum tipo de sentido estranho. Exceto que eu sempre pensei que ele e Shin tinham uma coisa.

Um banho de frio escorre pelas minhas costas. — Isso não é possível.

Dex fecha o fichário. — Okay.

— Isso não é possível, — repito, como se isso o fizesse acreditar em mim. — Eles são amigos. E Shin nunca namorou um cara.

— Até onde você sabe. — Dex encolhe os ombros. — Mas Shin nunca sai com ninguém.

— Isso é verdade. — Eu continuo balançando a cabeça. — Ele sempre disse que não tem tempo, e eu me perguntei se ele tem interesse, mas ele e Kepler, isso não é...

Eu empurro meu assento e ando ao redor do balcão. Pego um copo e encho-o com água.

— Merda, agora me sinto um idiota, — diz Dex. — Eu não queria te assustar. Eu não sei de nada. Foi só um comentário espontâneo. Eu não deveria ter dito isso.

Eu bebo na água. — Não, cara, você pode dizer qualquer coisa. Estou meio confuso com tudo isso agora.

— Sim, eu aposto. — Ele coloca os cotovelos no balcão. — Que bom que você trocou de turma.

— Uhum.

Os olhos dele se arregalam. — Não?

— Não.

Ele planta os dois pés no chão. — Lembra daquele Darin? Ele foi expulso

Eu endureço. — Era um professor com quem ele estava transando. Não é um assistente. E, como eu disse, Kepler e eu não estamos...

Não posso dizer nada. Mesmo que envie meu cérebro em um frenesi de besteiras e misture todas as palavras em minha língua.

— Você acha que isso realmente importa? Ele lida com suas notas? — Dex balança a cabeça, os lábios se apertando, a testa franzindo. — Eu já reclamei de você sobre o trabalho de redação antes, e vou fazer de novo agora. Você não pode levar essa merda de ânimo leve. Você pode não se importar em se formar, mas...

— Eu me importo em me formar.

— Você faz? Tipo, sério mesmo? Porque você praticamente arrisca a cada momento.

Eu mastigo meu lábio inferior. — Você tem razão. Especialmente sobre os ensaios. Mas é *Kepler*.

Deixei tudo vazar. Todos os pensamentos que tive sobre ele ao longo dos anos. Como tem sido confuso. De ficar no telhado com ele, ao meu encontro com London, a tentar entender tudo, a fotos chatas, a *Simkung*. Tudo isso, apenas jogado no colo de Dex, e depois, ele me encara como se eu tivesse brotado uma segunda cabeça.

— Merda, eu não sabia, — diz ele. — Você pensaria que eu teria notado. E ele sabe disso?

— Não. — Balanço a cabeça. — Não tem como. Não é possível.

Ele franze a testa, rolando a caneta entre o polegar e o dedo indicador. — Tem certeza disso?

— Sim. Concorde com sua lista de locais. Vamos agora trabalhar.

12

ESTOU pronto para ser amarrado pela hora que London e eu entrarmos no laboratório no dia seguinte. O coração bombeando na minha garganta, é um esforço para não parecer que estou prestes a pular da minha pele enquanto entramos pela porta.

Não vejo Kepler desde que o jipe voltou para casa. Estamos enviando essas fotos. Às vezes, vinte por dia agora, de um lado para o outro, e eu sorrio toda vez que recebo um. Falamos tarde demais à noite, sua voz baixa no meu ouvido.

Mas eu não o *vi*, e você não acreditaria o quão duro Simkung *bate* quando eu o vejo, parado perto de uma pequena mesa no canto mais distante da sala de laboratório. Tenho certeza que meus joelhos vão dobrar.

Ele está separando uma pilha de papéis, óculos de armação preta e aquela camiseta cinza macia esticada em seus ombros.

Eu bato direto para a parte de trás de London enquanto ele para e acena com a cabeça em direção a dois assentos vazios perto da mesa de Kepler. Sente-se ali.

— Não, — eu digo. — Mais pra trás.

— Claro.

Nos sentamos na longa mesa preta que corta o meio da sala. Somos apenas doze.

E Kepler.

Fique calmo, J.

É impossível. Quando ele olha para cima da pasta que ele está folheando, olhos esfumacados piscando de London e fixando-se em mim, uma vibração fervilha no meu intestino.

Eu tenho um flash de seus lábios em volta do meu pau, sua palma segurando minhas bolas, então de eu chupar minha própria liberação de sua língua. E então no jipe, ele me contando sobre a NASA antes daquele beijo perfeito.

Imagens pulsam na minha cabeça, como uma torneira que abre de repente.

Ele está pensando nisso?

London diz meu nome, e Kepler friamente desvia sua atenção de mim.

Há um pequeno estalo no meu peito pelo jeito que Kepler volta a ler aquela pasta.

Eu não deveria me sentir assim. Ele não deveria estar olhando para mim.

Mas caramba, se meu pescoço não esquenta enquanto tiramos nossos cadernos, e eu respiro fundo, tentando acalmar o pulso na minha garganta.

London empurra seu caderno em minha direção. — Você pode copiar as notas da última vez.

— Valeu, cara. Obrigada mesmo. — Pego seu caderno coberto de arte e o abro quando *sinto* Kepler atrás de mim. Nem sei como sei que é ele, só sei. Talvez aquele leve aroma de omija, especiarias e algodão. Talvez o ritmo de seus passos ou a cadência de sua respiração.

Talvez eu esteja tão sintonizado com ele que seja instintivo.

Kepler coloca um programa de laboratório ao meu lado, com os dedos a menos de 5 cm do meu antebraço. — Você perdeu isso da última aula.

Sua respiração roça minha bochecha e meu corpo responde: minhas bolas e abdominais se contraem, minhas palmas ficam úmidas e minha pulseira corta minha pele enquanto eu fecho o punho para evitar que meus dedos se estendam em sua direção.

Como é que eu vou fazer isso? O laboratório tem *duas horas* de duração. E ainda nem começou.

Limpo a garganta. — Obrigado, — eu digo a ele, tentando fazer parecer fora de mão e como se eu não estivesse pensando na maneira como a língua dele esculpiu em torno da minha.

— Me avisa se precisar de ajuda. — Suas palavras são tão suaves, mas ele engole em seco antes de se afastar.

Ele sente isso também.

Ele se afasta de mim, e eu estou tão ciente da distância entre nós enquanto ele entrega um pedaço de papel para a garota ao meu lado. Então ele passa por trás de mim e caminha de volta para a frente da classe, aquele contorno de sua carteira no bolso da bunda me provocando.

O laboratório começa e ele repassa o trabalho que esperam que façamos.

Deixe as pessoas fazerem perguntas.

Ele atendeu.

Não faço ideia do que está acontecendo. Estou tão duro que estou prestes a rasgar meu jeans, meu pomo de Adão parece tão grande que eu não sei se eu poderia realmente falar em torno dele, meu pulso dispara, a caneta na minha mão é escorregadia de minhas palmas úmidas.

Para torná-lo ainda mais estranho, estamos atolados nesta mesa, meu cotovelo a quatro centímetros de esbarrar em uma menina de suéter rosa.

Temos que estar no meio da aula. Certo? Talvez mais uma hora e então eu posso cobrir essa ereção com o meu caderno, como um maldito garoto do ensino médio, e sair daqui.

Eu puxo meu telefone para olhar para o momento e não consigo evitar o gemido frustrado que sai.

Se passaram 15 minutos.

Quinze minutos.

Como eu vou durar duas horas?

Fica mais fácil quando começamos um laboratório com o calor específico de um metal. Pelo menos eu tenho algo em que me concentrar enquanto aqueço lentamente um copo de água na almofada de aquecimento, e London deixa cair o chumbo que estamos medindo em um tubo de ensaio.

Eu deveria pegar o tubo de ensaio com grampos e submergi-lo na água fervente, mas o tremor em meus dedos está dificultando.

— Toma. — London tem pena de mim e agarra as braçadeiras.

— Desculpe, — murmuro. — Eu só estou nervoso, eu acho.

Sua risada baixa é quente, e ele enruga o nariz, o aro se movendo como ele faz. — Água fervente te deixa nervoso?

— É um problema debilitante. — Sorrio. — Você deveria me ver tentar fazer espaguete.

— Então você vai ser um parceiro de laboratório interessante.

Eu puxo o relatório do laboratório para mim. — Vou levar as anotações. — Examinei o resto do laboratório. — E fazer todos os cálculos? Eu sou bastante decente em matemática.

Seu sorriso se alarga. — Combinado. Vamos fazer um bom...

— Droga, — a garota sibila quando algo bate contra a mesa logo atrás de mim.

O vidro se quebra, o som inconfundível quando me viro, e algo afiado cava meu pescoço.

— Droga, droga, droga, — ela está dizendo.

A água corre sobre a mesa, fragmentos de vidro espalhados por toda parte. Estendo a mão e sinto a parte de trás do meu pescoço e saio com sangue.

Todo mundo está recuando, as pernas do banquinho gritando contra o chão, as vozes se levantando.

Antes que eu possa piscar, Kepler está lá, guiando a garota para longe quando ela tenta pegar o vidro com os dedos nus.

— Não toque nisso. — Ele encosta o ombro dela, a voz calma e firme. — Vamos limpá-lo em um segundo. Vamos tirar todos do caminho e consertar primeiro.

Ele está no controle total da situação. O que não me surpreende.

Uma vez que ele tem ela e seu parceiro de volta da mesa, ele verifica a sala, seu rosto empalidecendo quando ele chega a mim.

— Você está sangrando. — Ele aponta para a pia ao longo da parede distante. — Vá para a pia. Eu tenho algumas toalhas por lá.

— Oh Deus, — a garota fala, seus olhos arregalados. — Você está ferido?

Balanço a cabeça. — Não é nada.

— Vá para a pia, — Kepler repete, mais forte desta vez. Pupilas queimando levemente, lábios curvando para baixo.

Estou surpreso como é fácil para mim ler aqueles pequenos tiques faciais dele. Mas eu vejo claramente: ele está preocupado.

Eu não acho que ele precisa estar. Não é mais do que um arranhão.

Mas eu deslizo do meu banquinho, com cuidado para contornar o vidro, enquanto Kepler instrui London a supervisionar a limpeza. Kepler dá instruções específicas, então ele me segue até a pia e abre um armário antes de pegar algumas toalhas de papel.

— Realmente não é nada. — Minha voz está rouca e cheia de cascalho enquanto ele molha uma toalha. Ele estende a mão e a pressiona levemente para o lado do meu pescoço.

— Eu preciso ter certeza. — A toalha de papel úmida é legal, seus olhos esfumaçados fervendo sobre mim, ao longo do meu pescoço e braços, depois para baixo, uma batida de um olhar para onde estou obviamente duro como pedra sob o meu zíper.

O tom de seu peito é inconfundível, mas sua atenção volta para o meu pescoço. Ele afasta a toalha de papel, os dedos ainda persistindo a um centímetro de distância, os lábios se separando suavemente, o fundo mais fino ligeiramente úmido.

Ele deve ter passado a língua por cima.

Beije-me.

Cristo.

Lugar errado.

Minhas costas estão para o resto da sala, mas ouço movimentos atrás de mim. O som de tilintar do vidro, que eles devem estar limpando.

Kepler pega uma toalha de papel limpa e a pressiona no meu pescoço.

— Saia comigo, — ele sussurra. — Para um encontro. Esse fim de semana.

Eu ouvi o que ele disse?

Eu engulo em seco. — Não devemos falar sobre isso aqui.

Seu quase sorriso está fraco, aquela marca chamando minha atenção. — Se você quer que eu pare de falar sobre isso, tudo o que você precisa fazer é dizer sim.

— Kepler. — Sibilo.

Ele encosta a toalha no meu pescoço novamente. — Diz que sim.

Quem estou enganando? Há alguma chance de eu dizer *não*?

Então, eu só faço isso. Eu olho para o meu TA de física e digo: — Sim.

— Perfeito. — Ele puxa a toalha de papel para longe, o polegar roçando logo abaixo do meu queixo. — O corte não é fundo. Graças a Deus, isso me assustou.

— Já falei que estou bem.

— Você está mais do que bem, — ele sussurra. — Eu diria que é sexy de tirar o fôlego.

Putá merda. Ele realmente disse isso? Fiquei sem palavras.

Ele deixa a mão cair. — Você pode voltar para sua estação. Vou ajudar a limpar depois de me lavar.

— Certo, tá bom. — Eu engulo em seco, e é preciso todo o esforço para me arrastar um passo para trás.

Ele deixa cair a toalha de papel no lixo perigoso e se vira para a pia. Eu volto para London, aquela faixa de pele ao longo do meu pescoço fria e formigando.

— Tudo bem? — London pergunta, seus lábios franzindo ligeiramente.

— Sim, bem. — Puxei meu banquinho para fora da água pingando da mesa.

O par de laboratório ao nosso lado trabalha para limpar, e a garota cujo vidro quebrou pergunta repetidamente se estou bem. Eu a tranquilizo até que finalmente nos sentemos e retornemos ao laboratório.

Estamos esquentando a água de novo quando London se aproxima de mim.
— Então, você precisa ter mais cuidado.

Eu pisco. — Com o laboratório?

— Não. Com o instrutor do laboratório.

Porra. — Você notou?

— É dolorosamente óbvio. — Ele liga nosso pré-pago. — Se você quiser escondê-lo, então você precisa fazer melhor.

LONDON TEM RAZÃO.

Dex está certo.

Eu nem sempre faço a coisa certa em qualquer situação, mas parece que estou em um declínio ultimamente.

Ainda assim, não há nenhuma maneira que eu diria não a este encontro com Kepler. Sou um guloso por punição.

Eu mexo minha sopa de agrião, sem fome, o que é um evento raro. Eu estive escondido sobre o meu iPad nas últimas horas, terminando alguns trabalhos de revisão e envia-los de volta para seus proprietários tudo consertado e bonito.

É um trabalho chato, então quando a fechadura gira, eu me animo.

Dex entra na cozinha. — Estamos saindo.

Olhei para ele. — Eu tenho uma escolha?

— Não. — Ele deixa cair a bolsa no balcão.

— Certo. Deixe-me tomar um banho rápido.

Eu me levanto para despejar minha sopa, mas Dex aponta para ela. — Você vai comer isso?

Eu deslizo para ele. — Qual é a ocasião?

— Brady e eu não estamos mais transando. — Ele se abaixa sobre a tigela enquanto eu pego uma colher fresca para ele. — Isso cheira bem.

Eu franzo a testa, recostado no balcão. — Quer falar sobre isso?

— Não. — Ele engole uma colherada. — Eu quero transar.

— Tudo bem, — eu digo, acenando com a cabeça em concordância, mesmo que não haja um pinga de convicção em sua voz. — Então vamos.

Uma hora depois, tiros na mão em um bar lotado, é óbvio que Dex está chateado com a situação com Brady. Não quebrado, mas definitivamente chateado.

Pegamos London e passamos por tavernas, que é a coisa mais próxima de um bar gay em Indigo Falls. É mais como um bar ‘vale tudo’ com uma pista de dança lotada, um milhão de cantos escuros e essa sensação de que todos foram sacudidos e de repente saíram de uma caixa. Dex e eu estivemos aqui algumas vezes. London também, aparentemente, já que ele conhece o barman. É sempre um momento interessante.

Dex dá um toque enquanto ele levanta o tiro e grita sobre a música. — Para caras gostosos com paus mais gostosos. — Ele faz uma pausa, olhando o tiro. — Mas não para os idiotas. Para aqueles em quem você pode *confiar*.

Ele sorri quando aplaudimos, mas não chega aos seus olhos. Ele também não falou com uma única pessoa fora de London e eu esta noite, então a coisa de transar não vai funcionar para ele. O que provavelmente é bom porque ele provavelmente vai precisar de alguém para cuidar dele esta noite.

Você acha que isso me incomodaria considerando tudo com minha mãe, mas é totalmente diferente com Dex. Não estou dizendo que é saudável afogar seus problemas em bebidas, mas ele nunca *precisou* como minha mãe. Amanhã ele vai acordar, amaldiçoar sua dor de cabeça e boca seca, e então fazer as merdas que ele precisa fazer e seguir com sua vida. Noites como esta são raras.

Eu atiro meu tiro de volta, fazendo uma careta junto com ele e London.

Eles são tequila com um suco de limão. O meu é suco de limão puro. Todo o chute, nada de bebida. Já tomei duas doses de tequila, então estou no meu limite de duas bebidas.

Dex bate seu tiro vazio no bar e depois se vira para palma do meu ombro, inclinando-se o suficiente para que o cheiro de tequila me envolva. — Você me entende, J. Você é o melhor amigo que um cara poderia pedir.

Balanço a cabeça. — Não tenho certeza sobre isso.

— Não. — Ele escorrega do banquinho e se pega com um pé plantado desajeitadamente no chão. — Você é o melhor. Eu te amo, cara. — Ele se vira em direção a London, apertando a outra mão no ombro de London. — Eu amo vocês

dois. Vocês saíram comigo esta noite. Não sei o que teria feito em casa sozinho. Além de olhar para o meu pau desejando que ele tivesse um amigo. — Dex balança, puxando nós dois. — Talvez um atleta gostoso. Eu poderia fazer um atleta quente. — Ele sorri para nós. — Cara, eu amo vocês. Eu tenho os melhores amigos.

— Nós também te amamos, cara. — Dou risada. Está na hora de levá-lo para casa.

Dex sempre foi um amor – todo meio bêbado, que é quem ele é em sua essência. Mas ele também é um exagerado.

London também está rindo. — Você é um bom homem, Dex.

— Sou? — Dex acaba de brilhar como o sol acabou de sair. — Ei, lá está Shin!

Não fodidamente agora.

Minha cabeça gira, os olhos fixos no meu irmão. E então, porque eu não posso me conter, eu imediatamente me concentro no homem que está ao lado dele.

Minha respiração está fraca, meu estômago dá nó. Essa reação me levou a força total. Exceto que é pior do que o normal, porque meu pau parece lembrar que coisas boas podem acontecer quando Kepler Quinn está por perto, e já tomou duas doses de tequila, então chama a atenção, engrossando tão rápido contra meu zíper que soltei um grunhido.

Dex solta nossos ombros e cruza a sala com passos bastante diretos em direção onde Shin e Kepler se encostam no bar, conversando com o barman.

Shin percebe Dex primeiro, seus lábios se abrindo em um sorriso enquanto ele sorri e obviamente aprovou o meu melhor amigo. Dex puxa meu irmão para um abraço, dando um tapa no ombro dele e dizendo algo alto em seu ouvido.

Provavelmente que ele o ama.

Então ele estende a mão e bate com o punho em Kepler.

Que não está olhando para o Dex.

Kepler fica de pé, uma mão no topo do bar, a outra estendeu um pouco demais para o soco de Dex, lábios finos se separando enquanto ele diz algo, mas seu olhar esfumaçado está fixo em mim. Seu punho cai e se solta, a palma da mão roçando a coxa de sua calça jeans.

Preciso falar com meu irmão, mas não consigo me soltar. Estou em outro mundo. Um que é tudo Kepler Quinn. Seu cabelo está inclinado para trás para revelar aquela testa alta, e ele está usando essa jaqueta de couro com zíper e um capuz cinza de malha que mostra as linhas altas e finas de seu corpo. Ele é sexy pra caralho.

Mais sexy que foda. Por causa de todos esses pensamentos passando por seus olhos e da confiança ousada que escorre dele.

De repente me sinto um pouco carente, o que não é uma coisa comum para mim. Exceto que Kepler não está me olhando como se eu estivesse carente. – *De jeito nenhum.* Olhos esfumaçados se fixam em mim, a língua apenas molhando o lábio inferior, aquela mão deixando a coxa para se ajustar sutilmente.

Foda-se.

London pisa na minha frente. Aquele é seu irmão?

— Hunggh, o quê? *Não.* — Eu pisco e percebo que London está inclinando a cabeça em direção a Shin. — Ah, sim. Shin? Meu irmão, sim. Shin e Kepler são melhores amigos, mas Shin não sabe sobre Kepler e eu.

London balança a cabeça, emitindo um baixo zombeteiro. —Estou começando a ter pena de você.

— Sim, eu também.

— Aqui está o plano. — Ele bate os nós dos dedos no meu peito. —Vamos dizer olá ao seu irmão e depois daremos a desculpa que precisamos tirar Dex daqui. Que é a verdade. Ele está parecendo um pouco instável agora, e eu não quero tentar carregá-lo.

Eu aceno com a cabeça e respiro fundo. O que só parece fornecer sangue e oxigênio para o meu pau porque nenhum outro lugar está recebendo. — Parece bom. Obrigado.

— Não há de quê. — Ele se vira e caminha até eles. Estou bem atrás dele, forçando o sorriso mais fácil que posso. Ele estende a mão para Kepler apertar.

— Ei, irmão. — Paro ao lado de Shin, mantendo minha atenção nele. — Não sabia que você vinha aqui.

Ele endurece, ombros largos se alargando. — Estou surpreso em ver você aqui também.

— Bem, sim, uh... — Eu aceno para Dex. — Nós precisávamos sair.

— Foda-se, sim, nós fizemos. — Dex está sorrindo, parecendo genuinamente feliz pela primeira vez esta noite.

Eu me preparo e me viro, porque seria estranho se eu não o fizesse, cumprimentar Kepler.

— Quinn! — Eu acenei para ele, aquela vibração zumbindo na base da minha espinha.

— Jin, — diz ele, voz baixa, alongando meu nome como sempre faz, e um vulcão completo explode em meu intestino. Estou duro como pedra, lutando para respirar, e de pé ao lado do meu irmão.

Kepler puxa o zíper de sua jaqueta, revelando uma camiseta branca esticada no peito e no abdômen. Arranco meus olhos e me concentro no meu irmão.

— Você não vai trabalhar hoje à noite. — eu digo a Shin.

— Não. — Ele franze a testa, olhando ao redor do bar lotado. — Jogamos *Call of Duty* e depois decidimos pegar uma cerveja. Eu nunca estive aqui antes. É...

Ele se afasta, e eu me viro para seguir sua linha de visão até onde dois caras estão indo na pista de dança, mãos em cima um do outro, beijos de boca aberta com línguas e tudo.

Merda, está quente.

— Bom, — ele termina quando se vira de volta para mim.

Eu olho mais para Shin, tentando o meu melhor para me concentrar em torno da lava pulsando em minhas veias. Eu não posso realmente analisar o que meu irmão está dizendo. Há uma grande tensão entre nós, mas não sei se essa é apenas a tensão habitual ou se está afiada com algo mais.

Ele parece desconfortável. Foi por minha causa? por causa disso?

— É um lugar descontraído, — eu digo, tentando manter a conversa fácil.
— Sem críticas. As pessoas vêm para desabafar um pouco.

— É por isso que você vem aqui? — A sobrancelha de Shin se abaixa quando ele me dá uma séria, como policial uma vez. Meus músculos enrijecem, a inquietação cintilando através de mim.

Alguma coisa está acontecendo com ele.

E Kepler e eu estamos mentindo para ele.

A culpa perfura minhas veias, como uma lama grossa me pesando. Não quero mentir para Shin. As coisas estão bastante desconfortáveis entre nós, mas não há como dizer a verdade a ele, facilitaria as coisas.

É preciso toda a minha força de vontade para não olhar para Kepler.

Finja que ele não está lá. Finja que não estou pensando em como poderíamos estar pisando naquela pista de dança, a língua de Kepler mergulhando na minha boca como os caras que parecem não dar a mínima, seu pau rangendo contra meu zíper enquanto nos movemos para a música, sua palma jogada na minha bunda, o tempero de bagas omija na minha língua e no meu nariz. Bem aqui em público, em campus aberto para qualquer um ver.

Cristo. *Foco.*

— Às vezes, — respondo à pergunta de Shin vagamente, não me lembrando totalmente do que ele perguntou. Eu pulo quando a mão de London pousa no meu ombro.

— Provavelmente é hora de sair daqui. — London me dá um olhar pontiagudo.

— Sim. — Limpo minha garganta grossa, inclinando-me para dar um soco no bíceps de Dex. — Você está pronto, cara?

Acalme-se. Leve na boa.

— Em um segundo, — diz Dex, e depois começa a contar uma história sobre a última vez que estivemos aqui e como eu fiquei com uma garota no beco. *Merda.* É melhor ele não começar a falar de mim e do Kepler. Felizmente, London o interrompe, e a voz do meu irmão ecoa em algum lugar por cima do meu ombro enquanto os três entram em um pequeno círculo a alguns metros de distância. Não faço ideia se ainda estão falando de mim, mas confio em London para direcionar a conversa para algo seguro.

London está se tornando um bom amigo.

Eu engulo quando percebo que somos só Kepler e eu no bar agora. Estamos a um metro de distância um do outro, o espaço entre nós é cheio de silêncio. Ele não parece se importar com a história que estão contando. Sua mão está plana na parte superior da barra, aquela pulseira de couro amarrada em torno de seu pulso, logo acima do punho de sua jaqueta. O mesmo punho que roçou minha coxa quando ele estava de joelhos em seu escritório.

Eu o *quero*. De joelhos de novo, agora.

Ou eu de joelhos?

Ele se inclina para mais perto de mim, omija enchendo meu nariz e fazendo cócegas na minha garganta enquanto sua respiração rasteja pela minha orelha, e eu mordo de volta um gemido.

— Ainda estamos de pé para este fim de semana? — ele sussurra, a voz firme, e eu sei o que ele realmente está pedindo.

Isso mudou as coisas?

A realidade do que estamos fazendo acabou de nos dar um tapa na cara. Culpa como um caminhão do Mack.

Este não é um jogo de merda.

E Shin vai ficar... Não faço ideia do que ele vai ficar, mas a ideia dele descobrir embrulha meu estômago.

A merda já está tensa com o meu irmão. E se isso piorar as coisas?

Mas eu sou um babaca - porque Shin ficar incomodado por isso não muda minha resposta. Nunca, na minha vida, respondi a ninguém como respondo ao Kepler Quinn. Está além da fantasia, além da lógica. Ele estava bem no jipe, *não posso me afastar* disso.

Vou me arrepender para o resto da minha vida se o fizer.

— Sim. — Respondo. — Ainda estamos saindo. E, uh, eu tenho que te dizer uma coisa.

Hesito, os nervos se mexendo com força. Dissemos que não contaríamos a ninguém, e eu contei ao Dex. Isso vai irritar o Kepler?

Suas sobrancelhas se erguem com minha hesitação.

— Eu, uh, meio que disse a Dex, — eu digo. — Eu não consegui... Mas eu sinto muito...

— Está tudo bem, — ele interrompe.

Eu pisco. — Tem certeza? Porque nós concordamos e então eu simplesmente fui e disse a ele de qualquer maneira.

Ele inclina a cabeça. — Você precisava contar a ele. Fico feliz que você fez.

Nem sei o que dizer. Não sou muito versado em relacionamentos, considerando que nunca tive tanto interesse em um antes de Kepler. Mas eles não costumam vir com mais discussões quando metade deles foge de um acordo?

— Simples assim... — pergunto.

— Sim. — Ele parece tão *certo*, e isso me faz querer ficar mais perto dele e beijá-lo como fizemos no jipe. Macio e aberto, sensual – uma carícia.

Mas eu não posso fazer isso. Olho por cima do ombro para onde Dex está falando em voz alta, contando uma história para London e Shin com grandes gestos de mão.

E então eu me afasto de Kepler porque mais um milissegundo de ficar tão perto dele e eu não vou ser capaz de resistir. Vou arrastá-lo pela nuca, machucando aqueles lábios finos com um beijo forte, empurrando-o de volta contra a barra e moendo nossas pélvis juntas. Não me importo com quem está assistindo.

De alguma forma, faço meus pés se moverem. Meu pau é tão duro que dói a cada passo. Eu me despeço do meu irmão, não registrando totalmente o que dizemos, e então Dex está conversando sobre algo no caminho para a porta.

Eu saio, o ar frio arrepia na parte de trás do meu pescoço, e me viro para trás, um rápido olhar por cima do ombro, enquanto a porta se fecha.

Shin está se sentando ao lado de Kepler no bar. Ambos giram em seus bancos para encarar um ao outro, e os dedos longos de Kepler estendem a mão para agarrar uma garrafa escura de cerveja no balcão. Meu irmão ri de algo que Kepler diz. É uma risada fácil, uma grande risada. Uma que raramente vejo.

A amizade deles é palatável. Eu posso sentir isso de todo o caminho aqui na rua. Há uma ligação entre eles. Algo em que ambos confiaram ao longo dos anos. Algo que eles valorizam.

Da mesma forma que valorizo o Dex. Porque uma amizade como aquela – como a deles, como a de Dex e a minha – *nunca* deve ser levada de ânimo leve.

Então a porta se fecha, e como não há mais nada que eu possa fazer, corro para alcançar London e Dex.

13

Gravidade

Substantivo

1. uma força causada quando a massa de corpos físicos se atrai

EVITO Kepler no campus pelo resto da semana.

Há uma diferença entre correr um risco e ser estúpido. Não tenho certeza de que lado da linha estamos – provavelmente do lado estúpido, mas me importo com minha educação, mesmo que não saiba o que vou fazer com ela. E Kepler se preocupa com o dele. Ele não chegou a ser orador ou candidato a doutorado sem um nível muito intenso de cuidado.

E nós dois nos preocupamos com Shin.

Os dias até dizermos a ele estão em contagem regressiva.

Kepler aparece na minha porta no sábado, pouco depois das cinco, o que é duas horas antes do que eu esperava, então ainda estou de moletom e enfiando meia laranja na minha boca quando abro a porta.

— Merda, — eu engasgo com a laranja, não muito elegante. Olho para a outra metade com a mão esquerda e depois de volta para ele. — O que faz aqui?

Ele dá um passo para trás, a mão subindo até a nuca. — Eu deveria ter mandado uma mensagem.

— Não. — Esfrego minha mão livre sobre meu peito nu, pastando sobre meu mamilo perfurando desajeitadamente e engulo o resto da laranja, o que dói como o inferno ao descer. — Digo... sim. Mandar mensagens é bom. Mas aparecer também é bom. Eu não queria amaldiçoar você. Eu apenas... Eu gesticulo para mim mesmo. — Meio suado.

— Percebi. — Seus olhos navegam sobre meus peitorais, persistindo no piercing, e depois até meu estômago, todo meu abdômen, até meu pau, depois cortando de volta sobre a tinta ao longo de meus oblíquos. É a coisa mais sexual que já experimentei.

Está *quente*. Porque me faz sentir muito quente.

Balanço a cabeça, um sorriso no rosto. — *Cara!!!* Você está tentando me memorizar?

Mas eu estou fazendo a mesma coisa porque Kepler Quinn está parado na minha porta, cabelo úmido de um chuveiro e penteado para trás, barbeado recentemente, vestindo uma camisa com botão azul pálido que realça seus olhos, e

jeans escuros. Um leve tufo de loção pós-barba de menta e omija dá água na minha boca.

Ele se arrumou para o nosso encontro.

Esse fato minúsculo me atinge com força. Só falta mais uma semana para contarmos ao Shin, e este encontro parece o maior teste de todos. Se essa coisa entre nós realmente importa. Se estamos realmente *fazendo* isso.

Três pés e um batente entre nós, e posso sentir cada molécula no ar agora. Carregando, ligando, colidindo.

Eu limpo minha garganta e me afasto. — Entre, cara. Está ficando estranho agora.

Mais como se eu estivesse me aproximando da linha estúpida de novo, e eu estou pronto para me lançar contra ele no corredor onde qualquer um poderia passar. Não há muitos estudantes universitários no nosso prédio, mas todos os que moram aqui são moradores e nos conhecem.

Ele acena com a cabeça e dá um passo firme para dentro. Ele dá algumas olhadas para mim depois de fechar a porta e me dá um beijo suave como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Suas mãos não me alcançam, apenas o pincelada de seus lábios antes de se afastar. — Quero te fazer uma pergunta.

— Manda bala.

— Você tem duas opções. Uma é que fiz reservas num restaurante de tapas em Rústico. À luz de velas, mesa de canto de trás, é altamente improvável que vejamos alguém que conhecemos lá.

Romântico.

Gostei da ideia.

— Ok, — eu pressiono quando ele faz uma pausa. — A outra opção?

— O segundo é... — Ele hesita, a língua deslizando sobre o lábio inferior enquanto parece pensar sobre isso. — Bem, recebi uma ligação há uma hora. Meu tio tem aulas em um observatório, e ele não pode vir hoje à noite, então ele precisa de um substituto. É uma viagem, e...

— Um observatório? Como um observatório real?

— Sim.

Estou olhando para ele com total descrença. — Opção dois, cara. Toda para fora.

Esse quase sorriso voa para o rosto dele antes de desaparecer com a mesma rapidez. — É voluntariado para uma sessão com crianças.

— Eu amo crianças.

— É uma viagem de noventa minutos. Teríamos que partir imediatamente.

— Só me deixe tomar um banho rápido.

— E teríamos que fazer a limpeza no final, então chegaríamos muito tarde.

— Ok. — faço uma pausa. — Você está tentando me convencer a não fazer isso?

— Não. — Suas sobrancelhas sobem. — De forma alguma. Eu quero te levar. Eu esperava levá-lo. — Suas mãos afundam em seus bolsos. — Meu avô ajudou a construir o observatório, e eu pensei que você gostaria de vê-lo, mas pensei em esperar até mais tarde, já que eu geralmente fico lá.

— No observatório?

— Não. — Ele balança a cabeça. — É. Com os meus tios. Eles não são meus parentes de sangue, mas eu pensei neles assim. Eles eram parceiros do meu avô quando ele era mais jovem.

— Seus parceiros românticos?

— Sim.

— Puta merda, Quinn, você nunca me contou tanto sobre sua vida como nos últimos dez segundos.

Seus olhos se estreitam em mim. — Eu pensei que era isso que você queria.

— E tenho. Mas da próxima vez, avise um cara primeiro. — Eu coloco a outra metade da laranja na palma da minha mão, esquecendo por um momento que estou uma bagunça suada apenas de volta da academia. — Saturno está na oposição esta noite. Significa que é o mais visível.

— Sim, é sim. — Aquele sorriso quase retorna. — Você quer ficar lá?

— Uh ...

Sim.

Isso mesmo.

Absolutamente *sim*.

Eu coço no meu peito. — Não quero me intrometer.

— Sem intrusão.

— Você quer dizer, com seus tios?

— Sim. — Ele acena com a cabeça, aquele furo na bochecha se mexendo.

Por que gosto tanto disso? — Embora não estivéssemos na casa deles. É um pouco mais privado do que isso.

— O que quer dizer?

Ele encolhe os ombros. — É melhor como uma surpresa. Você está bem com isso?

— Pode apostar. Só me deixe tomar banho. E eu, uh, tenho algo para você.

— Aponto para um saco de papel marrom que está no braço do sofá e, em seguida, me sinto desajeitado como o inferno, ando para pegá-lo e cruzar de volta para ele, segurando-o. — Acho que eu deveria ter embrulhado ou algo assim.

— Você não precisava. — Ele tira isso de mim com cuidado.

— Abra.

Ele desenrola a parte superior do saco e espreita para dentro, ele ainda está por um momento, e então ele estende a mão e puxa um chaveiro.

De repente me sinto muito estúpido. — Eu sei que você tem um para o seu jipe, e você provavelmente não precisa de um chaveiro, eu só...

Ele a segura. Uma pequena bola balança no final de uma corrente de prata: uma pequena semelhança do sol, uma erupção solar disparando sobre ela. É laranja brilhante, como os assentos do jipe dele. E a laranja na minha mão, eu acho.

— Você me deu uma erupção solar, — diz ele calmamente, os olhos fixos nele.

— Sim, eu fiz.

Ele fica olhando para ele, a mão erguida e o chaveiro balançando como um pêndulo. Aquele quase sorriso enfeita seus lábios, e então se expande, espalhando-se por seu rosto enquanto ele olha para cima.

Kepler Quinn está sorrindo para mim com um tipo de prazer que não vejo nele há anos.

Meu maldito coração cresce no meu peito, enchendo-o, fechando minha garganta.

Não há nada que me prepare para o que ele parece quando sorri. É tão *genuíno*.

Eu engulo em seco. — É só uma coisinha. Como eu disse, você provavelmente não precisa de um chaveiro para o seu Jeep...

— Vou colocar minhas chaves do observatório nele. — Ele a vira, colocando a parte da bola na palma da mão, ainda sorrindo. — Obrigado.

— Às ordens. — Eu coloco um polegar sobre o ombro. — Vou tomar banho.

NOVENTA MINUTOS com Kepler em seu jipe é uma das melhores partes da minha semana.

Não estou brincando. Ele se classifica lá em cima com aquele bj em seu escritório. Ok, talvez um pouco abaixo. Mas, ainda assim, podemos conversar durante todo o passeio.

E mesmo que o polegar dele enrole minha coxa mais de uma vez, e tenho certeza de que ele está me provocando, e estou meio duro durante toda a viagem e pensando se poderíamos encostar por apenas alguns minutos, acabamos conversando por noventa minutos completos. Ele me fala sobre sua dissertação, e eu não posso fingir que entendo metade dela, mas sua inteligência me ilumina,

tanto que eu realmente murmuro um ‘que é quente’ no meio de sua explicação sobre as temperaturas nanocelvinas¹².

Ele agarra uma sobrancelha. — Na verdade, está muito frio, — ele fica parado, e eu estou sorrindo.

O Kepler Quinn que eu tinha na cabeça por todos esses anos é diferente da realidade. Eu o segurei à distância, *Simkung* batendo tão forte que não pude notar o resto dele. As partes *reais*.

Como quando ele me disse que foi criado pelo avô, que era um inventor focado em energia verde. Que ele morreu quando Kepler tinha 16 anos, um ano antes do meu pai, o que explica porque Kepler sabia como ajudar no funeral do meu pai. Também aprendi que ele é filho único e vive sozinho, e dou uma olhada no que ele quis dizer com ‘vazio’ naquela noite em seu escritório.

Não ele, mas parece que o mundo dele tem muito espaço.

Aquele sorriso genuíno cruza seu rosto novamente quando ele fala sobre ir ver seus tios, Flora e Adelard, depois que terminamos no observatório, e ele liga rapidamente para avisá-los que chegamos à cidade em segurança.

¹² Um nanoKelvin equivale a um grau Celsius dividido por um bilhão. A diferença é que zero Kelvin representa 273,15 graus Celsius negativos. Por isso, a substância em questão só pôde ser atingida muito próximo dessa temperatura.

Passamos o sinal de elevação para Rústico e Kepler desacelera, pegando uma rodovia menor fora da principal. Este enrola acima de uma inclinação íngreme, cortando entre os pinheiros do lodgepole que dão somente a maneira intermitente.

Estamos em uma elevação mais alta, do outro lado de um vale de Indigo Falls, onde há muito pouca população e pouca poluição luminosa para o observatório. Há apenas os faróis do jipe enquanto batemos ao longo do caminho, quando as árvores de repente dão lugar a uma colina rolando para cima. No topo há um edifício branco abobadado em uma base de bloco de cimento.

Eu respiro fundo, a emoção passando por mim. — Você não estava brincando.

Kepler ri enquanto estaciona na parte de trás. — Achou que eu estava?

— Eu tive alguma dúvida, Quinn, — eu o provoco. — Eu pensei que você poderia me atrair aqui para atividades duvidosas.

— Bem, isso ainda é uma possibilidade. — Ele pisca para mim antes de deslizar para fora de seu assento, e droga, isso faz meu cérebro tremer enquanto caminhamos ao redor do lado do prédio, cascalho triturando sob nossos pés e pausa na porta enquanto Kepler tira as chaves do bolso, com o novo chaveiro preso.

Aperto a faixa de couro ao redor do meu pulso, meus olhos passando por cima dele com aqueles jeans escuros e a maneira como seus ombros se expandem sob o tecido de sua camisa.

Cristo, estou atraído por ele. Uma atração de nervos, que não é uma informação nova para mim, mas da próxima vez, *preciso* agir. Em seu escritório, era tudo ele indo para baixo em mim. Mas se vamos fazer isso, realmente fazer isso, então não pode ser sempre assim.

Não quero que seja assim. Quero apostar tudo.

— Fique aqui por um segundo, — Kepler diz enquanto abre a porta.

Lá dentro está escuro como breu, e não consigo ver nada enquanto Kepler tranca a porta atrás de nós. Ele se move, e então as luzes se acendem.

Minha boca se abre no que está no centro da sala.

— Cristo, — eu coaxo.

Um pequeno sorriso cruza seus lábios quando ele clica na última das luzes e me move em direção ao telescópio que ocupa a maior parte da sala. — Tem um espelho de sílica fundida de 94 polegadas. Pesa mais de 140 toneladas.

O tubo deve ter pelo menos dois metros de altura.

— É uma besta, — eu digo, dando um passo em direção a ela, minha cabeça inclinada para trás porque o telescópio fica em uma plataforma.

Kepler sorri. — O nome dele é Clyde.

Eu rio, me sentindo mais leve do que há muito tempo. — Sensual.

Ele levanta uma sobrancelha, inclinando-se para um daqueles beijos rápidos. — Sim.

E ele está certo. Mas não sobre o telescópio.

— Espere até ver isso. — Kepler atravessa a sala, pega algo que parece um controle remoto de um drone de uma mesa de computador e liga o botão. A cúpula acima de nós parece girar antes que uma rachadura apareça, ficando cada vez mais larga, até que um terço da cúpula esteja aberta para o céu noturno.

Tantas malditas estrelas lá em cima. Tantos outros lugares.

Estou tão impressionado com a vista, olhando para cima com a cabeça inclinada para trás, que não o vejo se aproximando até que suas mãos deslizem por cima dos meus ombros por trás. E isso é tudo que é preciso, eu estou me virando para beijá-lo, mãos chegando para posicionar seu rosto exatamente onde eu quero. Ele puxa uma respiração surpresa, bem no meio do nosso beijo, e isso só me faz ir mais longe. Estou agarrando-o, as palmas das mãos roçando suas costas no tecido mais áspero de sua calça jeans, e então ao redor, segurando seu zíper, e ele solta uma maldição murmurada.

— Jin, — ele expira. Sua testa cai contra meu ombro enquanto eu levanto a palma da mão para cima e para baixo na frente de sua calça jeans. Ele está duro.

Eu faço isso com ele. Isso é uma foda mental.

— Temos no máximo dez minutos, — diz ele calmamente.

Cristo, é isso. Aqui e agora. Não planejei que isso acontecesse quando só temos 10 minutos.

Antes de pensar demais, abro o botão superior do jeans dele. —Então é melhor você gozar rápido.

— *Porra.* — Ele solta a palavra enquanto eu seguro e puxo zíper. — O que estamos fazendo exatamente?

— Estou assumindo o controle.

— Você está? — Ele olha para cima, aquele sorriso sexy como o inferno subindo pelo canto dos lábios. Nunca me cansarei desse sorriso.

Eu arrasto uma respiração profunda, os dedos apertando o pequeno puxão de metal com tanta força que deixará uma impressão. — Sim.

Suas pupilas se inflamam. — Vá em frente.

Ok então. Estou nervoso! Ele flutua levemente em meu estômago, minha respiração baixando. Eu me concentro no físico. Primeiro passo: abaixar o zíper. Eu uso duas mãos para o segundo passo: puxar para baixo seu jeans. Ele me observa, os olhos fixos no meu rosto, a língua passando pelo lábio inferior. Baixei o olhar para os dedos, o coração batendo forte.

Passo três: eu deslizo uma mão sobre a frente de sua cueca boxer. Ele é duro pra caralho, grosso contra a minha palma. *Cristo, isso é excitante.* Minhas bolas se apertam. Piscinas de saliva na minha boca.

Vá com tudo, J.

Respiro fundo e então trago meu polegar até a cintura de sua cueca boxer. Eu os puxei para baixo. *Putá que pariu.* O pau dele é lindo. Suave e comprido, cheio de sangue e curvando-se em minha direção. Uma injeção de eletricidade sobe pela minha espinha, meus olhos saindo. Eu fecho um punho ao redor dele.

Os lábios dele se abrem. — Isso é tão bom.

— Sim, aposto que sim, — eu digo. Eu mordo meu lábio inferior pensando que isso soou muito estúpido. E eu nem estou acariciando ele, parado ali, com o pau dele na palma da minha mão suada.

Sua risada é suave, fazendo seu abdômen apertar e seu pênis vibrar. — Não precisamos fazer mais nada além disso.

Ele está tão à vontade, e isso me ajuda a relaxar um pouco.

Limpo a garganta. — Eu não acabei de dizer que *estou* assumindo o controle?

— Sim.

— Então deixe-me fazer isso.

— Então vá.

— Okay. — Eu dou um sorriso, mais saliva se acumulando na minha boca enquanto olho para o pau dele com o punho na mão. *É isso.* Eu lentamente acaricio, hipnotizado pelo jeito que o pau dele fica na minha mão, pelo jeito que ele se contorce, a cabeça inchando.

Ele fica ali, não me tocando, mas sua respiração trava quando meu polegar roça a cabeça arredondada e lisa de seu pênis.

— Então, eu vou chupar seu pau agora. — Não sei porque eu disse isso. Este é provavelmente o menos sexy bj que ele já teve.

A tensão ricocheteia no topo dos meus ombros. Estou estragando tudo?

Olho para cima. Sua língua molha o lábio inferior, seu olhar fixo em mim enquanto ele acena lentamente. É tudo calor e eletricidade entre nós.

Ele está nisso.

Mesmo que eu esteja tornando isso estranho.

Eu caio de joelhos e respiro fundo. O sopro de ar deve escová-lo porque ele estremece.

Aqui vai. Com tudo ou nada.

Inclino-me para frente e lambo sua coroa.

Put a que pariu.

O gosto dele explode na minha boca. Salgado e escorregadio, carne quente, e tão potente que toma conta dos meus sentidos. Mergulho a cabeça e lambo novamente, uma profunda ânsia fervilhando em mim. Eu puxo para trás para olhar para o fio de pré-sêmen que brota, como se eu nunca tivesse visto um pau antes.

Mas parece que não, na verdade não.

Foda-se. Ele é gostoso. Muito, muito *quente*.

— Jin, — ele geme baixinho. Sua mandíbula aperta quando eu toco a ponta da minha língua naquele fio.

Foooda. Eu quero mais. Em um movimento desesperado, engulo seu pau profundamente em minha boca, o peso e o perímetro dele grossos contra minha língua, seu gosto fervendo até o fundo da minha garganta. Ele pronuncia uma série de fodas, coxas apertadas com tanta força que puxa a cintura de sua cueca boxer com força em suas bolas.

Eu agarro a base de seu eixo, acariciando enquanto o chupo, tentando fazer um bom trabalho, mas meus pensamentos estão gaguejando. Tudo o que posso pensar é que *isso é tão quente*. E eu estou *dentro*. Sou um idiota por ser minha primeira vez dando um boquete a um cara.

Não é um cara qualquer.

Eu me assusto quando seus dedos se emaranham no meu cabelo, uma respiração irregular saindo dele enquanto ele puxa levemente minha cabeça, me fazendo levá-lo mais fundo. Minha boca engrossa com saliva, e minha língua desliza para cima e para baixo no fundo de sua haste, mesmo quando ele empurra mais fundo.

É complicado. Ou seja, se não fosse descompassado. Minha mão nem sempre encontra o mesmo ritmo que minha boca. E na parte de trás da minha cabeça, tenho certeza de que este é o bj mais deselegante que ele já teve, mas então

quando eu olho para cima, nossos olhos travam um no outro, e todas as preocupações correm.

Ele é alto e inclinado acima de mim, e suas pupilas brilham enquanto eu o chupo até a parte de trás da minha língua, seus abdominais e coxas tão apertados que ele está tremendo. Ao vê-lo, gemo ao redor de seu pau, criando uma vibração que faz seus dedos se enrolarem em meu couro cabeludo. E então ele está me fodendo, com cuidado, com golpes controlados. Nossos olhos nunca se deixam enquanto ele dirige constantemente para mim, descobrindo o ritmo juntos, seu pau parecendo ficar ainda mais grosso e pesado na minha boca a cada impulso.

Ele se transforma em pura necessidade, zumbindo ao nosso redor, quebrando como eletricidade e atirando em riachos até o meu pau e em todos os lugares em...

— *Porra.* — Kepler congela, o teor de seu tom me faz fazer o mesmo. Isso não foi um ‘foda’ excitado.

Fracamente, ouço pneus em cascalho.

Eu o tirei, meus lábios se sentindo esticados, minha língua grossa. — Cristo, temos uma hora ruim.

Ele acena com a cabeça, mandíbula trabalhando. — Eu não posso...

— A porta está trancada. — Eu o vi fazer isso desta vez. — Termine ou pare.

Você decide.

Ele geme, o olhar caindo nos meus lábios, que provavelmente são vermelhos e escorregadios de saliva.

— Pare, — ele murmura. Ele se afasta, uma mão puxando as cuecas boxer, a outra passando o dedo no rosto dele. — Eu não posso. Eles são crianças.

Ele tem razão.

— Merda, me desculpe. — Eu levanto até os joelhos instáveis. — Eu provavelmente não deveria ter começado.

Eu espero que ele se apresse e se feche, mas ele me arrasta para um beijo, sua língua quente na minha boca, seu peso afundando contra mim. Seus jeans ainda estão descompactados, o tecido áspero raspando nas costas da minha mão e pedindo que eu o segure novamente.

Quando ele se afasta, nós dois estamos respirando forte, e há essa coisa nova tremendo entre nós. Estamos em pé de igualdade agora. Talvez fosse apenas um bj do lado de fora, mas foi um terremoto dentro dos meus pensamentos.

Estou pronto para isso. Para o que vier. Estou dentro. Completamente.

— Não se arrependa. *Nunca* se arrependa. — A mão dele desliza para baixo para pegar a parte externa do meu jeans e ele me aperta, fazendo meu pau latejar. — Depois.

— Porra, cara, espero que sim.

Ele me liberta. — Eu não sei como vou me concentrar.

Dou risada. — Vá em frente. Inferno, eu encontro uma maneira em cada palestra de física e laboratório. — Passo minha mão sobre minha boca enquanto ele se afasta e puxa seu jeans, abotoando-se e puxando seu zíper com um grunhido.

— Você não é o único lutando para se concentrar. — Ele acena com a cabeça para o telescópio. — Eu ainda preciso me preparar. Levará cerca de cinco minutos.

— Então, então realmente não tivemos dez minutos?

Alguém bate à porta do box.

Ele ri baixinho. — Não, realmente não.

NÃO MINTO quando digo que gosto de crianças. Sempre amei. Há algo realmente genuíno sobre eles, e isso me leva de volta a todos aqueles anos antes de meu pai morrer. Quando as coisas ainda estavam boas e estávamos naquela casa na árvore ou andando de bicicleta depois de Crander Hill.

E essas crianças são ainda melhores do que as crianças normais porque gostam da mesma coisa que eu, então quando eu despejo fatos aleatórios de astronomia – como o núcleo do sol libera o equivalente de energia de 100 bilhões de bombas nucleares por *segundo* (incompreensível), ou Saturno é o único planeta

em nosso sistema solar que flutuaria na água – eu recebo um ‘uau, legal!’ da garota que tinha sido a primeira a bater na porta.

Oito crianças se inscreveram para a aula e a maioria vem ao observatório desde que se lembra. Eles perguntam sobre ‘Sr. Adelard.’ e eu não tenho certeza do que dizer, mas quando Kepler vem por trás do telescópio, todos o aplaudem – chamando-o de Sr. Kepler – e se aglomeram ao redor dele, parecendo esquecer.

Kepler sorri para eles. Um daqueles raros e genuínos sorrisos.

Ele é um bom professor. Eu peguei isso na nossa aula de laboratório, é claro, mas é ainda mais vibrante aqui. Há uma constante pressão de excitação na sala. Enquanto as crianças se revezam no telescópio, Kepler preenche os momentos intermediários com histórias, e seu sorriso se amplia quando eu compartilho alguns dos meus. Depois de ajustar o telescópio para a próxima criança, ele olha sobre suas cabeças em minha direção, encontrando meu olhar, um pensamento mais profundo passando por seus olhos.

O que ele está pensando?

Um dos garotos faz uma pergunta e volta com eles. A partir desse ponto, estamos ocupados até que seus pais voltem para pegá-los, e é como um turbilhão repentino de crianças e movimentos que batem até o fim.

— Merda, isso foi divertido, — eu digo quando a porta se fecha atrás da última, nos deixando em silêncio repentino. Havia algo nele que me lembrava de ajudar Vain também.

— É divertido. — Kepler dá dois passos em minha direção. No começo eu acho que ele vai me beijar, mas ele pega minha mão em vez disso, passando os dedos em volta dos meus.

— Vamos. — Ele me puxa em direção ao telescópio. — Você não conseguiu olhar.

Ele me leva alguns passos até a plataforma e depois usa o pé para afastar o banquinho que estava lá para as crianças. Ele agarra o controle remoto e gira a cúpula, as estrelas do lado de fora se deslocando enquanto a plataforma em que estamos se move lentamente com ele. Meu sorriso cresce enquanto nos centramos em um pedaço de céu oposto à lua nova. Escolho a constelação de Ophiuchus¹³ e imediatamente sei no que ele está se concentrando enquanto se inclina sobre a ocular.

Ele se inclina para trás e gesticula para o telescópio.

— Saturno? — pergunto.

— Não há como surpreendê-lo, não é?

¹³ Ophiuchus é uma constelação existente no céu, localizada entre Sagitário e Escorpião, conforme confirmado pela própria NASA. É uma das centenas que já foram descobertas, mas com a diferença de que parece estar na eclíptica, a linha de movimento do Sol em torno da Terra.

— Eu não diria isso. — Inclino-me para olhar. — Mas eu sei que é uma boa noite para ver e... — Minhas palavras desaparecem enquanto eu olho através da ocular, sugando uma respiração profunda. Saturno. Nunca vi ela assim. Tenho um baque de excitação no peito, uma espécie de anseio. — Isso é incrível.

— Sim. — A voz de Kepler está quieta ao lado do meu ouvido, sua respiração no meu pescoço. Arrepios me atravessam, mas não consigo me afastar da ocular.

Seus dedos deslizam apenas para a bainha superior do meu jeans, fazendo cócegas levemente sobre meu quadril. — Por que você não se formou em astronomia?

— Eu?

— Você obviamente está interessado nisso. E você claramente tem o cérebro para isso.

Inclino-me para trás, endireitando-me enquanto olho para ele. — Eu não sei se eu poderia ter lidado com a matemática.

Seus olhos se estreitam em mim. — Eu chamo de besteira. Você faz todos os cálculos para o laboratório. Reconheço sua escrita nas anotações. Além disso, não tem como você não aprender o que não sabe. Você é um espertinho, Jin.

— Espertinho? — Estou sorrindo. — Isso é um elogio melhor do que calças quentes, suponho.

Ele ri. — Sim, eu ouvi essa sobre você também.

— Isso é sério? Até você...

— *Até* eu. E você é muito gostoso, se já não sabia. — Ele levanta uma sobrancelha. — Mas me dê a verdade real. Por que você não se formou em astronomia?

— Não tenho certeza, realmente. Eu acho. — Eu encolho os ombros. — O que eu faria com um diploma como esse em Indigo Falls?

— É o lugar que importa?

Eu olho para o brilho das estrelas. — É, cara. Isso mesmo.

— Talvez você não devesse deixar. — Ele franze as sobrancelhas. — Sua vida pode estar onde você quiser.

Não. Não pode ser.

Mas é claro, observando-o durante a última hora, que *sua* vida pode ser.

14

— POR QUE isso parece suspeito como conhecer seus pais? — Eu me remexo no banco do passageiro, não encontrando uma maneira de me sentar confortavelmente. Ou talvez isso seja apenas o crescente feixe de nervos no meu estômago enquanto nós voltamos para uma estreita estrada de cascalho a apenas alguns quilômetros de distância do observatório.

Kepler dirige suavemente, uma mão no volante, e aparentemente não tão desconfortável. — Pensei a mesma coisa.

Damos a volta na curva e aparece uma velha casa de madeira, painéis solares modernos empilhados no telhado. Eu olho – sem nem saber o que pensar – para a porta roxa brilhante com persianas correspondentes. Flores de vidro iluminadas decoram o passagem e o quintal, em uma variedade de amarelos, rosas e laranjas, brilhantes no escuro. É um campo de vidro, cor e luz.

A casa parece uma mistura de novo e velho. Perfeitamente representado pelo velho caminhão enferrujado estacionado na frente ao lado de um elegante SUV elétrico.

— Onde estão? — Eu pergunto, ainda observando a cena enquanto Kepler estaciona atrás da SUV.

— Quem? — Kepler torce para me encarar. — Flora e Adelard?

— Não, seus pais. Você nunca os menciona.

— Não, não sei. — Ele solta o cinto de segurança, mas depois se encosta no encosto de cabeça, um braço longo estendido na frente dele com o pulso apoiado casualmente no volante. — Não há nada a mencionar. Minha mãe engravidou quando tinha 16 anos. Ela foi embora logo depois que eu nasci, e meu avô me criou. — Ele tira o pulso do volante e coça a testa. — Eu não tenho certeza de onde ela está agora. Eu não a vejo há vinte anos.

— Então, seu avô criou você?

— Sim. Junto com Adelard e Flora. — Ele acena para a casa. — Passei muitos fins de semana aqui. Um mês ou dois durante o verão também.

— Então, é realmente como conhecer seus pais. — Eu arrasto a mão pelo cabelo. *Nervoso*. Eles estão sem parar esta noite. — E eles vão ficar bem comigo sendo um cara coreano tatuado?

— Eles vão te amar. — A mão de Kepler assenta na minha coxa, vagando por cima do meu jeans, e é tudo o que posso fazer para não soltar um gemido baixo enquanto ele se inclina para mais perto de mim, a respiração roçando no meu pescoço. — Flora já faz exatamente o que eu disse a ela.

— O que você disse a ela, — repito. Kepler falando de mim é uma foda mental. O que eu não daria para ser uma mosca na parede por essa conversa. — Você já trouxe mais alguém aqui?

— Sim.

Uma nitidez corta meu peito. Claro, não é razoável esperar que ele nunca tenha trazido mais ninguém aqui, mas isso não impede a pitada que recebo quando penso nisso.

E então eu pego o jeito que ele está me encarando. Como se houvesse algo na ponta da língua dele. Ou como ele espera que eu junte dois mais dois.

— Alguém recentemente? — Eu pergunto, minha garganta secando. O tocador de dedos? Com seus lábios gordos e queixo rachado? Eu não gosto nem um pouco de pensar nisso.

Kepler balança a cabeça. — Há muito tempo. Shin esteve aqui.

Eu congelo. — Shin estava aqui?

— Sim.

— O observatório também?

— Sim.

Engulo em seco, esfregando a mão no rosto. E então eu *estou* conectando os pontos. De um jeito que eu nunca tive antes. De uma forma que eu nunca pensei em questionar. As coisas que Dex disse ressoam na minha cabeça.

Não pode ser verdade.

— Você e meu irmão já estiveram juntos?

Ele sopra um suspiro, estufando as bochechas. — Jin. Não posso responder a isso.

Putá merda fodida.

Eu saio do jipe, nem mesmo uma primeira pista para onde estou indo, apenas pés no cimento, longe da casa, para a estrada de terra. Paro por aí, o coração batendo forte, a garganta seca.

— Jin. — Ele está bem atrás de mim, a mão estendendo-se para o meu cotovelo, mas eu o puxei para longe dele.

— Mas que merda? — Minhas mãos cravam no meu cabelo. — Está falando sério?

— Não é o que você está pensando.

— Como você sabe o que estou pensando?

— Você sabe que tenho razão, não entendo. — Sua mão sobe até a parte de trás do pescoço, os dedos cavando com força ao longo de sua nuca.

— Diga-me, eu digo.

Ele suspira. — Nós nunca namoramos. Nós só tivemos um ao outro algumas vezes depois de um par de cervejas. Mas nunca estivemos juntos. Nós nunca nos

beijamos. Nunca fizemos nada além de trabalhos manuais entre as rodadas *de Call of Duty*.

— Cristo, — murmuro. — Não quero saber!

— Shin e eu somos amigos. — Kepler continua. — Não havia mais nada lá.

Nunca existiu. E se estamos sendo completamente honestos... — Ele suspira, olhando para a casa como se acendesse uma luz da varanda. Um mal-estar rola sobre ele em ondas.

— Seja honesto. — Minhas mandíbulas aperta.

Seus olhos encontram os meus, cinza e intencional. — Quando a mão dele estava em volta do meu pau, não era nele que eu estava pensando. Foi você. E é por isso que eu parei.

— Mas a mão dele estava no seu pau? — Estou apertando meu punho com tanta força, músculos estalando.

Ele suspira. — Sim.

— *Porra*. — Eu deixei a palavra rugir para fora de mim, desejando não mergulhar na imagem que rola em meu cérebro. Eu me afasto dele, cravando minhas mãos no meu cabelo, muitas novas informações voando pela minha cabeça. Eu ando para o outro lado da estrada.

Um de cada vez, J. Apenas pegue um de cada vez.

Eu volto e paro na frente dele.

Meus membros estão dormentes, meus pés instáveis, minha voz cortando com força. — Qual foi a última vez que isso aconteceu?

— Faculdade. Talvez no segundo ano. Pelo menos cinco anos! — Kepler aperta a parte de trás do pescoço. — Não era como se tivéssemos uma coisa. Foram apenas algumas vezes, e nunca mais conversamos sobre isso depois.

— E trazê-lo aqui?

— Como amigos. — Ele se aproxima. — Eu nunca trouxe ninguém aqui do jeito que estou trazendo você.

— Como você está me trazendo aqui?

— Como meu par. — Ele não faz uma pausa, não hesita. — Como o homem com quem quero ver se tenho futuro. — A força de sua convicção me atinge com força, como um soco no intestino, na mandíbula e nas bolas.

Ele quis dizer isso.

— Isso muda as coisas? — Sua voz é silenciosa, mas há uma tensão nisso que eu nunca ouvi antes, como se algo estivesse sacudindo logo abaixo de suas palavras. Eu *sinto* o ruído. Está ressoando em mim também.

— Você deveria ter me contado isso antes.

— Eu não consegui... — A mão dele cai do pescoço. — Eu nem sei se deveria estar agora, mas eu também não poderia mentir para você.

Soltei um suspiro, meu peito soltando uma fração. — Porque você acabou de expor meu irmão para mim.

Ele acena com a cabeça, os lábios se apertando. — Eu sei que não muda o que você sente por ele, mas ainda não é meu lugar falar por ele.

— Não, você está certo. — Balanço a cabeça. Meu irmão está interessado em homens? Acho que de volta ao jeito que ele estava olhando para aqueles dois caras se beijando em Taverns. Como de costume, eu estava tão focado em Kepler que perdi outra coisa. Uma coisa importante. Fecho os olhos, tentando manter essa agitação em meus ossos, respirando o aroma profundo dos perenes.

E Kepler Quinn.

De pé na minha frente, ouço seus pés roçarem na terra, a mudança de jeans e o dardo de eletricidade na minha espinha me diz que ele está se aproximando de mim.

Eu reajo a ele. Todas as vezes.

Agora não é diferente.

Mas eu abro meus olhos e me afasto. — Eu não sei, Kepler. Preciso de um tempo pra pensar.

Sua mandíbula apertada, um músculo tremulando logo abaixo daquela mancha. — Você quer voltar para Indigo Falls?

— *NÃO!!!* — Não há nada neste planeta que possa me fazer querer voltar.

— Este não sou eu indo embora. Só estou tirando um momento.

Ele acena com a cabeça uma vez, lábios finos pressionados juntos, olhos cinzentos. — Eu vou esperar.

—Tão fácil assim?

— *Exatamente* assim.

A casa de FLORA E ADELARD É o tipo de lugar que praticamente implora para você relaxar. Sinto isso no momento em que subo na varanda. A luz amarelada das janelas lança sobre um pequeno banco de madeira sentado do lado de fora da porta da frente. Há anéis de café em um dos braços, como se alguém se sentasse lá com frequência, observando o sol da manhã atingir o pico.

É acolhedor, e eu me sinto como um intruso com a confusão ainda na minha cabeça. Ombros apertados como um arco, garganta fechada.

Merda. Talvez não devêssemos estar aqui agora.

Mas é tarde demais porque Kepler já está segurando a porta da frente aberta para mim, e uma mulher varre em nossa direção da cozinha enquanto entramos.

— Kepler, — ela chama enquanto se cruza para nós antes de estender a mão para agarrar minha mão em mais um abraço de mão do que um aperto de mão.

— Eu sou Flora. — Da mesma altura que eu com olhos verdes, ela é magra, usando um vestido e sandálias amarelo brilhante com padrão de girassol. Seu cabelo é uma massa selvagem de cachos pretos riscados de prata. Ela acena com a cabeça em direção à cozinha, soltando o abraço. —Estou fazendo mojitos. Você quer alguma coisa?

— Ah, claro. — Eu sorrio pela maneira como ela de alguma forma tira minha primeira camada de desconforto. — Obrigado.

— Perfeito! — Flora já está se movendo, nos acenando ao mesmo tempo. — Entrem, queridos. O jantar estará pronto em alguns minutos.

É uma casa de conceito aberto, e estou inundado de cor do lado de fora da porta. Pinturas penduram em todos os espaços de parede disponíveis – tão brilhantemente coloridos quanto o vidro floresce na frente. E o aroma... Inspiro profundamente. Apesar do meu mau humor, tem um cheiro *incrível*. Como pão torrado, limão e hortelã. Meu estômago resmunga quando Kepler fecha a porta atrás de nós.

— Venha conhecer Adelard. — Kepler estende a mão para agarrar minha mão, dedos longos estendidos.

— Ok. — Faço uma pausa.

Na verdade, *paro*, olhando para aquela mão.

— Porra, — ele murmura e depois deixa a mão cair para o lado, pressionando-a contra o jeans enquanto se vira. Ele dá longos passos em direção a um homem sentado ao lado da lareira do outro lado da sala.

Eu o sigo, me sentindo um idiota.

Eu deveria ter pegado a mão dele, eu só ...

Eu não *sei*.

Eu suspiro, me tiro da minha própria cabeça e me concentro no homem sentado perto da lareira escura. Ele não se levanta, mas nos observa enquanto caminhamos. Cabelo escuro curto, barba na mandíbula e uma camisa de flanela, ele tem uma palavra cruzada do New York Times dobrada no quebra-cabeças das pernas.

— Como está se sentindo? — Kepler pergunta.

— Como merda, obrigado, — o homem diz bruscamente, então me olha. — É ele?

— Sim. — Kepler diz, um quase sorriso voando por seus lábios antes que desapareça.

Eu limpo minha garganta e me viro para Adelard. — Então, quanto tempo você levou para construir esse telescópio?

Adelard franze a testa e depois inclina o queixo em direção à cadeira vazia ao lado dele. — Sente sua bunda, e eu vou te dizer.

Os olhos de Kepler brilham para cima e para baixo em mim. — Vou ajudar Flora na cozinha.

Eu aceno com a cabeça, o estômago se contraindo quando ele se vira, os ombros tão apertados quanto os meus. Sento-me na cadeira de couro estofada ao lado de Adelard, que pega as palavras cruzadas e se coloca no braço da cadeira.

— Algo desconfortável está acontecendo entre vocês dois, — diz ele bruscamente.

Eu solto uma risada desconfortável, surpresa com sua franqueza. — É tão óbvio?

Kepler entra na cozinha, e Flora começa a falar imediatamente, colocando-o para trabalhar em uma tábua de corte no balcão que corre entre lá e a sala principal. Os dedos longos de Kepler se movem habilmente enquanto ele dá metade de uma cenoura cortada, dizendo algo em voz baixa para ela que eu não consigo ouvir.

Eu quero ouvir.

Quero ouvir tudo o que ele diz. Nunca me canso de ouvir Kepler Quinn.

— Bem, se isso ajuda, você deve saber que ele fala sobre você, — diz Adelard. — O tempo todo. Não para de falar de você. Flora está com ele para convidá-lo a vir aqui há anos.

Esfrego a mão no rosto e me viro para ele, a confusão passando por mim.
— Anos? O que ele diz?

— Ele fala sobre quando te vê em algum lugar. Ou uma vez você escreveu um ensaio ou algo assim para um amigo dele, e ele pediu para lê-lo. Sobre em... oh... — Suas linhas da testa enquanto ele pensa por um momento. — Responsabilidade corporativa nos países em desenvolvimento, — conclui.

Eu rio, balançando a cabeça. — Eu não achei que Kepler estivesse particularmente interessado nisso.

— Ele não está? — Ele *bufou* enquanto pegava as palavras cruzadas. — Ele está interessado em você.

Do outro lado da sala, Kepler espreme um limão em copos enquanto Flora cai em folhas de hortelã.

Depois do último copo, Kepler olha para cima, seus cinzas esfumaçados fixando-se em mim do outro lado da sala. Quando ele se encontra assistindo, ele acena e eu retribuo o gesto, meu coração batendo forte no meu peito.

Não consigo parar. Não quero parar com isso.

Isso é mais do que uma paixão. Mais do que eu explorando essa situação de despertar sexual. Mais do que amizade.

E se eu pudesse me apaixonar por Kepler Quinn?

E se eu já estiver um pouco apaixonado por ele?

E se eu estiver há anos?

Adelard grunhe. — Você conhece um notável maestro de origem húngara? Começa com *S*.

— Sim. — Eu não tiro os olhos de Kepler, mesmo quando ele coloca açúcar nos copos, um pequeno sorriso crescendo em seu rosto. *Ele me sente olhando para ele.* — Uh, Solti.

— Solti? — Adelard na resposta. — Droga, garoto, isso se encaixa.

Aceno com a cabeça. — Georg Solti. Ele era diretor da Orquestra Sinfônica de Chicago.

Adelard resmunga de novo. — E quanto a este: pão cujo nome deriva do sânscrito para o mesmo?

— Roti.

Ele bufa. — Você tem muita informação nessa cabeça.

— Eu escrevo muitos ensaios universitários. — Dou de ombros. — E eu sempre me interessei por coisas.

— Coisas, hein? — Ele pega as palavras cruzadas. — Que tal: é o cálculo em relação à velocidade do som?

— Umm, — faço uma pausa, inseguro. — Alguma dica?

— Quatro letras, C na terceira.

— Mach.

Ele sorri. — Eu sabia disso. Estava testando-o.

Eu também estou sorrindo. — Me dê outro.

Ainda estamos indo e voltando, quase terminando com as palavras cruzadas de domingo, quando Flora nos chama à mesa para uma porção de comida que eu não via desde que meu pai estava vivo.

— Espero que você goste de cubano vegetariano, — diz ela enquanto pousa uma tigela do que parece ser grão de bico assado. — E mojitos.

— É incrível, — eu digo - não apenas o cheiro, mas as cores. A comida combina com as flores, as pinturas.

Flora me dá um leve tapinha no braço antes de voltar para a cozinha.

— Você é artista? — Eu chamo por ela.

— Não, — ela responde. — Minha irmã está... Mas eu faço as flores de vidro na frente.

— Não brinca? — Eu me chuto internamente por xingar, mas ninguém parece desconfortável com isso. — Esses são incríveis.

— Maldição, eles são, — Adelard interrompe, sentando-se na minha frente.

— Você deveria vê-los à luz do sol.

— Ele deveria. — Kepler desliza ao meu lado, os dedos roçando a lateral da minha coxa, e desta vez, eu olho para ele, e meu coração se aproxima de estourar no meu peito. — Caso você esteja se perguntando, isso é um convite.

Eu aceno com a cabeça, deslizando minha mão e amarrando meus dedos com os dele na mesa, apertando quando Flora volta, me contando sobre suas flores e a arte de soprar vidro. Eu faço umas cem perguntas, e então isso entra na arrecadação de fundos do Dex, e então é a Flora me fazendo cem perguntas.

— Você ainda não encontrou um local? — Kepler pergunta depois que eu entrar em nossos problemas.

— Ainda não.

Ele franze as sobrancelhas. — Você verificou na IFU?

— Reservado.

Flora se inclina sobre a mesa. — E sobre o Archway?

Eu pisco para ela. — Archway?

— É um novo café. Inaugurado na semana passada. — Ela abre os braços, algumas pulseiras de ouro tilintando em seus pulsos. — Espaço enorme e aberto com arte em todas as paredes. — Ela inclina o queixo em direção a Kepler. — Kep conhece o gerente há muito tempo. Gina era minha patrocinadora.

Eu ainda, olhando para seu mojito meio cheio. — Por sobriedade?

Estremeço. Essa foi uma pergunta fodida. Eu e minha estúpida tendência de falar merda.

Mas Flora me dá um sorriso suave. — Não. Transição de gênero. Gina me ajudou nos primeiros passos da minha transição. Quer dizer... — Seu sorriso se amplia quando ela olha primeiro para Kepler e depois para Adelard. — Kep e Addy também estavam lá, é claro, mas Gina passou por isso. Algumas pessoas não precisam disso, mas eu realmente precisei. Então, eu procurei um patrocínio e fui combinado com ela.

Estou estourado pra caralho. A forma como Flora fala sobre o que precisava, com tanta clareza. A força dessa admissão é mentalmente forte.

Aperto a mão de Kepler. — Gina parece uma mulher incrível.

— Ela é. — Flora abaixa a cabeça. — E tenho certeza de que ela ajudaria na sua arrecadação de fundos. Um evento como este pode começar o negócio dela, então pode funcionar perfeitamente.

— Com certeza. — O polegar de Kepler rola sobre meus dedos. — Vou falar com ela.

— Obrigado. — Eu olho para ele, com a intenção de dar-lhe um sorriso rápido e voltar para a conversa. Estou preso! Olho para ele, completamente

hipnotizado por aqueles olhos cinza-escuros. Pelo *calor* deles. O jeito que o polegar dele rola nos meus dedos, um de cada vez.

O calor sobe atrás dos meus olhos.

Há uma gentileza tão profunda aqui. Nesta casa, entre estas pessoas. Não sei como é onde Kepler mora agora, mas aqui é a *família*. Feito de pessoas que não compartilham uma gota de sangue entre eles.

Cristo. Eu respiro fundo.

Minha mãe é do meu próprio sangue, mas nunca compartilhei uma refeição com ela assim. Dificilmente falo com Shin, e quando falamos, sempre acabamos em desacordo. Vejo *Halmeoni*¹⁴, mas não o suficiente.

E às vezes, mesmo que eu nunca admita a ninguém, a memória do meu pai zomba. Seu rosto, sua voz, sua maneira. Não é tão claro como costumava ser.

Sinto falta disso. Como um grande buraco negro no meu intestino. E eu quero de volta. Quero minha mãe e meu irmão de volta.

Se eu tenho alguma esperança de manter Shin na minha vida, então temos que dizer a ele agora.

Mesmo que seja uma droga. Mesmo que seja difícil.

Sinceramente? *Quero que* ele saiba. Ele é meu irmão, e eu o quero na minha vida.

¹⁴ Coreano para avó.

— Jin. — Kepler se inclina para mais perto.

— Temos que contar a Shin. — Estou ainda mais certo disso quando digo as palavras. Talvez eu devesse ter esperado até depois do jantar, mas está lá fora agora. — Nós não podemos mentir mais. Contamos a ele amanhã.

— Tem certeza? — ele pergunta, tanta preocupação passando por seus olhos que posso sentir isso aquecendo minha pele.

— Sim.

— Então contamos a ele. — Ele acena com a cabeça uma vez, resolvendo a transmissão.

É assim que é ter alguém te apoiando.

Engulo em seco, o calor ainda está atrás dos meus olhos, e é como se a decisão de dizer a Shin liberasse algo em mim. Eu me inclino, meus lábios encontrando os de Kepler. O beijo é estranho, com nós dois em nossos assentos, mas ainda é uma conexão instantaneamente profunda que vibra através de mim. Ele me beija de volta, sem hesitação, sua mão chegando à palma da minha mandíbula, sua língua suavizando lentamente no meu lábio inferior.

Só quando me inclino para trás é que me lembro que estávamos na mesa de jantar, e eu estava tendo um colapso há menos de um minuto. Mas quando olho, Adelard e Flora estão sorrindo um para o outro. Não consigo imaginar como foi

quando o avô de Kepler estava aqui, com os três, deve ter parecido que o carinho estava se espalhando.

— Desculpe, — murmuro. — É só que isso é... — Eu olho em volta da mesa. Cores. Calor. Os dedos do Kepler estão presos nos meus. Se ele vive sozinho, não admira que ele sinta que sua vida está vazia. Comparado a isso. Estou feliz por estarmos aqui.

Flora se inclina sobre o prato. — Você é sempre bem-vindo aqui, Jae-Jin.

— Obrigado, — eu gaguejo. Minha voz está carregada de emoção, mas nem tento escondê-la. — E, merda, me desculpe por estar meio que na minha própria cabeça.

— Sem desculpas, — diz Flora. — Preferimos deixar todos serem quem quer que sejam nesta casa.

Adelard grunhe de acordo.

Kepler ri baixinho.

Eu me viro para ele, com as sobrancelhas erguidas. — Qual a graça?

— Nada. É só que você está sempre em sua própria cabeça. — Ele está sorrindo para mim, uma leve provocação que afasta todo o meu constrangimento persistente de uma só vez. — Às vezes eu gostaria de estar lá em cima com você para que eu possa escutar o que está acontecendo.

— Você quer saber o que está na minha cabeça?

— Sim. — Ele acena com a cabeça, inclinando-se para mais perto. — Eu quero saber outra coisa também.

— Sêrio?

Seu sorriso se expande. — Já passou a noite em uma yurt?¹⁵

¹⁵ Yurt ou ger é uma tenda ou cabana circular usada tradicionalmente pelos pastores nômades mongóis e de outros povos da Ásia Central, como os quirguizes e os cazaques.

15

AS POSSIBILIDADES do que poderíamos fazer em uma yurt fazem minha cabeça girar. Caminhamos, de mãos dadas, por um caminho sinuoso entre as cinzas, suas folhas douradas tremendo acima de nós.

Eu estou realmente fazendo isso?

Não temos roupas extras, nem planos. Nada além das próximas horas para fazer... *algo*...

— Então... — Digo, interrompendo o silêncio fácil. — Ouvi dizer que você gosta secretamente de responsabilidade corporativa em países em desenvolvimento.

Ele ri. — De forma alguma. De onde surgiu isso?

— Adelard disse que você leu um dos meus ensaios.

Seus dedos apertam os meus. — Não apenas *um*.

Meus passos são lentos. — Quantos?

Ele encolhe os ombros, olhos um cinza escuro sob a luz baixa. — Não tenho certeza. Pelo menos uma dúzia. Talvez duas dúzias. Quem quer que eu tenha encontrado que tenha usado seus serviços.

— Duas dúzias, — repito. — *Por que?*

— Porque eu gosto de suas palavras, — ele diz simplesmente. É óbvio. Como se ele não estivesse me enlouquecendo. Como se fosse normal ler duas dúzias de trabalhos universitários só porque você gosta das palavras de alguém.

— Está falando sério?

— Era uma maneira de me aproximar de você. — Ele puxa minha mão, e eu continuo andando, meus pensamentos lutando para dar sentido a ele, a nós, a *tudo*, quando um pequeno edifício circular aparece, escondido em um bosque de álamo.

O yurt é exatamente como prometido: tradicional coroa de telhado suavemente inclinada, claraboia de cúpula e porta de madeira única. Aposto que o interior é uma parede de treliça.

Começamos o caminho estreito e rochoso em direção à porta da frente. — Nunca na minha vida pensei que ficaria em uma yurt esta noite.

Ele aperta a minha mão. — Que tal ter seu pau chupado em um?

Santa merda.

Eu tropeço em nada, e ele ri baixinho, o som tão quente e fácil e colocando uma linha de arrepios sobre meus ombros, meu cérebro correndo sobre o que exatamente vai acontecer nas próximas horas.

— Hum, sim. — Limpo a garganta. — Também não achei isso quando a noite começou.

Ele pega as chaves de debaixo de uma rocha próxima e destranca a porta, e meu estômago se contorce de nervos, minha garganta secando. É desnecessário dizer que o meu pau já está duro, mas tem sido assim desde que o Kepler apareceu no meu apartamento. Estou me acostumando com isso.

Ele fecha a porta atrás de nós, o luar se filtrando pela claraboia da roda da coroa aberta no centro do telhado. Ele clica em algumas lanternas penduradas nos suportes da coroa, a luz balançando ligeiramente, lançando sombras em movimento através das paredes de treliça, os tapetes de padrão vermelho no chão, a pequena mesa e cadeiras à nossa frente e a cama baixa coberta por cobertores roxos profundos no centro da sala.

— Cristo, — murmuro. — É romântico. — Mudo e profundamente colorido. — Eu não esperava...

Eu perco toda a linha de pensamento quando Kepler se aproxima de mim.
Estamos sozinhos.

Muito, muito, muito sozinhos. Ninguém para ouvir. Ninguém para entrar.
Horas antes de precisarmos estar em outro lugar. Mau momento.

Tenho certeza que nem temos que trancar a porta.

Me pergunto se ele está pensando a mesma coisa enquanto respira fundo, os olhos ardendo nos meus lábios antes de encontrar meu olhar novamente. — Não

há eletricidade. As luzes são movidas a energia solar. Há uma casa de banho do lado de fora com uma bomba de água, um fogão no meio aqui, e eu nem consigo...

Ele coloca as palmas de cada lado da minha mandíbula, me puxando para um beijo profundo e repentino. Ele está rosnando contra mim, a língua batendo contra a minha, e *porra*, eu já estou agarrando ele, puxando a bainha inferior de seu botão para baixo para que meus dedos possam suavizar ao longo das cristas de seu abdômen.

— Você gosta de me tocar lá. — Ele se afasta, abrindo os botões da camisa, e eu assisto – enfeitiçado como sempre – enquanto ele separa os lados da camisa, revelando uma camiseta branca por baixo. Ele joga a camisa na direção da cadeira do outro lado da sala e erra completamente, mas nenhum de nós dá a mínima enquanto agarra a camiseta na parte de trás do pescoço, a puxa sobre a cabeça e a deposita em algum lugar no chão também.

Eu olho pela primeira vez para a pele que minhas pontas dos dedos estavam pastando, os músculos magros e compactados que formam seus ombros, peitorais, abdominais, oblíquos e o jeans apertado. Meus olhos estão por toda parte, absorvendo a pele lisa, o jeito que ele está diante de mim.

Estou pronto para isso.

— Mais, — eu gemo.

O riso passa por seus olhos enquanto ele toca o botão de sua calça jeans, abrindo-os e, em seguida, tendo que soltar as cuecas boxer de seu pênis antes que ele possa empurrar os dois para baixo e sair deles.

Ele faz tudo facilmente. Sem pausa. Sem hesitação.

E então ele está parado lá.

Ele é muito bonito. Cabeça aos pés. Cérebro ao coração.

Todo ele.

O comprimento alto e longo dele é a perfeição.

Você pensaria que eu estaria agarrando por ele, e minhas mãos já estão tremendo de desejo, minha boca se acumulando de saliva, mas não tivemos tempo para isso. Só para fazer uma pausa, e sentir essa coisa acontecendo entre nós.

Permaneça nele. Porque acho que não vai demorar muito mais.

Eu faço como ele e volto para pegar minha camiseta, puxando-a por cima da minha cabeça. Soltei um longo suspiro e deixei cair no chão. Não sou tão suave e controlado como ele. E definitivamente não tão calmo.

Seu olhar se move para a barra através do meu mamilo, seus dentes raspando sobre o lábio inferior. — Não posso deixar de chupar isso.

Putá merda, *sim*.

— Promete? — Eu pergunto bruscamente.

— Com certeza.

Eu passo a mão pelos meus peitorais, o metal raspando levemente contra minha palma. — Você não se importa com as tatuagens?

Ele ri. — Não, Jin. Eu vou chupar isso também.

— Você está fazendo muitas promessas.

— Eu pretendo cumprir o que você quiser.

Eu arrasto em um fôlego. — Eu estou pensando que eu praticamente quero todos eles. Os chupões, pelo menos. Talvez não o... — *Não o que?*

— Os chupões soam perfeitos para mim, — diz ele rapidamente.

— Eu também. — Meu coração bate duas vezes no peito.

Seus olhos caem para o meu jeans. — Então tire isso também.

Estou sorrindo enquanto puxo meu zíper, empurro meu jeans para baixo, tendo que ter cuidado com o quão duro meu pau é e saio. Kepler esfrega a mão sobre a boca, respirando fundo para que seu peito se expanda ao máximo.

— Foda-se, — ele murmura. — Vire-se.

Eu pisco, não esperando isso, e meus nervos sobem para um nível totalmente novo. Mas eu faço isso, me virando, ouvindo o gemido que ele solta quando minha bunda está para ele.

— Aquelas tatuagens de galáxia ao longo da sua coluna... — ele diz quando estou de frente para ele novamente. — Maldito gostoso.

Balanço minha cabeça levemente. — Você nos confundiu.

— Nem pensar. — Suas pupilas se inflamam. — Você é o cara para quem eu me masturbei.

Minha boca fica aberta com isso. Minha mente *gira* com essa imagem.

— Eu quero vê-lo. — Cristo. Eu disse isso?

Demais, sim!

Um sorriso divertido rodeia seu rosto. É como se cada sorriso ficasse mais fácil para ele, e caramba, se isso não fizer meu peito se expandir.

— Agora? — pergunta ele.

Eu arrasto minha mão pelo meu peitoral novamente, a barra batendo na palma da mão, um formigamento disparando do meu mamilo para o meu umbigo.

— Agora. Bata punheta para mim.

Seu sorriso se alarga para aquele genuíno que faz todo o meu interior tremer.

— Achei que você nunca perguntaria, — diz ele. Sua mão está em seu peito, espelhando-me, mas ele a suaviza até o abdômen, sua respiração prendendo quando ele desliza para baixo, e meus olhos quase caem da minha cabeça enquanto ele lentamente enrola aqueles longos dedos em torno de seu eixo e depois dá um golpe deliberadamente lento em seu pau, os olhos ainda fixos em mim.

É sexy pra caralho.

Fico encantado enquanto ele se acaricia mais duas vezes. Um fio de prêsêmen brota, brilhando sob a luz baixa, e eu não tenho mais força de vontade para ficar em frente a ele. Em dois passos longos, agarro a nuca dele para puxá-lo contra mim. Seu punho bate no meu estômago enquanto seus lábios se encaixam com força nos meus, e então seus dedos se estendem, envolvendo seu pau e o meu, e por um milissegundo, minha mente volta para ele pegando aquelas duas xícaras naquela cozinha infernal. A flexão de seus dedos longos. Cristo, era *nisso* que eu estava pensando na época?

Mas a memória é arrancada da minha cabeça, enquanto a mão dele se move pelos nossos eixos. Sua palma está quente, e a sensação de seu pau duro contra o meu é alucinante. Minha respiração fica afiada, meus olhos fixos em onde ele está agarrando nós dois.

— Gosta disso? — pergunta baixo.

— Bastante, murmuro, os olhos paralisados.

Ele toma mais dois golpes fortes e depois nos libera para me empurrar de volta. Minha bunda bate no colchão, meu pau pulando ansiosamente.

Dou risada. — Nunca estivemos em uma cama antes.

— Primeira vez para tudo. — Ele rasteja por cima de mim, os joelhos descansando de cada lado do meu. Estou preso debaixo dele.

Eu mordo meu lábio inferior. — Qual é o seu plano, Quinn?

Ele levanta uma sobrancelha. — Você quer estar no controle de novo?

— Huh, não. Acho que não. Mas primeiro você tem que me beijar.

—Tenho. — Um beijo duro e machucado que me empurra de volta para o colchão. Um gemido pega minha garganta enquanto ele se separa de mim, ainda me prendendo com suas coxas, seu cabelo escovando minha bochecha antes de se mover para baixo. Seus lábios patinam sobre a tinta ao longo do meu peitoral, então sua língua passa por cima da barra no meu mamilo.

— Porra. — murmuro, me curvando contra a boca dele. — Sim. *Isso*, eu gosto disso também. — Meus dedos se movem em seus cabelos, e ele morde levemente meu mamilo, sua língua percorrendo a barra.

Um gemido mais alto passa pelos meus lábios quando sua mão desliza para segurar minhas bolas, sua língua circulando o piercing novamente antes que ele raspe os dentes levemente até meu esterno. O progresso é lento. Sem pressa. Como se ele estivesse saboreando cada parte de mim. E não sei, nunca pensei muito em mim antes, mas Kepler me faz sentir sexy. Me sinto *bem*. Como se eu valesse a atenção que ele me dá. Ele beija lentamente para baixo, um braço longo estendendo-se para balançar meu mamilo, ele se desloca para baixo e sua respiração aquece meu umbigo, então sua língua corre ao longo das cristas do meu abdômen.

— Eu poderia fazer isso a noite toda, — eu gemo. — Apenas deite aqui e...
foda.

Minha maldição é alta quando seu hálito roça a cabeça do meu pau. Eu sou estupidamente sensível depois de estar duro e enfiado no meu jeans nas últimas horas, e ele parece adivinhar isso quando ele mal toca a coroa com a língua. Dificilmente um toque, principalmente respiração, e meus quadris se movem para frente, minha pélvis se erguendo.

Foda-se, foda-se, *foda-se*. Como ele faz isso comigo? Cada toque é como um raio.

— Você tem um gosto incrível, — ele murmura enquanto me lambe novamente, apenas a ponta da língua, depois uma respiração lânguida expelida antes de me levar profundamente para a boca, lentamente, até a parte de trás de sua garganta. Meus olhos voltam, meu pau vazando, minhas bolas se apertando.

Eu seguro o cabelo dele enquanto ele me suga e depois geme quando ele segura minhas bolas, seus dedos massageando levemente. Não consigo parar os barulhos que saem de mim. Metade gemidos, metade súplicas, metade maldições. Eu grito quando ele tira meu pau e se abaixa mais, sua língua deslizando sobre meu saco antes de chupar uma bola em sua boca.

Estou prestes a perder bem ali. Como um maldito gêiser disparando. Eu só sou capaz de me conter com uma mordida dura na língua, e bem quando eu não

acho que posso aguentar mais, seus dedos deslizam para baixo, provocando minha mancha.

— Abra mais suas pernas, — diz ele, voz gutural e carente.

Mas eu ainda faço, meu estômago se contorcendo em um nó, os nervos cravando como cacos de vidro.

— Eu, uh, nunca... — Eu pisco, olhando para as ripas do outro lado do teto. Eu nunca, na minha vida, fui espalhado por alguém. *Nenhum* dos meus antigos parceiros tocou na minha mancha ou na minha bunda. Dificilmente minhas bolas.

Meu pau sempre foi a atração principal. A *única* atração, na verdade.

Mas com Kepler, acontece que há um parque de diversões cheio de atrações lá embaixo.

— Eu quero ver você, — diz ele, soprando um suspiro suave sobre minhas bolas que dispara calafrios pela minha espinha. — Cada parte de você.

— Certo, tá bom... vou fazer isso por você, cara.

Abro as coxas lentamente. Meu abdômen se contrai enquanto me sento meio para cima, observando enquanto ele embala meu pau, minhas pernas se abrindo. Ele dá golpes sem pressa e vagarosos enquanto cai para chupar minhas bolas novamente, e então ele se move para baixo, seus ombros se deslocando para obter acesso, sua língua disparando ao longo da minha mancha. Minha boca se

abre, um apelo sem som gruda na minha garganta enquanto ele continua a me puxar, sua língua tremulando ainda mais baixo.

— Tão sexy, — ele murmura. Sua respiração atinge terminações nervosas que eu não sabia que *existiam*. E, aparentemente, essas terminações nervosas estão ligadas a todas as células do meu corpo porque, com uma leve pincelada da língua dele, posso senti-lo *em todo o lado*. Zapping e zing, iluminando partes de mim que eu nem sabia que eram escuras.

— Porra, — eu respiro.

— Você é realmente perfeito, — diz Kepler, e quando olho para baixo através da névoa que se tornou minha visão, *vejo* a verdade disso em seu rosto. Suas pupilas estão largas, os lábios separados e úmidos, o punho começando a tremer ligeiramente enquanto ele me levanta.

Abro minhas coxas mais largas, e ele geme, deslizando entre minhas pernas, e então sua língua se pressiona contra mim, mais firme agora que lhe permiti um melhor acesso. Eu ainda estou apoiado em meus cotovelos, mas minha cabeça rola para trás quando sua língua provoca contra o meu buraco, e um novo mundo inteiro se abre. Apenas aquela pequena ponta da língua – parece *enorme*. Tanto que mal percebi que a mão dele tinha deixado meu pau até ouvi-lo vasculhando algo no chão, e então o som de algo sendo aberto.

Isso me acorda.

Eu fico tenso, o pré-sêmen do meu pau molhando meu umbigo. —Eu, hã.

Eu não sei se estou pronto para foder? Quero dizer, não consigo nem pensar nisso sem minha mente enlouquecer, mas...

— É apenas um pacote de lubrificante. — Seus lábios se expandem em um sorriso enquanto ele segura o pacote apertado entre os dedos. — Não se preocupe.

Eu nunca vou transar com você a menos que você peça, gostosão.

Esfrego a mão no rosto. — Sinto muito. Interrompi as coisas. Eu só...

— Não, está bom. — Sua palma quente se acomoda na minha coxa enquanto ele rasteja de volta para a cama. — Eu sei o que você está pensando. E não temos que transar. Não há escassez de outras coisas que possamos fazer.

— Sim. — Eu aceno com a cabeça, meus olhos navegando pelo corpo magro e compacto dele até onde seu pau grosso é dolorosamente duro, mesmo que eu ainda nem o tenha tocado. — Mas você iria... Foda-se, quero dizer. Você transaria comigo?

Eu luto para descobrir o que diabos estou tentando dizer, em parte irritado comigo mesmo por pedir a ele para falar quando sua língua poderia estar de volta lá embaixo fazendo o que quer que estivesse fazendo há alguns minutos. Mas isso parece uma conversa que deveríamos ter.

E Kepler não parece apressado, ele apenas se ajoelha sobre minhas pernas, olhos como fumaça preta, pau encostado na minha parte inferior da coxa. — Com certeza, eu transaria com você.

—Isso é quente, — eu gemo.

Ele se estende por cima de mim, os lábios se aproximando dos meus, e eu dou um beijo. Quando quebramos, ele se debruça sobre mim, sua estrutura inclinada acima de mim.

— E só para você saber, — diz ele, a um centímetro dos meus lábios. — Se você quiser, pode me foder. Nem precisa perguntar.

— Você realmente disse isso? — Meus dedos de repente pegam um tremor enquanto apertam seus oblíquos e deslizam para baixo sobre seus quadris, puxando sua pélvis para mais perto da minha, nossos paus roçando levemente.

— De verdade. — Seus lábios se curvam em um meio sorriso, e eu estou prestes a responder quando ele se desloca para o fundo da cama e faz uma pausa para espremer um pouco de lubrificante em seus dedos.

Eu perco a capacidade de falar.

Mantendo o olhar em mim, ele me dá um soco com a outra mão, dando um golpe lento e constante, e eu estou instantaneamente arqueando de volta contra o colchão.

— Cristo, — eu moo. — Como você faz isso?

— Fazer o quê? Ele segura meu saco, seus dedos lubrificados deslizando entre minhas pernas.

— Me faz sentir bem, murmuro enquanto abro minhas pernas para ele, tremendo um pouco quando ele pressiona contra meu buraco, seu dedo esfriando com lubrificante desta vez.

Ele faz uma pausa, tira a mão do meu pau e abre a boca como se fosse fazer uma pergunta, mas já estou acenando com a cabeça com tanta força que pode cair.

— Faça isso, eu ralo. — Agora.

Uma pressão baixa enche meu abdômen, disparando fechos de eletricidade no meu umbigo e no meu peito.

— Respire, — diz ele.

Não sabia que não estava respirando. Embora seja um desafio respirar enquanto a pressão dobra de intensidade. O dedo dele parece diferente da língua, mais forte.

Ainda estou com a sensação, assustado, e não tenho certeza do que está acontecendo lá embaixo.

Isso me dá vontade de agarrar meu pau, e assim faço, agarrando meu comprimento e acariciando enquanto exploro a sensação do que quer que Kepler esteja fazendo. Minhas coxas estão abertas, joelhos para cima. Estou exposto de uma forma que nunca estive antes, e a plenitude começa a apertar. Eu ranjo meus

dentess, me bombeando mais rápido. Não sei se já fui tão duro antes. E então eu só preciso... Eu gemo enquanto descubro o dedo dele.

— Porra, — Kepler murmura, um pouco de surpresa voando por sua voz, e a pressão se multiplica vezes um zilhão – pulsando através de mim, subindo em meu estômago e descendo em minhas coxas e atingindo todos os músculos doloridos e tensos entre eles. É como uma pressão perfeita em todos os lugares. Não sei se me sinto bem, mas estou *doendo* por isso.

— Kepler, — murmuro, o mundo brilhando mil cores diferentes enquanto tento manter o controle sobre a realidade. Mas eu não posso. Estou me bombeando com urgência, moendo para colocar o dedo dele mais fundo dentro de mim. Sou uma besta que não consegue se controlar, tamborilando, precisando, tremendo com a intensidade.

— Mais? — A voz do Kepler vem de algum lugar. Eu aceno com a cabeça, depois sinto mais eletricidade saindo sobre mim, como se estivesse acordando todas as células dormentes do meu corpo.

Acho que ele tem dois dedos em mim, e então ele está se inclinando sobre mim, ainda trabalhando mais fundo, e eu tombo para cima, lutando para chegar mais perto dele. Para beijá-lo. Mas não consigo alcançá-lo através das minhas pernas abertas. Não consigo chegar perto.

— Kepler, — eu gemo. — *Sim*, mais. Eu preciso de mais.

Eu preciso... *o quê?*

Seus lábios, para começar.

Com minha mão livre, eu me abaixei e enrolei meus dedos em seus cabelos, puxando-o em minha direção, e ele rasteja para cima, guiado por mim. Meus lábios batem contra os dele assim que posso alcançá-los. Minha língua esculpida em sua boca. Nós dois gememos em nosso beijo enquanto suas mãos pousam em ambos os lados dos meus ombros, sua cabeça baixando para que ele possa me beijar. Seu pau grosso está terrivelmente perto do meu enquanto raspa as costas dos meus dedos.

É assim que seria se ele me fodesse.

O corpo dele sobre o meu, lábios no meu. Exceto que a pressão baixa e necessária estaria bem dentro de mim enquanto chupamos a língua um do outro.

Putá merda, eu *quero* isso.

Eu me afasto do beijo. — Eu quero seu pau em mim.

As narinas dele se alargam. — Você disse que não está pronto.

— Eu acho que estava errado. — Merda, queria parecer mais convencido.

Estou convencido. Eu só estou nervoso.

Ele respira fundo. — Acredite em mim, não há nada que eu queira fazer mais, mas...

— *Foda-se*, Kepler. — Desta vez, a convicção soa na minha voz. Eu o puxo pela nuca, e minha língua se arrasta ao longo de seu lábio inferior mais fino antes

de mergulhar em sua boca. Eu soltei meu pau e ele se encostou no dele. Sua pele está quente, nós dois carregados.

Mas ele se afasta de mim.

— Você tem certeza, — diz ele entre respirações pesadas. Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Eu aceno de qualquer maneira. Porque, sim, tenho certeza absoluta.

Estou pronto para isso. Estou pronto para *nós*. E por mais que isso mude as coisas entre nós – porque eu sei que mudará. Quero dizer... ele leu minhas redações. Por nenhuma outra razão além de ler minhas palavras. Há algo tão profundamente humilhante nisso.

Ele me quer. Cérebro, corpo e alma.

E eu o quero.

— Eu quero você dentro de mim, — eu digo. — Agora.

— *Foda-se*, Jin. — Ele geme quando se inclina para me beijar rapidamente, e então ele se arrasta para baixo da cama, músculos ágeis flexionando quando ele estende a mão para pegar seu jeans. Ele pega outro pacote de papel alumínio, rasgando-o e se embainhando em um movimento rápido antes de passar por cima de mim novamente, seus olhos fixos nos meus.

— Diga-me se você quiser parar, — ele diz suavemente, e meu estômago flexiona, meu peito arremessa. — Ou *qualquer* outra coisa. Estou ouvindo suas palavras.

Eu aceno com a cabeça, não acreditando que eu poderia querer parar. Nem um único pedaço de oxigênio está nos meus pulmões enquanto ele se ajoelha, me arrastando pelos meus quadris, então estou descansando parcialmente em suas coxas. Ele começa com os dedos novamente, e eu gemo assim que ele me pressiona, já perdido pelo sentimento. Ele leva seu tempo, e eu não o apressei. Ele está fazendo o que acha que eu preciso, e eu confio nele. Então, aceito logo isso. Completamente em suas mãos.

Depois de alguns minutos, seus dedos me deixam, e ele faz uma pausa, sua língua molhando o lábio inferior.

— Por favor, — peço. — Abra a boca.

— Continue falando comigo, — diz ele. Ele paira sobre mim por um momento, os olhos se voltando para o meu rosto.

— Faça isso, — repito, e um pequeno sorriso inclina o lábio e ele se move para se masturbar, um ombro e bíceps flexionando de tomar a maior parte de seu peso. Minhas pernas se abriram enquanto ele roçava a cabeça grossa e larga de seu pau contra minha mancha. Então ele roça no meu buraco, seus olhos ainda fixos nos meus. Seu pau é mais largo do que os dedos, mais macio de certa forma. Mas

não muito macio quando ele roça contra mim. Ele ainda nem empurrou, e já a cabeça larga de seu pau faz com que essas faíscas não apenas disparem, mas voem e zunam ao meu redor, então essa baixa pressão ressoa em meu abdômen.

Eu cerro os dentes, os nervos cravando.

— Respire. — Ele lambe os lábios, sua própria respiração ficando afiada.

Eu aceno com a cabeça, tentando relaxar no colchão, mas cada um dos meus músculos está ansiosamente tenso, e eu paro *completamente* de respirar quando ele começa a pressionar, meus olhos querendo se fechar, mas eu me forço a continuar olhando para ele porque ele é tão sexy que quase dói.

Eu chuto minhas pernas para o lado, provavelmente parecendo deselegante como o inferno, mas como sempre, Kepler só parece excitado por mim. Seus lábios se separam, e um gemido profundo e masculino cai dele quando a pressão se intensifica. Sua cabeça inclina ligeiramente para trás, mas ele parece se pegar antes de ceder ao que está sentindo, e ele olha para baixo, com a mandíbula apertada, mal se movendo.

Ele inspira bruscamente, as narinas queimando. — Você está bem?

— Sim. Mais...

É isto. Este momento entre nós – significa algo.

E acho que ele também sente isso porque um sorriso inclina os lábios, mas desaparece quando minha pélvis aperta, à beira da dor. Meus dedos agarram o lençol.

Ele faz contato visual sólido e se esforça mais, me dando mais. E mais.

E depois disso...

— Porra, — ele geme, recostando-se de joelhos, a mudança de ângulo me fazendo gemer. Seu olhar desce até onde ele está dentro de mim. — Eu gostaria que você pudesse ver isso.

Meu cérebro tenta puxar uma imagem, mas ele faz curto-circuito.

É angustiante. *Ele é* esmagador.

Estendo a mão, pairando-a no ar entre nós enquanto ele lentamente se move para frente para que minha palma possa se achatar contra seu esterno. A pressão aumenta muito, minhas bolas pressionadas entre nós de uma forma que está fazendo meus olhos revirarem na minha cabeça.

— Está pronto? — ele diz, voz baixa.

— Pronto pra quê? — Eu digo com a voz rouca. — Nós já estamos lá, não estamos?

É impossível que haja mais, mas então ele lentamente puxa seus quadris e um milhão de sensações disparam através de mim. Não tenho certeza se é bom ou ruim. Neste ponto, é apenas diferente.

Aperto meus olhos com força.

— Será que eu devia parar? — pergunta ele.

Balanço a cabeça. — Não.

— Fique comigo. — Ele me empurra de novo, e a pressão ainda está lá, mas já está se transformando quando ele começa a me foder lentamente. Então, sem aviso, é como se a parte mais profunda de mim se arranhasse contra a beira da felicidade. Como algo correndo através de mim, elegante e quente, abrangendo meu abdômen, depois peito, depois ombros, depois braços, e cada músculo se aperta com *necessidade* total enquanto Kepler me fode. É como se com cada bombeamento em mim, ele está batendo algo eufórico.

Putá merda, é uma loucura. E de repente estou gemendo por ele me foder mais. Para ele me foder mais. Eu nem sei o que estou dizendo, apenas desabafando.

Realidade e fantasia batem juntas. De tudo o que imaginei a tudo o que tentei evitar imaginar. Tudo se aglutina, mudando para algo tangível e quente, batendo em mim enquanto ele se move, e meus olhos se abrem para encontrá-lo olhando para mim, apoiado em uma mão novamente, seus olhos embaçados, lábios úmidos.

Ele se inclina sobre mim, a outra mão agarrando meu queixo enquanto me beija, mas mal é um beijo, mais a respiração dele contra meus lábios, bocas abertas, línguas se enrolando. O momento permanece entre nós.

Eu coloco minha mão em volta do pescoço dele, a urgência correndo através de mim.

Put a que pariu. Eu sou tão duro. Meu pau esfrega em seu abdômen superior enquanto ele me fode. E esse zumbido não para, apenas se intensifica a cada impulso.

É um paraíso alucinante, e estou xingando, gemendo e implorando por mais, enquanto nos agarramos um ao outro, com mais força, lutando para nos aprofundar.

— Jin, — ele grita logo acima da minha boca, empurrando com toda a sua força, me chocando com sua necessidade de tirar o fôlego e estalar os olhos.

E quando penso que isso não pode melhorar, ele se inclina para trás e me empurra tão fundo que não vejo apenas estrelas, vejo planetas e mundos inteiros. As cores e as luzes. Eu só estou meio ciente enquanto ele agarra meu pau, me acariciando no mesmo ritmo que ele está mantendo, cada impulso nos enviando para um fervor que nos deixa suados e ofegantes. Nossos movimentos se tornam irregulares, e então a mão de Kepler no meu pau se torna o foco de toda a minha existência, e eu estou dirigindo em sua palma, minha boca se abrindo, meu abdômen apertando.

— *Kepler.* — Eu não consigo mais me conter.

Gozo com uma força de corpo inteiro que me destrói, molhando nossos peitos. Ele me ordena através do meu clímax, e eu observo através da minha névoa pós-gozo, hipnotizado, enquanto seus olhos cinzentos escurecem, enquanto sua mandíbula se contrai, ombros contraindo, todos ele mudando para uma nítida clareza enquanto me segue, gozando com tanta força que empurramos o colchão. Eu agarro sua bunda, puxando-o profundamente para dentro de mim enquanto ele desacelera, meus lábios se separando enquanto ele arrasta um suspiro trêmulo.

— Jin, — ele murmura quando seu peso afunda em mim. Sua testa cai contra meu pescoço suado, nossos peitos se expandindo juntos, minha liberação engessada entre nós. O pau dele ainda está em mim, se contorcendo, o que é tão quente que meu pau continua vazando.

— Puta merda, — eu murmuro, mal capaz de falar com todo o seu peso em mim. — Quando podemos fazer isso de novo?

Ele ri. — Pode me dar alguns minutos. — Suas mãos se esgueiram sob minhas costas, fazendo minha coluna se curvar enquanto ele enrola os braços em volta de mim, todo o seu calor me cercando.

Um abraço.

Ele está me *abraçando*, e faz essa onda de calor ferver na minha garganta. *Simkung* ao máximo. Eu tento recuperar o fôlego enquanto ele lentamente puxa os

quadris e seu pau desliza para fora de mim. Minha bunda está vazia. Mas o resto de mim... Não sei se já me senti tão cheio.

— Quinn, — eu empurro para fora, envolvendo um braço em torno de seus ombros, travando-o em cima de mim. — Qual o seu nome do meio?

Ele ri. — Por favor, não me diga que você estava pensando nisso enquanto estávamos transando.

Estou sorrindo. — Nah. Eu estava muito obcecado com o seu pau dentro de mim. Mas eu acho que se estamos transando, então eu deveria saber seu nome do meio.

— Justo. — Sua respiração aquece o topo do meu ombro enquanto ele levanta a cabeça. — Nicolau Copérnico

Eu rio tanto que meu peito dói, o peso dele fazendo minhas respirações rasas. — Kepler Copérnico Quinn?

— Sim. — Sinto o sorriso dele na minha pele, bem debaixo da minha orelha. — Você não tem um nome do meio?

— Nós realmente não fazemos isso na Coréia. — faço uma pausa. — Por que você me chama de Jin em vez de Jae ou Jae-Jin?

Ele se afasta e encontra meu olhar, olhos cinza esfumados tão perto que posso ver as manchas marrons. — Não é desrespeitoso chamá-lo apenas pela segunda sílaba?

— Bem, *minha* halmeoni nunca faria isso, mas nunca me importei com isso.

— Eu franzo a testa, realmente não quero falar *sobre* Halmeoni agora. — Apenas me perguntando... Você me chama assim desde que éramos crianças.

Seus dentes passam por seu lábio inferior. — Porque você me disse uma vez o que o hangul¹⁶ significava.

Faço uma pausa, tentando ler tudo o que posso no rosto dele.

— Tesouro, eu digo. — Significa algo como um tesouro.

Ele me aperta com mais força. — Exatamente.

¹⁶ O alfabeto coreano, conhecido como Hangul ou Hangeul (em coreano: 한글) na Coreia do Sul e Chosŏn'gŭl na Coreia do Norte (em coreano: 조선글), é um sistema de escrita da língua coreana criado pelo Rei Sejong, o Grande em 1443.

16

— ADELARD ESTÁ BEM? — A questão é suave na calada da noite da montanha.

Estamos do lado de fora da yurt, balançando lentamente em uma rede esticada entre duas enormes ameixas, troncos brancos pálidos no brilho da meia lua.

Minhas costas estão no peito de Kepler, minha bunda machucada nua está pressionada contra seu pau, suas pernas enroladas em minhas coxas, seus braços cruzados em volta do meu peito enquanto meus dedos simplesmente se arrastam no chão.

Não faço ideia de que horas são. Fodemos de novo – e de novo – e desde então, estamos aqui, balançando suavemente e falando sobre tudo, desde o verão de Kepler na Califórnia no ano passado até a arrecadação de fundos de Dex e os ensaios em que tenho trabalhado. Mas não conversamos sobre nada muito sério.

Não até eu fazer essa pergunta, porque eu estive pensando sobre como Kepler tinha que preencher no observatório. E a primeira pergunta saiu de sua boca quando ele viu Adelard: *como você está se sentindo?*

Kepler respira fundo, seu peito se solidificando nas minhas costas. —
Câncer de próstata

— Droga.

— Eles o encontraram cedo. — Seus braços se apertam ao meu redor. — O tratamento é uma droga, mas ele vai ficar bem. É que os dois estão ficando mais velhos. Haverá outras coisas. E ainda por cima comigo me mudando para fora do estado, então não estarei aqui para ajudá-los.

Uma pedra dura fecha meu estômago para ele falar sobre ir embora, mas ele não parece notar, seus lábios batendo por cima do meu ombro, então ele assenta o queixo em mim dizendo: — Você pode vir comigo.

Eu congelo, endurecendo contra o peito dele. — Isso é loucura!

— É? — Ele torce a cabeça, o queixo cavando em mim apenas uma fração, um pouco áspero com a barba. — Honestamente, eu realmente não me importo se é insano ou não. Ainda é a verdade. Você poderia, na verdade, vir comigo.

— Você está brincando comigo, — digo humildemente.

— Não. Ele inclina a cabeça para beijar meu pescoço, então logo abaixo da minha orelha, seus lábios acendendo uma onda que rola pelo meu peito e imediatamente endurece meu pau sempre ansioso.

Inclino a cabeça contra o ombro dele, olhando para as folhas de álamo tremendo acima de nós, amarelo pálido na lua. — Você gosta de dizer coisas que me incomodam.

— Não foi por isso que eu disse. — Ele faz uma pausa. — Essa não foi a *única* razão pela qual eu disse isso. Só pense sobre. Deixe rolar no seu cérebro espertinho por um tempo. Veja o que cai.

— Você ainda nem conseguiu o emprego, — eu digo, embora eu saiba que ele conseguirá. Eles seriam estúpidos em não oferecer a ele.

— Não, ele diz calmamente. — Mas eu tenho esperança. Sobre um monte de coisas...

Seus braços se apertam ao meu redor, e estou completamente perdido pelo que dizer, então balançamos, a floresta silenciosa ao nosso redor.

Só nós dois. *Sozinhos*.

Estamos a um milhão de quilômetros de distância de qualquer outra pessoa. De todas as coisas que nos esperam em Indigo Falls.

É assim que pode ser?

Momentos como este. Balançando em uma rede, seus braços me envolveram, seu queixo apoiado no meu ombro, seu peito se expandindo contra minhas costas.

Posso me acostumar com isso.

Especialmente a maneira como ele me beija aqui, ao ar livre, lânguido e como nós temos todo o tempo do mundo, sua mão deslizando ao redor para segurar meu pau sob o cobertor como se ele soubesse o que eu estou pensando.

Ele mordisca meu lóbulo da orelha. — Como se sente?

— Um pouco dolorido em certos lugares, — admito. — Não tenho certeza se estou pronto para ser fodido de novo. Mas tenho certeza de que tenho outras peças de trabalho.

— Bom, — diz ele, sua mão deliciosamente familiar no meu pau. Já acariciando um ritmo que faz minha cabeça girar. Eu gemo e me torço para encará-lo enquanto sua outra mão segura minha mandíbula, nossos lábios lutando para estar um sobre o outro.

Cristo. Quero ele dentro de mim de novo. Não me importa o quão dolorido estou. Ele pode me foder até...

Meus pensamentos param e eu resmungo com um som distante.

Ele se afasta de mim. — Algum problema?

— Não. — Suspiro. — É apenas meu telefone.

Ele franze as sobrancelhas. — Não ouço.

— Também tocou mais cedo. Duas vezes. — Eu arrasto a mão sobre o rosto. — Eu provavelmente deveria ver o que é, considerando que são três da manhã. Deve ser o Dex, mandando uma mensagem de check-in. Eu nunca disse a ele que ia passar a noite, e ele vai se preocupar se eu não responder.

O ar parece frio e afiado enquanto deslizo do nosso quente casulo de cobertores. Corro pelo caminho de terra até a yurt, Kepler me seguindo em um

ritmo mais lento com os cobertores embaixo do braço. Escovo os pés no tapete antes de entrar. Um momento depois, Kepler entra e fecha a porta atrás dele, as lanternas lançando um brilho quente sobre sua pele. Ele se vira para dobrar os cobertores, braços longos esticados, flexionando a bunda apertada, e eu fico meio grasnando para ele enquanto encontro meu jeans amassado na frente da cama.

Eu pego meu telefone do bolso assim que ele toca novamente.

Shin.

— Droga. — Faço uma pausa, olhando para o nome do meu irmão. A realidade volta. — É o Shin.

Kepler termina com o primeiro cobertor e começa a dobrar o segundo. — Então você provavelmente deveria responder.

— Sim. — Limpo minha garganta e clico na chamada. — Ei, irmão. O que está acontecendo?

—J á era hora de você responder.

— Sim, eu estive ocupado, — eu digo.

Kepler joga o segundo cobertor na pilha dobrada, completamente nu e totalmente distrativo. Aqueles olhos inteligentes e esfumaçados pousam em mim quando ele se vira, e então uma sobrancelha arduamente lenta e provocadora sobe quando ele me encontra olhando para ele.

Ele inclina a cabeça, aquela sobrancelha provocante caindo, e eu me pergunto o que ele está lendo na minha cara. Então ele acena para o telefone.

Sim.

Estou falando com meu irmão.

O melhor amigo dele.

— Então, se você não chegar aqui, diz Shin, — então ela está pedindo para ligar para Fender.

— Espera, o quê? — Minha voz é grossa e eu limpo minha garganta. — Pode repetir?

Shin solta uma maldição. Seu rádio crepita no fundo, e parece que ele tem um milhão de outras coisas exigindo sua atenção.

— Ela está pedindo para ligar para Fender, — diz ele.

— Eu te ouvi. — Eu me afasto de Kepler, focando no meu irmão. — Você pode repetir todo o resto?

— Porra, Jae-Jin. — Sua voz cai. — O que está acontecendo? Você está bem?

— É, estou. O que há com a mamãe?

— Você não ouviu nada do que eu disse? — Seu aborrecimento comigo é alto e claro. — Ela mijou no meio de um cruzamento e depois entrou em uma briga com um motorista que estava esperando o semáforo mudar.

— Sério? — Esfrego a mão no rosto, meu estômago afundando. Por que ela mijaria no meio de um cruzamento? — Onde ela está?

— Ela está no hospital. Nada sério, só alguns pontos. Espere. — Ele abafa o telefone e responde a alguém ao fundo antes de voltar para a linha. Nesse tempo, puxei meu jeans e comecei a procurar minha camiseta.

— Mas isso não é tudo, — diz ele quando está de volta. — Há um hematoma mais antigo ao longo das costelas. Ela inventou uma desculpa. Primeiro sobre escorregar no banheiro, depois sobre tropeçar em uma cadeira.

O afundamento do meu estômago se transforma em um aperto completo.
— Fender.

— Eu não sei. Ela não quis falar sobre isso. Mas o hospital quer alguém para examiná-la, e se um de nós não fizer isso, então será ele. Precisamos deixá-la viver sua própria vida, mas...

Ele não tem que dizer isso.

Conheço essa sensação. Responsabilidade. Culpa. Frustração. Preocupação.

— Você está trabalhando? — pergunto.

— O turno começou há uma hora e houve um acidente com vários carros na Snake River Road. Precisavam de mim lá há cinco minutos. Então, você pode ir para o hospital? Podemos resolver as coisas mais tarde.

Eu me viro para olhar para Kepler. Ele está a poucos metros de mim agora, e não sei se ele pode ouvir Shin, mas suas linhas da testa enquanto ele fala. — O que você precisar.

Precisar.

Essa é uma palavra grande.

O que eu *quero* é terminar essa ligação, rastejar de volta para a cama com ele, e ver o quão dolorido minha bunda pode ficar. Eu quero continuar fechando o mundo por apenas mais algumas horas e fingir que essa fantasia pode realmente existir por mais de meia noite.

— Eu tenho que ir, Jae, — diz Shin. Uma porta de carro ecoa ao fundo.

— Estou a noventa minutos de carro, — eu digo a ele.

— Onde você está?

— Hum, apenas visitando este observatório.

— Um observatório? — Silêncio. — *Kepler?*

— Isso é realmente algo que eu queria falar com você.

Mais conversas de rádio no fundo. Então o som de sirenes distantes.

É uma péssima hora para contar a ele sobre Kepler.

— Eu tenho que ir, — ele diz bruscamente.

O telefone está mudo. Eu olho para ele.

— Jin. — Kepler dá alguns passos em minha direção. — O que está acontecendo?

— É minha mãe. — Minha voz fica grossa de repente, as palavras grudando na minha garganta. — Preciso tirar ela disso.

Ele acena. — Agora?

Balanço a cabeça. — Eu não sei.

Sinto-me pesado, como se todos os meus ossos tivessem dobrado de peso. Não é a primeira vez que eu tive que buscá-la no meio da noite, mas é a primeira vez que eu estive com alguém quando eu recebi a chamada.

E não apenas alguém.

Mas Kepler.

E aqui está.

— Porra. — Joguei meu celular na cama. — Não quero ir. Acabamos de nos conhecer. Gosto de estar com você.

Ele dá um longo passo à frente, não me tocando, mas perto o suficiente para que qualquer um de nós pudesse alcançar. — Eu também gostei. E nós podemos voltar. Tanto quanto quiser.

Eu arrasto a respiração, precisando daquele apoio total que ele me dá. — Porra, me beije.

Sim. Instantaneamente. Sem perguntas, apenas prendendo um braço em volta dos meus ombros e me puxando contra ele, seu peito, estômago e lábios tão quentes. Depois, eu espremo meus olhos enquanto ele me envolve em um abraço, sentindo sua respiração na minha bochecha, seus braços ao meu redor. Uma das mãos dele aperta meu pescoço, a outra descansando no meu quadril.

— Não sei o que fazer. — A confissão cai de mim. Palavras que nunca admiti a ninguém. Seus dedos longos apertam a nuca do meu pescoço levemente, e eu sei que ele está ouvindo. Ele está sempre ouvindo.

— Eu deveria simplesmente deixá-la afundar? — Então eu continuo. — Namorar esse babaca do Fender? Parar de pagar as contas? Eu deveria vê-la se derrubar? Não posso fazer isso, mas o que mais devo fazer?

Seus dedos lisos ao longo da parte de trás do meu pescoço, sua respiração firme contra minha bochecha. — Você tem lutado esta batalha a vida toda.

— Bem. — *E nunca mudou.*

É um pensamento frio.

E se *nunca* mudar? E se ela nunca quiser ajuda?

Balanço a cabeça, meu estômago é uma pedra. — Não sei o que fazer. Só que... — Minhas palavras caem, o calor subindo pela minha garganta.

— Você não está sozinho. — Sua voz baixa me ancora, e solto uma respiração irregular que estava segurando, o calor se acumulando atrás dos meus olhos enquanto me agarrava a ele.

— Estou aqui, — ele murmura contra minha orelha. — Sempre estarei.

Algo em mim se dobra. Algo que tem sido mantido tenuamente nos últimos nove anos depois da morte do meu pai e, em seguida, ver minha mãe se despedaçar uma e outra vez. Eu não sei como pegar nenhum dos pedaços.

Preciso de ajuda.

Eu aceno com a cabeça contra o ombro dele, forçando as palavras a passarem pelo nó do tamanho de uma pedra na minha garganta. — Eu não sei o que fazer, mas sei que preciso ir buscá-la.

Seus dedos acariciam a parte de trás do meu pescoço. — Então nós iremos...

17

FALAMOS.

Para a viagem de noventa minutos de volta a Indigo Falls, eu apenas abri minha boca e deixei tudo cair.

Conto a verdade, a vergonha. As merdas que nunca contei a ninguém. Ele sabe um pouco, mas não sabe muito. Como encontrá-la desmaiada com as calças caídas ao lado do banheiro. Ou quando ela está tão bêbada que mal se lembra do meu nome e pensa que sou o pai.

Eu digo a ele coisas que Shin não sabe. Não que eu estivesse intencionalmente escondendo coisas do meu irmão, mas não disse a ele toda vez que a encontrei em seu próprio vômito. Ou a peguei na casa de um cara com a camisa do avesso.

— Shin não sabe muito, — Kepler diz calmamente enquanto nós voltamos para a estrada principal que acabará se transformando em Indigo Falls.

Eu me recosto contra o assento de couro com um suspiro, estendendo minhas pernas o máximo que elas podem ir no banco da frente do jipe e coçando a faixa de couro ao redor do meu pulso. — Acho que não.

Eu respiro fundo, sentindo aquela aperto duro ao redor do meu peito quando penso no futuro. — Eu não sei o que vai acontecer com ela quando eu for.

Ele me olha de soslaio, dedos longos envolvendo a parte superior do volante. — Você pode levá-la para algum tipo de reabilitação?

— Ela já esteve lá. — Balanço a cabeça. — Mais de uma vez. Simplesmente não funciona. Além disso, é como uma reunião quando ela vai para a reabilitação aqui. Metade das pessoas lá são pessoas com quem ela bebe.

— Você já tentou mandá-la para algum lugar mais longe? — pergunta ele. — Algum lugar desconhecido?

Solto um suspiro alto. — Isso custa dinheiro. Bastante coisa. Eu me dou bem com o trabalho de redação, mas não é o suficiente para isso. Não sei se Shin ajudaria, mas os policiais não estão exatamente ganhando dinheiro.

— E se o dinheiro não importasse?

Fico confuso. — Bom sonho. Mas isso não *importa*. Não há como contornar isso. Recebi informações deste lugar em Ohio que parecem ser um bom lugar para ela, mas assim que vi o custo... — Eu balancei a cabeça, olhando pela janela para as árvores passando. — Eu abri uma conta poupança para isso. Eu jogo o que posso lá, mas vai levar anos.

Meu reflexo me encara pela janela, a testa penetrante brilhando, o cabelo preto no caos ventoso. — Eu poderia conseguir um emprego noturno em algum lugar. Normalmente estou acordado de qualquer maneira.

Talvez eu seja um idiota egoísta. Indo para a faculdade. Gastar o dinheiro em quem sabe o que. Tento respirar fundo, minha garganta se contraindo, o peso de tudo isso me pressionando.

Kepler bate os dedos longos no volante, a pulseira do cordão de couro amarrada em torno de seu pulso balançando. — E se eu ajudasse? E se eu pagasse por isso?

— Você pagaria para mandar minha mãe para a reabilitação?

— Sim. — Ele acena com a cabeça, os dedos quietos. — Gastar em algo assim é mais importante do que um novo jipe.

— Você está falando sério, — eu resmungo.

— Muito sério.

Engulo em seco, tentando aliviar a garganta, e me encosto no encosto da cabeça. — Eu nunca poderia pedir que você fizesse isso.

— Você não está pedindo. — Ele olha para mim rapidamente antes de voltar sua atenção para dirigir. Ainda está escuro lá fora, a hora da noite quando os veados se lançam na estrada. — Estou oferecendo.

Balanço a cabeça novamente, nem mesmo tenho certeza de como organizar meus pensamentos sobre isso. — De onde veio seu dinheiro?

— Meu avô era um inventor, — diz ele. — Ele tem algumas licenças que ainda trazem royalties. Algumas coisas interessantes, na verdade. Eu vou te mostrar algum dia. Mas a questão é que a maior parte do dinheiro simplesmente fica em uma conta, sem fazer nada. — Ele olha para mim novamente. — Poderia fazer alguma coisa.

— Você nem sabe quanto dinheiro estamos falando.

— Eu não preciso perguntar. — Ele dá de ombros. — Diga *sim!*

Não. Meu estômago se contrai. Não posso tirar isso dele.

Eu posso? Uma pequena faísca de esperança se acende no meu peito, mas eu a apago, e tudo o que resta é esse calor crescente. Meus pulmões estão *quentes*.

Eu não posso aceitar o dinheiro dele.

É demais para mim. Não é certo.

À frente, a placa para Indigo Falls aparece. A nove milhas de distância, e minha garganta aperta ainda mais. Esse calor no meu peito queima o meu esôfago. Eu tossi, mas isso parece que aperta minha garganta ainda mais.

Esta maldita estrada é tão familiar. A rocha aflorando à frente que parece uma frigideira de lado. A velha torre de água que alguém pintou um pau gigantesco recentemente. Três jorros de esperma saindo do topo.

É tudo dolorosamente familiar.

Não quero retornar. Uma imagem de Kepler virando o jipe e dirigindo salta através da minha cabeça. Indo a algum lugar, a qualquer lugar, talvez uma praia. Posso imaginar Kepler em uma praia, o sol destacando o loiro em seu cabelo, seus antebraços bronzeados quando ele estende a mão em minha direção. Talvez pudéssemos alugar um veleiro.

Eu nunca estive em um barco.

Balanço a cabeça.

É uma fantasia que nunca vai acontecer.

Eu faço algum tipo de ruído sufocante, o calor e o aperto se prendendo tão forte que de repente estou tendo dificuldade em respirar. Inclino-me em direção à janela aberta, tentando sugar o ar da noite.

Eu posso sentir o cheiro do ar, denso com o cheiro de sempre-verde. Mas não consigo respirar.

— Jin. — O alarme toca através da voz de Kepler, mas não estou olhando para ele, apenas olhando para as árvores e tentando sugar o ar.

O jipe se vira para fora da estrada, inclinando-se quando sai do pavimento e desvia para o aterro de terra ao lado.

— Jin. — Ele agarra meu ombro, virando meu queixo para que eu esteja olhando para ele.

Minha respiração enjaula ainda mais forte enquanto eu pisco para ele, lágrimas se acumulando nos cantos dos meus olhos, dificilmente capazes de ver no interior escuro do jipe.

Eu tento responder, mas não consigo respirar o suficiente para dizer qualquer coisa. Só estou balançando a cabeça, o pânico aumentando. Eu bato no botão do cinto de segurança, incapaz de manter minhas mãos paradas o suficiente para trabalhar.

Kepler clica para mim.

— Respire, Jin. — A mão dele segura minha mandíbula. — Tente relaxar.

Como se relaxar fosse possível.

Tento dizer a ele que não posso. Suas pupilas alargadas correm ao redor do meu rosto.

— Não tente falar, — diz ele. — Apenas siga minha respiração.

Ele se inclina para perto, sua bochecha contra a minha, seu hálito emplumando minha orelha. Uma lenta tragada e depois uma longa expiração. Outro, depois outro.

Em sua terceira respiração, eu me concentro em mim mesmo, capaz de abrir minha garganta apenas o suficiente para puxar uma meia respiração trêmula.

— Bom, — ele expira. — Agora solte isso.

Eu aceno com a cabeça – minha bochecha se movendo contra a dele, sua barba baixa raspando – e expiro a respiração.

— Entre. — Ele inspira, e eu tento imitá-lo, ainda incapaz de respirar tão completamente quanto ele, mas tenho ar suficiente para parar a chama do pânico. O suficiente para encher metade do meu peito.

Eu ouço enquanto ele me diz para expirar. — Fora. — Não sei por quanto tempo ele me guia. Até que finalmente consigo respirar fundo, o que parece encher a maioria dos meus pulmões.

— Foda-se, — murmuro, as palavras saindo da minha garganta. — Isso me assustou pra caralho.

— Eu também. — Sua linha da testa, sua mão ainda segurava suavemente minha mandíbula. — Você está bem?

— Acho que sim. — Olho para baixo e encontro minhas mãos presas em torno de seus pulsos. Minhas pontas dos dedos estão brancas por segurá-lo com tanta força. Merda. Eu vou soltá-lo. — Eu o machuquei?

— Eu nem senti isso. — Ele não tira os olhos de mim, cinza escuro e tão cheio de preocupação que isso me deixa boquiaberto.

— Kepler, — murmuro.

Ele se inclina, lentamente, parecendo saber que eu preciso dele, seus lábios apenas roçando os meus. Um beijo suave, mal ali, e então seus braços passam ao

meu redor, e ficamos lá, por longos minutos, no acostamento sujo da estrada, apenas segurando um ao outro.

Não quero ir.

Mas eu finalmente sei porque não podemos ficar aqui para sempre. E não podemos virar o jipe e dirigir para uma praia em algum lugar e navegar para longe.

Precisamos voltar para Indigo Falls.

— Jin. — O polegar de Kepler alisa o sistema solar tatuado no meu antebraço. — Você acha que devemos conversar sobre o que acabou de acontecer?

Limpo a garganta. — Foi um ataque de pânico.

— Você já teve um antes?

— Eu costumava tê-los logo após a morte do meu pai.

Sua mandíbula aperta. — Não sabia disso.

— Agora sabe. — Pego a mão dele na minha, o polegar esfregando ao longo do cordão de couro enrolado em seu pulso e depois ao longo dessa veia. — Por que você usa isso?

— Flora me deu. — Ele me observa traçar ao longo de sua veia. — Quando eu saí.

— Quando foi isso?

— Cerca de cinco anos. — Ele me estuda por um momento, como se achasse que eu deveria conectar algo, mas ainda estou na metade da minha cabeça. — Você ainda quer ir buscar sua mãe?

— Sim. — Eu clico no meu cinto de segurança. — Eu preciso levá-la para casa.

Seu pomo de Adão balança enquanto ele me estuda por mais um segundo. Então ele acena com a cabeça e recua na rodovia.

O CENTRO HOSPITALAR fica do outro lado da cidade. Nós dirigimos através de semáforos que estão todos piscando amarelo a esta hora da noite, o céu apenas começando a clarear atrás dos picos orientais. Ainda há neve lá em cima – nunca derrete completamente – no topo irregular nas sombras dos picos.

Deslizei a mão para a coxa de Kepler e coloquei a palma da mão logo acima do joelho dele. Ele cobre minha mão com a dele, aquecendo meus nós dos dedos.

Ontem à noite, ele era meu.

Dirigimos silenciosamente pela cidade. Quase nenhuma luz está acesa. Nenhum outro trânsito. Não há música no jipe agora, apenas o som do motor e os pneus na calçada.

Ele bate o polegar no topo do volante, a perna se movendo sob a minha mão para tocar no freio quando o limite de velocidade cai, mas ele não solta a minha mão.

Eu poderia fazer isso por um longo, longo tempo.

Mas como seria isso?

Ele está indo embora.

Seja para o trabalho da NASA ou outra coisa. Ele é muito esperto para ficar em Indigo Falls. Ele é muito capaz. Demasiado determinado.

Todas as coisas que gosto nele. São as mesmas coisas que vão tirá-lo daqui.

E quanto a mim?

O que eu vou fazer?

É uma pergunta que eu deveria ter respondido há muito tempo. Mas as respostas dependem de outras coisas.

Ele entra no centro do hospital e estaciona. O longo edifício de tijolos está iluminado apesar da hora, sinal de emergência vermelho brilhante. Suponho que sempre é.

Kepler desliga a ignição, olhando para a minha mão descansando sob a dele.
— Como quer fazer isso?

Eu engulo em seco. Eu estava pensando sobre isso no caminho de volta. —
Venha comigo.

Ele acena. — Shin estará lá?

Balanço a cabeça. — Ele teve uma ligação que vai demorar um pouco.

Eu deslizo minha mão debaixo da dele e saio do jipe.

Nós caminhamos até as portas da frente, e eles se abrem. Quando entramos, somos recebidos pela segurança.

— Um posto de controle de segurança não é como eu queria que esta noite terminasse, — murmuro antes de passarmos.

— Está tudo bem, — Kepler diz calmamente depois de recuperarmos nossos telefones, carteiras e chaves.

Esfrego a mão no meu cabelo, sentindo-o se destacando em todas as direções. — Vou te compensar por isso.

Ele balança a cabeça levemente. — Nada para compensar.

Vou até o balcão e pergunto pela minha mãe. A enfermeira atrás da mesa me disse para esperar, que ela está com um oficial de finanças.

Suspiro, olhando pelo corredor para a linha de pequenas alcovas individuais, todas com portas de vidro. Minha mãe está no segundo escritório, de costas para o corredor, uma funda sobre o ombro, e ela está falando rápido. Mesmo que eu não possa ver o diretor de finanças, posso dizer que mamãe está tentando explicar algo para eles.

Provavelmente porque ela não tem dinheiro.

Suspirando novamente, dou um passo à frente, mas paro quando mamãe de repente se levanta e sai do escritório. Ela está de jeans e uma regata azul-turquesa, e o rímel está manchado sob seus olhos caídos. O braço direito dela está no suporte, e alguns cortes na bochecha. Ela para do lado de fora da porta, cavando sua bolsa. Com ela ainda aberta, ela olha em volta, não nos notando ainda.

Então ela coloca uma pílula verde na boca e engole seco.

Porra.

Eu já estou atravessando em direção a ela, mandíbula travando com força.

Quando ela me vê, ela sorri cansada, estendendo a mão para me dar um abraço com um braço. Não a deixo me abraçar ainda.

— Entregue-me isso. — Eu olho para ela. Começo a ficar louco com isto.

Talvez seja assim que Shin se sente. E ele não tem apenas que lidar com ela. Ele tem um milhão de coisas vindo para ele como um policial, e então ele sai do trabalho e tem que lidar com essa merda também.

Mamãe olha para mim. — Dar o quê?

— Pare com essa merda, mãe.

Seus lábios se apertam, e então ela enfia a mão na bolsa, pega as pílulas – no mesmo tipo de frasco de prescrição azul com a etiqueta arranhada – e as entrega para mim. Eu os embolsei e depois a guiei em direção à porta principal.

— Obrigado pela carona, nugget, — diz ela casualmente, como se aquela troca não tivesse acontecido.

Eu tenho que envolver meu braço em volta dela para mantê-la ereta enquanto nos aproximamos de Kepler. Eu olho por cima da cabeça dela para ele, e ela gira, parecendo notá-lo pela primeira vez.

— Kepler? — Ela aperta os olhos sombriamente para ele. — É você? Eu nunca te vi assim.

Ele acena com a cabeça, lábios em linha. — Olá, Lilah.

— Oi, — ela diz novamente enquanto o varre. Cabeça aos pés. — É tão bom te ver.

Seus lábios se separam em um sorriso cansado e tímido, e ela se inclina para ele o suficiente para tropeçar, sua mão estendendo-se para se apoiar em seu antebraço, seus dedos permanecendo lá enquanto eu a puxo em direção à saída.

Merda.

Ela não daria em cima dele. Eu tenho que estar imaginando coisas, certo?

Ela não iria fazer isso.

Envolvo meu braço com mais firmeza em torno de sua cintura. —Vamos, mãe.

Minha voz é aguda e mamãe se encolhe. — Por que tão mal-humorado?

— Eu não estou mal-humorado. — Eu a guio pelo ponto de verificação de segurança e pela ampla porta deslizante da frente.

Estou totalmente mal-humorado.

Mas ela ainda não está me ouvindo. Ela ainda está sorrindo para Kepler, que se aproxima do outro lado dela enquanto paramos no passeio do círculo da frente, os ombros rígidos.

— Vou puxar o jipe, — diz ele.

O sorriso da mamãe se alarga. — Obrigada. — Ela passa as pontas dos dedos sobre o antebraço dele novamente, e ele endurece ainda mais.

Que se foda.

Eu não posso deixar isso acontecer.

— Pare, mãe. — Abro a boca para dizer que ele é o melhor amigo de Shin. Que ele tem a mesma idade que os filhos dela. Todas essas razões que eu poderia usar para dizer a ela para recuar. — Apenas pare! Ele é *meu*.

Eu digo isso. Bem ali. A verdade real.

Ou o que eu quero ser a verdade.

Independentemente disso, me senti bem.

E quando olho para Kepler, ele arqueia uma sobrancelha, olhos cinza quente. Então eles voam atrás de mim e ficam fixos lá.

A porta deslizante se fecha atrás de mim com uma rajada de ar, e a respiração endurece em meus pulmões porque eu *sei* – sei pelo olhar em Kepler – quem está lá.

Esfrego a mão livre sobre a boca e depois me viro, ainda agarrando a cintura da mamãe para que ela se vire parcialmente comigo.

Shin está ali, uniforme bem pressionado, pés afastados na largura dos ombros, lábios se abrindo enquanto ele olha diretamente para Kepler com esse olhar no rosto como se tivesse acabado de ver um fantasma.

— Shin, — eu grunho e paro porque não tenho ideia do que vem depois.

— Olhe para vocês três juntos de novo, — mamãe diz brilhantemente. E aparentemente completamente alheia à tensão que a envolve. — É como nos velhos tempos.

— Não do jeito que eu me lembro. — Uma dureza se acumula no rosto de Shin, fechando suas feições, ajustando o queixo, concentrando-se em perfurar Kepler, virando-se para mim e depois de volta para seu melhor amigo. — *Que porra é essa?*

Kepler levanta as mãos. — Vou te contar tudo.

— Tudo? — Shin empurra um dedo em minha direção. — Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Kepler está parado. — Eu não sei como responder a essa pergunta.

— Você disse para ele... — A voz de Shin sobe. — Sobre mim?

Kepler assente lentamente. — Sim.

Em um piscar de olhos, Shin estala, um passo rápido à frente, o punho se aproximando e bate na mandíbula de Kepler.

Um golpe.

Silêncio depois.

Kepler não se move de seu local, mandíbula já escurecendo com um hematoma, um traço de sangue em seu lábio superior. Ele cospe na calçada e depois acena para Shin. — Eu mereço isso, mas não vai mudar nada. Shin...

— Nem *comece*. — Shin dá mais um passo em direção a Kepler e faz uma pausa, olhando para baixo e empurrando um punho com força contra seu colete à prova de balas. — Eu *bati em* você. Que merda é essa que estou fazendo? Não só isso, estou de uniforme. Acabei de dar um soco em um cara enquanto estava de uniforme – seu olhar dispara para a porta atrás de nós – em um lugar onde há malditas câmeras.

— Então vamos apenas conversar, cara, — diz Kepler, as mãos ainda levantadas. — Vamos a algum lugar onde possamos conversar.

O olhar que meu irmão se instala em Kepler me arrepia até os ossos. Está gelado. Raiva vibrando por baixo.

— Shin, — eu sussurro, mas meu irmão não olha para mim, apenas balança a cabeça e mantém aquele olhar frio em Kepler.

— *Agora* você quer conversar? — As narinas de Shin se inflamam. — Você vai me dizer em detalhes o que está fazendo com meu irmão?

— V-vou te dizer o que você quiser saber! — Kepler se aproxima dele, a voz firme, mas uma acumulação em sua respiração, a tensão apertando seus ombros. — Vamos lhe contar.

— *Nós?* — Shin cospe. — Foda-se isso... Sinceramente, não quero saber. — Ele se vira e caminha em direção ao estacionamento, balançando a cabeça, as mãos caindo no cinto, passos longos e focados.

Eu olho para ele, rasgado bem no meio. — Vai atrás dele!

— Jin. — Kepler estende a mão para mim, segurando a parte de trás do meu pescoço. Posso dizer que ele não quer me deixar, mas um de nós precisa ir atrás do Shin. E não posso deixar Kepler lidar com minha mãe.

— Vá atrás dele, — repito. Eu sei o que a amizade deles significa para os *dois*. E algo me diz que se Kepler não for, nunca chegaremos ao outro lado disso.

— Porra, — ele expira, olhando para o meu irmão. — Posso ir mais tarde?

— Acho bom mesmo.

Ele acena com a cabeça, tira a chave do Jeep, e o deixa cair na minha mão estendida, e então ele corre atrás de Shin.

18

Velocidade

Substantivo

1. a taxa de mudança na posição de um objeto

— VOCÊ ESTÁ APAIXONADO POR ELE? — mamãe pergunta.

Eu congelo, um copo de água na mão, minha cabeça ainda girando com o que aconteceu com Shin. Estamos na cozinha, o conteúdo da bolsa dela em todo o balcão porque eu só a fiz despejá-lo para me mostrar que ela não tem mais nada lá.

Nunca a obriguei a fazer isso antes.

Eu suspiro, coloco a água no balcão e deslizo-a em direção a ela. —Essa é uma pergunta complicada.

Ela acena com a cabeça, pegando sua carteira e alguns lenços de papel e colocando-os de volta na bolsa. Junto com um pouco de maquiagem e um absorvente. Então ela pega um chaveiro, com uma imagem revestida de plástico pendurada no final. Nós quatro voltamos quando Shin e eu ainda nem tínhamos

idade para estar na escola. Ela para com isso, apertando a boca enquanto olha para baixo.

— Você é gay?

Eu pisco para ela. — Essa não é a única opção, mãe. E o que há com as perguntas?

Ela respira fundo. — Acabei de... perceber que nunca falamos sobre você. Quero dizer, você tem passado por coisas, e eu...

— Estava bêbada? — Balanço a cabeça, toda a frustração dos últimos anos roçando a superfície.

Ela fecha os olhos. — Sim.

Eu congelo, surpreso. Ela nunca admitiu tão claramente. Sempre foram respostas como se *não fosse um problema* ou *não fosse grande coisa*.

— Você quer saber? — pergunto. É uma pergunta estranha, mas ela parece entender o que quero dizer.

Ela balança a cabeça não, depois acena com a cabeça e responde. — Às vezes.

Eu arrasto em um fôlego. Isso é mais do que consegui dela em muito, muito tempo.

— Eu só sinto falta dele, — ela sussurra, mordendo com força o lábio inferior e segurando suas chaves. — Muito. Sinto tanta falta dele. — Ela balança a

cabeça, olhando para as paredes azuis marinhas. — E nunca fica melhor. Dói tanto saber que ele queria estar aqui por você, e ele não pode estar. Para formaturas e aniversários e todas as pequenas coisas entre eles. E todas as coisas realmente grandes, como se apaixonar. Ele gostaria de ver você se apaixonar.

Ela está chorando agora, lágrimas caindo, e eu estou observando-a, nem mesmo capaz de falar, sentindo como se todo o ar estivesse deixando meus pulmões novamente, como se não houvesse mais nada, como se estivéssemos dobrando em nada, apenas um buraco negro vazio que nunca mais será preenchido porque o pai nunca mais voltará.

Olho para as minhas mãos, deitado na bancada. As mãos de um homem. Pertenciam a um menino quando ele morreu.

— Sinto muito, — ela funga, soltando as chaves e colocando os dedos finos sobre os meus. — Sinto muito. Não consigo me recompor, e agora é tarde demais. — Sua voz quebra. — Eu sei que é tarde demais com Shin. Ele só está aqui por sua causa agora.

— Isso não é verdade. — Engulo em seco, lutando para falar ao redor do nó na minha garganta. — Mas as coisas têm que mudar, mãe. Se vamos ficar e ajudá-la, então as coisas têm que mudar. *Agora* mesmo.

— Okay. — Ela sussurra sua resposta. Não há convicção na palavra. É tímido e assustado. Mas, pela primeira vez, isso sugere que ela sabe o quão grande

é a resposta. O que significa. Como vai ser difícil. E como é importante para todos nós.

NÃO CHEGO em casa até a tarde seguinte. Eu deveria ir a Halmeoni, mas estou tão exausto que nem conseguiria manter uma conversa, e ela parece ouvir isso na minha voz quando ligo para ela e remarco.

— *Jal jayo*, Jae-Jin, — ela ordena antes de desligar. — *Durma bem*.

Eu não sei se isso é possível, mas eu caio de volta na minha cama, calças de moletom coçando, cabelo úmido do chuveiro.

Eu joguei fora toda a bebida da mamãe enquanto ela dormia. Vasculhei todos os armários, todas as gavetas, e as caixas na garagem que ela disse que não tinham nada dentro, mas tilintaram como vidro quando as movi.

Eu não tinha certeza sobre deixá-la hoje, mas ela parecia bem, limpando a casa. E eu não poderia ficar lá para sempre.

Preciso falar com Shin sobre colocá-la em um programa de novo. Mas não acho que o programa em Sunrise Crossing vai ajudá-la.

E se eu ajudasse? E se eu pagar por isso? A voz de Kepler soa na minha cabeça.

Não, Kepler. Absolutamente não.

Acho que ele não parou para pensar no que isso realmente significaria.

E se ela desistir? Ele ia querer o dinheiro de volta?

E se ela sobreviver, mas depois tiver uma recaída duas semanas depois?

E se isso ficar entre nós? *Exatamente* como ficou entre eu e Shin.

Eu olho para o teto, meu estômago se contorcendo em um nó duro.

E se for a única chance dela?

E se algo assim pudesse finalmente mudar tudo?

Eu gemo, deixo cair um antebraço sobre a testa e fecho os olhos.

A esperança *crescendo dentro de mim*.

Ele treme como uma pequena chama. Hesitante e vacilante, mas ainda lá.

Brilhando como se quisesse pegar.

Mas uma pequena chama também pode iniciar um incêndio florestal que queima tudo.

A batida na minha porta me fez sentar.

— Entre, — eu grasno, esperando que seja Dex, já que não o vejo desde ontem.

A porta se abre.

Kepler.

Sua mandíbula está com um hematoma profundo agora, os olhos afundados, os lábios em uma linha firme.

Saio da cama em dois segundos, meu coração batendo na minha garganta. Eu o puxo para mim e sua testa afunda no meu ombro. Sua camiseta está fria contra minha pele enquanto seus braços me envolvem.

Ficamos assim por um longo minuto, unidos, respirando um ao outro.

— Tudo bem? — Eu pergunto calmamente.

Ele balança a cabeça contra meu ombro. — Ele me ouviu falar por um tempo, mas não queria falar.

— Ele vai.

— Talvez para você! — Ele arrasta a respiração e levanta a cabeça, concentrando-se em mim. Ele tem manchas escuras sob os olhos, lábios frouxos. — Talvez em um ou dois dias. Depois que ele se acalmar, eu não sei. Eu sabia que ele ficaria zangado, mas nunca o vi assim. Eu não esperava isso. — Ele suspira. — Acho que julguei mal as coisas.

Eu amarro meus dedos com os dele e o puxo em direção à cama. — Vem. Deite-se comigo.

Seu rosto se suaviza, a mandíbula se soltando enquanto rastejamos juntos para a cama. Eu puxei a camiseta dele e ele a tirou, então seus braços me cercaram,

seu peito nu esfriou contra o meu. Nossas pernas se enroscam e, dobrados juntos em nosso pequeno mundo, dormimos.

19

EU OLHO para o meu telefone, completamente perplexo com o endereço aleatório que Kepler acabou de me enviar. É rapidamente seguido por uma hora: sete da noite.

Isso é um encontro? Eu mando uma mensagem de volta para ele.

Não. Eu não estarei lá.

Recebo um recorte de decepção, mas eu o apago. Ele não pode me levar a observatórios e iurtas o tempo todo.

Shin? Minha garganta aperta quando envio a mensagem. Uma semana inteira e meu irmão ainda não retornou minhas ligações ou mensagens. Ele está evitando Kepler também.

Embora Kepler e eu fiquemos em cima um do outro sempre que podemos, lotados de ensaios e dissertações, tentamos ser bons no campus, mas *podeter* havido outro bj em seu escritório e talvez uma pequena sessão de amasso nos bastidores da biblioteca. Mas são as noites com ele que eu mais anseio, falando baixinho até finalmente adormecermos, enrolados um no outro, nem um centímetro de espaço entre a nossa pele úmida.

É real. Eu ouço toda vez que ele diz meu nome, sinto quando ele me empurra com aquele controle perfeito, aprendo quando ele fala – por horas – me dizendo todas as coisas que eu não sabia sobre sua vida. Ele responde minhas perguntas. Ele não esconde nada.

Não, ele manda SMS. Não acho que Shin estará lá. É uma reunião.

Fico confuso. *Uma reunião?*

É um grupo de apoio para famílias que estão lidando com o vício.

Eu olho para a mensagem dele, inquietude descendo pela minha espinha.

Não sei, cara.

Por que não?

Eu hesito, o polegar pairando sobre o meu telefone. *Também não sei.*

É só uma ideia. Eu descobri sobre isso, e estou passando adiante. Se você quer ir, se não, legal.

Você procurou isso para mim?

Sim.

Esfrego a mão sobre a boca e encaro essa única palavra. O calor entope minha garganta e aquece a parte de trás dos meus olhos. O fato de ele ter pesquisado essa reunião significa que ele estava pensando em mim. Ele definitivamente se importa comigo.

Por tanto tempo, me senti sozinho quando se trata de lidar com minha mãe. Não estou sozinho, mas nunca fui. Só não deixei mais ninguém entrar. De alguma forma Kepler escalou aquela parede que eu mantive trancada ao meu redor, e ele me lembrou que eu posso confiar nas pessoas. Que ele está lá.

Obrigado, mandei mensagem. Espero que ele tenha sequer um vislumbre

de quão profundamente eu quero dizer isso. *Se decidir ir ou não.*

ALGUMAS HORAS DEPOIS, ESTACIONO MEU CARRO DE merda fora de um prédio baixo de tijolos. Parece uma lavanderia antiga, mas as janelas foram metade tapadas, e a outra metade está coberta de panfletos para trabalhos e animais de estimação desaparecidos e todos os tipos de merda.

Eu desligo a ignição e olho para a porta.

Não sei por que meu coração está batendo tão forte no meu peito. Pego o meu celular.

Eu estou aqui. Mando mensagem para Kepler.

A resposta dele é rápida. *Você vai entrar?*

Não tenho certeza.

Quer vir aqui?

Balanço a cabeça, como se ele me visse. *Não.*

Ele está ocupado, e eu sou capaz de fazer isso sozinho.

Outro carro para, e uma mulher sai. Ela arruma o cabelo vermelho de volta em um rabo de cavalo enquanto sobe para destrancar a porta do prédio. Ela se vira quando a porta está aberta, sorri para mim e acena antes de entrar. Ela parece legal. Sua maneira leve me deixa à vontade – pelo menos em parte.

Ok, eu mando mensagem. Vou indo.

Eu preciso ver. Kepler está certo: as coisas não podem ficar como estão.

Meu telefone vibra e eu olho para baixo.

Quer me ligar quando acabar?

Um sorriso salta para meus lábios. *Sim, cara. Eu vou.*

Vou estar esperando!

Levo mais 10 minutos vendo as pessoas aparecerem e acalmarem meus nervos antes de sair do carro. Mas eu saio e digo a mim mesmo que posso lidar com isso – que sou tão forte quanto Flora – enquanto entro na sala esparsa. Há uma estante ao longo de uma parede, metade cheia de livros antigos, e um círculo de cadeiras dobráveis de metal no centro da sala. Depois do círculo há uma mesa com garrafas de café e água. A maioria das pessoas se demoram ao redor da mesa, conversando em voz baixa.

No geral, parece que eu esperava. Enfio as mãos no fundo dos bolsos e entro mais na sala, sem saber o que fazer comigo mesmo.

A mulher ruiva deixa o grupo e caminha até mim. — Você está aqui para a reunião?

— Sim, — eu digo rigidamente. Parece que tem um pedaço de vergalhão enfiado na minha espinha.

Ela concorda com a cabeça. — Há café, chá e água. Às vezes, lanches também, mas acho que ninguém os trouxe hoje.

— Okay.

Ela sorri para mim. — Estamos felizes por você estar aqui.

— Obrigado. — Meu foco voa para a porta. Está quente aqui com um cheiro almiscarado que não fica bem no meu estômago. Não sei se posso sentar e ouvir as pessoas falando sobre como é amar um viciado. Não consigo nem ler merda nenhuma na internet.

Cadeiras raspam no chão, e acho que devemos sentar em círculo. Coço a testa e olho para a porta novamente, sentindo que perdi o momento de escapar.

Não. Eu preciso tentar isso. Não é só a mamãe que tem que fazer o trabalho duro.

Temos que fazer.

A porta se abre novamente, e uma garota de capuz azul com lantejoulas entra. Ela está focada no telefone, o cabelo encaracolado em uma queda no topo da cabeça.

Levo um minuto para colocá-la. Em parte porque este nunca foi um lugar que eu pensei que ela estaria.

Ela está a meio caminho do círculo, ainda focada no telefone.

— Michela, — eu digo, e sua cabeça dispara quando ela passa por mim, seus olhos se arregalando.

— Jae.

Eu aceno com a cabeça, ainda não acreditando que é ela. Nunca teria adivinhado que a vida dela foi tocada por um viciado. Mas também nunca conversamos.

Ela para e coloca o telefone no bolso do capuz. — Eu nunca vi você antes.

— Eu nunca estive aqui. — Eu olho em volta. Todos estão sentados, ainda conversando, mas a mulher que veio até mim mais cedo está nos observando. Ela acena para Michela, e Michela acena de volta, dando-lhe um sorriso.

— Estou aqui a cada duas semanas. — Michela aponta para dois assentos vazios no lado do círculo mais próximo da porta.

Eu aceno com a cabeça e me sento ao lado dela. — Alguém que você conhece é...

Merda, não sei se devo fazer essa pergunta.

— Meu irmão. — Michela inclina a cabeça. — Ei, você quer tomar um café ou algo assim depois disso?

Eu pisco para ela. — Um café...

— Podemos conversar, se você quiser. — Ela se inclina para mais perto, baixando a voz quando a mulher ruiva começa a reunião dando as boas-vindas a todos. — Nada mais. Eu só estou pensando que se você está aqui, então talvez você precise de alguém para conversar? Não temos que falar sobre por que você está aqui, mas não me importo de dizer por que estou aqui.

Eu engulo em seco. Talvez não fosse tão ruim ouvir os outros falarem sobre como é para eles.

Talvez eu precise disso.

— Sim. — respondo. — Eu gostaria disso.

A reunião é uma droga. Quero dizer, não é *uma droga*, é apenas difícil de aguentar. Todos aqui são diferentes: na idade, no gênero, no fundo, na etnia, nas experiências. E, ainda assim, quando alguém fala, ouço coisas que pensei. Palavras que eu usei. Sobre como todas as boas memórias que você tem são tingidas com algo ruim. Como todos os outros relacionamentos que você tem começam a girar em torno de vício como Shin e eu. A culpa sem fim, a preocupação, a frustração. A

raiva. Houve momentos em que eu não achava que podia mais sentar lá. Que eu poderia cair aos pedaços.

De alguma forma, não sei.

Eu também não falo, então minha garganta está seca e minhas palavras gravemente quando eu saio para o estacionamento com Michela. Meu estômago dói por apertar tantas vezes, mas de alguma forma, também me sinto um pouco mais leve. Como se um pequeno peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

Michela dá uma olhada no meu carro de merda e depois gesticula em direção ao seu SUV preto e liso. — Posso dirigir? Eu te deixo aqui depois.

Eu seguro uma risada. — Sim, parece bom. Eu só tenho que fazer uma ligação primeiro.

— Legal. — Ela encolhe os ombros, puxa o próprio telefone e pula no banco do motorista.

Eu dou a volta na esquina e pego meu telefone.

— Como foi? — A voz baixa de Kepler enche meu ouvido.

— Era um saco.

— Você vai voltar?

— Pelo menos uma ou duas vezes por semana. A pessoa que dirige o programa, Nell, disse para tentar o grupo algumas vezes antes de decidir se é certo para mim. E que talvez eu possa trabalhar para realmente falar.

— Isso faz sentido.

— Mas foi... útil, — eu digo. — Apenas ouvindo outras pessoas falando sobre como a vida pode ser confusa com um viciado. Como é constantemente difícil saber se você está tomando as decisões certas. — Eu respiro fundo. — Foi bom sentir que não estou sozinho.

— Você não está sozinho, — diz ele com força. — Você nunca vai estar sozinho.

Há tanta promessa nas palavras dele. Ele me faz sentir como se houvesse chão sólido sob meus pés.

Merda, ele vai me fazer chorar.

Limpo a garganta e limpo os olhos. — E eu meio que conheço alguém aqui também. — Eu paro, percebendo que não é legal dizer a ele quem. Todos devem ser anônimos se quiserem.

— Isso é bom, — diz ele, voz tão quente que eu poderia me aquecer nela.

— Eu vou tomar um café com ela, — eu digo. — Talvez falar sobre algumas coisas.

— Isso é bom. Muito bom.

— A questão é... — Estou realmente discutindo isso com ele agora? Mas não quero arriscar um mal-entendido considerando que Kepler me viu beijando Michela. Não há chance de eu querer pôr em risco o que está crescendo entre

Kepler e eu. — É uma pessoa com quem eu meio que fiquei no passado. Quero dizer, não de verdade. Não deu em nada. — *Porque eu estava muito ocupado fantasiando sobre você.* — E não há nada com ela agora. Eu só queria falar porque... você sabe.

Eu giro no meu calcanhar, olhando para as nuvens escuras que cobrem metade do céu esta noite.

— Você nunca precisa pedir permissão. Isso não é o que nós estamos... — Kepler prende a respiração do outro lado da linha. — Espere, estamos tendo uma conversa de relacionamento?

Eu solto uma risada. — Eu sei que provavelmente é melhor fazer isso pessoalmente.

— Eu não sinto a necessidade de estar com mais ninguém. — A voz dele é suave e me dá arrepios na espinha.

— Você não? — pergunto.

— De jeito nenhum.

— Nem eu. — Inferno, eu não tenho certeza se eu realmente tinha o desejo de estar com mais alguém *antes* de ficarmos juntos. Eu nunca namorei ninguém por um longo tempo porque ninguém nunca teve a mesma intensidade que o homem no telefone comigo agora. — Então... nós somos namorados?

— Sim. — Há um sorriso em sua voz. É o mesmo que sinto no meu, expandindo meu rosto em velocidade recorde.

— Merda, eu gosto disso.

— Ótimo. — Sua voz grave. — Então eu vou te chamar assim da próxima vez que eu estiver transando com você.

Todas as células do meu corpo estão sorrindo agora. — Promete?

— Com certeza.

20

DEX BATE EM meu ombro enquanto dá a volta na mesa do sindicato estudantil e se senta na minha frente. — E aí, cara! O que está acontecendo?

Olho para cima a partir do livro de física em que estive absorvido nas últimas horas. — Apenas aprendendo mais do que qualquer especialista em artes liberais deve saber sobre física.

Ele ri. — London já chegou?

— Não. — Bato nas notas codificadas por cores sentadas ao meu lado. — Ele deveria se encontrar para revisar essas anotações, mas ele não apareceu.

Eu não diria que a física é meu assunto favorito, embora eu goste das aplicações de astronomia, é claro, mas eu vou dizer o seguinte: eu não quero dar a Kepler qualquer razão para duvidar da nota que ele vai me dar. Eu vou ganhar esse A tão claramente que é um acéfalo.

Na verdade, acho que nunca estudei tanto para uma aula.

— Bem, ele terá que receber as boas notícias mais tarde. — Dex está praticamente radiante, covinha em exibição desde que finalmente raspou, os olhos verde-oliva enrugando. — Você não acreditaria na conversa que acabei de ter.

— Sério?

— Eu ia esperar até London chegar, mas acho que posso te contar primeiro.

— Ele pega o saco de batatas fritas que eu tenho mastigado na última hora. — Tem a ver com seu namorado, na verdade.

— *Cara*, — eu sibilo, olhando em volta rapidamente, embora ninguém esteja prestando atenção em nós. E as mesas estão empacotadas aqui – vozes carregando por toda parte. Mas mesmo assim, Dex não é exatamente furtivo.

Eu fecho meu livro de física. — Estou tentando manter isso em segredo, considerando as circunstâncias.

— Ah, claro, desculpe. — Ele dá de ombros. — É só que você não é exatamente reservado ao redor do apartamento. Acho que me acostumei a vê-los juntos. Ou *ouvindo* vocês juntos. Vocês fazem barulho.

— Uh, sim. Sinto muito por isso. — Honestamente, não é como Kepler e eu somos especialmente bons em ser furtivo também. Temos sido melhores nas últimas semanas, mesmo que tenha sido uma tortura vê-lo na palestra bem, de óculos, uma caneta pressionada firmemente contra o lábio inferior enquanto ele lê os relatórios do laboratório. Ou o último laboratório quando London e eu estávamos trabalhando diligentemente, e ele passou por trás de nós, o cheiro dele formigando nos meus ombros enquanto ele se inclinava sobre o nosso trabalho de laboratório, sua respiração prendendo ligeiramente enquanto verificava nossos resultados, seus dedos roçando rapidamente contra o meu quadril.

Limpo a garganta. — Em alguns meses, você pode gritar dos telhados.

— Pode deixar. — Dex se levanta atrás de mim, e eu me viro para ver London tecer seu caminho entre as mesas, nos dando um sorriso quando ele nos vê.

—Tudo bem? — Eu pergunto quando ele para na mesa e deixa a bolsa cair no chão.

— Não muito. — Ele se senta ao meu lado e geme quando vê o livro. — Droga, esqueci que estávamos nos encontrando para estudar para o meio do período.

Dou de ombros. — Podemos fazer isso mais tarde.

— Obrigado. — Ele se abaixa para pegar sua caneta, mas não tira a tampa, apenas a gira entre os dedos e acena para Dex. — Então, ouvi dizer que você tem boas notícias.

— Porra, sim, eu faço. — Dex estica a mão na bolsa e pega um chip. — Você está preparado para isso?

Eu rio da necessidade de Dex de nos deixar animados. Mas é bom. Legal vê-lo animado.

Dex abre a boca para falar, mas então ele hesita, a confusão brilhando em seus olhos enquanto olha para London.

Que não está prestando atenção em nenhum de nós. – *De jeito nenhum.*

London está olhando para a praça de alimentação, a caneta imóvel em sua mão, os lábios ligeiramente separados, e este olhar em seu rosto como se ele tivesse sido capturado por algo – gancho, linha e chumbada e tudo.

Eu sigo sua linha de visão em direção à praça de alimentação, e não há dúvida de quem ele está olhando.

Vain pega uma maçã verde de uma cesta de frutas e a esfrega na manga de sua camiseta antes de dar uma mordida tremenda. Ele está cercado pelo habitual grupo unido de seus companheiros de equipe e um par de coelhinhos do disco.

Não, London não está só olhando.

É sério. É como se ele estivesse separando Vain, de sua camiseta apertada de hóquei da IFU, que é como uma segunda pele sobre ombros musculosos para sua graça de passo enquanto ele se inclina para frente e dá à garota atrás do balcão um sorriso arrogante antes de puxar sua carteira do bolso de seus corredores.

Eu olho entre eles, meu cérebro conectando cerca de mil coisas diferentes.

— London? — pergunto.

Ele gira em minha direção, os olhos se arregalando quando ele pega Dex e eu o observando com curiosidade. — Desculpe, o quê?

Concordo com a cabeça em direção a Vain. — Você o conhece?

Ocorreu-me que tenho saído com London. E ocasionalmente tenho ajudado Vain com as aulas dele à noite. Mas eu nunca os vi ao mesmo tempo antes. Na

verdade, na outra noite, quando mandei uma mensagem para London dizendo que íamos a uma festa, ele estava ansioso para ir até eu mencionar que era no Vain. Então ele rapidamente enviou uma mensagem de ‘não, obrigado’. Eu não tinha pensado nisso na época, imaginei que ele estava apenas ocupado ou que algo mais havia surgido, mas estou pensando nisso agora.

London franze a testa. — Eu não o conheço mais do que ninguém. — Sua caneta bate na mesa. — Então, a boa notícia, Dex?

Nós dois piscamos para ele por um minuto. Mas então Dex encolhe os ombros e aquele sorriso familiar dispara em seu rosto.

— Você está preparado para isso?

— Cristo, homem. — Inclino-me para trás na cadeira, balançando a cabeça, ainda um pouco fixada em London e naquele olhar que ele estava dando a Vain, mas afastando-o por um momento para me concentrar no meu colega de quarto. — Apenas nos diga já.

O sorriso de Dex se expande tanto que pode dividir seu rosto. — Graças ao seu namorado, temos um local para a arrecadação de fundos.

Simkung me bate com força, e Kepler nem está aqui. — Sério?

— Aparentemente, ele é amigo do gerente daquela nova cafeteria em Culvert, — continua ele. Aceno com a cabeça. Dex deve estar falando sobre Gina, a mulher que Flora mencionou. — Eles têm o espaço e estão de acordo com a

captação de recursos. Kepler deve tê-los convencido porque eles mal podem esperar para me ver esta tarde.

— Puta merda. — Estou sorrindo. — Isso é grande.

Dex acena com a cabeça. — Kepler me ligou há uma hora para me contar as novidades.

Até London está sorrindo, parecendo ter esquecido de Vain. — Então, estamos no ar, então? É uma tentativa?

— Definitivamente, vamos lá. Mas, ele bate com o punho na mesa -vamos ter que começar a trabalhar. Acontece que o fim de semana que planejamos provisoriamente está reservado para uma convenção de raças de cães ou algo assim, então mudamos para duas semanas antes. O que significa que neste fim de semana, preciso de todas as mãos no convés.

— Absolutamente, cara, — eu digo. Sem hesitação.

— Estamos nessa. — London ergue o punho, a caneta para o lado e eu bato nele.

— Legal. — Dex puxa o agora notório fichário de arrecadação de fundos de sua bolsa. — J, vou te dar uma lista de afazeres esta tarde. London, você pode olhar para essas coisas? Diga-me se é viável?

Eu deslizo meu telefone enquanto Dex e London repassam os detalhes, metade ouvindo enquanto disparo uma mensagem para Kepler. *Você não me contou sobre a cafeteria.*

Achei que Dex ia querer te contar.

Meu coração bate forte. *Obrigado.*

Não precisa me agradecer. É uma boa causa.

Estou agradecendo de qualquer maneira.

Olho para cima, olhando em volta, as mesas cheias, a praça de alimentação cheia. Aposto que Kepler está no campus em algum lugar. Não é longe daqui, Meu estômago aperta com o pensamento, minha respiração prendendo. Nós dois estivemos ocupados com o trabalho nas últimas noites, e eu não o vi além de palestras e laboratório por alguns dias.

Parece uma eternidade.

Onde você está? Eu digito.

Edifício de Física. Preparando o laboratório. Você?

Centro estudantil com Dex e London.

Mande uma foto.

O quê?

Uma foto?

Balanço a cabeça, um sorriso tocando meus lábios. *É estranho tirar uma foto agora.*

É?

Sua resposta faz meu sorriso crescer ainda mais porque ele sabe que eu vou fazer isso. Eu seguro meu telefone, tiro uma foto minha rapidamente e a envio.

É um segundo antes que ele responda, e então eu pisco para baixo em confusão.

Por que Smith está olhando para você?

Eu endureço, examinando ao meu redor. Com certeza, por cima do meu ombro há uma mesa cheia de assistentes, incluindo Smith, o maldito tocador de dedos, sentado na outra ponta.

Ele não está olhando para mim agora. Um copo de refrigerante e um telefone estão na frente dele, e ele está conversando com as outras pessoas na mesa.

Merda. Ele estava olhando quando tirei a foto?

Eu o puxei para cima, meu estômago balançando quando o encontrei lá, os olhos fixos em mim. Com um tipo de foco que me faz tremer desconfortavelmente.

Outra mensagem chega. *Jin? Ele ainda está lá? Você está bem?*

Sim, estou bem. Não sei por que ele estava me encarando.

Por que não estaria?

Aguardo uma batida e mando mensagem de novo. *Ele sabe*

Telefone toca. Olho para o nome de Kepler por um momento comovente.

Difícilmente poderei ouvi-lo aqui.

Eu levanto o telefone em direção a Dex. — Eu posso...

— Vá. — Ele me afasta. — Isso não tem nada a ver com você.

Estou de pé e do outro lado da sala em um segundo, mergulhando na pequena alcova do outro lado do corredor.

— Você não deveria estar me ligando, — eu digo assim que eu atendo.

— Por que não? Eu sempre te ligo.

Suspiro, virando para que minhas costas batam na parede rebaixada. — Não na presença do tocador de dedos.

— Ele não sabe, — diz Kepler.

— Você tem certeza. — Balanço a cabeça. — Dex estava apenas falando sobre nós em volume total. Só não quero que nada dê errado.

— Não vai!

— Você nunca deveria ter me convencido a fazer sua maldita aula.

Ele ri baixinho. — Talvez eu só quisesse que você se aproximasse de mim. E, honestamente, nunca em um milhão de anos pensei que tivesse uma chance com você.

Minha boca se abre. — Sério?

— Desesperadamente. — Há uma falta de ar em sua voz, do tipo que ele tem quando está empurrando em mim, e droga...

Eu limpo minha garganta, ajusto meu pau pronto para gozar. — Porra, agora estou duro.

— Agora mesmo?

— Não faz ideia.

— Eu posso ter uma pista.

Há uma longa pausa, nós dois respirando. Sem querer mentir, a ideia de ir até o prédio de física e nos trancarmos no escritório dele por alguns minutos passa pela minha cabeça, mas é um risco muito grande durante o dia. Só entramos lá depois que quase todo mundo se foi. Além disso, não há tempo para eu ir até lá antes da próxima sessão de laboratório.

— Encontre um lugar sozinho, — diz ele.

— Estou no sindicato dos estudantes. Não há lugar para ficar sozinho.

— Há salas de estudo privadas lá em cima. Vá até ali.

— Você está louco.

— Isso significa que você não vai?

— Droga. — Olho de volta para as mesas. Dex e London estão escondidos sobre a pasta. O tocador de dedos ainda está conversando com os outros assistentes.

Inferno, talvez ele não estivesse realmente olhando para mim naquela foto, apenas estava olhando para mim no momento exato.

Ou ele viu um cara tirando selfies aleatoriamente no café e teve que olhar. Eu olharia para isso também.

— Qual é a sua decisão? — Kepler pergunta.

— Não sei, — eu digo, mesmo quando me encontro correndo escada acima, o pau saltando em meus shorts atléticos, batidas de pulso.

— Você já está andando lá, não está?

Reviro os olhos. — O senhor acha que me conhece tão bem

— Sim, eu faço. Sala vazia.

Eu gemo. — O que estamos fazendo, Kepler?

— Tirando você daqui. Agora encontre uma sala vazia.

É tranquilo aqui em cima – apenas alguns escritórios universitários que raramente são usados. E salas de estudo privadas que você pode alugar. Mas ninguém sabe porque a biblioteca é muito mais fácil e é grátis.

Entro na sala mais distante do corredor, fechando a porta atrás de mim e fechando a fechadura. Dentro, há uma mesa com quatro cadeiras. Apenas um pouco de luz natural das janelas retangulares altas. Sem câmeras, nada, exceto a sala quadrada e a mesa longa.

— Merda, — murmuro. — É uma má ideia. Dex e London estão lá embaixo esperando por mim.

— Você pode sair a qualquer momento.

— É, eu sei. — Mas eu não vou. Eu estou lá. — Merda, isso é estranho.

— Abra o zíper dos seus jeans.

Dou risada. — Eu não estou usando jeans. E isso não está me fazendo sentir menos estranho.

— O que acha disso? Mm. Estou no meu escritório agora. Fechamento das portas... Abaixando-me no chão.

— Você o quê? — Eu digo com a voz rouca. A foto dele em seu minúsculo escritório, o telefone pressionado em sua orelha, o pau endurecendo contra o zíper – tudo quase me empurra sobre um penhasco.

— Você me ouviu. — Sua voz está baixa de novo, sexy pra caralho. — Estou deslizando para o chão atrás da minha mesa, para que ninguém possa me ver, e estou abrindo o zíper.

Prendo a respiração e ouço tudo o que tenho. Acho que não consigo ouvir o zíper dele, mas só de pensar nisso me faz me abaixar e me ajustar.

Eu olho em volta. Estou muito só.

Eu vou mesmo fazer isso?

Eu respiro e acaricio minha mão do lado de fora do meu short escorregadio novamente, um gemido baixo rolando para fora.

— Eu amo os sons que você faz, — Kepler diz suavemente. — Agora, dê um golpe em si mesmo.

— *Cara!!!* Simples assim? Eu não recebo um incentivo primeiro?

— Tudo bem. Ele ri. O que você está vestindo?

— O que estou *vestindo*? Você realmente se importa?

— Sim, eu acho. Estou curioso, já que você disse que não está usando jeans.

Eu gemo. — Calções esportivos, uma camiseta preta e um gorro, porque ainda não tomei banho hoje. Que porra você está vestindo?

— Calça Jeans. Moletom com capuz. Sem gorro. Ok, você está pronto para se masturbar agora?

Estou rindo, sorrindo tanto que meu rosto dói. — Eu suponho. Minha mão esteve no meu pau durante toda essa conversa.

Sua respiração prende. — Eu também.

Caraaamba.

Isso muda o clima. Olho para a porta trancada. As janelas para cima. Estou de pé ao lado da mesa, uma mão segurando o telefone, a outra me acariciando.

Eu engulo, saliva se acumulando na parte de trás da minha boca. —Então, sua mão está no seu pau?

— Sim.

Me fode. *Foda-se.*

Meus dedos puxam o elástico do meu short, puxando-os para baixo um centímetro. Estou livre hoje, então não há mais nada entre eles. — Você está se acariciando?

— Não até que você o faça.

— Cristo. — Tão quente!

Estendo a mão sob a bainha elástica do meu short e lentamente agarro meu pau, certo de que ele pode ouvir minha respiração cambaleando enquanto eu dou um longo e deliberado golpe - a maneira como ele me acaricia - o tecido escorregadio contra meus dedos.

— Ah, porra, — eu empurro para fora. — Acabei de fazer.

— Então eu também estou. — Ele solta um gemido de abafado, e está tão quente que eu provavelmente poderia gozar apenas ouvindo-o. O que acho que é o que está acontecendo.

— Continue falando, — eu digo.

— Você quer saber no que estou pensando?

— Sim, — murmuro, passando o polegar sobre o meu cabeça de pau enquanto acelero o ritmo. Ouvir a voz dele torna tudo tão bom. Muito melhor do que me masturbar sozinho.

— Estou pensando na última vez que você esteve no meu escritório. — Ele está respirando mais pesado, a voz se tornando ainda mais áspera. — Seu pau na minha boca. Tão sexy olhando para mim.

Eu agarro meu eixo com mais força, ouvindo aquela voz dele.

— Você estava fodendo minha boca tão fundo que eu podia engolir ele todo em minha garganta, — continua ele. — Eu quase posso sentir o gosto agora. Escorregadio e salgado, correndo pela parte de trás da minha garganta.

Merda.

Eu bombeio mais forte, bolas apertando, antebraço esticado. Eu quero você aqui.

— Você vai me ver hoje à noite.

Eu fecho os olhos com força. — *Porra*. Quinn, porra. Eu quero que você transe comigo.

— Diga-me, — diz ele, o comando em sua voz apertando minhas bolas ainda mais.

Eu bato mais rápido, imaginando, tentando manter o controle da realidade. Meus joelhos meio que se dobram, e eu tropeço para frente, apoiando minha testa contra a parede, a mão ainda no fundo do meu short.

Meu pulso se solta quando eu dou um golpe mais rápido, mais bagunçado, esquecendo tudo, exceto a voz e o hálito dele do outro lado do telefone, imagens

brotando em meu cérebro. Deixei que derramassem, conversando, mas nem pensando nisso. — Eu o imagino segurando meus ombros enquanto ele me bate, nós dois suando e gemendo, até gozarmos e... *Eu empurrando em você.*

— Jin. — A voz baixa e ofegante de Kepler se enrola ao meu redor. — É isso que você quer?

Minha mão pausa no meu pau.

Eu só disse isso em voz alta?

A imagem é tão vívida em minha mente.

Então, aceite logo isso.

— Sim. — Estou respirando com dificuldade, e começo a acariciar novamente, puxado para o pensamento de como seria, meu pau dentro dele. Eu espremo meus olhos. — Cristo, você seria tão apertado. Sexy como o caralho no meu pau. — Meu orgasmo salta de repente, um grito brotando no meu peito que eu não posso engaiolar.

Enquanto eu estou ordenhando, eu o ouço seguindo, xingando com uma voz baixa e apertada, e fecho meus olhos para imaginar como ele deve parecer, jorrando sua liberação, a mão ainda em seu belo pau.

Foda-se. — Me fodo.

Ficamos em silêncio por um longo minuto, além de nossas respirações rangendo ao telefone.

— Merda, — murmuro quando volto ao planeta Terra. — Eu fiz uma bagunça.

Sua risada é quente. — Eu também.

— Cara, eu gozei na minha mão. — Eu procuro por um lenço de papel ou uma toalha de papel.

— Valeu a pena?

— Muito. — Eu arrasto a respiração, sentindo a expansão do meu peito e a liberação do meu abdômen e pélvis. — Precisamos fazer isso de novo.

— Sempre que você quiser, — diz Kepler. — Te vejo à noite.

— É melhor, depois disso. — Eu limpo meu pau com a palma da mão, depois tiro a mão de debaixo do elástico do meu short porque já estou ficando duro de novo enquanto minha mente gira em espiral com o que acabamos de fazer. E o que *faremos*. Eu hesito.

— Eu não estou totalmente pronto, — eu me encontro dizendo. — Para transar com você, quero dizer. Sei que fantasiamos com isso juntos. Mas não estou.

— Relaxe, — ele diz facilmente. — Sem pressa.

— Certo, tá bom. — Eu inspiro um suspiro aliviado e meu nariz enruga. Eu cheiro a porra, e minhas mãos estão uma bagunça. Definitivamente vou precisar parar no banheiro.

— E, Jin? — A voz de Kepler é rouca. — Nós vamos superar isso. Oito semanas. E então eu mesmo vou te foder naquela mesa de estudo, e não me importo com quem veja.

— Eu quero isso. — Um sorriso cresce no meu rosto. — Ok, talvez não as pessoas assistindo, mas eu quero sair. — Eu engulo em seco, todas as coisas que eu quero profundamente vibrando no meu peito. — Quero ficar com você.

Ele respira fundo. — Vamos fazer.

— Promete?

— *Sim*. — A convicção em sua voz me fundamenta, e eu estou sorrindo orelha a orelha enquanto desligamos. Saio da sala de estudo, focado no banheiro masculino do outro lado do corredor.

— Ei, você não está na aula do Lacher?

Merda.

A voz sai do nada, e eu quase pulo da minha pele.

Eu me viro e meu estômago cai no chão.

Smith olha para mim, esperando uma resposta. Eu nunca estive tão perto dele antes, e ele tem um nariz muito longo, um leve sorriso nos lábios grossos, e nenhuma especificação de simpatia em seu olhar.

— Sim. — Eu enfrento toda a minha altura, que é um centímetro mais alto do que ele. — Eu vi você, eu acho. Você é um assistente.

— Eu sou. — Ele estende a mão. — O nome é Egan Smith.

Eu olho para a mão estendida. *Merda.*

— Desculpe, eu não aperto as mãos. Mas eu sou Jae-Jin. — Eu prendo um polegar em direção ao banheiro. Está brilhando com o meu esperma. — Tenho que mijar. É um prazer conhecê-lo.

— Você também, — diz ele, mas eu já estou no meio do corredor.

Vou até a pia, enfiando as mãos na água, olhando para o espelho para me encontrar de olhos arregalados, cabelos tortos, rosto corado.

Merda, merda, *merda.*

Acho que o Kepler não está certo.

Tenho certeza que Smith sabe.

21

EU ME JOGUEI de cabeça na arrecadação de fundos pelas próximas duas semanas. Eu mal estou acompanhando. Eu tenho ensaios que eu tenho que terminar, a hora que eu estou passando na mamãe todos os dias, e uma sessão de tutor com Vain; embora, ele não precisa mais da minha ajuda. O cara definitivamente não é burro.

Não vejo muito o Kepler. Ele está fora da cidade para uma parte dele de qualquer maneira, voando para a Virgínia para sua última entrevista.

O que significava que Smith assumiu sua seção de laboratório por uma semana, e ele não teve problema em designar London e eu para nosso ‘trabalho patético e de má qualidade’.

Ele é um idiota, e um gosto amargo cresce na minha boca toda vez que o vejo.

Kepler ainda acha que não sabe sobre nós. Mas a visão dele parado em frente à minha mão se estendeu por um aperto de mão na minha cabeça. Ainda há algo vagamente familiar sobre ele.

'Acho que ele sabe.' Ou ele adivinha.

Se sim, por que ele não fez algo a respeito? Talvez ele não planeje? Ou talvez ele esteja esperando por algo?

A questão é *o quê?*

Ainda estou decidido sobre a resposta a essa pergunta quando o nome do Kepler passa pelo meu telefone sábado à noite, e eu respondo em uma fração de segundo, praticamente tropeçando em mim mesmo.

— Venha aqui. — A voz de Kepler é rouca, e tão sexy que engulo minha própria língua. Ele deve ter acabado de voltar do aeroporto.

— Para sua casa? — pergunto.

— Sim.

— Seu esconderijo secreto de paredes cinzentas?

Ele ri. — Sim.

— Você está pronto para isso? Quero dizer, *finalmente* chegamos a esse ponto em nosso relacionamento?

— Com certeza.

Estou sorrindo, segurando o telefone contra meu ouvido enquanto faço uma última varredura para erros de digitação sobre um artigo sobre direito de propriedade em *Orgulho e Preconceito* para uma turma de pós-graduação em literatura. — Como foi a entrevista?

Ele faz uma pausa. — Eu vou te dizer quando você chegar aqui. Eu vou te buscar.

Inclino-me para trás e passo a palma da mão pelo peito nu. — Dá para dirigir. O carro de merda ainda está funcionando como um encanto.

— As estradas serão difíceis para um carro pequeno, — diz ele, com a voz pesada. — Especialmente com neve no chão. E não há placas de rua.

— São apenas alguns quilômetros, certo?

—Três. Para o oeste, atrás do seu apartamento.

— Eu vou sim. — Eu viro meu iPad fechado. — Eu ligo se tiver problemas.

— Então eu enviarei as instruções por mensagem. — Ele suspira. —Apenas chegue aqui, Jin. Não acredito que não te vejo há uma semana.

MEU CARRO SE MOVE LENTAMENTE pelas estradas de terra até a casa de Kepler, os pneus traseiros deslizando sobre a camada de uma polegada de neve. Fiel à sua palavra, nenhuma das ruas está rotulada. As direções são mais como *virar à direita nos dois troncos caídos em forma de um X*. Mas encontro meu caminho, faróis rastejando por uma estrada estreita emoldurada por pinheiros, neve flutuando suavemente para baixo e o motor lutando quando a estrada sobe.

A casa deve estar em um cume, e eu levo pelo menos vinte minutos para atravessar os cinco quilômetros entre o meu apartamento e a casa dele.

Não é à toa que ele é dono daquele jipe.

Quando eu finalmente rompo as árvores, prendo meu folego.

Putá que *pariu*.

Eu esperava algo um pouco louco – é óbvio que ele tem dinheiro. Mas eu não esperava que fosse uma *daquelas* casas. O tipo de propriedade de out-of-staters¹⁷ que compram essas casas de montanha isoladas para viver em um mês ou dois fora do ano com janelas altas e largas e tetos com vigas e lustres de cristais.

Eu engulo em seco, estaciono no caminho do círculo de cascalho e apenas *olho para* a casa.

O que ele deve pensar de Dex e meu apartamento de merda com seu piso de vinil arranhado, banheiro individual, e fita adesiva selando as janelas.

Todo esse tempo, ele viveu aqui.

Meus olhos se transformam em pires enquanto me aproximo da porta dupla da frente com luzes de entrada de cobre e absorvo o sistema solar esculpido na madeira grossa.

Não vai ser ele quem vai responder quando eu bater.

¹⁷ Uma pessoa cujo domicílio legal é em um estado, mas que vive por um longo tempo em outro estado (como para frequentar a faculdade)

Mas lá está ele abrindo a porta, um leve sorriso curvando seus lábios. Maravilhoso como sempre como aqueles olhos esfumados me abaixam. Seu cabelo está torto, varrido para trás, mas ficando um pouco de lado, jeans e uma camiseta lavanda, pés descalços deslizando no chão de madeira enquanto ele dá um passo para trás para me deixar entrar.

— Você está brincando comigo, — eu digo, balançando a cabeça. — Não é aqui que você mora.

— É a minha casa, — diz ele suavemente.

— Então por que fodemos em minha casa com o zumbido constante do tráfego do posto de gasolina e os canos altos de água e Dex cantando sua cabeça no chuveiro?

Ele agarra meu capuz entre os dedos longos, me puxando para mais perto dele. E de repente não estou olhando para as janelas altas arqueadas ou a lareira de pedra ou a cozinha de conceito aberto com uma enorme prateleira para panelas sobre a igualmente enorme ilha. Eu só estou olhando para ele, minha respiração se alojando na minha garganta.

Quero perguntar sobre a entrevista. E ainda assim, eu realmente, realmente não faço...

Eu só quero alguns minutos antes da confirmação de que ele está deixando os sets.

— Podemos ficar aqui quando você quiser, — diz ele, mas assim que ele receber a frase, estou beijando-o, uma mão agarrando a nuca dele para aproximá-lo, a outra deslizando pelas costas, suavizando as cristas e vales duros, um gemido desesperado enquanto sua língua quente desliza para a minha boca, me apoiando até meus ombros baterem na parede.

Todos os pensamentos do futuro saem da minha cabeça.

Somos combustíveis. Essa tração instantânea entre nós, enchendo minhas veias, e posso sentir o pulso dele acelerando enquanto ele passa as mãos pela minha bunda.

Sete dias sem ele foi uma eternidade. E além disso, estar aqui aquece algo dentro de mim. Ele está me deixando entrar. Completamente. Mesmo que eu suspeite que às vezes é difícil para ele.

Não sei quanto tempo nos beijamos assim, ele agarrando minha bunda, meus ombros contra a parede. Finalmente paramos para respirar, a neve que estava no meu cabelo derreteu há muito tempo.

— Jin, — ele murmura, sua testa caindo contra meu ombro, suas mãos ainda segurando minha bunda. — Posso te mostrar uma coisa?

— Agora? — Eu gemo, minha voz grossa com a necessidade de ter o pau dele na minha boca. — É o seu pau?

— Não. — Ele ri enquanto se afasta. — Depois. Por favor.

Ele me leva pela casa. Que, comparado com o que eu cresci, é um maldito palácio. Subindo algumas escadas e descendo um corredor envidraçado de um lado, não há nada além de árvores sempre verdes e céu noturno à nossa esquerda, e entendo o que ele quer dizer sobre *vazio*. É tranquilo aqui, o espaço cavernoso, o silêncio profundo.

Eu olho de lado para ele enquanto caminhamos pelo corredor. Será que ele tem muitas memórias aqui de antes do avô morrer? Durante aquelas longas noites, ele me contou muito sobre seu avô e sua infância, mas não muito sobre esta casa.

Ele se afasta em uma porta aberta no final do corredor, me deixando passar primeiro. As luzes estão apagadas, o quarto nas sombras, mas há luz da lua suficiente através das portas largas da varanda para ver que são linhas simples. Uma cama, uma mesa, uma cadeira de leitura com uma luz utilitária ao lado.

Eu examinei a sala. — Você tem a casa inteira, mas parece que você mora principalmente aqui.

— Eu não preciso do resto do espaço. — Ele acena para as portas de vidro.
— Por aqui.

Eu saio para a ampla varanda, vigas grossas descendo pelos lados, principalmente vazias, exceto por uma pequena mesa e uma cadeira montada pelo corrimão.

Mas, merda, a *vista*.

Eu estava certo; a casa está em um cume, as luzes de Indigo Falls abaixo. Perto o suficiente para que eu ainda possa distinguir as ruas. Incluindo o posto de gasolina e os apartamentos em frente.

— Você tem uma vista da minha casa, — murmuro.

— Sim. — Um floco de neve cai em seus cílios, e ele pisca para longe.

— Você pode ver minha janela?

Ele ri baixinho. — É muito longe para ver qualquer coisa, exceto a luz. Mas posso ver isso, e às vezes fico aqui, sabendo que você está lá.

Um sorriso se expande no meu rosto enquanto descanso meus antebraços na grade, removendo a fina camada de neve. — Isso é perseguidor da sua parte.

— Sim. — Ele arrasta uma respiração lenta, pisando atrás de mim, as mãos pousando de cada lado do corrimão, os lábios perto da minha orelha, o peito dele nas minhas costas. — Eu sou absolutamente culpado de procurar por essa luz. Só para saber que você está lá.

Estou tremendo todo.

Não sei como ele faz isso comigo. Ninguém mais o fez. É como se ele tivesse um superpoder especial que me aniquila especificamente. Me vira do avesso e me abre.

Não que eu esteja reclamando. Especialmente quando uma de suas mãos deixa o corrimão para assentar no meu quadril, os dedos cravando no meu jeans

com força suficiente para me fazer respirar fundo, minha mente já piscando para todos os lugares que quero que ele me foda.

Ou todos os lugares onde quero transar com ele?

Os nervos borbulham no meu peito.

— Quer entrar? — Seu hálito quente causa arrepios, mas os flocos de neve no meu rosto são picadas de frio.

— Nah. — Tanto sangue corre para o meu pau que minha cabeça gira. — Eu quero que você me foda bem aqui.

Seus dedos se apertam no meu quadril, seu gemido perto da nuca enquanto seus lábios caem lá, e então, em um zíper rápido, ele está batendo no meu pau, me acariciando enquanto seu próprio pau duro se encosta na minha bunda. Nossa respiração fica fraturada, visível como bolhas brancas de ar, e ele me constrói, rápido e duro, apenas relaxando enquanto empurro meu jeans para baixo. O ar frio me assusta, e eu torço para vê-lo entrar para pegar um pacote de lubrificante e arrancar a borda com os dentes enquanto ele retorna para mim. Ele é rápido em lubrificar os dedos antes que eles deslizem pelo meu vinco.

Eu estou sempre apertado como o inferno, mas eu relaxar mais rápido agora, antecipação crescendo como uma tempestade.

Quando seu segundo dedo desliza para dentro, eu já estou impaciente, moendo de volta para ele. Eu arranco minha camiseta, e o ar frio endurece meus

mamilos, fazendo com que a barra aperte de uma maneira que faz minhas bolas apertarem.

— Mais, — eu empurro para fora, a palavra que sempre vem aos meus lábios quando estou com ele. Mais, mais, *mais*. Nunca vou me cansar dele.

Cubro a mão dele que está apertando meu pau e assumo o ritmo dele, a mão dele saindo de debaixo da minha. Uma escova de ar frio beija minhas costas, e eu me viro para vê-lo acariciando-se, um pacote de preservativo que ele deve ter agarrado mais cedo apertado entre os dedos de sua mão livre.

Eu observo enquanto ele se embainha, sempre hipnotizado pelo rolar do preservativo sobre o eixo.

Quando ele termina, ele olha para cima, seu olhar brincando sobre mim, da cabeça aos pés. Seus olhos aquecem quando ele pisa atrás de mim, sua palma se acomodando entre minhas escápulas e depois suavizando minha espinha enquanto seu pau roça minha bochecha. O calor da antecipação me dá um soco.

Sua testa se enrosca enquanto ele se alinha. — Bunda gostosa é uma palavra muito mansa para você.

Eu gemo quando a cabeça gorda de seu pau pressiona contra minha mancha. — Eu te disse, você é o gostoso neste relacionamento.

— Não sou. — Suas palavras estrangulam quando ele começa a empurrar.

A sensação dele me consome enquanto eu me estico para caber nele, toda aquela pressão aumentando na minha pelve. — É você, Jin.

Eu respiro fundo, relaxando para pegá-lo. — E se nós dois formos? Porque eu sei *que você* é quente pra caralho. E quando estamos juntos... — Eu gemo quando ele desliza mais fundo, depois me inclino para frente contra o corrimão para que eu possa senti-lo se enterrar até o punho.

— Jin, — ele respira. — Termine seu pensamento.

Aí eu tive uma ideia.

Tento me concentrar em falar. — Você só me faz sentir tão *bem* comigo mesmo. Não importa o quanto minha vida esteja fodida.

Ele faz uma pausa, bem dentro de mim. Normalmente já seríamos duros pra caralho. Em vez disso, ele agarra meus ombros e me puxa para que minhas costas pressionem contra seu peito. Ele está quente contra a brisa fria, me segurando contra ele. Seus lábios roçam minha orelha.

— Senti sua falta, — ele diz suavemente. — Muito.

Eu espremo meus olhos, emoção pesada em minha garganta. Meu pau e bunda querem correr para a frente para a parte onde ele me fode com força contra o corrimão, mas minha mente dói para demorar-se neste momento, para puxá-lo em movimento. Para ferver nessa sensação profunda e quente que cresce no meu

peito toda vez que Kepler está perto. Ele beija ao longo do meu pescoço quando começa a se mover, empurrando profunda e firmemente, ainda me segurando contra seu peito. É diferente do normal – mais silencioso.

— Kepler, — digo entre respirações pesadas, nem mesmo tenho certeza do que quero dizer enquanto nos agarramos um ao outro, como se nossas vidas dependessem disso.

Ele diminui os golpes. — Você quer me foder?

— *Sim*. — Deus, porra, *sim*. Agora, aqui. Com luzes espalhadas acima e abaixo, e a lenta deriva de neve caindo. Como ele sabia disso? Mas não quero parar para questionar.

— Eu quero que você goze primeiro, — eu digo.

Parece que há menos pressão assim. Como se eu estragar as coisas de alguma forma, ou se eu não posso ir em frente com isso, não é tão grande de um negócio.

Ele acena com a cabeça contra meu ombro, enterrando-se profundamente em mim e me empurrando para frente. O corrimão está frio contra meu peito e, em poucos golpes, sua respiração começa a ficar aguda e rápida. É como se eu estivesse no limite do mundo, as luzes da cidade embaçadas quando ele bate em mim, um ‘*Jin*’ gutural em seus lábios com seu orgasmo. Eu o deixei ferver em sua

liberação, até que ele se afasta de mim, a testa caindo entre minhas omoplatas encharcadas de suor.

Nós ainda ficamos assim por um longo momento, sua respiração quente no meu ombro, meus pensamentos começando a girar.

Eu vou transar com ele.

— Tem certeza disso? — pergunto a ele.

— Com certeza. — Ele agarra meu queixo, me puxando de volta e me transformando em um beijo. Minha língua mergulha em sua boca, e eu me viro, minhas mãos suavizando suas costas para segurar sua bunda, meus dedos brincando em sua dobra. E então *ele* se vira, trocando-nos para que seu peito fique contra o corrimão, meus dedos já deslizando sobre sua fenda enquanto estou atrás dele.

Minha respiração prende na minha garganta enquanto roço seu buraco, os dedos tremendo. Eu não esperava tocá-lo lá para ser tão quente.

— *Cristo*, — eu murmuro, meu pau se contorcendo enquanto eu plumo um dedo sobre ele. — E se eu estragar tudo de alguma forma?

Ele olha por cima do ombro, olhos cinza-escuros me avaliando. — Isso é impossível.

— Eu poderia te machucar?

Ele balança a cabeça. — Não. Eu lhe direi se houver algo que eu precise.

— Ok, — faço uma pausa. Ainda estou tocando nele, mas estou nervoso pra caramba.

— Jin, — diz ele, a voz baixando, sua mão voltando para agarrar meu pulso.
— Quero que você me foda.

Eu gemo, suas palavras ressoando em meu intestino. Pego o que sobrou do pacote de lubrificante, espremendo um pouco na palma da minha mão. Meu corpo inteiro treme enquanto deslizo lentamente um dedo nele, observando o melhor que posso na penumbra, flocos de neve se aglomerando em meus cílios. Ele me leva facilmente, moendo-se para trás com um gemido no primeiro dedo, depois dois.

É tão quente que eu poderia ficar lá por horas, apenas tocando-o e observando-o. Mas meu pau está latejando, e o desejo de enterrá-lo no fundo dele me envolve.

— Gaveta da mesa, — diz ele.

— O quê?

— Preservativos.

Eu relutantemente o deixo recuperar uma segunda camisinha, meu estômago dando nó com tantas malditas emoções que não consigo resolvê-las. Desejo. Necessidade. Nervos Expectativa Entusiasmo

Eu disse nervos? Porque eles precisam ser contados duas vezes.

Volto para ele antes de rolar o preservativo, beliscando a ponta, minhas mãos ainda tremendo.

— Eu... Hum... — Eu engulo em seco. — Acho que precisamos de mais lubrificante.

— Toma. — Ele se abaixa e ouço o estalo de sua camisinha.

Meus olhos saem enquanto ele entrega de volta para mim, e então eu gemo enquanto inclino a camisinha, deixando seu conteúdo sair, usando sua própria porra para cobrir meu pau.

— Isso é tão sujo, — murmuro enquanto acaricio a porra dele em mim. Da melhor forma possível, Joguei sua camisinha para o lado, meus nervos subindo a novas alturas enquanto encontrava seu olhar.

— Pronto? — pergunta ele. Sua voz é firme, e eu me agarro a isso.

— É, estou pronto. — Eu sinto isso em meus ossos quando alinho meu pau, e então, com a mesma lentidão que ele usou comigo na primeira vez, eu empurro. Apenas a coroa do meu pau no início, e eu sou ultrapassado por seu gemido e aperto inicial antes que ele relaxa o suficiente para me levar. E eu *finalmente*, finalmente, consigo ver como fica quando meu pau o enche, centímetro por centímetro gradual, desaparecendo nele.

Me fode. Me fode. *Foda-se*.

Ele me agarra com tanta força. E ele é tão bonito espalhado diante de mim, encostado naquele corrimão – a extensão de seus ombros, deltoides tensos, músculos curvando suas costas para quadris estreitos que eu me fecho com as duas mãos, neve derretendo em sua pele quente enquanto meu pau se enterra até o punho, meus polegares rolando sobre aquelas covinhas acima de sua bunda.

— Foooda, — eu expiro. — Este é o melhor sexo que já tive, e ainda nem começou de verdade.

Ele se vira para a cintura, a coluna se curva, os olhos esfumaçados encontrando os meus, e eu me inclino para frente com a necessidade de ter a boca dele na minha, gemendo e os olhos quase rolando para trás com a mudança de ângulo que aperta meu pau ainda mais. Como ele é mais alto que eu, não posso beijá-lo daqui, mas nossos lábios roçam, nossas línguas dançando de boca aberta antes que ele faça um círculo com os quadris, e é como se eu fosse atingido por uma avalanche.

— *Putá merda*, isso é incrível, — murmuro. E não sei se estou falando do sexo, ou se estou falando de tudo que temos aqui. Essa ligação entre nós brilha e faíscas, crescendo constantemente, ficando maior até ficar quase avassaladora.

O céu é o limite!

Eu não sabia que estar com alguém poderia ser assim.

— Jin, — diz ele com aquela voz baixa, e é tudo o que é preciso antes de nos perdermos juntos, meus dedos agarrando com força seus quadris, ambos possuídos pela sensação um do outro – nossa respiração, nossos movimentos, o calor de nossa pele e o teor de nossos gemidos – até que eu não possa distinguir entre sua respiração e a minha, entre seu movimento e o meu.

E pela primeira vez na minha vida, segurando Kepler Quinn – com as Cataratas do Índigo espalhadas para longe, as luzes da cidade se misturando com as estrelas e a neve – eu não poderia querer mais nada.

— VOCÊ ESTÁ COM FRIO? — Kepler sai da porta da varanda, um prato de ovos e torradas em cada mão, seu olhar passando por cima de mim – como sempre faz – antes de pousar no meu rosto.

Balanço a cabeça. — Acho que está bom.

A varanda está fria sob meus pés descalços, e eu estou pelado. É uma boa pausa, considerando que transamos até ficarmos superaquecidos e suados.

E morrendo de fome.

Daí os ovos de três da manhã e as torradas com manteiga.

Kepler coloca os pratos na mesa, garfos apoiados na lateral. Ele se abaixa de volta em seu quarto para pegar uma cadeira de sua mesa e se senta em frente a

mim, o cabelo caindo em seus olhos, tão nu quanto eu, enquanto ele se enfia em seus ovos na boca.

Eu posso fazer o mesmo.

Estou faminto. Devo comer por dois minutos antes de olhar para cima, e quando o faço, encontro Kepler olhando para mim do outro lado da mesa, a luz de seu quarto iluminando seu rosto enquanto flocos de neve caem suavemente ao nosso redor.

— Você não me contou sobre a entrevista, — eu digo.

— Não, não fiz.

Sorrio. — Você tem isso, não é?

Seus olhos brilham. — Eu tenho.

Eu reclino, o encosto congelando minha coluna, ovos esquecidos. — Isso é realmente incrível. Parabéns.

— Obrigado. — Ele me observa através de nossos ovos, a emoção que eu esperava não cruzar seu rosto. Quero dizer, isso é *grande*. Por que ele não está agindo como tal?

Ele pausa o garfo e bate o polegar na borda da mesa de madeira, fazendo um barulho suave. — Você já pensou em vir comigo?

Larguei meu garfo. — Eu *pensei* muito sobre isso.

— E?

Esfrego a mão na bagunça do meu cabelo, olhando para a rua e construindo luzes abaixo. — Eu simplesmente não sei.

— Que tal um fim de semana? — ele pergunta, inclinando-se para frente e colocando os cotovelos na pequena mesa. Aquele couro com cordão está amarrado ao redor do pulso, a veia sexy como o caralho correndo por baixo. — Há um museu aéreo e espacial e alguns faróis. Ou podemos alugar um barco.

Um formigamento irradia pelo meu peito. — Um veleiro?

— Claro. Você navega?

Dou risada. — De jeito nenhum, cara. Eu nunca estive em um barco. Nunca saí do Colorado, exceto uma vez.

Suas sobrancelhas se erguem. — Aonde você foi?

— Cavernas Carlsbad com meu pai.

— Meu avô, Flora e Adelard me levaram lá uma vez. — Kepler sorri. — Aquele lugar é incrível.

— Sim, é.

Silêncio. Seu polegar rola ao longo da borda da mesa.

Inclino a cabeça. — Kepler Quinn quer me dar outro primeiro.

Ele cantarola baixinho. — Gosto de como isso soa.

— Eu também. — Inspirei lentamente. Eu gostaria de poder retribuir o favor.

Ele solta uma risada que se torna uma nuvem branca. — Você não sabe quantas primeiras você me deu.

— Cite um, — eu o desafio.

Ele pega a torrada, morde o canto, mastiga devagar e engole em seco. — Amor.

Ele não disse *eu te amo*. E eu não digo de volta. Ainda não parece a hora certa. Não com Shin ainda zangado, e não com ter que manter tanto de nós escondido.

Mas está lá, pairando ao nosso redor, e parece que poderíamos alcançá-lo e pegá-lo, se quiséssemos, como flocos de neve caindo suavemente. Poderíamos agarrá-lo com a ponta dos dedos e torná-lo real.

Então eu aceno com a cabeça, pego minha torrada e a seguro acima do prato. — Um fim de semana. Estou dentro.

O sorriso dele é perfeito.

22

Queda livre

Substantivo

1. movimento descendente somente sob a força da gravidade

— ESTE LUGAR PARECE *FANTÁSTICO*. — Estou de pé na entrada da frente da cafeteria, minha boca ligeiramente aberta enquanto olho ao meu redor. Eu *sabia* *que* a arrecadação de fundos ia acontecer, mas não sabia que ficaria tão bom.

Há obras de arte *por toda parte*. Cada pedaço concebível de espaço na parede é coberto a tal ponto que é quase esmagador. Tantas cores e estilos. E posso ver alguns dos trabalhos de Dex na parede ao lado da porta do pátio.

O café está em um antigo edifício industrial – paredes altas e vermelhas profundas e tubos expostos – era como se este lugar tivesse sido feito para mostrar um evento como este.

Os olhos verdes de Dex examinam a sala, muito focados em tudo o que precisa ser feito para parar e absorver tudo. — Você pode verificar se todos os cartões de leilão corretos estão alinhados com a obra de arte certa?

— Pode apostar. — Eu me joguei na tarefa, assim como nas últimas semanas, trabalhando duro com London. Mas todos doam tempo quando podem, Kepler também.

A quantidade de apoio artístico que o amigo de Dex, Eli, traz é uma loucura. A arrecadação de fundos é muito maior do que Dex esperava. Acontece que há uma próspera comunidade de artistas espalhada por todas essas pequenas cidades montanhosas, e tenho certeza que este lugar estará lotado esta noite.

Mas agora, é só Dex, London e eu – junto com Gina, a dona da cafeteria, e alguns funcionários.

As horas passam rápido com London e eu passando por todas as tarefas que Dex define na nossa frente, e antes que possamos piscar, alguns dos artistas começam a aparecer, e então os convidados, e então o prefeito e o presidente da universidade. Tenho certeza de que toda a cidade de Indigo Falls acaba para este evento, e os cartões de leilão se enchem com tantas ofertas que eu tenho que correr para a gráfica do campus e fazer algumas páginas adicionais.

— Puta merda, — Dex sussurra no meu ouvido depois que eu volto. Ele só estava apertando a mão do diretor que trabalha na escola. — Vamos fazer mais por essas crianças do que eu esperava.

Concordo com a cabeça para o diretor, que está conversando animadamente com o professor supervisor de Dex. — E aposto que você provavelmente também recebeu uma oferta de emprego para depois da formatura.

Ele ri. — Eu não tinha pensado nisso.

Claro que não. Porque ele é o *Dex*. Ele fez isso pelas crianças, se jogando sem sequer pensar em si mesmo. London não poderia estar mais certo sobre ele: ele é um bom homem.

Eu o puxei para um meio abraço. — Você conseguiu, cara. Você conseguiu.

Seu sorriso se alarga. — Isso por que você me ajudou.

— Sim, por pouco.

— Nah. Você conseguiu no final. — Ele retribui o cumprimento. O mesmo de sempre.

Quando nos libertamos, estamos sorrindo. Até London sorriu esta noite, e não o vi fazer muito isso nas últimas semanas.

Tentei falar com ele algumas vezes sobre o que aconteceu no café com Vain, mas ele sempre se esquivava da conversa com uma desculpa. Uma desculpa legítima sobre ouvir a palestra ou precisar ir para a aula. Mas ainda assim... uma desculpa.

Então, quando ele desliza ao nosso lado com um sorriso largo no rosto, eu instantaneamente devolvo.

Ele se inclina para mais perto de mim e sussurra: — Vi nosso TA de física aqui.

E, claro, todas as células do meu corpo aquecem e vibram. Acho que isso nunca vai parar quando se trata do Kepler Quinn.

Mas eu só aceno com a cabeça. — Ele disse que estaria aqui.

Tento evitar que meu olhar passe pela sala, mas não funciona. Se Kepler está aqui, então não posso deixar de procurá-lo. Simples assim.

Mas quando olho para a porta, outra pessoa chama minha atenção.

Shin.

Ele fica ali, observando a sala, as mãos nos bolsos, usando calças, um botão para cima e um casaco de lã elegante. Não me lembro da última vez que o vi sem uniforme.

Eu arrasto a respiração e cruzo para ele, parando a alguns metros de distância. — Obrigado pela presença.

Sua cabeça balança em um aceno de cabeça. — Não perderia por nada. Parece que você e Dex têm trabalhado duro.

— Principalmente Dex, — eu digo. — Podemos conversar?

Talvez não seja o melhor lugar, mas ele não respondeu uma única mensagem que enviei nas últimas semanas, e vou correr o risco de corrigir isso.

Seus lábios pressionam enquanto ele olha em volta. — Tem certeza de que isso é uma boa ideia?

— Sim, eu tenho. Sinto sua falta, mano. — Eu aponto para as portas do pátio.
— Vamos lá para fora.

Eu me viro e vou para lá, esperando que ele esteja me seguindo. Quando saio para a noite fria e me viro, ele está lá. Três passos atrás de mim. Parecendo chateado e teimoso como sempre, mas ainda lá.

Atravesso o pátio, que está lotado de pessoas, e desço os degraus para uma calçada larga e rachada que parece estar aqui há tanto tempo quanto os armazéns. A neve derreteu, uma breve pausa antes de sermos atingidos pela primeira tempestade oficial que é esperada a qualquer momento, e o céu acima de nós é um rolo escuro de nuvens. Eu paro no final da calçada.

Shin para na minha frente.

— Então... você está transando, — diz ele.

Certo, direto para ele, então.

— Não. — Fico confuso — Bem, sim. Mas não da maneira que você apenas insinuou.

— E como eu insinuei? — Ele cruza os braços sobre o peito. Parecendo um policial, mesmo sem uniforme.

— Você insinuou que é apenas sobre a transa. Mas não é verdade. — Eu cravo meus dedos no cimento. — Por que isso é um problema para você, Shin? De verdade? Eu sei que é estranho e que descobrir isso foi uma merda, mas já faz *semanas*, e eu nunca vi você tão bravo. Nem mesmo em alguns dos idiotas que mamãe namorou nos últimos anos.

Seus braços caem do peito, seu casaco se abrindo. — Você não sabe?

— Por isso, eu estou perguntando. — Eu coço na minha mandíbula, tentando entender meu irmão. — Me diz o que está acontecendo. Se você não quer falar com Kepler, então fale comigo.

Ele balança a cabeça, quebrando o pescoço de um jeito que faz meu intestino dar nó. — Você tem certeza de que realmente quer ouvir isso?

— Claro que sim. — Eu engulo em seco. — Você sente algo por Kepler?

— Não. Ele balança a cabeça. — Não como você está pensando.

— Me explica.

Ele geme de aborrecimento. — Foi há muito tempo, e não é como se eu estivesse abrigando uma tocha para o cara. Quero dizer, somos melhores amigos, e é assim que eu penso sobre ele, mas... — Seus lábios se contraem. — Ele é o único...

— O único cara com quem você esteve?

— Parece tão fácil para você. — Ele balança as mãos em frustração. — Você nem saiu de verdade, apenas *isso* de repente. Foi o mesmo com Kepler há alguns anos. Não tem sido tão fácil para mim, e eu nem sei por quê. Estou arrasado com isso. Realmente quebrado.

— Você não está quebrado, — interrompi.

— O caralho que eu *não* sou, — ele estala, sua voz se erguendo. — Eu *bati* nele, e não tenho ideia de como me desculpar por isso. Bati nele, não porque tenha ciúmes dele, mas porque tenho ciúmes do que vocês dois têm. E que eu *nunca* vou ter essa porra.

— Shin, — começo de novo, mas ele bufa e planta as mãos na cabeça, andando em um círculo apertado. Eu o observo por um momento, deixando-o calmo.

Quando ele finalmente para diante de mim novamente, seu queixo ainda está rígido, mas seus olhos são ligeiramente mais suaves.

— Comece devagar. — Eu não acredito nem por um segundo que você não vai encontrar o que você está procurando.

— Como isso é possível quando eu nem consigo sair? — Ele bufa. — Você sabe, um policial gay. Quem desejaria?

— Um homem de muita sorte faria isso. — Inferno, acho que muitas pessoas gostariam. E se alguém não pode ver quem você é – uma pessoa que dedicou sua

vida a ajudar os outros, que é forte e carinhoso e irritantemente teimoso, e que por acaso é gay – então eles têm o problema, não você.

Ele solta uma risada baixa. — Veja, eu sei disso. No meu cérebro. Mas quando vou contar a alguém, até mesmo a você, não sai. Mesmo depois de todos esses anos, ainda não estou pronto. E isso me frustra muito.

— Tenha paciência com você mesmo.

— *Paciência?*

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Você pode ficar ao meu redor. E perto do Kepler. Dex, também, se você estiver se sentindo confortável. Que isso seja o suficiente por enquanto. E talvez haja um próximo passo depois disso, mas você não precisa dar hoje.

— Paciência, — ele zomba. Mas ele está me olhando fixamente. — Acho que posso tentar. Eu não sei. É apenas... frustrante.

— Você já falou com Kepler sobre isso?

Sua carranca se aprofunda. — É estranho, com ele sendo o único cara com quem estive. Eu não sei se ele gostaria mesmo de falar sobre...

Claro, eu reconheceria. Eu me recosto nos calcanhares, minha respiração saindo em puffs brancos. — Você deveria conversar com ele.

Ele endurece. — Eu não sei o que dizer. Eu não sei como falar sobre nada com ele agora.

— Vocês são amigos há vinte anos. Não desista disso. — Balanço a cabeça.

— Sobre nada.

Ele se arrasta em um suspiro, a mão subindo para coçar sob sua gola de lã.

— Desde quando você se tornou tão inteligente?

— Eu sempre fui assim, *chín hyung*.

Ele bufa. — Acho que eu deveria sair mais com você.

Meu sorriso cai. — Você realmente deveria.

— E depois do meu turno na segunda-feira, talvez? — Ele encolhe os ombros com força. — Poderíamos ir tomar uma cerveja. Naquele bar?

Eu pisco para ele. Ele está me pedindo para sair? — Você quer dizer, em Tavernas?

Ele acena. — Se você está acordado tão tarde. Eu não sei se...

— Diabos, sim, — eu digo, sorrindo. — Eu gostaria disso.

— Talvez Dex também possa vir. — Ele me olha. — Você ainda está fazendo esse limite de dois drinques?

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Você?

— Sempre. — Um meio sorriso se curva pelos lábios enquanto ele estende a mão e me bate no ombro. — Eu te amo, mano.

Eu inclino meu queixo para ele. — Você também.

Shin se volta para mim. — E eu sei que você tem ido muito à casa da mamãe.

Eu vejo seu carro na garagem.

— Você passou dirigindo?

— Início e fim de cada turno. Sempre faço.

— Ela está indo bem. Ela deveria estar aqui esta noite. Ela ficaria animada se você falasse com ela um pouco também.

Ele inala pelo nariz, olhando por cima do meu ombro em direção à cafeteria lotada. — Posso tentar. Mas sem promessas!

VINTE MINUTOS DEPOIS, depois de conversar um pouco mais, Shin e eu voltamos, parando na frente do trabalho de Dex. Há alguns mais novos de mim, que se sente um pouco estranho considerando que eles estão para leilão, mas eu disse que Dex era legal.

Shin, Kepler e eu, na frente da casa da árvore, também está lá. Não para leilão.

Vagamos para ver algumas das outras obras de arte, o que não é fácil por causa da multidão. Garçons cortam a multidão, carregando bandejas de cafés em

miniatura guarneceados com palitos de hortelã-pimenta. Ou chás com limão fresco e ramos de tomilho.

Dex está no café conversando com um homem alto com tatuagens coloridas com os dois braços e cabelo loiro descolorido. O homem deve ser Eli Reynolds, o artista que o ajudou. E o responsável por aquele retrato de um cara pelado na água.

Cristo, parece que foi há muito tempo.

Procuro Kepler, que ainda não vi. Nós definitivamente não seremos capazes de estar perto um do outro muito aqui, mas isso não impede um olhar dolorido do outro lado da sala.

Shin e eu vamos conversar um pouco com Flora e Adelard, o que pode ser estranho, mas Flora tem uma maneira de suavizar as coisas. E então eu me desculpo porque eu estou ficando desconfortável sobre não ver Kepler.

Pego meu telefone enquanto corto a multidão em direção à porta do pátio, mas não há uma única mensagem dele. Eu me viro e dou a volta pelos fundos do prédio, onde há paredes de asfalto e tijolos, depois paro.

Dois homens estão na extremidade mais distante do prédio.

Kepler e outro homem.

Meu corpo acorda como sempre faz, e uma lavagem de alívio rola sobre mim, mas desaparece enquanto estou lá por mais um segundo.

Em frente a ele está o maldito tocador de dedos. Kepler está naquela jaqueta de couro elegante, balançando a cabeça, e Smith está dizendo algo para ele.

Não, eles estão discutindo?

Eu franzo a testa, hesitando, sem saber o que devo fazer. Ir até ele?

Provavelmente uma má escolha.

Smith se aproxima de Kepler, sua voz se erguendo para que eu quase possa ouvi-la, e então, em um piscar de olhos, as mãos de Smith disparam e empurram Kepler de volta. Ele tropeça, mal se pegando.

Cristo.

— Aquilo aconteceu mesmo?

Estou me movendo antes de responder minha própria pergunta. Antes mesmo de Kepler responder, meu pulso latejando na minha garganta, tensão caindo pela minha espinha. Má escolha ou não, não há nenhuma maneira que eu não vou para o meu namorado.

Estou na metade da calçada quando as palavras de Kepler me alcançam.

— Não me toque de novo. — Seu tom é baixo e resoluto, enrolando de volta para mim enquanto eu estou correndo para frente. — Eu não roubei seu emprego.

Smith enfia um dedo no peito de Kepler. — É apenas por causa de Lacher. Estou cansado de estar sempre...

— Afaste-se dele. — Minha voz ecoa contra o tijolo e o asfalto, e o olhar do tocador de dedos estala para mim. Ele pisca, a confusão atando suas feições por uma fração de segundo antes de olhar para mim.

— Eu *sabia*, — ele cospe.

Kepler gira em minha direção, surpresa correndo através de seus olhos antes que eles se suavizem.

— Admita, — sibila Smith. — Vocês dois estão transando.

Kepler arrasta a respiração, voltando-se para Smith, uma leve contração nos dedos é a única evidência do que está acontecendo sob a superfície. — E daí se tivermos?

Eu parei.

Put a merda. Kepler realmente disse isso?

Smith limpa a mão sobre os lábios e cospe no chão, seu sorriso de escárnio se enrolando enquanto apreende Kepler. Talvez Smith esteja tão surpreso com o que Kepler disse quanto eu.

Kepler fica parado, com os braços ao lado enquanto se debruça sobre Smith. — E você não vai dizer nada sobre isso. Não para mim. Não para Lacher. E você definitivamente não vai se meter com Jin.

Meu estômago torce tanto que posso ficar doente.

Estamos *ferrados*.

Esse cara não gosta do Kepler. Ele não gosta de mim. Não há razão para ele manter esse segredo.

Smith zomba. — Está louco? — Ele me empurra um dedo indicador. — E seu namorado aqui não é melhor. Eu sei que ele vende ensaios.

— Você não vai fazer nada com Jin. — O calor na voz de Kepler me faz recuar. Nunca o ouvi falar nesse tom. Ele pisa diretamente na frente de Smith. — Está me ouvindo?

Smith endurece. — Está me ameaçando?

Os olhos de Kepler se estreitam. — Estou te dizendo como é.

Smith olha para Kepler e eu tenho um flash de memória – de anos atrás. Eu *conheço* Smith. Foi sempre na parte de trás da minha cabeça que ele parecia vagamente familiar, mas eu não conseguia localizá-lo.

— Egan Smith, — eu digo rigidamente, tentando diminuir a sensação de mal-estar em meu estômago. — Você é um dos meus clientes anteriores.

Smith Stills¹⁸.

Não me lembro do que escrevi para ele, mas o conhecimento de que me lembro de quem ele é parece acalmá-lo o suficiente. E agora que descobri a verdade, não vou demorar tanto tempo para analisar os ensaios passados e encontrar o que escrevi para ele.

¹⁸ Provavelmente ele fez algum trabalho para ele sobre suportes.

— Você está disposto a se arriscar também? — Pergunto a Smith, caminhando ao lado de Kepler, o coração batendo forte na minha garganta.

Ele empalidece. — Um par de ensaios *não é nada* comparado com o que vocês dois estão fazendo. — Ele limpa o nariz com as costas da mão e depois cospe no chão novamente. — Vou encontrar provas.

Ele se vira e vai em direção ao prédio antes de desaparecer na esquina.

— Isso é ruim, — murmuro assim que ele se for. — Isso é muito ruim, Kepler.

— Ele está apenas chateado agora. — Seus dedos estendem a mão para roçar meu antebraço. — Ele está bravo por eu ter conseguido o emprego na NASA. Ele vai superar.

— Tem certeza? — Esfrego a mão no rosto, o nariz frio contra a palma da mão. O peso de tudo o que estamos arriscando se instala profundamente em meus ossos. — Isso é tão fodido. Você pode perder *tudo*. Seu trabalho. Sua chance de defender sua dissertação. Eles deixariam você ganhar seu doutorado? E a troco de quê...

— Por nós, — diz ele urgentemente, aproximando-se. — Eu escolho *você*. Sem dúvida em minha mente. Não tenho medo de escrever outra dissertação ou encontrar outro emprego. Pensar em te perder... É como estar na beira daquele telhado, isso me *aterroriza*.

Eu respiro fundo, olhando para aqueles olhos cinzentos que estão iluminados com algo tão feroz que pode me queimar.

Então soltei um gemido e me afastei. — Podemos esperar.

Ele ainda está. — Não. Eu quero isso, com você.

— Não podemos continuar arriscando isso. — Eu empurro um dedo em direção à cafeteria lotada. — Mesmo aqui, onde aquele maldito tocador de dedos poderia voltar. Onde Lacher poderia andar na esquina. O reitor da universidade. Diabos, *qualquer um*. Somos praticamente incapazes de nos conter, Quinn, e isso vai nos destruir.

Ele respira fundo. — E se nós apenas saíssemos com isso? E se apenas admitirmos isso?

Eu o encaro de olhos arregalados. — Você está *louco*?

— Talvez. — Ele sopra um suspiro, a mão subindo para a palma da mão na parte de trás do pescoço. — Você quer que paremos de nos ver. E isso soa ainda mais louco para mim.

— Só até o final do semestre. — Estou mesmo dizendo isso?

Mas *temos que* parar. Não vou deixá-lo arriscar a vida inteira por mim. Mesmo que só de pensar em me afastar dele me faça sentir como se fosse me separar.

Ele vale mais.

Ele vale tanto. Meus olhos aquecem, mas minha determinação se firma.

— Temos que parar, — eu empurro. — Somos estúpidos se não o fizermos.

Kepler hesita, um milhão de pensamentos passando por seus olhos enquanto escurecem. — Não gosto disso.

— Diga-me que estou errado. Diga-me que não seremos descobertos. Temos pisado no lado estúpido da linha demais. — Balanço a cabeça, minhas próprias palavras me cortando até o âmago. — Não posso fazer isso. Não posso deixar você se arriscar por mim.

Um grande passo à frente e ele está bem na minha frente. — Então diga que você virá comigo após o final do ano.

Eu *quero* fazer isso. Tão profundamente que *sim* está na ponta da minha língua.

Por que não posso dizer que sim?

Passei a mão pela boca, tentando conter aquela sensação doentia que subia pela minha garganta. — Nós só vamos ter que confiar que essa coisa entre nós não vai desaparecer.

A mandíbula dele está presa. — Não vai!

Eu espremo meus olhos. Eu quero acreditar nele.

Mais que tudo.

Mas o medo que está escondido no fundo da minha mente explode para a superfície, quente e repentino, caindo para fora, e minha garganta aperta, e eu mesmo vou continuar respirando.

E se tudo isso acabar quando ele sair?

Um relâmpago repentino atravessa seus olhos. — Vai desaparecer para você?

— *Não*. Não é possível. — Minha voz vacila, a verdade fervilhando à superfície. — Eu sempre vou querer você.

Vulnerabilidade. Bem ali, em exposição.

Seus lábios se partem, e posso dizer que ele quer correr em minha direção, mas ele mantém sua posição.

Por mais um segundo, não serei capaz de me impedir de ir até ele. Se há algo que aprendi recentemente, é que, quando se trata de Kepler Quinn, não tenho restrição.

Mas tenho que acreditar que podemos voltar juntos no final disso, e que estou fazendo a coisa certa. Se Smith encontrar a prova que precisa, quem sabe o que fará. E não deixarei Kepler se arriscar mais do que já arriscou.

Então, eu me viro e me afasto.

23

NÃO SEI o que acontece depois disso.

Estou no piloto automático quando entro. A mão de Dex cai no meu ombro, e ele está me pedindo para pegar as folhas do leilão, mas ele tem que dizer isso três vezes.

Eu aceno com a cabeça, respondendo da maneira que deveria, e então deslizo para o lado de London, que assume o controle do que estamos fazendo, me dando um olhar lateral com uma testa alinhada. Fico feliz que ele não pergunte por que não consigo me concentrar em nada porque não faço ideia do que eu diria.

Kepler e eu acabamos?

Kepler sairá no final do semestre, e Langley está a *1.900 milhas* de Indigo Falls. É o comprimento da Índia de norte a sul. É mais longo que a Grande Barreira de Corais. Não posso ir tão longe em um dia. Duvido que meu carro de merda chegasse lá.

E por que não posso concordar em ir com ele? Respiro fundo e tento me concentrar na tela que estou ajudando London a arrumar.

Graças a Deus que ele sabe o que está fazendo, porque não faço ideia. Mesmo que eu estivesse funcionando. É tudo o que posso fazer para me concentrar o suficiente para caber nos cantos de papelão para proteger a moldura, meus dedos pegando um leve tremor.

Eu olho para cima.

Kepler está do outro lado da sala.

Eu nem sabia que ele tinha voltado para dentro. Mas ele está dizendo algo para Lacher, acenando com a cabeça em resposta. E então ele olha por cima da cabeça dela para mim.

Olhos cinzentos se fixam em mim. Por um momento... Então ele gira, indo em direção à porta.

E eu estou arrasado.

Bem aqui. Em uma multidão de pessoas. Um canto de papelão se ergueu sobre a parte superior da moldura. Minha garganta amarrando, meu peito arremessando com tanta força que mal consigo respirar. Minha vida parece que está se fechando.

Não quero fazer isso sem o Kepler.

E merda, vou ter um ataque de pânico.

A percepção não melhora, só piora.

Não posso fazer isso. Não consigo

Uma mão quente cai no meu ombro, a voz de London perto do meu ouvido.

— Coloque isso no chão por um momento.

Seus dedos envolvem minha mão, e então estamos nos movendo através da multidão. De alguma forma, meus pés estão caindo um após o outro até que estamos deslizando por um corredor, e London abre uma porta ‘apenas para funcionários’.

Eu nem olho em volta, apenas o sigo.

— Jae. — A palma da mão dele está fria na minha bochecha. — O que está acontecendo?

Balanço a cabeça, respirando devagar. Foi mais fácil. Menos lotado. Posso focar em London, olhos escuros me aquecendo com preocupação, falcão com atenção total esta noite.

Mais um suspiro. E outro. Depois de um terço, percebo que estamos em um armário de suprimentos. Xícaras de café e pequenos canudos e guardanapos nos cercam. Há uma lâmpada de cima sem cobertura, uma luz severa descendo.

— Kepler e eu... — Balanço a cabeça. Mesmo o pensamento de terminar essa frase prende meu peito novamente. — Eu não posso dizer isso, — eu consigo empurrar para fora, as palavras tropeçando umas nas outras, os olhos ardendo.

— Desculpa. — Ele agarra meu antebraço. — Eu sei como é querer um homem tão desesperadamente que você não consegue respirar.

— Por toda a sua vida? — Eu murmuro, meus olhos ardendo, minhas palavras distorcidas. E isso é tão desesperadamente verdade que me assusta pra caralho.

Cria uma cratera no meu peito.

Não sei como vou sobreviver em Indigo Falls sem o Kepler.

Aperto minha mão em punho, sentindo meu punho cortado em meu pulso.

— Eu tenho que estar com ele.

London enruga o nariz, movendo o piercing. — Conheço essa sensação.

A convicção em seu rosto é clara.

— Sim, parece que sim. — Minha voz ainda é áspera, mas eu empurro as palavras para fora, estudando-o como eu faço. — Você pode apenas... conversar? sobre coisa nenhuma? Eu só preciso limpar minha maldita cabeça.

Ele acena com a cabeça, a mão soltando a minha enquanto se afasta para se encostar na prateleira. — A arrecadação de fundos foi boa. Você sabia que leiloamos cada peça de arte?

Engulo minha garganta apertada e esfrego a mão no rosto. — Dex vai ficar em êxtase.

— Eu... Hum... — Ele coça o falcão. — Não sei o que dizer.

Eu respiro fundo. — Qualquer coisa. Está ajudando. Eu posso quase...

— Estou perseguindo Vain Henley, — ele fala de repente.

Eu congelo, uma meia tosse presa na garganta. — Espera, o quê?

Aparentemente essa distração funciona porque assim que tiro a tosse, arrasto uma grande lufada de ar. — Você está fazendo *o quê?* Como perseguição – *perseguição?*

Ele morde o lábio inferior, soltando um gemido frustrado. — Eu não posso acreditar que eu disse isso.

— Bem, está fora agora.

Ele balança a cabeça, rangendo os dentes. — Você sabe quem ele é?

— Todo mundo sabe quem ele é. — Penso naquele momento em que Vain estava no café, mastigando aquela maçã verde, cercada por sua comitiva de hóquei. — O que exatamente você quer dizer com perseguição?

Ele suspira, fechando os olhos. — Eu, hã. *Merda.* É mais como se eu precisasse saber que ele está bem. — Seus olhos se abrem, uma luz desesperada neles. — E ele não sabe quem eu sou, então eu realmente não posso perguntar a ele. Eu só... verifico como ele está. — Ele estremece. — Droga, isso parece ainda mais confuso do que eu pensava.

Ele não está totalmente errado sobre isso. Mas ele também é *London*. Ele é um cara legal, e ele está obviamente rasgado por tudo isso. Não significa que perseguir o cara seja legal, mas como de costume com London, não sei se entendi o quadro completo.

Eu franzo a testa, mastigando tudo o que ele disse. — Por que você precisa saber que ele está bem?

Ele fica quieto, me olhando. — Você sabe o que aconteceu com seu irmão mais velho?

— Não, — digo. — Vain mencionou seu pai algumas vezes, mas nunca um irmão. Ele tem um irmão?

Então ele engole em seco. — Sim.

— Droga.

Ele acena. — Ele era um Ranger do Exército. Morto em um incidente de fogo amigo. E você sabe que eu era um garoto militar?

— Sim, me lembro.

Ele balança a cabeça, as mãos se fechando em punhos nos bolsos, os dentes rangendo novamente. — Foi meu pai quem o matou.

— Puta merda. — Estou olhando para ele, completamente perdido. — Eu sinto tanto.

— Eu também. — Ele fecha os olhos, parado lá respirando por um momento. — Está fodido. Eu *sei* que está. Mas não precisa se preocupar, porque está acabando. Preciso me afastar dele. Apenas deixar o passado ser o passado.

Eu aceno com a cabeça, estendendo a mão para segurar o ombro dele. Parece uma tentativa de consolá-lo, mas não sei o que mais fazer. — Estou aqui. Se

precisar falar sobre isso... Ou, diabos, saia mais comigo e com o Dex. Talvez possamos ir para os bares, e vocês dois podem conhecer alguns caras. Tire sua mente dele.

Ele suspira. — Parece uma boa ideia.

— Sim, é. — Aperto o ombro dele. Não sei se entendi tudo o que ele me disse, mas comecei a entender algo ultimamente.

— Você não está sozinho, — eu digo a ele. — Nenhum de nós está.

— TUDO BEM, CARA. — Dex se joga no sofá ao meu lado. — Me diz o que está acontecendo.

Fico confuso. — Estou trabalhando.

Ele aponta para o iPad apoiado no meu colo. — A tela está desligada.

Merda. Eu ligo com um golpe no dedo. — Bem, eu *estava* trabalhando. Como há dois segundos.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Você não estava olhando para nada. Observei você da porta por uns cinco minutos.

— Tudo bem, você me pegou. — Suspiro e viro meu iPad fechado, colocando-o no braço do sofá. — Estou olhando para a mesma página há uma hora. — Talvez duas horas, mas quem está contando?

Dex pega um controle Xbox e o estende para mim. — Quer dar uma passada em algum *Call of Duty*?

Eu olho para o meu telefone. — Eu tenho tempo para uma rodada.

Bom o suficiente. Dex inicia o Xbox. — Você também cancelou em Halmeoni novamente *no* fim de semana passado. Isso não é como seis semanas seguidas?

Eu gemo. — Sim.

Três semanas desde a arrecadação de fundos, e é como se eu tivesse voltado para um poço escuro.

Toda vez que entro no campus, o mundo se fecha. Não troquei mais do que algumas palavras com Kepler. Sem mensagens, sem fotos chatas, sem ligações.

Nada.

Corte limpo.

A única notícia real que recebi foi de Shin, que mandou uma mensagem dizendo que ele e Kepler conversaram.

Fico feliz por isso, pelo menos.

Mas o laboratório tem sido o pior. É fisicamente doloroso sentar lá, sabendo que Kepler está tão perto, mas não tem ideia do que está acontecendo em sua cabeça.

Sinto muito a falta dele.

Dex gesticula em direção à tela com seu controle. — Pronto, cara.

— Merda, desculpe. — Aparecemos em um mapa, e é um caos desde o início. Dex tem uma sólida matança, mas não sou de muita ajuda, mesmo com um carregamento decente. Minha mente não está interessada nisso.

Dex provavelmente pode adivinhar isso, mas ele não me incomoda sobre isso.

— Eu tenho que ir. — Eu digo depois que nossa equipe for demolida. Eu me levanto e vou em direção à porta. Tenho laboratório em uma hora. Mesmo que seja doloroso ir, não vou perder. Eu ainda posso ver Kepler, e eu não vou recusar essa oportunidade. — Quer uma carona para o campus?

— Não, eu vou trabalhar nas coisas aqui. — Dex deixa cair seu controlador e alcança seu fichário de arrecadação de fundos, que agora se transformou em seu fichário de planejamento de projetos. Ele é praticamente um herói na nossa antiga escola secundária depois da arrecadação de fundos. — Devíamos sair este fim de semana. Ouvi dizer que Vain vai dar uma festa.

— Vain está sempre dando uma festa. — Tiro meu casaco do gancho. Eu sei que Dex está tentando me trazer de volta aos vivos novamente, imaginando que *Call of Duty* e algumas cervejas vão ajudar. Não acho que ele esteja certo, mas agradeço o que ele está fazendo, então eu encolho os ombros. — Claro. Eu vou.

— Certo. Mande uma mensagem para London também.

— Ok, — eu digo vagamente, deixando essa passar.

Dex acena com a cabeça. — Ou se você precisa conversar... é para isso que servem os amigos, certo?

Faço uma pausa com o casaco no meio do caminho. Os olhos verde-oliva de Dex estão fixos em mim, mas em vez de seu sorriso habitual, seus lábios estão em linha. Ele está preocupado comigo. Ele também é o melhor amigo que alguém poderia pedir. Sei que já disse isso antes, mas vou repetir milhares de vezes.

Tenho sorte de ter um amigo como ele. Sorte de ter London. Sorte de ter meu irmão.

— Sim. — Respondo. E eu seria um melhor amigo se eu tivesse perguntado o mesmo. — Ei, como estão as coisas com Brady?

Ele rola os ombros. — Ainda não resolvidas? Mas depois de pensar nisso, não tenho certeza se ele é realmente meu tipo de qualquer maneira.

Tento descobrir qual é o tipo do Dex com quem ele namorou ao longo dos anos. Não há nada que todos tenham em comum, além do Dex. — Qual é o seu tipo?

Ele ri e abre o fichário. — Não sei. Sinto que ainda não os conheci.

— Justo.

Ele acena para mim. Vá embora. — Tenho trabalho a fazer.

— Mais tarde. — Saio, descongelei meu carro e enfrentei as estradas geladas até o campus. Estou quase lá, congelando por causa da porcaria do aquecedor no meu carro, quando meu telefone vibra de seu lugar no banco do passageiro. Eu odeio o som agora. Nunca é Kepler.

Eu viro o telefone e meu estômago quase cai.

É a mamãe.

Ela nunca manda mensagens.

Encosto, com força nos freios, deslizo um toque no gelo e pego meu telefone.

Eu não sei onde estou.

Eu mordo uma série de palavrões. *Você está em um bar?*

Não. Uma casa não sei onde.

Você está sóbria?

Eu tentei dizer não.

Eu olho para a mensagem. Cacete.

Odeio os ciclos de amar alguém que é viciado. A constante subida e descida disso. A forma como as coisas sempre ficam tão repentinas. A maneira como você está sempre tentando manter-se com os períodos sóbrios e recaídas. Tentando entender o *porquê*.

Achava que ela ia ficar... A raiva me soca com força, mas eu me sacudo por enquanto.

O que está acontecendo? Eu escrevo.

Ele só ficou comigo, Jae. Sinto muito.

Deixei minha cabeça cair contra o encosto de cabeça frio. Ela está indo bem. Por *semanas*. Ela tem sido a mãe de quem me lembro de flashes de anos atrás, quando Shin e eu estávamos pulando nossas bicicletas da calçada da frente e ela montou uma rampa de turnos para nós. Ou quando ela nos deixava dormir no quintal, embrulhados em velhos sacos de dormir, com um toque de estrelas por cima.

Eu seguro meu telefone com força. *Mandou mensagem para o Shin?*

Não.

Mande uma mensagem. Ele pode rastrear o celular dela. Se ela teve uma recaída ou não, a primeira coisa a fazer é encontrá-la.

Certo. Mas Jae?

O que?

Eu estou com medo.

Minha boca seca enquanto leio a mensagem. Não sei se ela está com medo de mandar mensagens para Shin ou onde ela está, mas eu tenho a necessidade esmagadora de encontrá-la.

Diga-me o que vê, eu digito.

Estou em um quarto, e há vozes lá fora. Muitos.

Há uma janela?

Sim.

Olhe lá fora. Ter que conduzi-la pelos passos mais básicos me faz sentir como se estivesse tomando algo.

Há uma placa de rua. Bauder Drive.

Bato a palma da mão no volante e xingo tão alto que ecoa do para-brisa. Então eu me concentro no telefone.

Já estive na casa do Fender?

Não. Ele nunca deixou.

Balanço a cabeça, não tenho certeza do que pensar, caramba. Mas sei de uma coisa... Eu digito, *estou indo te pegar.*

Eu verifico o tráfego e saio, dando meia-volta para ir em direção a East Lake. Lembro-me do nome de rua quando o Shin nos levou até lá.

Shin.

Preciso do meu irmão.

Eu ligo para ele, xingando quando vai para a caixa postal, e deixo uma mensagem dizendo a ele sobre cada mensagem.

Quando desligo, enfio o pé no acelerador, atravessando Indigo Falls o mais rápido que posso, considerando a fina camada de gelo sobre tudo.

Este vai ser um daqueles momentos que eu vou querer esquecer. Eu sei. Do tipo que contei ao Kepler no caminho de volta do observatório, os dolorosos. Os embaraçosos. Aqueles que nos fazem sentir perdidos e envergonhados.

Estou tão zangado quando chego a East Lake que minhas mãos estão tremendo, meu estômago está em nós. Eu só quero tirá-la de lá, então podemos descobrir o que aconteceu, e se ela estiver bebendo de novo, Shin pode interná-la, mesmo que seja apenas por setenta e duas horas.

E eu poderia ficar de olho nela. Vamos por ali.

Avance.

Não. Bato a mão no volante quando me viro para o bairro. Um momento depois, estou parando do outro lado da rua da casa de Fender. Dois caminhões estão na garagem, alguns caras estão parados na frente, a porta da frente bem aberta.

Eu empurro para fora do meu carro, viro o capuz do meu casaco e fecho o telefone, fixo no meu destino, meu peito encadernando com mais força a cada maldito passo.

Se ela estiver lá, vou tirá-la de lá.

Atravesso a rua, parando na beira do quintal.

— Lilah está aqui? — Eu chamo os caras.

— Quem porra é você? — Uma chama de volta para mim, mas eu já não estou prestando atenção.

'*Mamãe...*' Eu a vejo pela porta aberta, vestindo calças de pijama aqua felpudas e uma velha camiseta de Rockies que pertencia ao papai. Ela está correndo em direção à porta aberta, então ela é puxada de volta, *com força*.

Fender a segura pelo pulso, e ela se vira e dá um soco na mandíbula dele, mas ele não a deixa ir. Não até que ele me veja.

Então ele sorri.

Ela puxa o pulso do aperto dele e tropeça no tapete emaranhado. Já estou correndo em direção à casa, meus Chucks escorregando no gelo enquanto subo os degraus da frente, o telefone agarrado em uma mão, a outra alcançando-a.

— Vamos, — eu grito assim que eu apertar os dedos finos dela nos meus. O pulso dela se machucou com a força com que ele a segurava.

— Tudo bem, ela pode ir. — Fender olha fixamente para mim de seu lugar no meio da sala. Mãos grandes e carnudas que estavam cerradas ao seu lado agora atravessam seu peito. — Você é o filho da puta com quem eu quero ter algumas palavras de qualquer maneira.

— Mãe, — eu digo, mantendo meu olhar fixo em Fender. — Vá esperar no carro.

Fender se debruça sobre mim, e cada um dos meus músculos se une como uma mola esticada. Minha consciência aumenta dez vezes, absorvendo o tapete sujo e a televisão ao longo de uma parede e a porta aberta atrás de mim, calçadas cobertas de gelo além disso, o passo pesado da bota que Fender dá em minha direção.

— Jae. — Minha mãe agarra meu antebraço, me puxando e balançando a cabeça. Seu rosto é tão pálido que é quase translúcido. Nunca na minha vida a vi assim. Eu a vi passar por depressão, arrependimento, tristeza. Não preocupação! Não desse jeito.

— Temos de sair daqui. — Ela continua puxando meu braço.

É exatamente o que eu faço. Mas esse babaca também mexeu com minha mãe várias vezes. Precisamos dele fora de nossas vidas. Já basta. E preciso deixar claro que ele não é bem-vindo.

Eu solto meu braço de suas mãos e me abaixo, beijando-a rapidamente no topo de sua cabeça, arrastando um leve aroma de xampu de lavanda.

— Vá, — eu digo, pressionando meu telefone na mão dela. — Chame Shin.

— Quem diabos é Shin? — Fender rosna.

Bem, que interessante. Mamãe nunca deve ter dito a ele que o outro filho é policial.

Eu olho para ele, um inferno de raiva endurecendo meus ombros, minhas mãos tremendo com força. — Você não pode mais ficar na casa dela. Vou pedir uma ordem de restrição, e se eu te ver no posto de gasolina do outro lado da rua, vou chamar a polícia.

Mamãe fica parada lá, e foda-se, eu só preciso que ela vá.

Fender bufa. — Porra, chame a polícia. Vou dizer a eles que você invadiu minha casa. — Três passos de bota e ele está a uma distância de braços. Porque foi o que aconteceu. Eu estava cuidando da minha vida, e você arrombou a maldita porta.

— Você não é muito inteligente, é? — Eu me preparo, olhando para os punhos gordos dele.

Os olhos dele se estreitam. — Você acha que sou ridículo? Sempre tirando sarro de mim. Falando como se você achasse que é melhor do que eu.

— Jae. — Mamãe diz, olhos azuis se enchendo de lágrimas. Ela desliza ao meu redor, tentando se colocar entre mim e Fender. — É culpa minha. — Ela está tremendo tanto que mal consegue falar. Ela continua tentando chegar na minha frente, mas eu enrolo a mão em volta do biceps fino e a puxo para trás de mim.

Honestamente, não sei o que sinto por ela agora. Há preocupação. Há também um poço de raiva subindo do fundo do meu intestino. Mas nada disso importa agora.

Precisamos ficar seguros. E então lidaremos com o fato de que ela teve *outra* recaída. Que toda vez que começo a sentir um toque de esperança, tudo desmorona.

Mas, por enquanto, precisamos sair desta casa.

— Vamos, — eu digo a ela, me virando para a saída, olhando para o cara que está parado na moldura da porta. Dou um passo e algo agarra meu capuz do casaco, me puxando de volta.

— Jae. — Mamãe agarra meu braço, mas estou me afastando dela, focado em Fender que está segurando meu capuz. Eu dou um soco, pegando-o com força na mandíbula antes de tropeçar.

É o único golpe que terei. Faça valer a pena.

Então estou no chão. Uma bota grossa bate no meu estômago e eu tusso com força. Eu tento me levantar, mas um chute nos meus oblíquos me empurra de volta para baixo.

Eu rastejo de novo e levo um chute nas costelas. Não é só o Fender. Eu olho para o cara que estava na porta e recebo outra batida. Tem outro. Estou cercado.

Mamãe grita de algum lugar atrás deles.

A gente tem que sair daqui. Eu me arrasto até os joelhos e ganho um chute no estômago com tanta força que meus joelhos são levantados um centímetro do chão. Tossi novamente, sangue salpicando o tapete.

Os chutes vêm de todos os lados. Toda vez que tento me levantar. Há pelo menos três deles. E um de mim.

Eu espremo meus olhos, tentando agarrar qualquer senso de realidade quando uma bota bate com força em minhas costelas.

Kepler.

Penso nele, segurando-o quando não há mais nada para segurar. Eu imagino seus olhos cinzentos iluminados com tantos pensamentos. Lábios curvando quando eu o faço sorrir. Braços fortemente presos ao meu redor.

Aquela sensação que tenho batendo contra o interior do meu peito toda vez que ele está por perto. *Simkung*. Possibilidade. Esperança.

Amor.

Eu aperto meus olhos com mais força e o seguro. Sua força, seu controle. Palavras dele.

Você não é o único. Estou aqui. Sempre fui.

Este é o fundo do poço.

Tem de estar. Se não for, então não há esperança para nenhum de nós.

Um chute na mandíbula bate minha cabeça para trás com força, forçando meus olhos a se abrirem. Eu olho para cima o melhor que posso.

Mamãe grita e pula em Fender, agarrando-se às costas dele. Ele torce, tentando tirá-la. E, merda, este é o momento que eu preciso. Eu rolo para a frente e me envolvo em torno de seus tornozelos.

É uma jogada estranha, mas é uma que aprendi para um ensaio de autodefesa. Ele aprisiona quem está vindo atrás de você, e pode fazê-los entrar em pânico.

O que o Fender faz. Ele xinga, tentando tropeçar de volta, e então ele cai de bunda, mamãe em algum lugar atrás dele. Ela puxa o cabelo dele com força. Ela está *lutando*.

E talvez seja muito pouco. Talvez seja tarde demais. Eu não sei, mas eu me mexo e dou um soco no cara que estava na porta, e então eu estou estendendo a mão para agarrar o pulso dela. Eu a puxo para cima, e não sei como fazemos isso, mas estamos correndo em direção à porta. No gelo e na neve, meus Chucks escorregando.

E, levemente, ao longe, ouço as sirenes.

24

A NEVE ENCHARCA MEUS JEANS e eu afundo nos braços da mamãe. Ela está dizendo algo, falando comigo com uma voz suave como ela costumava fazer quando eu era criança. Mesmo que eu não seja mais uma criança, eu ainda me agarro às palavras dela.

Tudo dói. Mas estou respirando e ainda estou aqui.

Eu me encolho para alguém pairando acima de nós, mas o homem se agacha, a mão segurando meu ombro, o cheiro familiar de algodão e sabão e meu irmão.

Shin. Eu praticamente choro de alívio.

— Jae. — A voz de Shin quebra quando ele se inclina sobre mim. Há *medo* em seu tom, e o alívio inunda seus olhos enquanto eu empurro um som de coaxar que deveria ser ‘*O quê?*’

— Jesus, — ele murmura. — Fique aí. Emergência está chegando.

Eu aceno com a cabeça, sentindo mamãe me soltar. Minha cabeça está nadando. — Onde está Fender?

O rosto de Shin endurece. — Estamos cuidando disso.

Eu espremo meus olhos enquanto estendo a mão e agarro seu antebraço. —

Kepler?

Shin franze a testa. — Ele estava aqui?

— Não. — *Sim, mas só no meu cérebro.*

Ele nunca deixou meus pensamentos. Nem por um segundo.

Shin torce e acena para alguém. — Por aqui.

Ele sai do caminho quando um paramédico se ajoelha ao meu lado, me fazendo perguntas e sentindo por cima do pescoço, ombros e mãos.

Está um borrão depois disso. Eu sou empurrado de um lugar para outro, paramédicos para ambulância para o hospital. Raios-X e médicos me dizendo que minhas costelas estão machucadas, meu pulso torcido, meu rosto quebrado um pouco. Mas não é nada que o tempo não resolva.

Dizem que *tenho sorte*.

E eu acredito. Poderia ter sido muito pior.

E o tempo todo, eu me agarro a um pensamento que ecoa...*Kepler, Kepler,*
Kepler.

Eu o *amo*, porra.

Eu acho que eu tenho por um longo tempo. Eu preciso dizer a ele...

Embora não tenha ideia de onde meu celular foi parar. Provavelmente chutado em algum lugar na casa de Fender.

Eu engulo em seco e me sento na cama de hospital de lençóis brancos quando Shin entra no quarto algumas horas depois. Tenho comido um pouco de gelatina verde, mesmo que a comida seja a última coisa na minha mente.

— Você parece melhor. — Shin franze a testa enquanto atravessa a sala, olhando para mim de cima a baixo. — Você ainda parece uma merda, mas parece melhor.

— Obrigado. — Eu jogo minha colher e empurro a pequena mesa rolante para longe.

Ele ri. — Sim...

— Não, é de coração. — Eu pego os olhos dele. — Eu não sei o que teria acontecido se você não estivesse lá.

— Eu não cheguei lá rápido o suficiente.

— Eu não sei. — Balanço a cabeça e estremeço com o corte ardente acima da minha testa. — Ele pode ter nos seguido até lá. Poderia ter sido pior.

— Talvez. — Ele acena com a cabeça, cruzando os braços sobre o peito e parado rigidamente ao lado da cama. — Não quero nem pensar nisso.

— O que aconteceu com a mamãe? — A pergunta fica na minha garganta, minha mão pegando um tremor baixo. Não consigo nem começar a entender a massa de sentimentos que tenho agora, mas parece que a raiva está esquentando no meu peito.

— Eu não posso continuar fazendo isso.

Shin puxa seu bastão para que ele possa se sentar em uma cadeira de vinil marrom ao lado da cama. — Ela está na Sunrise Crossing por alguns dias.

Minhas sobrancelhas sobem. — Você a admitiu de novo?

— Não. — Ele balança a cabeça lentamente. — Ela mesma admitiu. — Ele faz uma pausa. Olho fixamente para ele, tentando ver além do exterior estável do policial. — Eu nunca vi ela assim. Nem mesmo depois que papai morreu. Ela não parava de chorar e, por mais que quisesse estar aqui para te ver, era como se soubesse que tinha que ir.

Respiro devagar. — É a primeira vez que ela se internou.

— E ela quer um programa de internação. — Ele coça o colete à prova de balas. — Ela me pediu para colocar a casa à venda.

Eu pisco para ele. — Ela nunca esteve disposta a considerar isso. Para ela, é como deixá-lo.

Ele acena. — Acho que hoje ela percebeu que não pode mais continuar vivendo no passado. Que tudo o que ela está fazendo é se machucar. E você. Eu também. E a memória do papai também. Quer dizer... — Ele faz uma pausa. — Olhe para si mesmo. O que aconteceu com você hoje?

Eu pressiono meus lábios, absorvendo tudo isso. A raiva ainda bate um pulso constante, mas algo mais está espiando: *ela está realmente disposta a tentar?*

A esperança é como um pequeno botão de flor na palma da minha mão. Eu não sei se estou pronto para deixá-lo florescer ainda. Foi esmagado e destruído tantas vezes. Mas talvez...

Balanço a cabeça. — A casa não será suficiente. Há uma hipoteca reversa sobre ele do médico do papai...

— O suficiente para quê? — A voz baixa da porta faz minha cabeça estalar em direção a ela.

Eu já sei quem está lá. Assim como eu sei quando é ele atrás de mim no laboratório ou quem está mandando mensagens antes mesmo de eu pegar meu telefone.

Estou tão sintonizado com ele que é instintivo.

— Kepler, — eu pronuncio seu nome em um suspiro expelido enquanto o prendo, olhos cinzentos tão fixos em mim que parece que ele não vê mais nada. Ele cruza para mim em passos longos que não param até que ele esteja ao meu lado da cama; suas mãos apertam minha mandíbula suavemente. Seus dedos estão tremendo, sua respiração ficando afiada enquanto ele se inclina sobre mim, aquele aroma omija picante dele, o timbre baixo de sua voz perto do meu ouvido.

— Jin.

Ele sussurra meu nome.

É isso.

E é como se ele tivesse me lido um livro inteiro. Eu ouço tanto naquela sílaba. Preocupação e medo. Dor e necessidade. Tantas emoções se espalham em uma sílaba sussurrada. Ele me disse uma vez que não está calmo por dentro. Nadinha. E eu sinto isso agora, correndo sobre mim, me esmagando.

Ele vira a cabeça para que seus lábios roçam os meus, suas mãos quentes segurando meu queixo. Nossos lábios se encontram suavemente, menos de um beijo e mais apenas *respirando* juntos. E mesmo que meu coração bata forte contra minha caixa torácica com sua proximidade, eu ainda afundo em uma paz que só encontro com ele. Minha mão sobe para dobrar a nuca dele, meus dedos arranhando seus cabelos.

Ele é meu. Ele está *aqui*.

— Você está bem? — ele murmura, recuando um pouco, ainda apenas milímetros entre nós.

— A maior parte. — Minha voz está sufocada. Porra, senti falta dele. – Eu o *amo*. Falarei sobre isso mais tarde. Tudo. Eu simplesmente não posso....

— Qual é o prognóstico de suas costelas?

Shin deve ter contado sobre os raios-X.

— Contusões, — eu digo. — Não quebrado.

Ele acena com a cabeça, as mãos ainda tremendo quando ele pincela um beijo ao longo da minha mandíbula, até o meu ouvido, e depois contra a minha têmpora.

— Eu estava tão assustado, Jin, — ele sussurra tão baixinho que mal consigo ouvi-lo. — *Aterrorizado*.

Uma garganta limpa.

Eu pulo. Tinha esquecido onde estávamos. Esqueci que havia mais alguém na sala.

Mas quando me viro para Shin, não posso ignorar como meu irmão está olhando para nós com uma boca ligeiramente aberta. Como se não acreditasse no que vê. Seu olhar brilha de Kepler para mim e para trás novamente.

Então seus olhos se estreitam em Kepler. — Você sempre beija meu irmão assim?

— Sim. — Kepler se senta na cama, sua mão alcançando a minha, sua atenção ainda fixa em mim, parando quando minha língua desliza ao longo do meu lábio inferior. Suas pupilas se dilatam um pouco, mesmo que ele se sente resolutamente na beira da minha cama de hospital.

Shin murmura algo baixinho, mas não parece zangado ou irritado. Ainda um pouco surpreso.

Ele não sabia que eu estava absolutamente apaixonado pelo seu melhor amigo.

Kepler olha entre nós. — Tenho a sensação de que interrompi uma conversa.

Limpo a garganta. — Eu tenho que te pedir um favor.

Ele aperta meus dedos. — Qualquer coisa.

Merda, eu *sinto* o quão profundamente ele quer dizer isso.

— Aquele lugar em Ohio, — começo. Aquela florzinha de esperança na palma da minha mão? Não vou deixar que isso seja esmagado. Não desta vez. — A unidade de internação de que falamos? Quero aceitar sua oferta. Se ainda estiver de pé, quero dizer. Mesmo que vendêssemos a casa, isso provavelmente só pagaria por um lugar aqui. Mas eu entendo se...

— Já está pago, — diz ele calmamente. — Noventa dias na unidade de internação e, em seguida, seis meses em um lar sóbrio nas proximidades.

Há um silêncio no quarto. — Está falando sério?

Ele acena. — Eu marquei logo depois que conversamos sobre isso. Não queria que pensasse que essa oferta estava ligada a alguma coisa. Eu a coloquei em um fundo a ser pago com a condição de que Lilah alguma vez iniciasse o programa. — Ele olha para Shin. — Não será fácil para ela. Haverá terapia e testes e requisitos regulares. Ela tem que realmente querer isso.

— Ela quer, — Shin diz calmamente. — Mas Kep, cara. Esse é um grande tipo de favor é...

— Não parece um favor para mim. — Os lábios do Kepler arqueiam suavemente. — Shin, você foi meu melhor amigo por toda a minha vida. E Jin... — Seus olhos cinzentos se fixam em mim. — Você tem sido minha constante. Por mais tempo do que possa imaginar. Você é tão brilhante quanto a luz das estrelas para mim. *Mais brilhante.*

Meus olhos aquecem, minha garganta se fecha, tantas emoções me inundando que nem consigo começar a resolvê-las. Kepler aperta meus dedos novamente, como se pudesse sentir o que suas palavras fazem comigo.

Talvez ele possa.

— Eu não já te disse antes? — Ele se inclina na minha direção, como se puxado para frente. — Não é nenhum tipo de troca. Se eu puder fazer qualquer coisa para ajudar uma pessoa que vocês dois amam, então eu farei.

Meus lábios se separam, mas nem consigo explicar o que isso significa para mim. E para Shin.

O toque estridente do telefone de Kepler entra na sala, e Shin e eu recuamos. Kepler suspira e puxa o telefone do bolso de trás, silenciando-o.

Minha linha da testa franze preocupação fazendo cócegas no fundo dos meus pensamentos. — Quem é?

Kepler balança a cabeça com força, a mandíbula apertada. — Não é nada para você se preocupar agora.

Fico confuso. — Bem, isso é ameaçador. Me conte.

Kepler balança a cabeça novamente. — Você deve se preocupar com o descanso...

— Me fala. — Eu agarro a mão dele na minha, um pânico baixo começando a borbulhar no meu peito. — Apenas me diga, porra.

Sua mandíbula carrapatos. — Eu estava no laboratório quando recebi as mensagens de Shin. Liguei de volta em pânico, sem pensar no que estava dizendo. Eu só... tinha que chegar até você. Eu não me importava como ou sobre qualquer outra coisa.

Eu endureço. — Alguém ouviu você falando sobre mim?

Ele acena. — Lacher.

Put a merda.

— Eles sabem. — Uma frieza escorre pela minha espinha. — Eles sabem sobre *nós*?

Seus lábios pressionam. — Eu disse a ela.

— Você *contou* a ela?

— Eles estavam a horas de descobrir a verdade. Entre Smith e aquela ligação... — Os ombros de Kepler se ligam, todos rígidos. — Eu não podia mentir

quando ela perguntou, Jin. Eu *não faria isso*. Você é o... — Ele balança a cabeça, parecendo mudar de trilha no meio da frase. Estou prestes a pedir-lhe para explicar quando ele continua. — De qualquer forma, o departamento está convocando uma reunião de emergência para discutir o que vai acontecer.

— Porra, — murmuro, piscando para ele. — Quando é a reunião?

— Daqui a duas horas.

— Duas *horas*? — Soltei a mão dele e balancei os pés para o lado, grunhindo com a dor que desce pelo meu lado quando meus dedos dos pés bateram no ladrilho frio. — Precisamos ir.

Kepler balança a cabeça. — Você não está em condições de...

— Eu estou indo, — eu disse com firmeza. Eu me levanto com um gemido, meu vestido de hospital se abrindo desajeitadamente, mas não dou a mínima. Não tem como eu não estar lá com o Kepler quando ele encarar isso. — Nós vamos juntos. Fim da discussão, Quinn.

25

Coesão

Substantivo

1. a força que mantém unidos átomos ou moléculas

KEPLER PEGA minha mão um pouco antes dos passos que levam ao prédio principal do administrador.

Minha mão! Bem ali. Na parte inferior dos degraus. Onde qualquer um possa ver.

Fecho os olhos por um momento antes de subir as escadas, apenas sentindo seus dedos quentes ao redor dos meus, em plena luz do dia. Meus ombros se soltam, meus passos são mais seguros. Ainda estou cambaleando pelo conhecimento do que estamos prestes a entrar, mas preciso da mão dele na minha.

Nós precisamos disso.

Este é um dia seriamente fodido, e ainda nem terminamos de lidar com isso.

Eu cerro os dentes depois dos três primeiros passos, minha mão livre se acomodando no corrimão congelado. Eu continuo escalando, mas que se dane se minhas costelas não gritarem a cada passo. Eu tenho uma relutância do médico em sair. Principalmente porque eu não lhe dei muita escolha, mas para me dispensar.

— Você está bem? — ele sussurra enquanto abre a porta para mim, o calor do prédio brotando na tarde de inverno.

— *Não*, — eu digo. — Você?

— Não, mas vamos ficar. — Ele aperta minha mão, ciente dos meus ferimentos, e então a deixa cair. Sinto falta do toque, mas provavelmente é melhor para nós dois se não estivermos andando de mãos dadas. Aquele pequeno momento no degrau terá que ser suficiente por enquanto.

Mas Kepler faz uma pausa. — Talvez você devesse esperar aqui.

Eu me encolho. — Pro inferno com isso.

Ele arrasta a respiração. — Eu não quero vê-lo ferido por isso, Jin. Eu mereço o que quer que aconteça. Eu quebrei um código de ética universitária, puro e simples. Mas você...

Eu me viro e desço pelo corredor estreito e silencioso em direção ao número do quarto fornecido para nós. Eu estou indo, porra.

Não há nada que Kepler possa dizer que me faça mudar de ideia.

Ele me segue, prestes a dizer outra coisa quando chegarmos à porta, mas o professor Lacher sai. Seu terno vermelho é incrivelmente brilhante, suas longas tranças puxadas para trás por cima de um ombro.

Os ombros de Kepler enrijecem, seus lábios pressionando. Sei que ele a admira e que foi ela quem o ajudou a conseguir o cargo em Langley. Isso deve ser difícil para ele.

— Estamos prontos para você, Sr. Quinn, — ela diz rigidamente. Ela se vira para me olhar e faz uma pausa, um lampejo de preocupação escurecendo seus olhos. — Este parece ser um momento ruim, Sr. Lee.

— Vou ficar bem. — Eu passo a mão pelos meus cabelos ainda úmidos e assobio com a mordida de dor que arde ao longo dos meus oblíquos com o movimento. Eu só tive a chance de tomar um banho rápido, a água quente doendo como o inferno no meu rosto. E eu não tenho tentado pensar em como eu me pareço.

Ou sobre o que aconteceu no Fender. Respiro fundo, concentrando-me na porta diante de nós, não nos demônios em minha cabeça. A mão de Kepler cai nas minhas costas quase imediatamente, quente e firme.

Ele está sempre prestando atenção em mim. Sempre atento.

Ele levanta uma sobrancelha em pergunta silenciosa, perguntando se estou bem, e eu aceno com a cabeça antes que ele se vire para Lacher.

— Professora. — A voz dele é suave e grave. — Sinto muito por qualquer peso que isso tenha colocado em você. Lamento muito esta situação.

Merda, eu *sinto* essas palavras. São um pedido de desculpas simples, mas há muito peso neles.

— Eu também, Sr. Quinn. — A pitada em seu rosto não se solta quando ela se vira para mim. — Você pode esperar lá fora, Sr. Lee.

Balanço a cabeça. — Vou entrar.

Kepler franze a testa, inclinando-se perto da minha orelha. — Por favor, pense sobre isso! Não quero que pensem nem por um segundo que você causou isso. Se você estiver comigo, então...

Eu passo na frente dele, minha palma pousando em seu peito. — Eu já disse que vou entrar com você.

Ele balança a cabeça. — Eles estarão mais inclinados a tomar medidas disciplinares contra você se você entrar comigo.

— Porra, deixe-os. — Minha voz sobe um pouco enquanto eu o encaro. — Estamos nisso *juntos*. Você e eu. Eu não vou deixar você entrar sozinho.

Kepler me encara. Então, lentamente, uma pitada de um sorriso penas sobre seus lábios, algo profundo e certo passando por seus olhos esfumados insondáveis. Em um instante, estou acordado por ele, minha respiração prendendo, meu coração martelando. Ele me acorda, como sempre.

Seu sorriso cai quando ele se inclina para frente, como se fosse me beijar, mas então ele para. — Você enche tanto de mim. E não importa o que aconteça, não importa qual seja a consequência, eu faria todas as mesmas escolhas novamente.

Putá merda. Preciso dizer a este homem que o amo. Estou a um fôlego de deixar sair.

Mas não aqui. Agora não, com a Professora Lacher nos observando em um corredor que está começando a se aglomerar quando a porta da sala de aula se abre. Quando eu disser pela primeira vez, quero que sejamos só nós dois.

Eu me viro para a Professora Lacher. — Vou entrar.

Ela franze a testa, considerando a mim. — Suponho que não haja regulamentos contra a presença do Sr. Lee. Contanto que o conselho concorde, e eles já concordaram com suas testemunhas.

Testemunhas.

— Testemunhas? — Kepler faz a mesma pergunta.

Lacher nos gesticula para dentro da sala. — Eles disseram que você pediu para eles estarem aqui.

Eu parei dentro da porta. — *Shin?*

Minha boca se abre. Shin está de pé ao lado perto de uma janela alta, de uniforme completo, com as mãos entrelaçadas atrás das costas como se estivesse de

pé. Então meus olhos se voltaram para o homem ao lado dele – Dex. Seus olhos se arregalaram, provavelmente pelas contusões no meu rosto.

Estou prestes a chegar e perguntar o que eles estão fazendo aqui quando Lacher chama nossa atenção na frente.

Kepler e eu endurecemos no painel à nossa frente. Lacher senta no final. Ao lado dela está o professor Manford, o professor para quem eu ia mudar. Ao lado dele estão o presidente da universidade e Dean Preston, nenhum dos quais eu realmente conheço. E então um homem que Lacher apresenta como chefe do comitê de ética da universidade.

Eles se sentam em uma longa mesa, rostos severos, lábios puxados e meus passos quase vacilam enquanto caminhamos em direção a eles. *Porra*. Eles não teriam montado um painel como este a menos que fossem sérios. Meu estômago dá um nó.

E se perdermos? E se expulsarem Kepler? Todo o doutorado dele se transformou em fumaça por minha causa. Sei que ele disse que faria a mesma escolha, mas faria? *Sério?*

Suas cabeças giram em nossa direção enquanto paramos diante da mesa.

Lacher começa. — Temos perguntas para você, Sr. Quinn.

Kepler olha para eles, como se estivesse olhando para um trem que se aproxima. — Eu gostaria de uma chance de falar primeiro.

— Não, — diz ela, sem espaço para discussão em sua voz. — Você pode falar depois que fizermos nossas perguntas.

Ele assente com força. — Tudo bem.

O professor Manford grunhe e joga um bloco de notas cheio de palavras agudamente rabiscadas na mesa longa. — Seu argumento é o mesmo que o policial Lee apresentou?

Nós dois nos viramos para olhar para Shin, que prende os braços sobre o peito. Dex fica resolutamente ao lado dele, também não esclarecendo a situação.

Que porra está acontecendo?

Mas Kepler só volta para o painel. — Sim. Esse é o nosso argumento.

Tenho um pressentimento que ele também não sabe.

Mas ele confia em Shin. E eu também.

O painel nos encara, todos eles com blocos de notas e pastas diante deles. Canetas em suas mãos e...

Eu ainda não entendi...

Put a que pariu.

— Kepler, — eu sussurro, pegando sua mão.

Espalhados pela mesa estão pelo menos vinte dos desenhos a lápis de Dex. A imagem de nós na casa da árvore está em cima de uma pilha dispersa. Há mais – todos os quatro de nós em um lago, Dex está me empurrando, Shin gritando alguma

coisa, e Kepler com um sorriso largo. Tem um que nunca vi antes com Kepler e eu me amontoados naquele telescópio velho.

E, caralho, o jeito que ele está me *olhando* no desenho do Dex.

Como eu nunca vi isso? Mesmo com o jeito que ele é tão enigmático e desconcertante, eu deveria ter *visto*.

Nossa história está exposta diante deles.

Tudo o que somos nos traços de lápis suaves e detalhados de Dex. Tão realistas que poderiam ser fotografias.

Shin e Dex devem tê-los trazido aqui. Eles devem ter dito a eles que o que começamos aconteceu muito antes deste semestre.

Isso importa? Meu cérebro folheia o código de ética que Kepler mencionou no caminho. Eu nunca li isso – nunca tive razão para ler antes – mas importaria *quando* nosso relacionamento começasse?

Quero dizer, sim, o *sexo* começou este semestre.

Mas Kepler e eu somos muito mais do que isso.

Manford enfia um dedo no desenho de cima da casa da árvore, e eu tenho o desejo de agarrá-lo e protegê-lo daquela carranca que ele está dando.

— Você não pode me dizer que isso realmente faz a diferença. — A voz de Manford sobe quando ele olha para cima e para baixo no painel.

É a mesma pergunta que eu tinha.

— O código de ética da universidade diz que sim, — diz Lacher calmamente, abordando o painel e inclinando o queixo para nós. — Há uma diferença significativa entre um assistente de ensino iniciar um relacionamento sexual com um aluno *durante* o semestre em comparação com um assistente de ensino que tenha um relacionamento anterior com um aluno e não notificar seu professor observador sobre o conflito de interesses.

Eu olho para Shin, que me dá uma pequena inclinação da cabeça.

Cristo. Ele está nos salvando. E Dex está nos salvando também.

Lacher continua calmamente. — Na primeira situação, é motivo para expulsão e possível revogação de graus passados. — Ela deixa o peso daquele afundar, e acredite, afundou. Kepler pode perder *tudo*.

— Na outra situação, — continua ela, — quando o relacionamento começou antes do semestre, a resposta da universidade está mais alinhada com a simples remoção do assistente de ensino de sua atribuição atual para evitar mais conflitos de interesse. — Ela se concentra em Kepler. — Então, Sr. Quinn, esse relacionamento começou antes deste semestre?

Meu coração bate forte, minha mão ficando úmida com Kepler.

Manford gargalha antes que Kepler possa responder. — Você está liderando a pergunta, Lacher. Você está ficando emocional porque ele é seu assistente, e é...

— *O suficiente.* — O reitor coloca a palma da mão na mesa, a um centímetro de distância do desenho de nós na casa da árvore. Ele ficou quieto o tempo todo, observando atenciosamente, mas agora ele se inclina para frente, e é bastante óbvio quem está realmente no comando aqui. Eu sopro um pouco de alívio por não ser Manford.

— Deixe-o responder a pergunta, — diz o reitor. — É por isso que ele está aqui. Então tomaremos nossa decisão.

Manford balança a cabeça, pegando seu caderno e rabiscando algo nele.

Eles estão planejando votar, eu sei. Eles votarão e fornecerão sua decisão ao comitê de ética, mas duvido que o comitê vá contra o presidente e o reitor. Nossa esperança está bem aqui, nesta sala.

Manford está claramente contra nós.

Os outros? Não faço ideia.

Dean Preston aponta para nossas mãos ligadas. — Você não parece debater que *há* um relacionamento?

— Não, — Kepler diz fortemente.

Ele concorda com a cabeça. — Então, Sr. Quinn, há quanto tempo isso está acontecendo?

Kepler olha para mim, um calor iluminando seus olhos, um que eu compartilho tão profundamente, e minha garganta aperta. Seus lábios se separam lentamente, e ele respira fundo antes de continuar.

— Eu poderia explicar a você todos os anos de nossa história. — Sua voz é suave e quente e cheia de tanta emoção que me atinge no estômago. — Eu poderia te contar sobre a casa na árvore e o telescópio, a maneira como esse homem vive em minha alma, aquele primeiro momento em que o vi no campus há cinco anos, como ele é minha constante, como ele me enche. Mas você pode ver tudo isso porque está espalhado pela mesa diante de você. Ele fala por si mesmo. Então, ‘há quanto tempo está acontecendo?’ Vou apenas destilar em uma palavra. — Seus olhos aquecem para um cinza claro. — *Sempre.*

— BEIJE-ME, — eu digo, tremendo quando os lábios de Kepler roçam a casca externa da minha orelha. Seus dedos se apertam em torno dos meus enquanto ele faz o que eu peço, inclinando-se para pegar meus lábios.

Agora.

Aqui.

Em público, no campus, não se segurando. Nós estamos descansando em um banco de parque sob um boxelder¹⁹ de tronco grosso enquanto esperamos por uma decisão do painel que poderia alterar o curso de ambas as nossas vidas. Ramos cobertos de pequenos pingos de gelo brilham acima de nós, brancos cintilantes enquanto pingam lentamente água.

Quando ele se afasta do nosso beijo, ele me estuda. — Como está se sentindo?

— Como se eu tivesse sido martelado por Thor.

Ele penas dedos sobre meus dedos inchados, mal tocá-los. —Devemos colocar um pouco de gelo depois disso.

Eu gemo. — Eu não pensei sobre o que vem depois disso.

Suas sobrancelhas batem. — Eu penso nisso toda hora. No futuro.

Pela primeira vez ele não perguntou sobre eu ir com ele para a Virgínia. Acho que isso também está no ar.

Não é, J?

Ficamos em silêncio por um momento, afundando um no outro, vendo as pessoas passarem correndo. Deslizo uma palma da mão sobre o casaco, descansando por cima do estômago, sentindo a subida e a descida da respiração, repetindo a palavra que ele disse diante do painel.

¹⁹ Espécie de árvore nativa.

Sempre.

Ele gruda na minha garganta. Isso me faz pensar no passado. E o presente.

E o futuro.

Ele me puxa com mais força contra ele, e quando seu telefone finalmente toca, é como uma tempestade invadindo nosso céu.

Ele suspira, se torce para tirá-lo do bolso de trás, o traz até o ouvido e ouve, expressão fixa. Eu mal respiro. Dificilmente pensando. Só estou esperando. Não consigo ouvir nada do que estão dizendo.

— O que eles disseram? — Eu pergunto assim que ele desligar.

Ele limpa a garganta, piscando como se estivesse surpreso. — Eles acreditam que a maior parte do nosso relacionamento começou antes do semestre. Que sou culpado de não admitir um preconceito sobre um aluno atual.

— E?

A mandíbula dele fica tensa. — Perdi a posição de assistente.

— Cristo, Kepler, porra.

Ele balança a cabeça. — Eu estava esperando isso. Mas... você terá que refazer sua exigência de laboratório.

— Sem problemas. Essa é a menor das minhas preocupações. Quanto a outra? Nasa?

— Lacher já entrou em contato com eles para explicar a situação. — Ele franze a testa, olhando para o telefone. — Ela disse que sua recomendação para mim está mais forte do que nunca. Que cometi um erro, mas a força no caráter é admitir isso. E, é isso.

— É isso? — Eu expiro as palavras, mal acreditando nelas.

Seus lábios se separam ligeiramente, uma risada surpresa escapando. — É isso.

— Você pode defender sua dissertação? — Eu pergunto, tão surpreso quanto ele. — Graduação? *Nós dois* nos formamos? E você mantém o emprego na NASA?

— Sim. — Ele olha para mim, o peso de tudo ainda não me atinge.

Vamos conseguir.

Nós vamos sobreviver a isso.

Não tenho palavras para expressar o que isso significa para mim. Ou o que ele faz.

Mas também sei que perder a posição de assistente deve ter doído. Eu observo a trilha do polegar sobre a tela escura do telefone. — Sinto muito pela sua posição de assistente.

Ele acena. — Eu também. Mas acho que foi uma decisão justa. É o mesmo que eu teria feito se estivesse naquele painel.

— Isso não facilita as coisas.

— Não, não faz. E Smith... — Ele geme e se encosta no banco. — Ele vai se vangloriar tanto. Ele tomará conta das minhas seções. — Ele balança a cabeça e coloca o telefone no bolso. — Mas eu vou lidar com isso.

— Você vai.

Ele acena. — Você quer voltar para o seu lugar? Ou o meu. Nós poderíamos...

— Eu preciso ir ver alguém, — eu digo. — É importante. Vem comigo?

Ele se levanta e estende a mão para mim. — Com certeza.

TIRO OS SAPATOS do lado de dentro da porta. Kepler faz o mesmo, e eu estou prestes a perguntar se ele quer alguns chinelos de casa quando eu estou enrolado em um abraço. Minha *halmeoni* é minúscula, e eu me debruço sobre ela, abraçando-a de volta enquanto ela fala um milhão de quilômetros por hora em coreano.

Ela se afasta e toca meu rosto levemente. — *Gwenchaneyo?*

— Estou bem, *Halmeoni*, — asseguro a ela. — Não é tão ruim quanto parece.

Ainda não estou pronto para falar sobre o que aconteceu. Eu só quero estar aqui, em sua casa muito quente que sempre cheira a lavanda e eucalipto.

Ela se vira para a porta onde Kepler está parado em suas meias cinza.

— Kepler, — diz ela, sotaque pesado, estendendo a mão para apertar seu antebraço. — Bom te ver.

— Você também, *Halmeoni*, — diz ele, lembrando-me de quantas vezes ele esteve aqui com Shin. O que pode tornar isso estranho para ela, eu não sei.

Respiro fundo e pego a mão de Kepler, amarrando os dedos dele com os meus. — Desculpe por não termos ligado primeiro.

— Nunca precisa ligar, Jae-Jin. — Seu olhar cai em nossas mãos, mas volta para o meu rosto rapidamente, seus olhos se arregalando apenas um toque. — Fico feliz que você veio. Que vocês dois vieram.

E, merda. Eu só sai para minha *halmeoni*.

Ela dá outro aperto no antebraço de Kepler. — Vocês estão com fome? — Então ela balança a cabeça e se vira, indo em direção à cozinha.

— O que estou perguntando? — ela murmura em coreano enquanto vai. — Claro que está.

Ela desaparece na esquina, ainda falando sozinha.

Kepler aperta minha mão. — Correu tudo bem? Eu realmente não posso dizer com ela.

Não se trata apenas de gênero. *Halmeoni* costumava discutir sem parar com meu pai sobre não se casar com uma coreana. Aquela linhagem 100% coreana sempre foi importante para ela, mas isso foi há anos, e ela nunca mais disse nada desde então.

Mas não importa. Ela terá que ficar bem comigo e Kepler.

— Vai ficar tudo bem, — digo enquanto o levo para a cozinha.

Halmeoni já está vasculhando a cozinha, abrindo Tupperware e puxando costelas curtas da geladeira.

— Não há tempo para marinar, — diz ela. — Mas eu sei do que você gosta, Kepler.

Kepler ri. — Você me pegou.

— Ótimo. — Ela franze a testa para nós. — Vai trabalhar.

Pego uma faca e uma tábua de corte. — Alho?

— Não. Não. Não. — Ela balança a cabeça bruscamente. — Kepler faz alho. Você descasca pera.

Ela nos leva às nossas estações de trabalho, instruindo em coreano o tempo todo. Kepler parece entender muito bem, embora eu ajude a traduzir algumas vezes, e uma vez que ela nos organizou, ela prepara a carne, perguntando sobre a escola e Shin e Dex.

Quando há um momento de silêncio, Kepler conta a ela sobre Virginia, seus olhos brilhando.

Halmeoni se inclina para mais perto de mim. — *Neonun?* — ela pergunta baixinho.

— Eu não sei, — respondo. Kepler olha para mim, erguendo uma sobrancelha.

Halmeoni acena com a cabeça uma vez, me dá um olhar conhecedor e depois volta ao trabalho. Uma vez que as costelas estão cozinhando e a máquina de lavar louça está empilhada, eu encosto um quadril contra o balcão.

— *Halmeoni*, você se lembra daquele velho telescópio?

— Lá em cima. — Ela aponta para o teto. — Quarto vazio. Você vai ver.

Eu aceno para Kepler me seguir, e ele sobe atrás de mim pela escada estreita, fotos de família postadas ao longo da parede, tanto dos Estados Unidos quanto da Coreia.

— O que ela te perguntou mais cedo? — ele pergunta enquanto subimos as escadas. — Você disse que não sabia.

Faço uma pausa, as mãos afundando nos bolsos. — Ela perguntou se eu ia com você.

Ele acena com a cabeça, cara passiva, mas eu sei que mil pensamentos estão acontecendo naquele cérebro dele.

Estão acontecendo na minha também.

Eu me viro para o quarto vazio e paro morto na moldura da porta.

O antigo telescópio fica perto de uma única janela que olha diretamente para o pequeno quintal cercado. É *exatamente* como eu me lembro. Um telescópio refrator com um invólucro branco, sentado em um suporte preto. Alguns arranhões correm ao longo do invólucro por anos de uso.

— Faz uma eternidade que não vejo essa coisa. — Kepler passa por mim. Ele se inclina para olhar através do visor e depois mexe com o botão de foco.

Eu o sigo, então aliso minha mão no topo do invólucro. — Parece menor.

Ele ri. — Bem, éramos menores.

— É, acho que sim. — Eu puxo o saco plástico colado na perna. É outra coisa *Halmeoni*: sempre colocar o manual em um saco e colá-lo ao que quer que pertença. Mesmo que esse seja o ventilador de teto e você tenha que ver essa bolsa girando e girando. Eu o viro na minha mão e ainda assim.

— Qual é o problema? — Kepler pergunta, endireitando-se de onde ele estava ajustando a ocular.

Eu seguro o manual. — Aqui diz ‘*Kepler Quinn*’.

Ele agarra uma sobrancelha. — Suponho que sim.

Eu pisco, balançando a cabeça. — Por que ele diria isso?

— Porque era meu, — diz ele com um encolher de ombros. — Meu avô comprou para mim. E então eu dei a você porque parecia que você precisava mais.

Estou olhando para ele, o manual segurado frouxamente em minhas mãos, minha boca aberta. — Você me deu seu telescópio?

— Você não tinha um, — diz ele simplesmente, voltando a mexer com o botão de foco. — Eu acho que isso está emperrado.

— Espere, afaste-se um minuto. — Estou olhando para ele, o calor subindo pela minha garganta. — Eu não tinha um, então você me *deu* o seu?

— Eu fiz. — Ele olha para cima, com a testa franzida, como se não soubesse por que estou reagindo como se estivesse. Como se me dar este telescópio fosse a coisa mais simples do mundo.

Para ele, talvez fosse.

Um zumbido começa no fundo dos meus ossos, se ramificando sobre o meu peito e tremendo nos meus dedos enquanto eu prendo o manual de volta no telescópio e depois lambo meus lábios, sem ter certeza de que posso manter minha voz firme. — Eu quero ir com você.

Ele se acalma, dedos na maçaneta, peito se expandindo com uma inspiração. — Para Virginia?

— Sim. — Engulo em seco, a emoção aglomerando minha garganta. — Quero dizer, eu tenho que terminar um semestre aqui. Depois disso.

— Você realmente vem? — Ele exala as palavras, olhos cinzentos batendo em volta do meu rosto enquanto sua mão cai do telescópio.

Aceno com a cabeça. — É, cara. — Eu mal posso falar, então dou um passo à frente e roço os lábios dele levemente com os meus. Ele me traz para ele instantaneamente, nossos peitos se fundindo enquanto ele retorna meu beijo.

Eu vou com ele.

— Eu quero ir, — sussurro depois de romper com ele. — E ...

Tudo o que posso pensar é *uma* coisa. Uma coisa simples e verdadeira que vibrou em meu coração por tanto tempo que se tornou parte de mim. Eu espremo meus olhos e me inclino mais perto de sua orelha para soltá-lo. — Eu te amo. Sempre te amei.

Ele se arrasta em um suspiro, seus dedos quentes na parte de trás do meu pescoço, seu coração batendo contra o meu.

Inclino-me para trás para assentar a palma da mão sobre o esterno dele, achatando-a bem sobre o coração palpitante.

Ele está me encarando, os olhos avermelhados. Nunca vi tanta emoção no rosto dele.

Nunca.

E tenho certeza que o deixei sem palavras.

Deve ser a primeira vez do Kepler Quinn.

— *Simkung*, — aceno com a cabeça para minha mão sobre seu coração. —

Você também tem!

— E o que isso quer dizer? — Sua voz racha, seu coração martelando ainda mais forte como se fosse disparar para fora de seu corpo.

— Espero que signifique, — começo, meus próprios olhos se aquecendo, — que você também me ame.

— Jin. — Um meio sorriso puxa seus lábios enquanto seus olhos se suavizam. — Você é minha constante universal. Algo que *nunca* mudará. — Esse sorriso genuíno se expande sobre seu rosto, aquele do qual nunca me canso. — Eu te amo até o fundo da minha capacidade de amar.

Dou risada. — Merda, isso foi um bom ‘*Eu te amo*’.

— É a minha primeira vez. — Seu sorriso cai quando ele se inclina para frente, sua testa pressionando contra a minha. — Se você quer ouvir mais simples, então aqui está: Eu também te amo. *Sempre*.

EPÍLOGO

Três meses depois

EU AFUNDO minhas mãos nos bolsos e encosto minha bunda no lado do motorista do jipe de Kepler, olhando para o céu noturno de Ohio, que parece se estender para sempre em comparação com o Colorado. Não há montanhas para cortar a vista, apenas o céu sem fim que encontra o horizonte distante.

Kepler não está aqui, mas por um segundo, quase posso sentir o cheiro picante e quente dele quando me concentro em Andrômeda. Ouça sua voz baixa, sinta seu polegar roçando as costas da minha mão.

Ele está a 500 milhas de distância, mas estou correndo em direção a ele.

Sempre correndo em direção a ele.

Volto minha atenção para as portas da frente da clínica de reabilitação. É tarde para visitas, mas o terapeuta da minha mãe permitiu uma exceção desde que cheguei esta tarde.

Ela está lá há nove semanas.

Nove semanas sóbrio.

Nove semanas sem sair.

Não tem sido fácil. Ela me ligou ou Shin todos os dias nas primeiras duas semanas chorando, mas ela aguentou.

Nós todos temos

Esta última sessão de terapia foi brutal para mim e para a mãe. Pela primeira vez, falei sobre o que aconteceu naquela noite com Fender e a raiva que sinto em relação a ele e a ela. E contei a verdade sobre como me senti na última década.

Foi difícil para ela ouvir. Foi difícil para eu dizer.

Mas precisava ser dito.

Nós conversamos sobre o papai também. Como todas as manhãs ela ainda acorda chorando. E eu penso: e se fosse o Kepler? E se eu o perdesse assim?

Cristo. Não posso nem pensar nisso. Mesmo o pensamento vago faz meus olhos aquecerem.

Respiro fundo, tiro o olhar de Andrômeda, Pégaso e Peixes e abro a porta do jipe. Kepler me pediu para levá-lo para fora quando eu vim, o que é bom, porque eu duvido que meu carro de merda teria feito isso. Emprestei para London, já que ele vai passar o verão no Dex e no meu apartamento. Talvez eu dê a ele quando eu voltar em alguns meses.

Professora Lacher foi boa o suficiente para me deixar fazer um estudo independente para terminar o meu crédito de física, mas eu vou precisar voltar para uma apresentação e alguns dos trabalhos de laboratório.

E depois a formatura. Por causa de tudo o que aconteceu, será daqui a um ano. Kepler odeia o atraso – que houve alguma consequência do nosso namoro. Mas, honestamente, eu não me importo muito. Nunca fiz isso por causa do diploma. Eu só queria uma visão diferente.

Ligo a ignição e olho por cima do ombro para todas as minhas coisas embaladas nas costas.

Estou a sete horas do Kepler Quinn.

Eu provavelmente deveria parar em um quarto de hotel e passar a noite. Durma um pouco e saia logo pela manhã.

Sim. Só que eu não faço isso.

A CASA QUE KEPLER alugou é cinza pálido. Eu sinto a necessidade de provocá-lo sobre isso enquanto eu estaciono em frente à pequena casa em Hampton, Virginia, não muito longe da Interestadual 64. Eu esperava que ele alugasse algo

maior, mas ele disse que este era perfeito. Um compacto de dois níveis com uma garagem e algum tipo de agachamento estranho de palmeira crescendo na frente.

Eu não me importo com o que parece. Eu me importo com o homem lá dentro.

Os nervos se enrolam em mim enquanto eu empurro para fora do jipe e arrasto uma lufada de ar úmido, mais pesado em meus pulmões do que o ar no Colorado. A grama sob meus sapatos é grossa enquanto eu ando ao redor do lado da casa silenciosa de janelas escuras.

Depois de passar pela casa, eu paro, *sem fôlego*.

Uma maneira maravilhosamente Direto da casa que se estende até a Baía de Chesapeake. E tem um maldito *veleiro* amarrado na doca. Um pequeno com um mastro. É um legal, que eu conheço de trabalhos de pesquisa. Mas eu nunca vi um.

Desço até a doca, a volta lenta da água chegando aos meus ouvidos. A madeira se move sob meus pés enquanto eu piso nela.

Putá merda, Kepler. Ele fez isso por mim.

A noite é tranquila. A baía está cheia de veleiros, seus mastros se estendendo para o horizonte lentamente iluminado enquanto balançam silenciosamente.

Esta vista é como nada que eu já vi.

Um lugar novo? Em algum lugar *diferente*.

— Há uma estrela cadente.

Meu coração se lança na minha garganta, meu abdômen se contraindo com o som baixo de sua voz, cada célula zumbindo acordada. O calor corre pela minha espinha.

Como sempre.

Eu me viro e ele está *lá*. Kepler desce da varanda, os pés descalços e as calças escuras baixas em seus quadris. Ele passa a mão pelo cabelo despenteado como se estivesse preocupado com a aparência dele.

Como se ele devesse se preocupar.

Kepler Quinn é gostoso pra caralho. E por completo E não tem a ver com seu cabelo bagunçado ou seu abdômen lustroso brilhando ao luar ou aquele sinal ou mesmo aqueles olhos cinza esfumaçados que estão focados em mim.

É sua força, sua inteligência, seu humor, sua determinação.

Sua bondade.

Estou me movendo em direção a ele antes de tomar a decisão. Estamos unidos, sua pele está quente sob minhas palmas frias, e seus lábios se desviam para minha orelha.

— Senti sua falta, — diz ele, e tudo o que posso fazer é engolir, empurrar um *‘eu também’* mutilado e segurá-lo com tanta força que meu bíceps dói.

Eu perguntaria sobre o veleiro, mas estou muito engasgado.

— Jin. — Ele se inclina para trás. — Você está bem?

— Sim, — eu ralo através da minha garganta apertada.

O que quer que ele leia no meu rosto, faz com que ele sorria um daqueles efervescentes e genuínos sorrisos.

— Quer ver nossa casa? — Ele inclina a cabeça atrás dele em direção à longa varanda de madeira.

Nossa casa.

Ele e eu.

Agora estou sorrindo também. Tão grande que definitivamente vai quebrar meu rosto desta vez.

— Vamos. — Ele arqueia uma sobrancelha, estendendo a mão em minha direção, dedos longos estendidos, palma da mão aberta. É como se ele estivesse me pedindo para entrar em um novo futuro. Uma nova *vida*. Um que está tão cheio de possibilidades, esperança e amor que afasta todo o resto.

Como posso dizer não para isso?

OBRIGADO POR LER SEMPRE!

Espero que vocês tenham gostado

Se você está se perguntando o que está acontecendo entre London e Vain,
inscreva-se para o meu boletim informativo para teasers e datas de lançamento
para seu livro, *Nunca*.

SOBRE ALWAYS

Always teve uma longa e sinuosa jornada. Quando começou, era um romance muito diferente. Foi redigido pela primeira vez em 2011 e, embora alguns leitores tenham gostado, algo não estava certo para mim. Eu coloquei de lado, escrevi outros romances e os puxei novamente por volta de 2017. Foi revisado e editado, e ainda não parecia muito certo.

Segui em frente, sem saber o que fazer com ele, mas sentindo continuamente essa necessidade ardente de voltar. Então, em 2021, sentei-me e reescrevi do zero em uma onda de três semanas, onde não conseguia pensar em mais nada. Muitas das cenas atuais são um eco daquele primeiro discurso de Kepler na biblioteca, as lutas com a mãe de Jin, o observatório e o telescópio. Mas tornou-se essencialmente uma história diferente, e uma que parece que finalmente responde às perguntas que me propus a responder em 2011.

É profundamente satisfatório sentir que finalmente está feito, e Kepler e Jin encontraram seu felizes para sempre. Suponho que, do meu ponto de vista, esperei por isso por mais de uma década – assim como eles.

Muito obrigado por fazer esta jornada com Kepler e Jin.

SOBRE LOREN

Loren Leigh escreve romance m/m contemporâneo, que vai do romance universitário ao suspense romântico, com personagens que saltam da página e química que está ardendo.

Seus personagens não querem nada mais do que se apaixonar – de todo o *coração, profundamente e descontroladamente*– e estão prontos para levá-lo na jornada com eles.

Sempre é seu primeiro livro, mas não o último.

UM ÚLTIMO ‘OBRIGADO’

Obrigado por ler. Sem você, Jin e Kepler são apenas personagens na minha cabeça. Mas assim que você lê, eles se tornam muito mais reais e vibrantes.

Eu não poderia fazer isso sem você.

Para Laura, Immy, Steph, Cass e Renee ... o que eu digo? Quaisquer que sejam as palavras que escrevo aqui são muito pequenas, e o que você fez por mim, muito grande. Então eu vou deixá-lo em um glorioso e desagradavelmente alto OBRIGADO e a esperança de que, um dia, eu vou ser capaz de gritá-lo em pessoa.

Para Cassie, minha editora de olhos de águia que não só limpou todos os detalhes, mas também me deu inspiração para continuar bebendo. Este livro é melhor por sua causa, e mal posso esperar para começar o próximo.

Para Jessica e Brona, que leram este romance quando era um rascunho inicial e forneceram pensamentos inestimáveis e mais palavras gentis do que eu merecia. Você viu o brilho se escondendo na poeira e me ajudou a trazê-lo para fora.

Para Wild Star Covers, você sabe quem você é.

Para todos que leram este livro quando não era este livro. Quando era outro livro, carreguei seus pensamentos e conselhos comigo por todos esses anos, e sinto

que finalmente consegui implementar seu conselho. Espero que você ame esta versão recém-escrita de Indigo Falls tanto quanto eu.

E, finalmente, à minha família. Sou grato por cada momento, cada dia.